

HÉRICA PAIVA PEREIRA

**MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS
LATINO-AMERICANOS PARA OS ESTADOS UNIDOS:
uma abordagem sociossemiótica e em semiótica das
culturas de textos sobre migrantes ilegais.**

**João Pessoa - PB
Dezembro 2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

HÉRICA PAIVA PEREIRA

**MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS
LATINO-AMERICANOS PARA OS ESTADOS UNIDOS:
uma abordagem sociossemiótica e em semiótica das
culturas de textos sobre migrantes ilegais.**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras, área de concentração, Lingüística e Língua Portuguesa como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista.

João Pessoa - PB

Dezembro 2007

P436m Pereira, Hérica Paiva

Movimentos migratórios latino-americanos para os Estados Unidos: uma abordagem sociossemiótica e em semiótica das culturas de textos sobre migrantes ilegais/ Hérica Paiva Pereira. – João Pessoa, 2007.

269 p: il.

Orientadora: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista.

Tese (doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Semiótica. 2. Semiótica das Culturas.

3.Sociossemiótica-migrantes.4.Processos migratórios.

UFPB/BC

CDU:801.54(043)

A **Fiore Ungaro**, *in memoriam*, pelo seu
testemunho que marcou profundamente
minha vida.

Agradecimento especial

À professora Dr^a Maria de Fátima de Mesquita Batista

*pela sua imprescindível contribuição nas orientações desta tese;
pela sua fala clarificadora que me permitiu penetrar na essência das teorias semióticas de forma muito simples... Mas também pelo exemplo de total doação à Academia.*

AGRADECIMENTOS:

À minha mãe, por ter me acompanhado de forma incondicional e amorosa durante todo o processo deste estudo.

Aos professores participantes desta banca examinadora, por terem aceitado analisar e opinar sobre os conceitos aqui desenvolvidos e pelas sábias sugestões que me farão melhorar o trabalho.

À professora Dr^a Pilar Roca, pela sua contribuição com o discurso socio-político e cultural, que me ajudou a esclarecer a posição do migrante nesse processo, mas, sobretudo pela sua atitude de escuta que me permitiu desenvolver o pensamento crítico, ferramenta indispensável na construção desta Tese.

Aos meus colegas de curso, pelo apoio e carinho durante todo o período de estudo.

No importa que me llames ilegal

No importa que me llames ilegal
Pero yo soy el que te limpia los campos
El que te lleva la comida a la mesa
Y el que cuida tus niños, cuando trabajas
No importa que me llames ilegal
Pero soy el que cuida tus padres
Cuando ya no los quieres y abandonas en asilos
No importa que me llames ilegal
Pero no me vas a ver en las entradas
De las autopistas pidiendo limosna
Pero sí vendiendo naranjas y rosas
No importa que me llames ilegal, que me veas prieto y asoleado
Y que me rocíes pesticidas
Cuando tus legumbres y frutas recojo.

(Otto Ruano - fragmento)

*Não precisamos realizar grandes obras.
Basta que cada uma de nossas ações
sejam animadas e sugeridas pelo
verdadeiro amor.*

(Chiara Lubich)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar, do ponto de vista da sociossemiótica e da semiótica das culturas, textos sobre movimentos migratórios do homem americano que emigra para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. O modelo teórico escolhido foi a semiótica greimasiana cujo objeto de estudo é a produção, transformação e acumulação dos signos em discurso, fenômeno a que chamam significação. Para isso, consideramos como necessários estudar o tema das migrações (conceito, tipologia, situação na América Latina e a influência do migrante no mercado de trabalho dos EUA), com o objetivo de levantar subsídios para a análise semiótica; preparar um embasamento teórico e levantar textos sobre as migrações. A análise dos textos considerou o percurso gerativo da significação em suas três estruturas: narrativa, discursiva e fundamental; para descobrir a ideologia subjacente aos discursos, comparando os resultados obtidos nos diferentes textos, para descobrir possíveis semelhanças na visão de mundo. Os resultados alcançados nas análises permitiram descobrir que o fator econômico, a pobreza em que vivem milhões de latinos nos países do centro e sul da América, é o responsável pelo crescente fenômeno migratório em direção aos Estados Unidos. Os migrantes latinos são a força laboral que sustentam os considerados subempregos na escala de valores da cultura capitalista. A entrada silenciosa e clandestina de migrantes está mudando o perfil da sociedade estadunidense, influenciando seu discurso e suas práticas políticas. A população migrante traz consigo seus valores, sua língua e sua religiosidade, o que de forma muito sutil provoca mudanças no país de destino. Contudo, seu processo de assimilação a cultura dominante é bem maior. O poder representado pelo dólar americano produz grande mudança na conduta no latino. Para obter o *status* econômico desejado, o migrante deve submeter-se à cultura estadunidense. O objetivo da maioria dos migrantes, entretanto, é trabalhar muito, economizar e voltar para sua terra. Os Estados Unidos representam o lugar onde eles podem encontrar subsídios para uma mudança econômica. No entanto, os efeitos da migração não se restringem somente ao migrante como indivíduo: esses influenciam também as suas comunidades de origem quando retornam.

Palavras-chave: Sociossemiótica. Semiótica das culturas. Processos migratórios.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo analizar, desde el punto de vista de la sociosemiótica y de la semiótica de las culturas, textos sobre los movimientos migratorios del hombre americano hacia los Estados Unidos en busca de mejores condiciones de vida. El modelo teórico escogido fue la semiótica *greimasiana* cuyo objeto de estudio es la producción, transformación y acumulación de signos en el discurso, fenómeno al cual se le denomina significación. Para eso, consideramos necesario estudiar el tema de las emigraciones (concepto, tipología, situación en América Latina y la influencia del emigrante en el mercado de trabajo en los EUA), con el fin de obtener elementos de estudio para el análisis semiótico; preparar una fundamentación teórica y presentar textos sobre las emigraciones. El análisis de los textos tuvo en cuenta el recorrido significativo de la significación en tres estructuras (narrativa, discursiva y fundamental) para descubrir la ideología subyacente a los discursos comparando los resultados obtenidos en los diferentes textos para descubrir posibles semejanzas en la visión de mundo. Los resultados alcanzados en el análisis permitieron descubrir que el factor económico, la pobreza en que viven millones de latinos en los países centroamericanos y sudamericanos es responsable por el creciente fenómeno migratorio en dirección a los Estados Unidos. Los emigrantes son la fuerza laboral que sostienen los considerados subempleos en la escala de valores de la cultura capitalista. La entrada silenciosa y clandestina de emigrantes está mudando el perfil de la sociedad estadounidense e influenciando su discurso y sus prácticas políticas. La población emigrante incorpora sus valores, su lengua y su religiosidad, lo que de forma muy sutil provoca cambios en el país de destino. A pesar de ello, el proceso de asimilación a la cultura dominante es mayor. El poder representado por el dólar americano produce un gran cambio en la conducta del latino. Para obtener el estatus económico deseado, el emigrante debe someterse a la cultura estadounidense. Así, el objetivo de la mayoría de los emigrantes es trabajar mucho, ahorrar y volver a su tierra. Los Estados Unidos representan el lugar donde ellos pueden encontrar subsidios para el cambio económico. Sin embargo, los efectos de la emigración no se restringen solamente al emigrante como individuo, sino que, estos pasan a sus comunidades de origen cuando vuelven.

Palabras clave: sociosemiótica, semiótica de las culturas, procesos migratorios.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	<i>Braceros</i> mexicanos	66
Figura 2	Mexicano trabalhando no campo – EUA	66
Figura 3	Mapa de Guatemala e América Central.	67
Figura 4	Indocumentados	68
Figura 5	Vigilância da polícia norte-americana	70
Figura 6	Controle da fronteira México – EUA	70
Figura 7	Rio Grande- México-EUA	71
Figura 8	Grupo de migrantes que caminham	71
Figura 9	Manifestação de migrantes	76
Figura 10	<i>Braceros</i> mexicanos indo para os EUA	81
Figura 11	muro fronteiro México-EUA	87
Figura 12	Trabalhos de maquila	88
Figura 13	Estados mexicanos que mais recebem remessas dos Estados Unidos	90
Figura 14	Diferentes tipos de trabalho do migrante	94
Figura 15	Zona desértica de México.	126
Figura 16	Bispo José H. Gomes	251
Figura 17	Presidente Tony Saca	255
Figura 18	Presidente Bush (EUA)	259
Figura 19	Presidente Fox (México)	266

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
1.1	A escolha do tema	13
1.2	Hipóteses e objetivos	16
1.3	Trilha metodológica	16
2	TEORIA SEMIÓTICA	
2.1	Origem	18
2.2	O signo saussureano	21
2.3	A proposta sígnica de Louis Hjelmslev	23
2.4	Visão pancrônica da língua	27
2.4.1	Significação: conceito e percurso gerativo	27
2.4.2	Nível fundamental	28
2.4.3	Nível Narrativo	30
2.4.4	Nível discursivo	34
2.4.4.1	Conceito e estruturação	34
2.4.4.2	Relações de enunciação e enunciado	36
2.4.4.3	Semântica discursiva: percursos figurativos e temáticos	46
2.5	Sistemas semióticos	47
2.5.1	Semióticas verbais e sincréticas	47
2.5.2	Semiótica das culturas	51
3	PROCESSO MIGRATÓRIO LATINO-AMERICANO PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	
3.1	Preliminares	64
3.2	Migração ilegal latinoamericana	65
3.3	Migração mexicana	79
3.4	Processo migratório de brasileiros	92
4	ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO <i>TRAVESSIA DO MIGRANTE TITO</i>	
4.1	Preliminares	98

4.2	Estruturas Narrativas	100
4.3	Estruturas Discursivas	118
4.3.1	Relações intersubjetivas	118
4.3.2	Temporalização	122
4.3.3	Espacialização	124
4.3.4	Temas e Figuras	127
4.3.5	Leituras temáticas	129
4.4	Estrutura Fundamental	130
5	ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO <i>DISCURSO DEL PRESIDENTE BUSH A LA NACIÓN SOBRE LA REFORMA INMIGRATORIA</i>	
5.1	Preliminares	132
5.2	Estruturas Narrativas	133
5.3	Estruturas discursivas	150
5.3.1	Relações intersubjetivas	150
5.3.2	Temporalização	157
5.3.3	Espacialização	160
5.3.4	Temas e Figuras	161
5.3.5	Leituras temáticas	163
5.4	Estrutura Fundamental	164
6	ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO <i>ÂNGELA</i>	
6.1	Preliminares	167
6.2	Estruturas Narrativas	169
6.3	Estruturas discursivas	179
6.3.1	Relações intersubjetivas	179
6.3.2	Temporalização	184
6.3.3	Espacialização	188
6.3.4	Temas e Figuras	189
6.3.5	Leituras temáticas	191
6.4	Estrutura Fundamental	192
7	ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO <i>LA INFLUÊNCIA DE LOS LATINOS, FUTURO DE LA IGLESIA EM LOS ESTADOS UNIDOS</i>	
7.1	Preliminares	194

7.2	Estruturas Narrativas	195
7.3	Estruturas discursivas	199
7.3.1	Relações intersubjetivas	199
7.3.2	Temporalização	202
7.3.3	Espacialização	204
7.3.4	Temas e Figuras	205
7.3.5	Leituras temáticas	206
7.4	Estrutura Fundamental	207
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
10	ANEXOS	220
	Anexo A: Entrevistas com os migrantes	
A1	Travessia do migrante Tito	220
A2	Ângela	225
A3	Ademar	235
A4	Jorge	242
A5	Lúcio	246
	Anexo B: Textos de migrantes levantados pela mídia	251
B1	“La influencia de los latinos, futuro de la Iglesia en los EUA”	251
B2	“Historia de indocumentado que contribuyó a formar un presidente”.	255
B3	“Inmigrantes fortalecen el bilingüismo español se abre paso en Estados Unidos	257
	Anexo C: Textos sobre os migrantes de personalidades várias	259
C1	“Discurso del Presidente Bush a la Nación sobre la reforma Migratoria “	259
C2	“Discurso do presidente Fox a um grupo de imigrantes mexicanos”	266
C3	“Aumentan hispanos en puestos de gobierno en EUA	267

1 INTRODUÇÃO

1.1 A escolha do tema

A migração para os Estados Unidos da América constitui o dia a dia de milhares de latino-americanos, sobretudo mexicanos, que deixam seus países em busca de melhores condições de vida. Neste processo migratório, constata-se que a insatisfação econômica, por parte da população destas nações e a incapacidade de incentivarem os governos uma melhor economia em seus países, constituem os motivos principais que levam os migrantes a deixarem suas terras.

Pelo fato de ser muito numerosa a população hispânica e brasileira nos Estados Unidos, a sua presença não passa despercebida. Ao contrário, estes aportam língua, costumes e tradições de origem ao mesmo tempo em que sofrem um processo de assimilação da cultura da sociedade de destino.

O ator principal, o migrante, representa um tipo de homem do norte (México), centro e sul da América que para obter uma melhor situação econômica, decide deixar o seu país de origem para ir trabalhar nos Estados Unidos. Para isso, ele deve superar as inumeráveis dificuldades, entre as quais, gastar todas as suas economias; submeter-se às ordens de um *coyote*, guia clandestino que o conduz à meta desejada, enfrentar os agentes de migração das diferentes fronteiras, saber nadar para atravessar o rio Grande e sobreviver ao calor do deserto da fronteira do México com os Estados Unidos. Para vencer todos estes obstáculos, o migrante é motivado por um sentimento forte de superar a pobreza em que vive, com a certeza de que, chegando aos Estados Unidos, não só a sua vida vai mudar, mas também a de seus familiares.

Embora seja um tema relevante e atual, as abordagens elaboradas até agora se centraram no processo histórico, teológico, filosófico do acontecimento. No entanto, do ponto de vista sociossemiótico e da semiótica das culturas, nada foi

encontrado. Este trabalho, portanto, justifica-se, não só por trazer à tona uma problemática constante na vida do homem americano, mas por inserir-se no âmbito dos estudos socioeconômicos e culturais da modernidade, que poderão servir, entre outros fatores, para uma tomada de consciência das autoridades face ao problema.

Numa experiência vivenciada durante quinze anos no México e América Central, pudemos constatar, de perto, ser o fator econômico o motivo principal da emigração, em massa, dos países latino-americanos para os Estados Unidos. Tudo começou quando conhecemos algumas famílias guatemaltecas e salvadorenhas que sobreviviam, graças às remessas de familiares que moravam nos Estados Unidos. Por diversas vezes, presenciamos tentativas de migrantes ilegais de atravessarem as fronteiras de Centro América em direção ao norte.

Um fato que nos marcou foi uma viagem terrestre realizada em Honduras¹. Na cidade de San Pedro Sula², compramos uma passagem de ônibus que sairia a meia noite para a cidade de Guatemala. Chegando a hora da partida, um funcionário da rodoviária apitou e nesse momento surgiram de improviso, aproximadamente, uns quinhentos homens, três mulheres e dez ônibus. Eram migrantes ilegais que estavam indo para os Estados Unidos e viajavam naquele horário para evitar a vigilância da polícia migratória. No ônibus que nos levava, sentamo-nos ao lado do *coyote*, guia daquelas pessoas. A noite pareceu-nos mais longa que de costume, pois o *coyote* exalava odor muito forte de droga e bebida, o que nos deixou atemorizada. O que mais nos impressionou foi ver os rostos tristes e cansados daquelas pessoas submersas pelo medo de serem presas e deportadas a qualquer momento. Cada parada era controlada por polícias migratórias que deveriam ser superadas. E o pior de tudo era que elas não tinham certeza se chegariam a seu destino.

Todas essas experiências nos impulsionaram a buscar o motivo que conduzia esses milhares de migrantes latino-americanos a deixarem suas terras.

Voltando ao Brasil, no ano 2001, cursamos, como aluna especial, no Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB, a disciplina Sociossemiótica, na

¹ Honduras é um país da América Central que se situa no centro do istmo que liga a América do Norte à América do Sul. Ocupa uma área de 112.088km² e limita-se ao norte com o mar das Antilhas, ao sul com El Salvador e o oceano Pacífico, a oeste com a Guatemala e a sudoeste com a Nicarágua. <http://www.brasilecola.com/geografia/honduras.htm> Acesso 27/07/2007

² San Pedro Sula é a segunda cidade mais importante de Honduras.

qual obtivemos embasamento para desenvolver um estudo semiótico da cultura presente nos textos, numa sucessão de ciclos, realizados em torno de percursos dialéticos que permitem inscrever os diversos processos de produção discursiva e sua articulação na construção e reconstrução das práticas sociais. Como trabalho de final de curso, realizamos um estudo semiótico da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, que trata dos movimentos migratórios no nordeste brasileiro das populações interioranas em busca de sobrevivência na grande cidade.

Em 2003, retomamos o tema, no Curso de Especialização em Língua e Literatura Espanholas, realizado na UEPB de Campina Grande, cuja monografia de final de curso foi intitulada: *El poema Muerte y Vida Severina comparado a la vida del hombre centroamericano que emigra para los Estados Unidos en busca de una vida mejor*.

Em 2004, submetemo-nos à seleção do mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa, na UFPB, ampliando o trabalho de pesquisa iniciado. Dessa vez não foi considerado, somente o texto do autor brasileiro, mas outros documentos provenientes de vários países latino-americanos, como México, Honduras, El Salvador, Guatemala e Brasil.

Até aquele momento, a pesquisa tinha sido apenas realizada em textos já publicados levantados em livros, revistas, filmes, relatos da mídia, mas não havia a voz viva do migrante que contasse suas experiências. E essa foi uma observação feita pela banca, para que o trabalho fosse mais objetivo e desse conta das hipóteses levantadas. Foi aí que, surgiu a oportunidade de irmos para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no doutorado sanduíche, onde conhecemos uma pessoa do sul de Santa Catarina, próximo a Criciúma, segundo foco mais forte de brasileiros que migram para os Estados Unidos. Ela abriu as portas de sua casa e apresentou-nos alguns migrantes amigos que tinham realizado esta experiência que foi muito válida porque pudemos constatar que a realidade migratória para a América do Norte está impregnada nas famílias brasileiras e que esse processo traz para a região, uma mudança na mentalidade e uma melhoria no padrão econômico. Além do levantamento de textos para a análise, pudemos conhecer os motivos mais profundos, subjacentes à experiência do migrante que o levaram a deixar sua terra e as conseqüências sócio-político-econômico e cultural desse fato.

1.2 Hipóteses e objetivos

Partimos da hipótese de que os migrantes latino-americanos que deixam suas terras para obterem melhores condições econômicas nos Estados Unidos são motivados pela incapacidade de oferecerem os governos da América do Norte (México), central e do Sul, um crescimento econômico sustentável e a ausência de Instituições financeiras estáveis, capazes de conter a população, impulsionando a migração para os Estados Unidos. A presença da grande força laboral, indocumentada, nos Estados Unidos exerce uma forte influência política, socioeconômica e cultural nesse país e nos países de origem do migrante.

O objetivo geral da tese é analisar, do ponto de vista da sociosemiótica e da semiótica das culturas, textos sobre movimentos migratórios do homem americano que emigra para os Estados Unidos, a fim de descobrir os sistemas de valores e as ideologias subjacentes aos discursos. Para isso, consideramos como necessários: estudar o tema das migrações (conceito, tipologia, situação na América Latina e a influência do migrante no mercado de trabalho dos EUA), com o objetivo de fundamentar a análise semiótica; fazer um estudo das principais teorias lingüísticas e semióticas a fim de construir o embasamento teórico; levantar textos (documentos oficiais, relatos de migrantes, entrevistas, artigos de jornais, poema e cartas.) sobre o migrante da América do norte (México), do Centro e do Sul, que vai para os Estados Unidos; analisar os textos do ponto de vista semiótico, considerando o percurso gerativo da significação em suas três estruturas: narrativa, discursiva e fundamental; descobrir, através da análise, a ideologia dos sujeitos inseridos no discurso, comparando os resultados obtidos nos diferentes textos, para descobrir possíveis semelhanças na visão de mundo subjacente.

1.3 Trilha metodológica

O modelo teórico escolhido foi a semiótica greimasiana que tem por objeto de estudo a produção, transformação e acumulação dos signos em discurso, fenômeno a que chamam significação.

O universo de pesquisa foi constituído, portanto, de textos resultantes das entrevistas gravadas, produzidos oralmente e de textos escritos, publicados na mídia. Entrevistamos no período de dois meses (junho-julho 2006) cinco pessoas

aqui nomeadas por um nome fictício, dada a situação de ilegalidade em que se encontram. Estas pessoas são: Ângela Nonato, Tubarão -SC; Ademar Smith – São Martinho-S.C; Lúcio Pires , também de Sangão-S.C; Jorge Dante Sangão-S.C; e Tito Vázquez da capital de Guatemala que não foi entrevistado ao vivo por nós, mas através de uma brasileira Maria das Graças Viana que ali reside e, que fez o levantamento seguindo roteiro nosso. Além dessas entrevistas, foram analisados textos da mídia, de autoridades e pesquisadores a respeito da migração, como: “El discurso del presidente Bush a la nación sobre la reforma inmigratoria” e “La influencia de los latinos e Futuro de la Iglesia en los Estados Unidos”.

Foram escolhidos, como amostragem para análise, os quatro textos seguintes: “Travessia do migrante Tito”; *Discurso del presidente Bush a la nación sobre la reforma inmigratoria*; “Ângela” e *La influencia de los latinos, futuro de la Iglesia en los Estados Unidos*. Esta amostragem foi analisada nas três estruturas que compõem o percurso gerativo da significação: a narrativa, a discursiva e a fundamental, com o intuito de descobrir a ideologia subjacente aos discursos.

2 TEORIA SEMIÓTICA

2.1 Origem

A Semiótica, conhecida atualmente como a ciência da significação, exerce um lugar importantíssimo no campo do conhecimento, da expressão e da comunicação, como processo de construção, transmissão e interpretação de mensagens fundamentadas em códigos, ou seja, sistema de signos. O estudo do signo surgiu desde a antiguidade com filósofos gregos e latinos. Platão ao considerar a estrutura do signo de forma triádica, fez a seguinte distinção: *onoma* (nome), *eidos* ou *logos* (noção, idéia) e *pragma* (a coisa referente). Enquanto que Aristóteles defendeu a afirmação de que o signo se encontra no âmbito da lógica e da retórica, em uma relação de implicação. Ele deu o nome de símbolo ao signo, considerando-o retratos das afecções da alma.

Mais tarde, os estóicos retomaram a versão de Platão, que via o signo de forma triádica e alteraram o nome de suas faces: significante ou som, significado ou *lekton*, que seria uma entidade imaterial e o objeto, a realidade exterior referida pelo signo. Por sua vez, os epicuristas, conceberam o signo como diádico, ou seja, com dois componentes: *semainon*, que seria o significante e o *tygchamon*, o objeto referido.

Santo Agostinho, influenciado pela filosofia de Platão, no século IV da era cristã, contribuiu muito para o desenvolvimento do estudo do signo que definiu como “uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si mesmo” (Apud NOTH,W.1996, p.25). Concebeu o signo como verbais (convencionais) e não-verbais (naturais). Por convencionais, considerou os signos determinados pelo homem para expressar seus pensamentos e sentimentos, sendo o mais importante a palavra. Estes podem ser considerados próprios ou metafóricos. Os próprios são os que denotam as coisas para que foram determinados e os metafóricos ou *translata* são os que,

determinados com o seu nome, servem para significar outra coisa. Os signos naturais seriam as expressões espontâneas que o homem realiza sem intenção de dar um significado, como por exemplo, os gemidos de um doente e a água que significa pureza.

Partindo de uma visão teocêntrica segundo a qual tudo o que existe no mundo, deve veneração e respeito a Deus, define o signo como metonímico, porque faz parte dessa realidade espiritual pela qual o universo é dominado. Segundo Batista (2001, p.135),

[...] provém dessa concepção medievalista o receio, ainda hoje apresentado por certas pessoas, de não pronunciarem o nome de determinadas doenças graves, como o câncer, por acreditarem que, se o fizerem, atrairão a doença para si

Confirmando ainda esta visão do signo como metonímico, Greimas (1978, p.215) o define como parte material, visível, de uma realidade espiritual mais vasta.

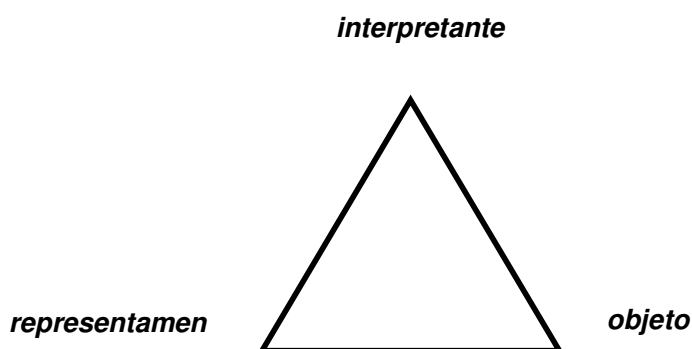
Santo Agostinho situa-se no final da Antiguidade e teve grande influência no surgimento do pensamento medieval. A visão do signo agostiniano continuou pelos dez séculos da Idade Média, atingindo o saber humano em distintos campos, como a Filosofia da Linguagem, em que a comunicação é essencial nos processos da significação. Nessa época, o estudo do signo realizou-se no âmbito da Teologia e da Filosofia. Os escolásticos influenciados pelo pensamento aristotélico, concebem a ciência do signo ao lado de outras duas disciplinas: a Filosofia Natural e a Filosofia Moral. Data dessa época, o estudo *Tractatus de signis*, de São Tomás de Aquino, que esboça a visão de Peirce no qual o signo é visto como um instrumento de comunicação e cognição.

Com o Renascimento, a visão teocêntrica cede lugar ao antropocentrismo, em que o homem é o centro do universo. O signo deixa de ser visto em uma relação metonímica com o objeto e passa a ser o seu representante. A partir deste momento, o signo é considerado como “a representação adequada do mundo natural” (FOUCAUT, M. 1966, p. 60-91).

No século XVII, os gramáticos de Port-Royal retomam o modelo do signo diádico, excluindo a relação de referência com o mundo natural. Significado e significante passam a ser modelos mentais, onde o primeiro é uma idéia mental e o

segundo é a representação mental do som. Ainda no século XVII, John Locke introduz na Filosofia o termo Semiótica, designando-a como o estudo dos signos em geral. Essas idéias são precursoras do modelo propostas por Saussure no início do século XX, que se volta para a ciência da linguagem verbal.

No final do século XIX e início do século XX, Charles Sanders Peirce, considerado, por alguns, o fundador da semiótica, retoma o modelo triádico do signo, proposto por Platão na Antiguidade. Para ele, “signo ou *representamen* é toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida”. (PIGNATARI, 1977, p.24). Neste processo estão presentes três elementos formais da tríade que funcionam como suportes e que estão relacionados entre si. *Representamen*, que é o signo como elemento inicial de toda semiose, considerado como uma realidade teórica e mental; o *interpretante* reproduz o *representamen* na mente de uma pessoa e o *objeto*, a quem o representamen alude. A tríade do signo está representada abaixo sob forma de um triângulo:



A sua contribuição foi principalmente definir o signo, a semiose e a visão pansemiótica do mundo, já esboçada em Agostinho. Para ele o signo não era simplesmente uma relação triádica, mas um complexo de relações triádicas, em que o homem é o mediador entre um signo e outro signo. Apresenta-se a teoria peirciana como uma semiótica cognitiva e uma disciplina filosófica que visa à explicação e interpretação do conhecimento humano.

2.2 O signo saussureano

A contribuição dada pelo lingüista Ferdinand de Saussure, durante suas aulas de Lingüística Geral nos anos 1908-1909 e 1910-1911 em Genebra, é a base em que se fundamenta a teoria da Moderna Lingüística Geral. As anotações, reorganizadas e publicadas posteriormente em 1916, pelos seus alunos Charles Bally e Albert Séchehaye com o título de *Cours de Linguistique Générale*, foram fundamentais para a construção da estrutura desta Ciência, como também para o estudo da Semiótica.

A Lingüística naquela época era estudada de forma particular, tinha um método, porém lhe faltava um objeto. Este objeto vai ser delimitado por Saussure, no século XX, quando a apresenta como estudo da Língua, enquanto sistema de signos. Ao tornar-se descritiva, a Lingüística se interessa por todo tipo de língua, seja esta escrita ou oral. Saussure, retomando a concepção *diádica* de signo, afirma que este é formado por duas faces: significado e significante e que cada um exerce um papel efetivo. Reforçando o que o lingüista afirma, Batista (2001, p.138) diz que “a língua é como um todo cujas partes, solidárias e interdependentes, exercem uma função em relação ao todo”.

Saussure, neste parágrafo, dá uma visão do que é o signo para ele:

O signo lingüístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é somente material, pois é puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.
(SAUSSURE, 1986, p.80).

A principal preocupação de Ferdinand Saussure foi diferenciar os conceitos de Língua e Linguagem, que vinham sendo estudados pela Lingüística Clássica e depois por outros estudiosos, mas que ainda não estavam bem definidos. Em Saussure, a estrutura do signo pode ser representada graficamente da seguinte forma:

SIGNO	SIGNIFICADO	CONCEITO
	SIGNIFICANTE	IMAGEM ACÚSTICA

O significado é o conceito ou idéias mentais que se tem dos objetos e o significante é a imagem acústica, ou a impressão psíquica do som. Não existe nenhuma relação lógica entre significante e significado. Trata-se de uma relação totalmente arbitrária. Para exemplificar esta arbitrariedade, Saussure (1986, p.100) mostra que a idéia de *souer* (irmã, em francês) não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons *s-õ-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada da mesma forma por qualquer outra seqüência.

Considera a língua como um sistema, que está organizado para atuar de forma unificada e que por sua vez faz parte de uma Ciência Geral que estuda os signos, a que ele denominou de Semiologia. Tratava-se de uma ciência inexistente, “mas que ele projetou para estudar a vida dos signos no seio da vida social”; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral (CLG, s.d, p. 24). Abandona, assim, a idéia de que a língua vale por si mesma, é objetiva, tem grandeza absoluta e é considerada isoladamente. Encara agora, cada elemento como parte de um conjunto sincrônico.

O lingüista genebrino conseguiu explicar muitos outros fatos lingüísticos através do que se costumou chamar dicotomias que são: *langue* e *parole*, paradigma e sintagma, diacronia e sincronia. *Langue* foi usada em referência a “um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade (da linguagem) nos indivíduos” (CLG, p.17). Já a *parole* é a realização da “*langue*”: o uso da língua pelo indivíduo falante.

O plano paradigmático se manifesta de forma associativa, na memória do falante, permitindo uma escolha de alternativas, enquanto que no sintagmático, as relações entre os signos se dão de forma linear, em uma cadeia de *parole*, como a ordem das palavras e sua sintaxe dentro da frase, presentes no enunciado. E finalmente, a diacronia e sincronia, em cuja distinção o autor estabeleceu um acordo com o tempo. A diacronia é um fator dinâmico que descreve a evolução histórica de um idioma no decorrer do tempo. A sincronia, ao invés, analisa o estudo particular desse idioma em uma determinada época, tomando em consideração o sentido de ordem, de princípio e regularidade.

O lingüista russo, Jakobson (1975, p.39-40) considerou as relações sintagmáticas como combinação e as paradigmáticas como seleção. Partindo do conceito *deum* signo é composto de outros signos e que pode aparecer em combinação com este, evidencia a dinâmica com que o signo atua. Em determinado momento, ele aparece como contexto e em outro momento, como elemento do contexto, explicando aqui a seleção de que se falava antes. O signo pode ser substituído por outro, mantendo-se equivalente em um aspecto, mas diferente em outro. Portanto, combinação e seleção são as duas faces de uma mesma operação.

O nome de Semiologia, dado por Saussure a ciência dos signos era já conhecido desde 1659, pelo alemão Schulteus, porém era uma ciência inexistente. Com Saussure e seus discípulos, a semiologia, vista, sobretudo pelos latinos, passou a ser a mesma ciência vista pelos europeus com o nome de Semiótica. Para distinguir uma da outra, em 1969, Jakobson (1975) denominou a Semiótica como ciência geral, da qual fariam parte outras ciências, por exemplo, a Semiologia, que é a ciência dos signos lingüísticos.

2.3 A proposta sígnica de Louis Hjelmslev

Hjelmslev, lingüista dinamarquês, foi um dos primeiros a se preocupar seriamente com a lógica matemática e a metodologia da ciência no desenvolvimento das concepções de Saussure sobre a língua, como objeto da Lingüística e da Lingüística como ciência da linguagem. Os *Prolegômenos* constituem, sem dúvida, a sua maior contribuição para a moderna ciência “Semiótica”, cuja leitura é complementada com a coletânea de ensaios que o próprio teórico organizou com o título de Ensaio Lingüísticos.

Ao interpretar a teoria dos signos de Saussure, Hjelmslev é considerado a fonte inspiradora para a semiótica, enquanto ciência da significação. Ele vê o signo como uma estrutura constituída de expressão (significante), e conteúdo (significado), numa estreita relação de interdependência entre eles. Para ele, é inconcebível uma relação que não seja de função semiótica entre expressão e conteúdo, ou seja, uma relação entre a função semiótica e seus funtivos, expressão e conteúdo. Considera a relação de dependência entre grandezas (classes) ou entre uma grandeza e seus

componentes, sendo chamados de funtivos, os termos entre os quais existe uma função. Para esse teórico,

[...] a função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é um conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. (HJELMSLEV, 1975, p.54).

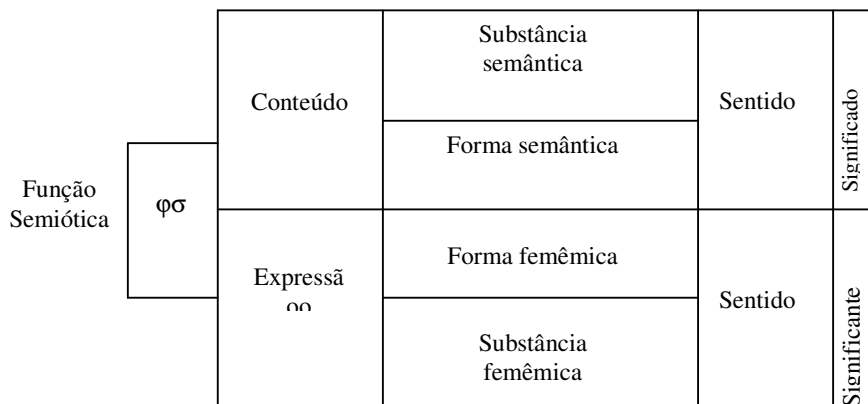
Para Hjelmslev (1975, p. 62), o signo é uma grandeza de duas faces, uma cabeça de *Janus* com perspectiva para os dois lados, com efeito, nas duas direções: “para o exterior”, na direção da substância de expressão, “para o interior”, na direção da substância de conteúdo. O signo que representa algo, tradicionalmente considerado, é definido realista e impreciso, já que a natureza das significações pode obter profundas interpretações muito mais extensas e extraordinárias que aquela apresentada pela lingüística tradicional. Conteúdo e expressão devem ser analisados separadamente, apresentando grandezas diversas. Nesse sentido, Hjelmslev (1975, p. 51) se expressa:

[...] somos levados a reconhecer que uma descrição que esteja de acordo com nossos princípios deve analisar conteúdo e expressão separadamente, cada uma destas análises isolando finalmente um número limitado de grandezas que não são necessariamente suscetíveis de serem comparadas com as grandezas do plano oposto.

Na função semiótica está o princípio da dialética helgliana por ser o ponto de tensão entre duas forças diferentes e independentes. O conteúdo seria o elemento do signo voltado para a mente do sujeito onde se realiza o processo de produção de texto e de reformulação feita pelo enunciatário, e a expressão, a manifestação lingüística desse conteúdo que assume a forma de texto. A substância corresponde a um dicionário sensível de dar conta de um universo lingüístico dado e a forma é semelhante a uma gramática que compreende uma morfologia e uma sintaxe. Tanto

no conteúdo como na expressão existe uma substância e uma forma. No conteúdo a substância é sêmica e a forma é semêmica, enquanto na expressão a substância é fônica e a forma é fonológica.

Pais (1995, p.5) explica melhor esta proposta de Hjelmslev no digrama seguinte:



1995: Disciplina Sociosemiótica

O sentido, para o lingüista, não é privilégio somente do conteúdo, mas também da expressão. Assim, o sentido é a “substância de uma forma qualquer” (1975, p.57), sendo que no plano do conteúdo, refere-se a um conceito, a uma idéia que não depende da estrutura que o manifesta. Enquanto no plano da expressão, estabelece diferenças entre as línguas. Portanto, a mesma idéia em línguas diferentes terá o mesmo sentido de conteúdo, mas diferentes sentidos de expressão. O conteúdo “Ella es linda” em espanhol, por exemplo, é o mesmo em todas as línguas, tendo para cada uma, expressão própria, como: “Ela é bonita” (português), *She is beautiful* (inglês), *Lei è bella* (italiano), *Elle est belle* (francês). Falar com sotaque, conclui o autor, é falar uma língua com o sentido de expressão de outra.

Hjelmslev reformula a concepção estruturalista de Saussure e subdivide as categorias de significado e significante (forma de conteúdo, substância de conteúdo, forma de expressão e substância de expressão) e as torna mais operacionais e descritivas para diversos conjuntos de signos. Evita interpretações psicológicas para o signo; prefere a análise do mesmo apenas com o auxílio das funções internas que

o constituem e das funções externas que ele mantém com as outras unidades lingüísticas.

Para Hjelmslev (1975, p.49), o signo se opõe a um não-signo e é, acima de tudo, “portador de uma significação”. Quando esses são analisados fora de um contexto, são considerados signos que nada ou quase nada significam. A sua máxima realização ocorre na relação que esse se mantém com outros dentro de um dado contexto.

As palavras não são os signos últimos, irreduzíveis, da linguagem, tal como podia deixá-lo supor o imenso interesse que a lingüística tradicional dedica à palavra. As palavras deixam-se analisar em partes que são igualmente portadoras de significações: radicais sufixos de derivação e desinências flexionais. (HJELMSLEV, 1975, p.49).

Tomando, como exemplo, a palavra “cantavas”, que da esquerda para a direita, apresenta os seguintes signos menores: cant (radical que remete a um significado biossocial) a que denuncia pertencer o velho a primeira conjugação que indica o modo indicativo, o tempo pretérito e o aspecto inconcluso e, finalmente o “s” denotador da segunda pessoa do singular.

É bom ressaltar que os fonemas e as sílabas não podem ser considerados como elementos significativos, como expressões de signos. Hjelmslev (1975, p.89) trata-os como “partes das expressões de signos” e mais tarde os denominam figuras. Uma língua, dada a sua natureza significativa, é muito mais complexa e subjetiva do que se possa imaginar, portanto não deve ser pensada como um “sistema de signos”, mas como “sistemas de figuras” que, antes de qualquer coisa, serviriam para formar signos. Dizer que a linguagem é apenas um “sistema de signos” é desconsiderar a sua essência mais profunda e deixar de mergulhar nas micro-significações desencadeadoras das macros-significações contextuais que, ao longo dos tempos, responsabilizaram-se pelos registros e pelas transformações do homem em sociedade e em si mesmo.

Em suma, Hjelmslev complementa a teoria saussureana nos aspectos da relação entre o conteúdo e expressão da língua, propõe um sistema de figuras e não de signos e abre caminho para uma visão pancrônica da língua.

2.4 Visão pancrônica da língua

2.4.1 Significação: conceito e percurso gerativo

O conceito de pancronia foi proposto, inicialmente, por Marcellesi no Congresso Semiótico de Viena (1979), mas já havia sido esboçado por Coseriu (1979, p.33) que discorda de Saussure, quando apresenta o sistema como algo imutável. Para ele, “a língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua”. Em sua concepção, a língua deve ser considerada em um primeiro momento como função e depois como sistema, definindo-a assim como “funcional”. Na tricotomia *sistema, norma e fala*, ele examina do mais concreto ao mais abstrato, considerando a fala, como uso individual da norma, a norma como o uso coletivo da língua e a língua como sistema. O teórico apresenta, um modelo pancrônico ao considerar variações dentro do sistema (a norma), embora essas sejam ainda coletivas, pertencentes a um grupo social, ou a uma região, daí a consideração de uma pancronia *stricto sensu* que lhe é atribuída.

A Escola Semiótica de Paris, surgida no início dos anos setenta, defendida, por Greimas, Courtés, Pottier e seus discípulos, vai considerar a pancronia *latu sensu* que, segundo Batista (2001, p.145),

[...] apresenta o sistema, não estático (estruturalismo rígido) ou mutável somente a longo prazo (Coseriu), mas em contínua mudança. O sistema autoriza o discurso que produz a mudança e esta passa a integrar o sistema como num continuum. O sistema produz o discurso que, por sua vez, produz o sistema.

Assim, o sistema semiótico não é apenas um código, mas um conjunto de códigos e subcódigos, conforme propõe Pais (1995, p.56). A semiótica vai, dessa forma, ampliar o conceito de significação proposta por Hjelmslev que, além de ser, uma relação de dependência entre conteúdo e expressão, como propôs o dinamarquês, passou a abarcar o conceito de semiose que Batista assim o define :

[...] processo de produção, acumulação e transformação da função semiótica. Além disso, ela é constituída e manifestada ao longo do discurso, só estando completa no percurso sintagmático do discurso por inteiro. (BATISTA, 2001, p. 146)

Ao dar conta da relação signo-usuário, a significação possui, ainda, uma função pragmática. O sujeito enunciador vai atualizar todos os signos, verbais e não-verbais, que traduzem uma carga ideológica e os escolhe em função do valor que os mesmos representam para si próprio (PAIS, 1993, p.543-554; 556-562).

Greimas concebeu o percurso gerativo da significação como constituído de patamares interligados, a que ele chamou de estruturas. Para ele são duas as estruturas: as semionarrativas ou estruturas profundas que correspondem à estrutura fundamental e narrativa; e as estruturas discursivas que são as mais superficiais. Veja o diagrama abaixo:

Estrutura semionarrativas ou Estruturas profundas	Fundamental
	Narrativa
Estrutura discursiva ou Estruturas superficiais	Discursiva

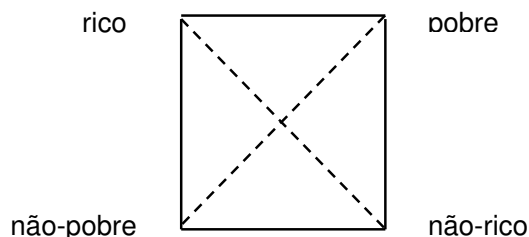
Hoje os semioticistas consideram as estruturas narrativas como um nível intermediário entre a semântica profunda e a discursivização. Assim, o percurso da significação é constituído não de duas, mas de três etapas: a estrutura fundamental, a estrutura narrativa e a estrutura discursiva cuja descrição será feita a seguir.

2.4.2 Nível fundamental

A primeira etapa do percurso gerativo da significação, aquela que gera o sentido do discurso é a estrutura fundamental, conhecida também como semântica profunda. Responde pelo “sentido mínimo a partir do qual o discurso se constrói” (BARROS 2000, p.77). É uma estrutura elementar que trata da relação de oposição

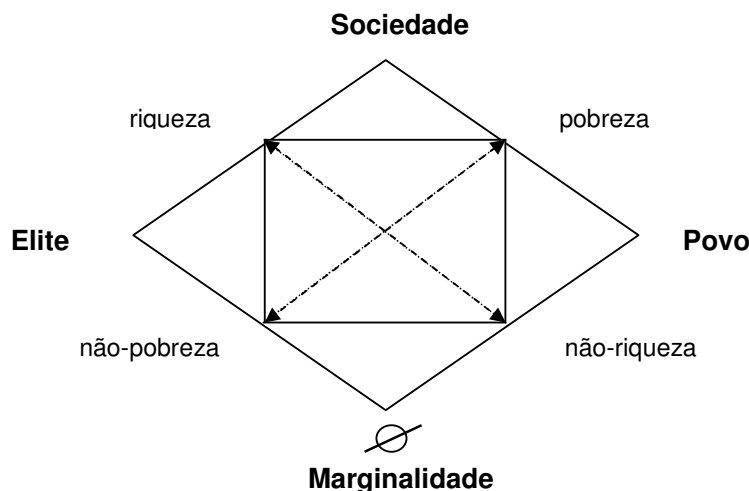
ou de “diferença” entre dois termos, no interior de um mesmo eixo semântico que os contém. Segundo Greimas (1990, p.162), trata-se do modelo “para a articulação dos conteúdos à medida que coloca o sentido em estado de significar”. Ela responde pelas articulações lógico-semânticas do discurso.

Foi representada por Greimas num modelo lógico, o do quadrado semiótico, que possibilita visualizar as relações mínimas que o define.



O termo base ocupará o ápice de um dos lados do quadrado, estando o seu contrário na posição horizontalmente oposta. Estes representam a tensão dialética do universo em análise. Depois, temos abaixo os termos contraditórios em oposição diagonalmente oposta. No eixo dos contrários, existe uma relação de implicação com o contraditório do seu contrário. Estas relações estabelecidas pelos quatro termos fizeram surgir, nos trabalhos de Pais, mais quatro termos, numa posição hierarquicamente superior, daí serem chamados *metatermos*. O exemplo seguinte é esclarecedor.

A sociedade se caracteriza por uma tensão dialética entre riqueza e pobreza. A riqueza sem a pobreza define a elite, e a pobreza sem a riqueza define o povo.



2.4.3 Nível narrativo

A estrutura narrativa, também conhecida por narrativização, apresenta uma sintaxe e uma semântica, sendo construída pelo fazer transformador de um sujeito que busca o seu objeto de valor. Para que isso ocorra, ele é instigado por um destinador, que idealiza a narrativa, e ajudado por um adjuvante ou prejudicado por um oponente. “Quanto mais diferenciados e em maior quantidade forem os actantes, mais o texto será carregado em ideologia, aqui considerada como o sistema de valores do indivíduo”. (BATISTA, 2001, p.150)

O enunciado “caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois actantes, o sujeito e o objeto” (BARROS, 2000, p.17). Esta relação se dá através do predicado, que segundo a teoria lingüística de Tesniere, é o da função, em que os termos resultantes e complementares são os actantes. As duas classes de predicados existentes são: o predicado do ser que possui o sema estático e o predicado do fazer com sema dinâmico.

Na sintaxe narrativa, a relação do sujeito com o objeto é que define o enunciado de estado, conhecido por relação juntiva (ou junção). Esta relação permite considerar o sujeito e o objeto como “semioticamente existindo um para o outro” (COURTES, 1979, p.82). Pode ser conjunta quando o sujeito atinge o seu objeto de valor e disjunta quando o sujeito perde o seu objeto de valor. A passagem de um enunciado juntivo a outro pressupõe uma transformação realizada por um sujeito transformador. Fiorin (2001, p.21) conceitua os enunciados como “de estado que estabelecem uma relação de junção ou conjunção entre o sujeito e um objeto e do fazer”.

Quando ocorre a disjunção, não significa não existir mais uma relação semiótica entre o sujeito e o seu objeto de valor. A relação existe, porém virtualizando a conjunção. A transformação que opera a conjunção entre o Sujeito e objeto se chama fazer (F) conjunto que se opõe ao fazer disjuntivo entre Sujeito e Objeto e permite definir a segunda categoria de enunciados proposta por Greimas, que é o fazer. Esquemáticamente, tem-se:

F junção (S, O)

S \cap O (que deve ser lido como sujeito em conjunção com o objeto de valor)

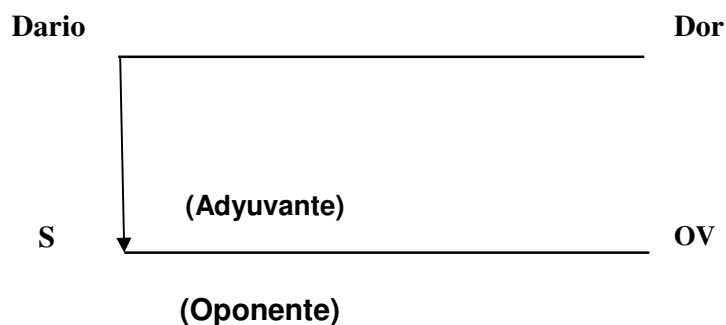
S \cup O (que deve ser lido como sujeito em disjunção com o objeto de valor)

F (transformação)

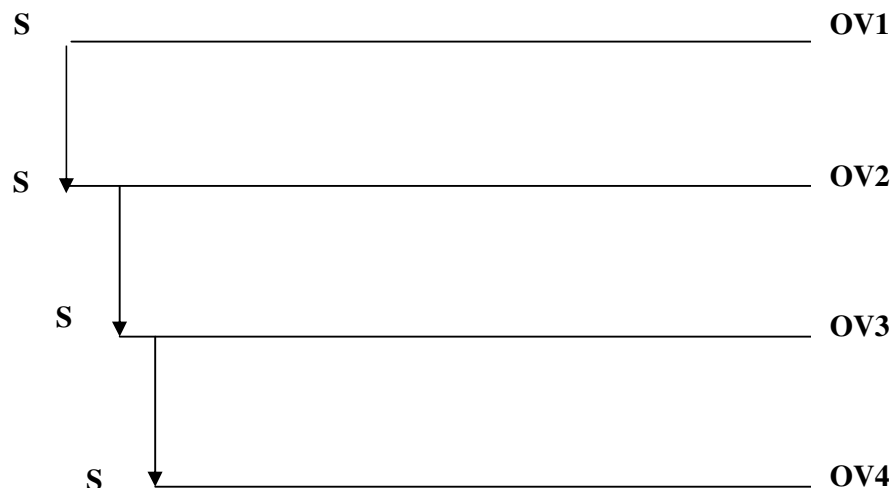
($S_1 \rightarrow O_1$), onde S_1 é o sujeito que realiza a transformação e O_1 o enunciado de estado a que ela conduz.

O percurso narrativo de um sujeito é o trajeto realizado pelo sujeito para obter o seu objeto de valor. O percurso pode ter um ou vários programas narrativos (P), partes do percurso, chamados sintagmas elementares da sintaxe narrativa e que podem ser principais (PP) ou auxiliares (PA), subordinados a um principal. Este projeta sempre um programa de correspondência, isto é, se um sujeito adquire um valor é porque outro sujeito foi dele privado ou dele se privou. Assim todo programa narrativo, realizado por um sujeito, implica um programa inverso promovido pelo adversário.

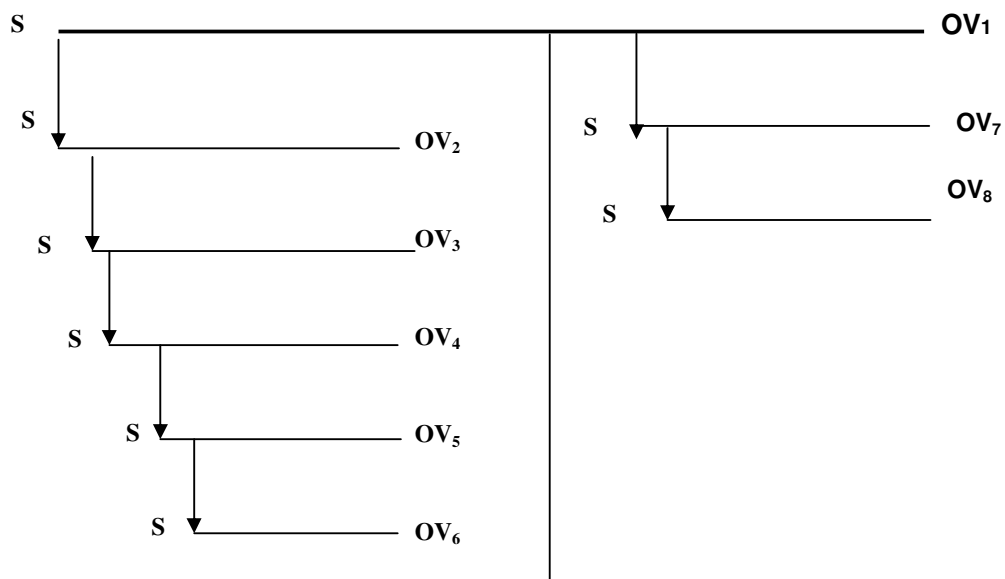
A estrutura narrativa é esquematizada através de diagramas. Para o sintagma existe um retângulo onde, no ápice direito, impulsionando o percurso, encontra-se o Destinador (Dor); ao seu lado Anti-destinador (Dor); no ápice esquerdo está o Destinatário (Dário), do qual parte uma flecha para indicar o sujeito (S) que se encontra na posição inferior esquerda. Ao lado do sujeito, fica seu objeto de valor (OV). O adjuvante e o Oponente ficam na parte inferior do retângulo, entre parênteses.



Para completar o seu percurso, o sujeito semiótico deve seguir a ordem dos acontecimentos da narrativa. Para isso o programa auxiliar está ligado a outro que lhe é hierarquicamente superior. Aqui se omitem os demais actantes e fica apenas o sujeito e o objetivo.



Na busca do sujeito pelo seu objeto de valor, pode ser que ele não encontre nenhum obstáculo, porém pode também encontrar dificuldades e tenha que tomar outro caminho para chegar ao objeto. Cada quebra corresponde a um novo momento do percurso, sendo os programas auxiliares ligados ao principal de forma linear e subseqüente.



A semântica narrativa é o momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos. Corresponde, como afirma Greimas e

Courtés, a “instância de atualização dos valores” (1980, p.400). O estudo das modalidades insere-se neste nível: *querer ser / querer fazer*.

Na organização modal da competência do sujeito operador, combinam-se dois tipos de modalidades virtualizantes, que o qualificam para a ação e atualizantes. O *dever-fazer* e o *querer-fazer* são modalidades virtualizantes, enquanto o *saber-fazer* e o *poder-fazer* são modalidades atualizantes.

O querer e o dever instauram o sujeito como tal, enquanto o saber e o poder estão diretamente ligados ao fazer. A modalidade do querer, por caracterizar o eixo Sujeito - objeto recai sobre a relação de estado juntivo, enquanto o saber e o poder estão no nível do fazer transformador. Quando se atinge o querer, atinge-se o poder e aí se passa para o nível discursivo.

A partir das modalidades, Pais classifica os discursos das seguintes formas:

DISCURSO	MODALIDADE	EXEMPLO
a) persuasão	<i>Poder-fazer-saber</i> <i>Poder-fazer-querer</i>	Discurso científico Discurso Político
b) sedução	<i>Poder-fazer-creer</i>	Discurso religioso
c) manipulação	<i>Poder-fazer-fazer</i>	Discurso burocrático

Cada um desses discursos apresenta duas formas de fazer, tendo em vista os actantes.

Destinatário – emissor	Destinatário – receptor
Fazer persuasivo	Fazer interpretativo
Fazer de sedução	Fazer anti-sedução
Fazer manipulatório	Fazer anti-manipulatório

2.4.4 Nível discursivo

2.4.4.1 Conceito e estruturação

O discursivo é o nível mais superficial do percurso gerativo, que coloca em discurso as estruturas narrativas. Estas chegam até a voz, assumidas por um sujeito enunciador que escolhe temas, figuras, atores, tempo, espaço e os apresenta a um sujeito que as escuta e interpreta. (BATISTA, 2001, p.152).

“A instância da enunciação corresponde” como afirmam Greimas e Courtés (1989, p.141), “a um sincretismo do *eu-aqui-agora*” relacionado à proximidade do sujeito, lugar e tempo, quanto à enunciação e ao enunciado. Quanto ao distanciamento do sujeito do lugar e do tempo da enunciação, corresponde ao: não-eu; não-aqui; e não agora.

Do mesmo modo que acontece com o nível narrativo, o discursivo apresenta dois subníveis, um sintático e outro semântico. A sintaxe do discurso estabelece relações entre sujeito enunciador com o seu enunciatário, com o espaço e o tempo da enunciação e do enunciado. O sujeito enunciador passa a informação para o seu enunciatário e comunica o que ele pensa sobre o fato e seus valores. Barros (2000, p. 55) opina a respeito:

Partindo do princípio de que todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso) os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade.

O discurso desenvolve-se num contexto sócio-cultural definido (relação espacial) desloca-se no eixo do tempo (relação temporal), e apresenta sempre dois sujeitos: o emissor (enunciado escrito, o autor) e o receptor (para escrita, leitor) (PAIS, 1995, p.153).

Na semiótica e na lingüística atual, a noção de discurso ultrapassa os limites de texto como coisa enunciada e desenvolve um discurso num contexto sócio-cultural que envolve e que se desloca no eixo do tempo, o tempo da história. Por isso, é necessário ter em consideração os tempos cronológicos, psicológicos e da

percepção de tempo, dado a que, o tempo do discurso do emissor e do receptor nunca será igual.

No processo de enunciação, o sujeito emissor necessita do sujeito receptor e não podendo dispor dele, no caso em tela, instaura no momento da escrita, um sujeito receptor virtual. Às vezes acontece que o tempo da história contenha o tempo do discurso e o ultrapasse numa visão retrospectiva ou prospectiva.

O discurso compreende um duplo processo de enunciação: o de codificação, através da produção de um texto realizado pelo emissor e decodificação, aquele construído pelo receptor. A partir de um texto escrito, o que se produziu na decodificação, poderá multiplicar-se indefinidamente, incluindo-se entre os decodificadores o próprio sujeito, originalmente emissor.

Uma das condições da enunciação é justamente a formulação de hipóteses-parciais por parte de cada um dos interlocutores a respeito do outro: em seu fazer persuasivo ou manipulatório, o sujeito da enunciação de codificação, fundamenta-se de forma consciente ou inconscientemente, não apenas sobre as hipóteses que faz sobre si mesmo e sobre o semema que o define como em outras hipóteses sobre o sujeito da enunciação da decodificação, “s” e o semema que o caracteriza. Desse conjunto de hipótese, depende muito, mas não exclusivamente, a eficiência do fazer persuasivo e o manipulatório do sujeito emissor. O sujeito da enunciação de decodificação exerce o seu fazer interpretativo – e / ou contra-manipulatório.

Levando em conta todos os termos implicados no processo discursivo e as relações estabelecidas entre eles, torna-se possível esquematizar um determinado discurso. Tomando-se as noções matemáticas de universo como “conjunto de todas as partes”, chega-se a uma concepção extremamente útil, a de universo de discurso; um conjunto que tende *ad infinitum*. Desta forma, o conjunto de discurso pertencente a um mesmo universo de discurso pode ser formulado como:

$$D = \{d_1, d_2, d_3, \dots, d_n, \dots\}$$

A norma a que nos referimos constitui o critério de equivalência pelo qual se pode reunir diferentes discursos manifestados numa classe de equivalência, o universo de discurso. É dinâmica porque se reformula ao longo do eixo da História e pode sofrer a interferência de normas de outros universos de discurso. Tem um valor estatístico e não imperativo, porque um mesmo discurso pode pertencer a mais de um universo de discurso (científico/pedagógico...)

A escolha do ator, representante discursivo do actante, apresenta as seguintes características: entidade animada (antropomórfica zoomórfica), indivíduos integrados no enunciado que assumem um ou vários papéis temáticos e caracterizados por semas específicos. O papel temático é a qualificação ou atributo de um ator ou comportamentos a ele atribuído. O ator combina com o conceito de personagem.

A passagem das estruturas narrativas às discursivas se faz pela tomada dos papéis actacionais pelos atorais. Os dois planos, actacional e atorial, não são superpostos termo a termo, embora sejam autônomos. Um único ator pode exercer vários papéis actanciais ou então corresponder a apenas um actante. Veja o gráfico a seguir, (onde /A/ significa actante e /a/ significa ator) pode confirmar:



A primeira estrutura é objetiva porque um ator exerce apenas um papel actancial enquanto que a segunda é subjetiva porque, num único ator estão centrados vários papéis actanciais. A referência à realidade permite considerar os procedimentos de ator, espaço e tempo. O discurso se desenvolve num contexto sócio-cultural definido (relação espacial) desloca-se no eixo do tempo (relação temporal) e apresenta seus atores que são representantes discursivos dos actantes, através dos nomes próprios e papéis temáticos.

2.4.4.2 Relações de enunciação e enunciado

A situação de enunciação se define como o conjunto das relações temporais, espaciais e intersubjetivas da enunciação (emissão-recepção), ou seja, entre os três participantes: tempo, espaço e sujeito. Esta situação articula-se com a de enunciado, inscrevendo-se ambas numa situação de discurso. Assim, o discurso se define pela

situação de enunciação, pela condição de enunciado, pelas relações entre a situação de enunciação e a de enunciado. Quanto ao discurso científico ou pedagógico, a verdade é considerada válida, independentemente do sujeito, do tempo e do espaço do enunciado. Essa condição limita-se à formulação das assim chamadas “verdades científicas” e não exclui a narratividade do discurso científico, nem o jogo das relações espaço-temporais, uma vez que o discurso da pesquisa, dirigido à comunidade científica, apresenta as etapas e procedimentos do discurso da descoberta (cf. GREIMAS, 1976).

Em Benveniste (1966, p.259), a linguagem se concretiza através do discurso, no ato de fala, na troca de experiência entre o enunciador e enunciatário. É a relação de subjetividade que dá a possibilidade ao homem de constituir-se como sujeito, e somente nesta relação ocorre a comunicação lingüística. O enunciador, ao assumir o discurso, assume como “eu” que está numa posição oposta ao “tu”, “ele”. “Eu postulo uma outra pessoa, aquela que, por muito exterior que me seja, torna -se o eco de mim mesmo: eu digo-lhe *tu* e ela diz-me *tu*”. Este ato de discurso que enuncia o “eu” surgirá cada vez que exista um ato de fala que é sempre novo mesmo sendo repetido mil vezes. Como exemplo, podemos citar o caso do professor em sala de aula. O conteúdo explicado por ele nas aulas será sempre o mesmo, porém cada aula será única, irrepitível. Portanto, cada ato de fala insere-se num momento novo de tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos. A pessoa e o tempo são categorias fundamentais e interligadas no discurso. O pronome nada mais é que uma instância lexical que só recebe sua realidade e substância estando inserido num discurso.

O autor (1989, p.71) defende, ainda, a necessidade de conhecer os tipos de tempo que são responsáveis por regular a vida do homem na sociedade o físico, o crônico (cronológico) e o lingüístico. O tempo físico, além de conter todos os outros tempos, “é contínuo, uniforme, linear, segmentável à vontade e infinito”. O seu grau de infinidade varia, dependendo do grau de emoções e de ritmo de vida interior que o indivíduo tenha. Já o tempo cronológico, conhecido também por crônico, engloba nossa própria vida enquanto seqüência de acontecimentos. Estes não são tempos, mas estão inseridos no tempo e são repetitivos, como o caso do calendário que se repete a cada ano. Sua organização é intemporal devido a sua fixidez e caracteriza-se por três condições: *estativa*, que mostra a data em que ocorreu um fato (nascimento de Cristo); a *diretiva*, que determina o tempo a partir deste fato (antes

ou depois do nascimento de Cristo) e a *mensurativa*, que são períodos de tempo que servem para denominar os intervalos ocorridos entre os fenômenos. O tempo lingüístico está ligado ao exercício da fala: define-se e organiza-se como função do discurso. É um *eu, aqui, agora*, na estância do presente do discurso. Sobre o assunto, eis o que afirma o autor:

O presente lingüístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção. Benveniste em (1989, p.75)

É através do tempo lingüístico, do ato de fala, necessariamente individual e novo, que a experiência humana se manifesta, numa relação de intersubjetividade entre sujeitos que tornam possíveis as comunicações lingüísticas.

Na concepção bakhtiniana, a enunciação também não está centrada apenas no “eu”, mas é construída entre o “eu e o outro”, através de processos discursivos instaurados pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados pelos discursos. Ocorre o dialogismo, entendido como ruptura do discurso monológico em que os locutores, como sujeitos da enunciação, juntos possibilitam mudanças no enunciado, oferecendo um discurso de acordo com a sua realidade. Esses, por sua vez, trazem consigo outros discursos afetados por conflitos históricos e sociais de falantes de uma língua e em conseqüência, estão impregnados de valores e de outras vozes.

O teórico questiona a unicidade do sujeito falante ao afirmar que este se modifica ao relacionar-se de forma real ou imaginária com outros sujeitos e defende que, é a partir do diálogo com outros “eu” ele se define como autor. A intersubjetividade é anterior à subjetividade e a idéia de autoria não é mais que um espaço de interpretação. Portanto, o sujeito não é a fonte do sentido, senão um indivíduo que luta na arena instaurada pelo signo, em que o dizer de um é o dizer do outro.

A consciência reflete-se sobre uma consciência social e histórica, cujo, o signo é ideológico, visto numa visão dialética, enquanto efeito das estruturas sociais, dinâmico, vivo e polissêmico porque remete às diferentes ordens históricas. Refrata a ordem do real e, portanto, está sujeito à temporalidade, à transformação. As formas do signo estão condicionadas à organização social do indivíduo, como também às condições de interação, fazendo com que a enunciação, enquanto tal seja produto de uma interação social. Esta necessita da palavra para desenvolver-se. Uma palavra dita isoladamente, dependendo da entoação e do contexto, passa a ser um enunciado que terá uma infinidade de interpretações dependentes do lugar de dizer onde se encontra e o sujeito não consegue controlá-las. Para Bakhtin (2004, p.125),

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.

Mesmo assim, a unicidade da palavra e da forma continua a existir, já que a polissemia não destrói a unicidade do signo. É a história que vai investigar as relações de causalidade entre os fatos, o que não implica linearidade e sucessividade entre eles. Ao contrário, a comunicação verbal se dá nos conflitos, nas relações de dominação e de resistência, de adaptação ou obstinação à hierarquia.

Na polifonia, não existe a verdade e sim verdades. O discurso é inacabado pela relação do olhar do outro que existe sobre ele. O enunciado é fruto da interação encontrada entre o enunciador e seu auditório no momento presente. Um mesmo tema, apresentado por um conferencista a diferentes públicos será sempre único e irrepetível, e isso vai depender de três fatores: o horizonte espacial e temporal, que é onde e quando o enunciado se produz; os horizontes temáticos, que se referem ao conteúdo do tema de que se vai falar e o horizonte axiológico, atividade valorativa dos participantes em relação ao conteúdo, à relação entre os participantes e os enunciados.

Por dialogismo, entende-se diálogo, ruptura do discurso monológico em que os locutores são sujeitos da enunciação e juntos possibilitam uma mudança no enunciado. Adotar a concepção dialógica é dizer que a fala do locutor está constantemente atravessada e transformada pela voz do interlocutor num processo dinâmico.

O dialogismo não pode ser pensado simplesmente como um diálogo entre locutor e interlocutor, uma vez que comporta uma dupla dimensão que diz respeito a um contínuo diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso. Por um lado ele se dá nos diferentes discursos de uma comunidade, cultura ou sociedade, como elemento instaurador da constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por outro, ocorre através das relações construídas entre o eu e o outro, processos discursivos instaurados pelos sujeitos, que por sua vez, instauram-se e são instaurados por discursos.

O que caracteriza o dialogismo é a mútua e contínua troca estabelecida entre locutor e interlocutor, em que cada um oferece um discurso de acordo com a sua realidade trazendo consigo outros discursos afetados por conflitos históricos e sociais de falantes de uma língua e, em consequência, estão impregnados de valores e de outras vozes. Assim sendo, o discurso, para Bakhtin, não será jamais individual, existe nele uma imbricação de vozes que o atravessam, mesmo se muitas vezes não citadas, mas que falam simultaneamente sem que uma seja preponderante e julgue as outras. A isto, o teórico chama polifonia, idéia tomada de Freud, ao dizer que o consciente está cristalizado no seio da sociedade e, portanto, cada voz será expressão do lugar a que ela pertence.

Ducrot (1987) retoma a polifonia apresentada por Bakhtin ao afirmar que nos enunciados habitam várias vozes e exclui a noção de historicidade do texto. Porém, faz uma ressalva, ao dizer que o teórico russo centrou suas análises sobre o texto e não sobre os enunciados que os constituem. Para ele, a língua está sujeita à exterioridade que a determina e os sentidos não são transparentes porque produzidos pelas condições de dizer, que vão estar sempre vinculadas à situação de enunciado, aos topos que atribuem à enunciação certos poderes ou certas consequências.

A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico, é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que chamo enunciação. (DUCROT, 1987, p.168).

Faz a distinção entre frase, enunciado e enunciação e diz que a primeira é o objeto teórico, invenção da gramática, seqüência definida com uma estrutura lexical e sintática, enquanto o enunciado manifesta possibilidades discursivas correspondentes a uma escolha do locutor. O que vai distinguir a frase do enunciado é a significação e o sentido respectivamente, defendendo a teoria, para que essa ocorra é suficiente o surgimento de um enunciado, não se fazendo necessária a presença de um autor. Contudo, a fim de que haja sentido “é necessária a presença do sujeito que deve ser encontrado em um lugar ideológico, sócio-histórico que o determine”. (DUCROT, 1987, p.178).

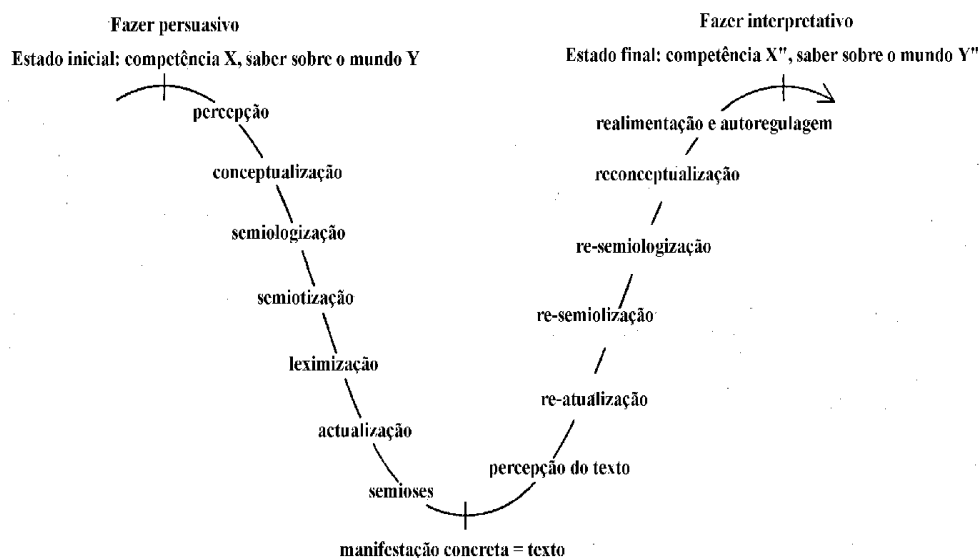
A enunciação origina-se com a presença de um ou mais sujeitos os quais diferencia ao menos em duas modalidades de personagens: o locutor e o enunciador. Distingue o locutor, o sujeito falante empírico e o locutor enunciador.

O locutor é o responsável pelo enunciado, como o pronome “eu” e outras marcas de primeira pessoa, mas difere do ser empírico que são os que, efetivamente, produzem o enunciado. Um exemplo é um cheque que foi assinado por uma pessoa e preenchido por outra. Evidentemente, a pessoa que assinou será a responsável pelo que está expresso no documento. O locutor, simbolizado com (L), é o eu da enunciação, visto em seu engajamento enunciativo e o locutor (λ) que representa um ser da realidade, nos enunciados declarativos. Prosseguindo sobre o assunto, o autor conclui: “De um modo geral, o ser que o pronome eu designa é sempre λ , mesmo se a identidade deste λ só fosse acessível através de seu aparecimento como L” (1987, p.188). Isto não impede que L e λ sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado. Para ele, o L pertence ao comentário da enunciação realizada de forma global pelo sentido e λ pertence à descrição do mundo realizada através das asserções interiores ao sentido.

Para o semanticista, “as possibilidades de argumentação não dependem somente de enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também dos princípios dos quais se servem para colocá-los em relação” (DUCROT, 1989, p.21), colocando em evidência aqui, o *topos*, lugar onde ocorre a relação entre a língua e o discurso argumentativo. Os lugares de dizer, onde ocorre a enunciação, são lugares diferentes. Ele vai destruir a divisão existente entre denotação e conotação que seria a oposição entre o objetivo, subjetivo e intersubjetivo ao dizer que a objetividade é um mito, porque o discurso é social e histórico e vai privilegiar os sentidos.

A descrição semântica de uma língua não pode ser considerada apenas nível dos conteúdos explícitos dos enunciados, mas também dos implícitos, que é de responsabilidade do ouvinte. Os implícitos são de caráter não discursivo e estão marcados na língua e deles faz parte a pressuposição, que para o teórico, constitui um ato de fala que tem um valor ilocutório, marcado no enunciado, mas que não está desprendido em consequência do ato de enunciá-lo.

Contrapondo-se a Benveniste (1976) que considera que a subjetividade só existe no “eu”, Pottier considera a existência da subjetividade também no “tu” e explica o percurso gerativo da enunciação, cria uma curva senoidal, constituída de duas performances, o fazer de codificação, discurso do enunciador e o fazer de decodificação que é o discurso do enunciatário. Veja o diagrama a seguir (POTTIER, 1974, p.44) :



Ao interpretar Pottier, Greimas (1979: p.157-162) e Pais (1993: p.554-602) chamam ao discurso do “eu” de persuasivo e o do “tu” de interpretativo, assim, em semiótica, a enunciação é um percurso que tem sua origem na mente do enunciador

e se conclui na mente do enunciatário, entrando em jogo os papéis do enunciador e do enunciatário como sujeitos que constroem a enunciação. “A percepção é a etapa na qual o enunciador toma consciência dos objetos do mundo natural, ainda não codificados por discursos anteriores, considerando-os individualmente e concretamente” (BATISTA, 2002, p.39).

Ao passar à conceptualização, o enunciador revela seu modo de conceber as coisas de acordo com a sua visão de mundo, da sua experiência, ocorrendo a produção dos modelos mentais, conhecidos também por *conceptus*, formados de *noemas* ou *semas*.

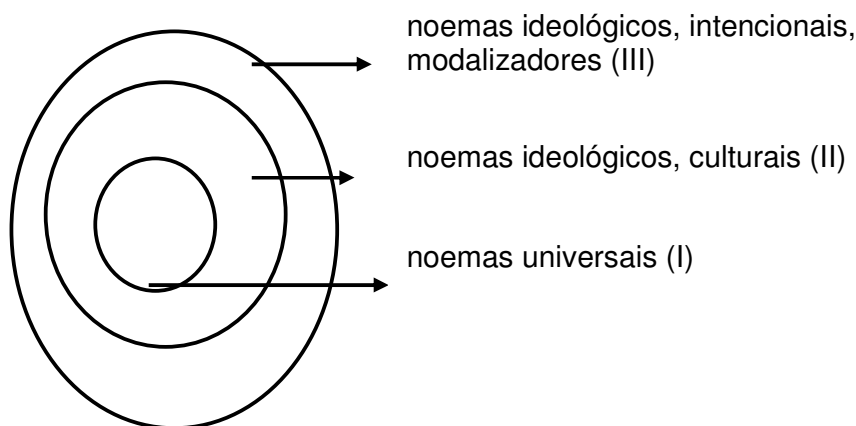
Nessa etapa ocorrem três momentos: o pré-cultural, os *metaconceptus* e os *metametaconceptus*. O primeiro é de natureza universal quando se produzem os chamados *arquiconceptus*, que, no entender de Barbosa (2000, p.101) são: “conjuntos de semas conceptuais - *noemas* disponíveis, em princípio, para qualquer comunidade humana e, nesse sentido, pré-culturais, caracterizando-se como o resultado de uma primeira filtragem”. Num segundo momento têm-se os chamados *metaconceptus* que são conjunto de *noemas* de natureza sócio-cultural, denominados *lexes*, específicos de um grupo. Esses desempenham um papel referencial para este grupo. Segundo Barbosa (2000, p.101):

Dessa maneira *lexes* e recortes culturais, com suas respectivas redes de oposição, resultantes de uma segunda filtragem, definem e sustentam a “visão do mundo”, o sistema de valores do grupo num nível cultural, pré-semiótico e trans-semiótico, ou, se preferirmos, disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto verbal, não-verbal ou sincrética do mesmo grupo.

Os *metametaconceptus* são *noemas* individuais, modalizadores, ou seja, instauradores do sujeito. A forma do universo cultural se torna substância do universo semiológico, ou seja, os recortes culturais são estruturados em classes de equivalência semântica. Conforme Pais (1982, p.45-60),

[...] as *lexes* são matrizes sígnicas [...], ou seja, elementos de um meta-sistema conceptual, suscetíveis de se transformar em signos, em significações - funções semióticas e meta-semióticas – e de se manifestar no discurso de qualquer das semióticas-objeto integrantes da macrossemiótica da cultura envolvida.

Até aqui, tem-se as etapas referentes ao percurso da cognição, conhecidas também por etapas cognitivas, entendidas como a apreensão e a construção de uma visão de mundo. Veja os três subconjuntos que formam o *conceptus lato sensu*.



Passa-se, a seguir, para a primeira etapa, eminentemente lingüística que é a da semiologização, quando se passa do conceito para as formas semiológicas (formas de conteúdo). Segundo Pais (1993:p.60), é o momento em que ocorre a codificação, estruturação, ou melhor, a visão lingüística do universo antropocultural. Com a semiotização, um determinado sujeito busca o seu objeto de valor, deixando aqui o nível meramente lingüístico e se passando ao semiótico, que se dá através da lexemização, eleição de lexias que serão empregadas na atualização, no discurso.

Na Lexeminação, ou seja, na atualização, configuram a etapa do processo expressão, dando início à significação como relação de dependência entre um conteúdo e uma expressão. Esta só será plenamente explicada na semiose, que leva a produção do texto em discurso. A semiose constitui também a produção e a atualização da significação, bem como sua interpretação pelo interpretante, dando início ao segundo momento do percurso da enunciação que corresponde ao fazer do enunciatário. Nesta busca contínua de um maior rigor e poder de explicação, a metalinguagem científica se renova sempre. O discurso produz o discursador, que é, afinal, o lugar onde se instala e se renova a competência. O texto é dado e cada pessoa que recebe interpreta de forma diferente.

O fazer interpretativo segue o mesmo processo em sentido inverso, ou seja, parte da produção do texto que é percebido pelo enunciatário. Uma vez que as

etapas já existiam no percurso do enunciador, elas são nomeadas neste momento com o prefixo /re/ para mostrar que é o segundo momento de uma coisa já existente. Seguindo, fielmente o percurso inverso, tem-se a re-atualização, re-semiotização, re-semiologização, reconceptualização, realimentação e auto-regulagem do sistema que é modificado, modificando também a competência do enunciador e o seu saber sobre o mundo. Aqui se tem o princípio da pancronia *latu-sensu* em que uma língua não muda apenas, ao longo prazo (diacronia), mas está em contínua mudança. Muda também a competência dos sujeitos constantemente e não apenas a sua performance. As mudanças do sujeito vão passar a integrar o sistema continuamente.

Para explicar o tempo do discurso, Pais (1995, p.137) afirma que este se refere ao tempo da enunciação da codificação (T') do tempo da enunciação da decodificação (T'') e da relação destes com o tempo da História (com H maiúsculo), ou seja, o tempo do contexto sócio cultural que implica "simultaneamente, o tempo cronológico e tempo psicológico, a percepção psicológica do tempo" que tem o sujeito emissor (S') e o sujeito receptor (S'').

Para o teórico, o tempo do discurso do emissor e do receptor não são nunca iguais, mesmo se ocorridos em um diálogo. No caso do discurso oral, pode-se considerar que existe uma equivalência entre o tempo do discurso do emissor (t') e do discurso do receptor (t''): $t' \Leftrightarrow t''$ (t' é equivalente a t''). Enquanto na escrita, o tempo do discurso do emissor, ou seja, de quem escreve, é diferente do tempo de quem lê (do receptor): $t' \neq t''$. Nesse caso, não havendo a presença física de um receptor no momento da escrita, instaura-se um sujeito receptor virtual (*S'') e reciprocamente, um sujeito emissor virtual, no da leitura (*S'). Veja o que diz ainda Pais a respeito:

*S'' e *S' são, na verdade, hipóteses formuladas pelos interlocutores, necessárias à comunicação e que estão presentes, também, como é óbvio, na comunicação oral direta. Entretanto, nesta última, a relativa adequação de tais hipóteses pode ser verificada, mais fácil e rapidamente, dada a possibilidade de um feedback verbal e/ ou gestual imediatos, que permitem a reorientação subsequente e sucessiva do eixo persuasão/interpretação (PAIS, 1995, p. 138).

Ao considerar as relações do tempo da história (com h minúsculo) encontrado no texto ou produzido pelos discursos (T*), em relação ao tempo do discurso (T'-T''),

podem ser variadas. No caso de dois interlocutores que se encontram em um restaurante para almoçarem juntos e discutem o menu que querem pedir, o T' e T'' são equivalentes, porém, no momento em que um deles conta um fato acontecido com outro amigo, em outro restaurante, ocorre a disjunção entre o T* e T', T''. O tempo da história está disjuncto do tempo do discurso do tempo do emissor (T'). E assim sucessivamente. Como defende o teórico, “não se trata do tempo cronológico, em sentido estrito, mas, do tempo tal como é visto pelos interlocutores “(ibidem, 2005, p.140).

O mesmo ocorre nas diferentes relações espaciais, estabelecidas no contexto sócio-cultural, o discurso ao(s) texto(s) e os interlocutores. “O espaço definido pelo contexto sócio-cultural pode conter, ou não, os espaços de enunciação E”, como também o espaço definido no texto, E*. Aqui ocorre como no tempo, não importa o espaço “objetivo”, mas aquele construído pelos interlocutores no processo da enunciação.

O espaço do discurso do emissor (E') e o espaço do discurso do receptor (E'') podem ser considerados equivalentes e diferentes, dependendo da concepção do sujeito sobre o espaço (E' e E'').

2.4.4.3 Semântica discursiva: percursos figurativos e temáticos

Na semântica discursiva, são destacados os procedimentos de figurativização e tematização. A primeira transforma em figuras de superfície as figuras do plano do conteúdo. Especifica e particulariza o discurso, classificando a competência dos autores. Courtés (1989, p. 22-23) assim a define: “O figurativo como todo conteúdo de uma língua natural, ou mais largamente, de todo sistema de representação que tem um correspondente perceptível no plano da expressão do mundo natural”. As seqüências das figuras, ao serem organizadas em grupos, traduzem os temas subentendidos aos textos. Para Fiorin e Savioli (2002, p.99):

”Uma figura isolada não tem significado em si mesma. Cada uma delas implica idéias muito variadas, pode estar virtualmente relacionada a temas diferentes. [...] As figuras ganham unidade exatamente por serem a manifestação de um tema. Assim, o sol expressa o tema da vida, quando estiver em oposição a figuras como tempestades terríveis e continuadas, nuvens negras no céu,

inundações, etc; exprime morte, quando estiver ligado a ausência de chuvas, plantas crestadas, gado morto, grama seca, calor intenso, etc.

A tematização seriam os valores abstratos gerais encontrados no discurso, que podem ser remetidos a qualquer pessoa, sem uma especificação. De modo geral, inicia-se a tematização pela identificação dos traços semânticos pertinentes ao discurso e neles reiterados, podendo-se colocá-los em seqüência pela ordem em que aparecem no texto. Estes se concatenam como conjuntos organizados, constituído de coerência interna, caso contrário cria um texto inverossímil. No caso de se tratar do tema “A paz do mundo” e se introduzirem figuras que falem de enfrentamentos, discórdia, falta de diálogo, isso vai alterar o tema proposto, mudando o seu sentido.

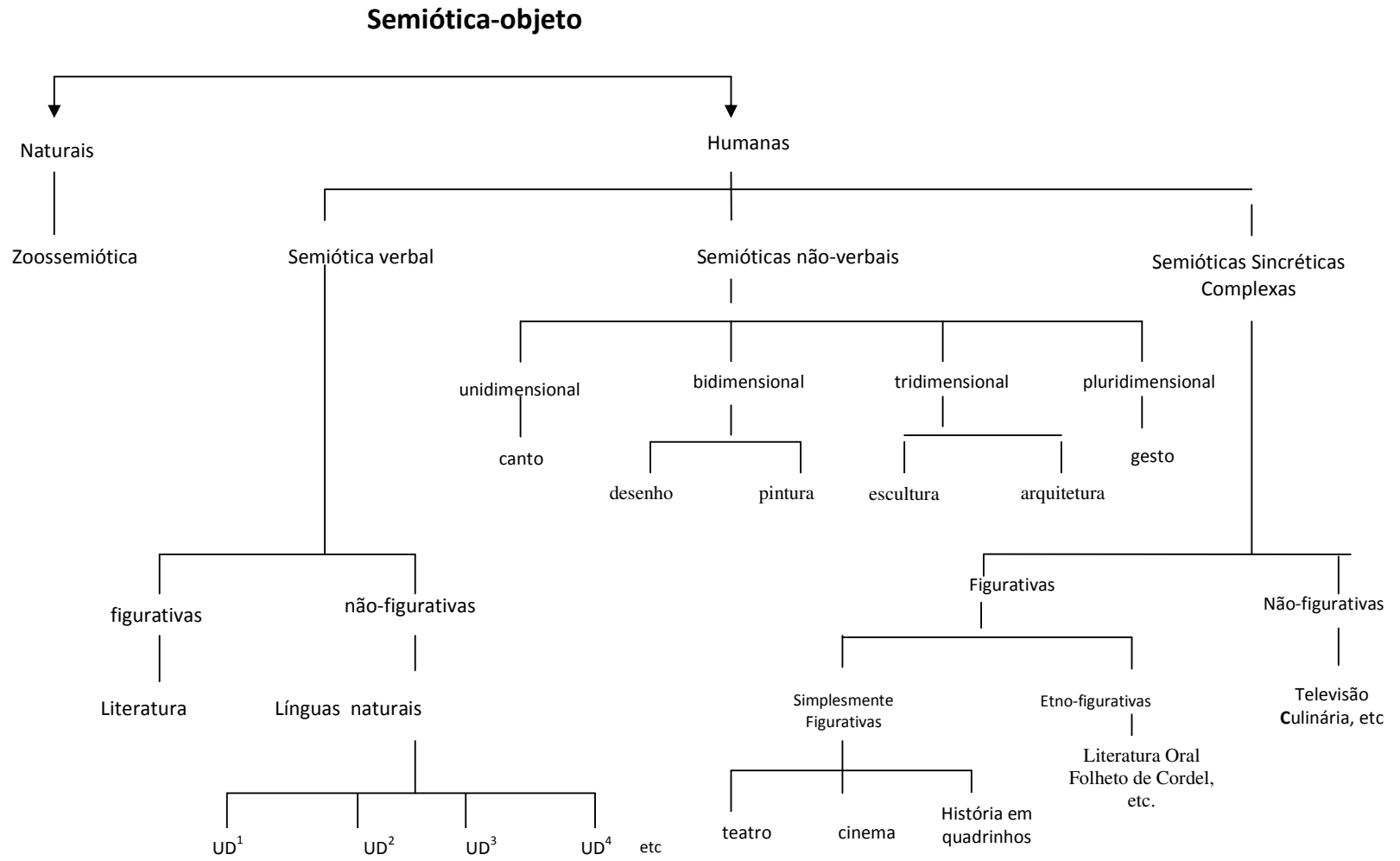
2.5 Sistemas semióticos

2.5.1 Semióticas verbais e sincréticas

Os sistemas semióticos permitem “aos membros de uma comunidade sociolingüística cultural integrar em um só sistema todos os dados de suas experiências, caracterizando o grupo e definindo sua cultura e sua ideologia” (BARBOSA, 1996, p.52). Como estão em constante mudança, a sociedade e a cultura do grupo reelaboram seus valores, suas estruturas, suas regras, criam e recriam novos objetos e reconstroem incessantemente suas visões de mundo e, portanto, sua ideologia. Os instrumentos desse processo são os sistemas semióticos dessa cultura. Ao mesmo tempo em que realiza mudanças, o sistema permite ao grupo reconhecer-se sempre como o mesmo, numa tensão dialética contínua entre mudança e especificidade.

A teoria semiótica proposta por Greimas considera a existência de vários sistemas semióticos que caminham paralelamente ao lingüístico. Cada sistema é chamado semiótica objeto e pode ser de natureza verbal, não-verbal ou sincrética que reúne o verbal e o não-verbal que este autor costuma chamar de espetáculo semiótico. O texto é, portanto um objeto sincrético por excelência.

Pais (1992, p 58) realizou um estudo da tipologia dos sistemas semióticos. A semiótica seria o que o autor denominou macrossemiótica, ou um conjunto de diversas semióticas-objeto presentes numa comunidade sociolingüística cultural que Batista (2001, p.148) resume no quadro a seguir:



No ápice do quadro, a autora colocou a oposição básica dos sistemas semióticos que seriam as semióticas naturais, não modificadas pela ação humana e as humanas que seriam, naturalmente, culturais, isto é, foram criadas e modificadas pela ação do homem. Entre as naturais, está a zoossemiótica e as humanas foram distribuídas em três grupos: o verbal, o não-verbal e o sincrético. A semiótica verbal compreende todas as semióticas lingüísticas existentes e foram distribuídas em dois grupos: as figurativas (a literatura) e as não-figurativas que seriam as línguas naturais e os seus universos de discurso. As semióticas não-verbais são todas as outras linguagens não codificadas linguisticamente que podem ser unidimensionais, (o canto), bidimensionais, (desenho e a pintura), tridimensionais (escultura e arquitetura) e pluridimensionais (o gesto). As semióticas sincréticas, como as verbais, podem também ser não-figurativas (televisão, culinária) e figurativas onde os autores encontram dois grupos: as simplesmente figurativas (teatro, cinema, história em quadrinhos) e etnofigurativas (literatura oral, folheto de cordel).

Um universo de discurso compreende as relações que se estabelecem entre os discursos científicos, jurídicos, jornalísticos e outros. Estes, são vistos como processos e constituem as microssemióticas, integrantes de uma semiótica objeto maior. O estudo das características estruturais e funcionais que permitissem delimitá-los e opô-los entre si, levou à criação de um dos mais recentes, mais profícuos ramos da semiótica, a sociossemiótica. São seus objetos, particularmente, os chamados discursos sociais não literários. Como resultado de tais estudos abrem novas perspectivas e contribuem para o desenvolvimento de uma tipologia dos discursos.

Concluindo, é importante ter presente que os discursos e os seus universos não formam compartimentos estanques, interferindo incessantemente uns sobre os outros. Neste sentido, os discursos e os seus textos só significam na relação de intertextualidade, desdobrando-se em dois níveis, a intertextualidade intrassemiótica – *stricto sensu*, ou intra-universo e *lato sensu*, ou *inter-universos* – e a *intertextualidade intersemiótica*, que se define entre os processos de semióticas diversas.

2.5.2 Semiótica das culturas

O ser humano vive imerso num dúplice ambiente: o natural e o cultural que o condicionam e influenciam seu comportamento. A palavra natureza, originada do latim *natura*, apresenta diferentes significados, porém, o mais utilizado é o que faz menção ao cosmo, inclusive o homem, mas que não depende da intervenção humana para que exista. Poder-se-ia dizer também que é o conjunto de organismos vivos que regem o planeta, enquanto que, o ambiente cultural é o lugar onde o homem encontra espaço para desenvolver seu modo de pensar, de agir, de comunicar-se com outros seres da sua espécie.

A complexidade da definição do termo “cultura” emerge de conceitos multidimensionais originados da influência de diferentes correntes filosóficas, antropológicas e sociológicas que no percurso da história da humanidade, revolucionaram a vida do homem. Sua origem remonta à palavra *colere* que, em latim, significava cultivar, cuidar, criar, refletindo o relacionamento de cuidado do homem com a natureza. Para os gregos, o conceito de cultura estava relacionado com a vida social e política, originada da palavra *paidéia* cujo significado liga-se à educação e polidez da nobreza na vida social da *polis*. Mais tarde, os romanos denominaram *civilitas*, de onde vem a palavra civilização.

Com o surgimento da civilização, os costumes e as relações sociais se encontraram em um nível mais alto de expressão, em que a busca de aperfeiçoamento ocorreu num processo contínuo de reformas de leis, de formas de governo, de conhecimento e “a cultura se identificou com os valores profundos e originais da burguesia” (CUCHE, 1999, p.13). A crítica da dicotomia cultura/civilização deixou as diferenças existentes entre extratos sociais e passou a afrontar as diferenças nacionais.

Para as ciências sociais, o conceito de cultura está relacionado com duas idéias: a essencialista e a processual. Na primeira, a palavra cultura é concebida como herança coletiva de um grupo que não admite transformações, enquanto, na idéia processual é vista como um conjunto de atos humanos de uma determinada comunidade, sejam artísticas, econômicas, políticas que, através da socialização, superam a natureza biológica do homem, transformando-as numa prática cultural. Geertz (1989, p.15) apresenta cultura como direcionadora do comportamento humano: “parte-se da idéia de cultura como teia de significados construída pelos

homens, composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento”.

Duas correntes filosóficas fundamentam as normas a serem seguidas pela cultura numa determinada sociedade: a racionalista e a romântica. A primeira, conhecida também como método de observação para se chegar a conclusões, foi muito defendida por grandes filósofos como, Platão, Descartes, Leibniz e tantos outros que acreditavam na razão humana como único meio para se chegar à verdade. Para eles, a capacidade de pensar, de fazer uso da razão é a faculdade que distingue o homem dos demais animais que lhes são inferiores. Enquanto a corrente filosófica romântica, contrária ao racionalismo, busca caminhos que levem o homem a reconciliar-se com a natureza, concebendo a cultura de dois modos: como resultado da formação dos seres humanos em relação ao espiritual, à arte, à filosofia, à religião e como civilização, ao relacionar esses resultados de formação e educação à vida social, política e civil. Nessa corrente, a experiência humana relativiza-se a partir da história, dos valores culturais e do conhecimento acumulado de cada indivíduo.

Baumann (2003, p. 25-35) considera que a cultura apresenta três vértices: o estado, a etnia e a religião, formando um triângulo que ele denominou multicultural.I



No primeiro vértice do triângulo, encontra-se o Estado moderno ou Estado-Nação-ocidental, surgido a partir de 1400, devido a necessidade de expansão política e econômica, período em que os europeus partiram para a América em busca de novas perspectivas de vida. Esse era governado por uma pequena elite que estabelecia as normas a serem seguidas pela sociedade.

O segundo vértice baseia-se na idéia de que fazer parte de uma mesma etnia, ou seja, ter a mesma origem biológica significa ter a mesma identidade cultural, o que foi contestado por muitos estudiosos ao defenderem que não é suficiente ter um parentesco para ter a mesma cultura. Isso pode contribuir nas aparências físicas, em ter costumes e tradições semelhantes, porém no plano intelectual, comportamental, na concepção de valores, os indivíduos podem ser completamente diferentes, embora pertencentes a uma mesma etnia.

O terceiro vértice multicultural é a religião, cuja influência na vida do homem tem um papel muito importante, respondendo, muitas vezes, por decisões, comportamentos, conquistas e fracassos em sua vida. Essa, ao apresentar-se de forma absoluta, diz-se a única fonte de salvação do homem.

Para explicar as relações de poderes existentes em uma sociedade, Weber(2000) apresenta a legitimação de domínio com fundamento em três tipos de dominação: legal, tradicional e carismática. Para o autor,

Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas. (WEBER, 2000, p. 33).

Na dominação legal, ocorre a submissão de um grupo a outro que se encontra numa posição mais privilegiada, ou seja, legitimada pela lei, que por sua vez pode ser reformulada e corrigida. O que rege esse tipo de dominação são as regras, estatutos e ordenamentos que se impõem ao grupo dos dominados. Veja o que o autor diz a respeito:

Correspondem naturalmente ao tipo de dominação legal não apenas a estrutura moderna do Estado e do Município, mas também a relação de domínio numa empresa capitalista privada, numa associação com fins utilitários, ou numa união de qualquer outra natureza que disponha de um quadro administrativo numeroso e hierarquicamente articulado.
(WEBER 2001, p. 250)

Na dominação tradicional, encontra-se a obediência às tradições de uma determinada comunidade. É aquela que quem manda é o “senhor” e quem obedece são os súditos (WEBER 2001, p.351). É o caso da sociedade patriarcal, em que, a obediência dos filhos, aqui comparados aos súditos, deve estar direcionada aos pais, comparados a senhores feudais. São dominações que passam de pais para filho, mas também são aquelas que se encontram nas comunidades indígenas, em que os anciãos são considerados modelos para os demais membros do grupo. A relação entre dominante-dominado não está ligada ao dever ou à disciplina, como ocorre na dominação legal, mas, à fidelidade do servidor, ao patriarca.

A dominação carismática, por sua vez, legitima o poder baseado “na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas” (WEBER,2000, p.141). São líderes que, com sua doutrina e seus discursos, arrastam massas de pessoas atrás de si, chefes de igrejas que são considerados pelos fiéis quase deuses, mas também carismáticos que conquistam por terem uma vida coerente, qualificada e acreditada por parte dos dominados. Esse tipo de dominação vai existir até quando produzirem resultados, caso contrário, perderá sua legitimidade.

Nos anos sessenta, surge um grupo de pesquisadores soviéticos, que desenvolveram uma escola semiótica chamada “Escola de Tartu.” Preocupada com o estudo da estrutura do sistema semiótico, interessa-se pela vida dos signos existentes em uma determinada sociedade. No princípio, ressaltavam o significado dentro de um contexto social, tal como o apresenta o formalismo russo, a escola de Praga e o ciclo de bakhtiniano, no qual se espelhou profundamente. É considerada uma disciplina que estuda modelos de culturas que podem ser aplicadas ao estudo das inter-relações culturais, através de análise das semelhanças e diferenças existentes entre uma cultura e outra ou, em relação a uma subcultura.

Nos trabalhos desenvolvidos por Sonesson(2002), encontram-se afirmações muito válidas para compreender a essência dessa escola.

He aprendido de la Escuela de Tartu dos cosas, que parecen haber sido olvidadas en gran parte por la escuela misma y sus sucesores: que no trata de la Cultura por sí misma, sino del modelo que los miembros de una Cultura hacen de su cultura; y que este modelo mismo tiene más que ver con las relaciones entre las culturas (así como entre las subculturas, las esferas culturales, etcétera) que con la

*Cultura en su singularidad. La semiótica de la cultura hace modelos de modelos. Por lo tanto, su tarea es estudiar clichés como "la sociedad de información", "la sociedad de imágenes", "la sociedad postindustrial", "el estado postmoderno", "la sociedad global", etc. y preguntarnos lo que estos automodelos significan en realidad: qué fenómenos en la Cultura señalan a su manera retorcida y cómo ellos mismos se vuelven productivos en la historia.*³ (SONESSON, 2002).

A Escola de Tartu tem, por base, exemplos reais, histórico-contemporâneos e parte, na delimitação de seus conceitos, de dois traços essenciais: cultura e natureza. A cultura é determinada pela organização, pela transformação, enquanto a natureza diz respeito ao mundo não transformado ainda pela ação humana. Cada cultura concebe a si mesma como uma ordem, oposta a algo externo que é visto como caos, desordem e barbarismo.

A cultura possui mecanismos que lhe permitem gerar “textos” e “não-textos”, que são produzidos por outras culturas. Por textos, considera-se tudo aquilo que é aceitável em determinada cultura, enquanto os não-textos têm um papel de oposição; é aquilo que não faz parte da cultura. Um exemplo de texto pode ser o do migrante latino que vai para os Estados Unidos em busca de trabalho. Ao deixar seu país, ele leva consigo uma bagagem cultural que vai interagir com a cultura do país de destino. No momento em que esta cultura começa a fazer parte da cultura dos estadunidenses, ela passa a ser um texto, pois antes era um não-texto. Isso se vê na gastronomia mexicana que passou a fazer parte de muitos restaurantes norte-americanos. Enquanto um exemplo do não-texto pode ser a cultura do ancião em relação à cultura do adolescente; a cultura masculina e a feminina.

Considerando a cultura do ego e a cultura do outro em diferentes culturas, o que não está incorporado na linguagem é considerada uma não-cultura, cultura estrangeira, concebida como não-cultura e extracultura. A cultura também pode ser diferenciada entre aquela que é o centro para a cultura e a que é considerada

³ Aprendi da Escola de Tartu duas coisas que parecem ter sido esquecidas, em grande parte, pela mesma escola e pelos seus sucessores que não tratam da cultura em si mesma e sim do modelo que os membros de uma cultura fazem da sua cultura. E este modelo tem a ver muito mais com as relações entre as culturas (por exemplo, as sub-culturas, as esferas culturais, etc) que com a cultura em sua singularidade. A semiótica da cultura constrói modelo de modelos, por isso, a sua tarefa é estudar clichês como “a sociedade da informação”, “a sociedade das imagens [...] etc, e perguntarnos o que esses automodelos significam na realidade: que fenômenos marcam, na cultura, a sua maneira retorcida e como eles conseguem ser produtivos na história”. (SONESSON, 2002).(a tradução é nossa)

periférica. No momento que um texto passar da não-cultura pelo modo de extracultura periférica para o centro, ela vai atravessar um processo de transformação, de semiotização. Sonesson (1993) diz que, em alguns casos, é conveniente separar o que é extracultura do que é mais que extracultura. Um exemplo seria ao partir do ponto de vista da cultura Argentina, a cultura mexicana é parte da extracultura, mas não, no mesmo grau que a japonesa. Essa estaria muito mais distante que a cultura mexicana. A extracultura, portanto, é o que é menos possível de entender, enquanto a não-cultura não pode ser entendida no todo. A cultura é identificada como um ego coletivo que se opõe a um outro respectivamente. A cultura seria o ego, enquanto que a não-cultura é o outro.

Uma característica da cultura é o relacionamento existente entre o passado e o futuro que mantém viva a memória de um grupo. Segundo Lótman (1998, p.162)

Los estados pasados de la cultura lanzan constantemente al futuro sus pedazos: textos, fragmentos, nombres y monumentos aislados. Cada uno de estos elementos tiene su volumen de "memoria"; cada uno de los contextos en que se inserta, actualiza cierto grado de su profundidad.⁴

A inovação chega do externo, como um não-texto que deve entrar em uma nova cultura. Portanto, é no momento que se traspassa dos limites entre a cultura e a não-cultura que um texto adquire significação. Ao estar do lado do caos, a cultura pode inverter seu papel, estar do lado do exterior, representando a natureza, enquanto que, outra cultura realiza o que deveria fazer a cultura. Um exemplo desses são os países do terceiro mundo que querem transformar-se em países industrializados. Nesse caso, a cultura seria representada pelos países do terceiro mundo e a natureza pelos países industrializados.

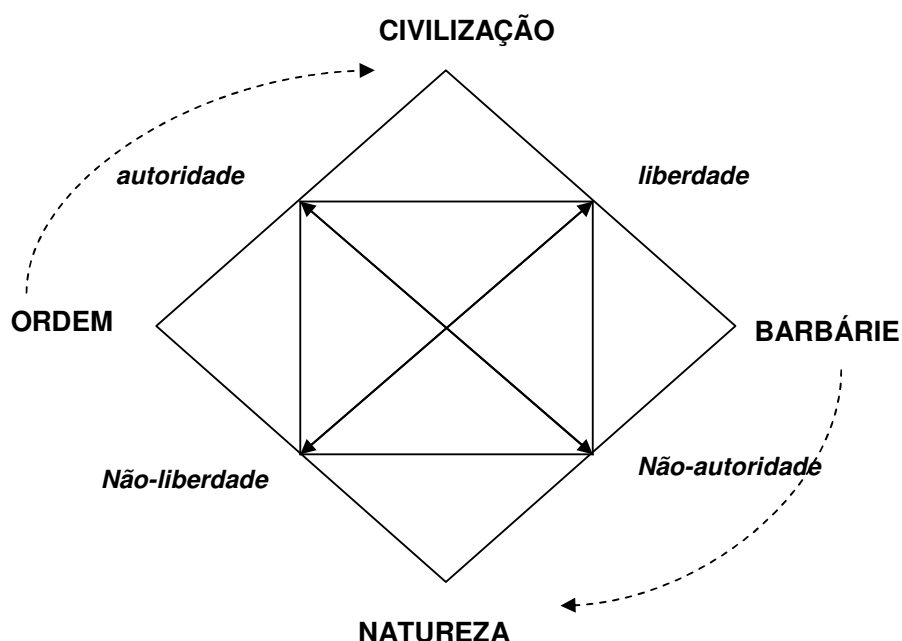
Enfim, a função da cultura para essa escola é desenvolver o estudo das diferentes sociedades como: da informação, das imagens, a sociedade pós-industrial e a sociedade global, com o objetivo de descobrir o que esses auto-modelos,

⁴ Os estados passados da cultura lançam constantemente ao futuro seus pedaços: textos, fragmentos, nomes e monumentos isolados. Cada elemento destes têm seu volume de memória, cada um dos contextos em que se inserta, atualiza certo grau da sua profundidade. (Lótman, 1998:162)

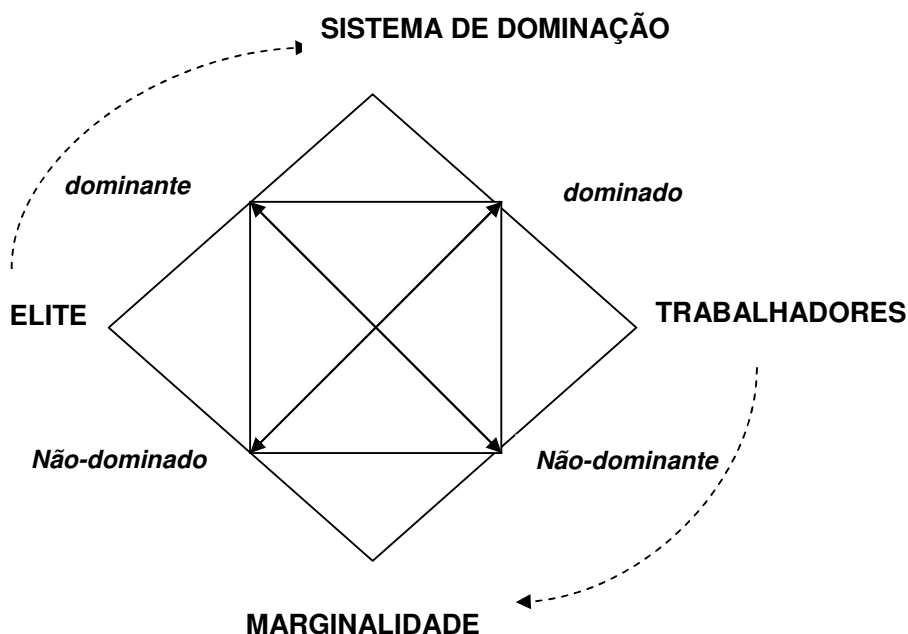
significam para a história, para a realidade. A Semiótica cultural, por conseguinte, é um ponto de vista que aplicado a um ponto de vista de uma sociedade, pode interferir e modificá-lo.

Pais (1991, p. 456) explicando o processo civilizatório, diz que, na história da humanidade comprovaram-se dois momentos: A dissolução da civilização e a sua reconstrução com um retorno pelo caminho da ordem. Para ele “a diversidade lingüística, semiótica, cultural e social é o apanágio do *homo sapiens* e sua condição de ser”. Logo, é inconcebível uma cultura que não passe por um processo de acumulação e transformação do conhecimento.

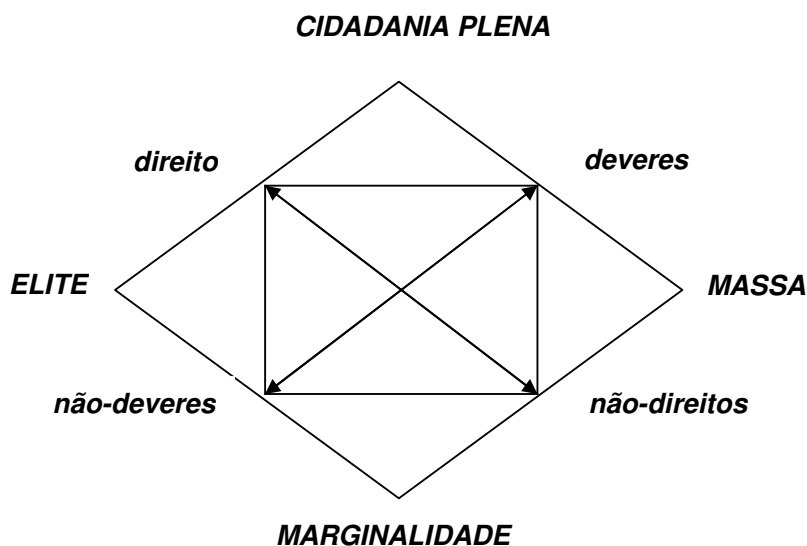
A cultura, na visão do autor, é um conjunto de ideologias, de sistemas de valores, de visão de mundo de um indivíduo ou de uma sociedade que se desenvolve no tempo e no espaço, passando por um procedimento de elaboração, experimentação e reformulação. Saber, conhecimento e competência estão relacionados com o poder que pode ser utilizado como instrumento de dominação ou de libertação. Para explicar as mudanças sociais ocorridas nesse processo, o teórico parte do modelo lógico-conceitual, o octógono semiótico, que já foi apresentado neste trabalho na descrição do nível fundamental. Aqui, Pais (1991, p.457), descreve o percurso do sistema civilizatório.



A oposição formada a partir da relação entre os contrários “autoridade x liberdade” gera o metatermo complexo “civilização” que se opõe à natureza, na dêixis negativa do octógono. Esta representa a tensão dialética entre “não-liberdade x não-autoridade”. A autoridade é o contrário de liberdade que representa a tensão dialética do universo em análise, ou seja, o processo civilizatório. A autoridade implica não-liberdade e liberdade, não-autoridade. A autoridade tem como contraditório não-autoridade e liberdade, não-liberdade. A ordem resulta da tensão dialética entre autoridade e não-liberdade, enquanto a barbárie reúne liberdade e não-autoridade.



Segundo Pais (1991) todas as sociedades apresentam seu sistema de dominação próprio, sejam estes escolhidos livremente ou impostos e se sustentam numa tensão dialética entre dominante e dominado. O contraditório de dominante é não-dominante e o de dominado é não-dominado. Dominante implica na ausência de dominado e vice-versa. O dominante sem ser dominado define a elite. O dominado sem ser dominante explica os trabalhadores. A marginalidade se encontra no eixo negativo, caracterizando-se por não apresentar dominado nem dominante (apud BATISTA, 2004 p.491)



(PAIS, 1993, p. 621-623)

Para o teórico, a cidadania plena caracteriza-se como equilíbrio dinâmico e tensão dialética entre direitos e deveres. O contraditório de direito é não-direitos e o de deveres é não-deveres. Direito implica na ausência de deveres e vice-versa. O direito sem deveres define a elite. Os deveres sem direitos explicam a massa. A marginalidade encontra-se no eixo negativo, caracterizando-se por não apresentar direito nem deveres. Os metatermos elite e massa podem ser substituídos por outros.

Segundo Rastier (2002, p.244) dois nomes contribuíram muito para o desenvolvimento do estudo da antropologia cultural: Montaigne e Humboldt. No primeiro, encontra-se esboçada a antropologia da diversidade e no segundo, seus fundamentos epistemológicos e não apenas éticos. A lingüística ultrapassa o estado normativo para atingir a descrição e reconhece: “que as leis lingüísticas são uma generalização de fenômenos singulares e não repetitivos (diferentemente dos fenômenos físicos)”.

Em 1978, surge na França a Semiótica das culturas, um estudo recente da Semiótica da Significação, proposta inicialmente por Hjelmslev e aprofundada por Greimas e os semioticistas da Escola Semiótica de Paris. Não se pode negar que o seu estudo é árduo e complexo, devido a vastidão que essa abarca e as fronteiras que tem com quase todas as ciências humanas e sociais, como as ciências da linguagem e da significação, a antropologia cultural, a sociologia e a história, que a

caracteriza como uma macrossemiótica⁵. Ela se distingue por desvendar o patrimônio que o homem ou uma comunidade possui na sua diversidade lingüística, intelectual, cultural, social, histórico, intercultural e multicultural, tanto dentro de uma mesma cultura como em relação a outras. Isso se realiza através de um processo de formulação e de reformulação de discursos e universos de discursos, ocorridos numa tensão dialética entre duas tendências contrárias, a especificidade e a diversidade que sustenta sua produção e produtividade. (PAIS, 1992, p.46-47).

As diferenças culturais existentes entre os seres humanos, a educação formal ou informal é o lugar onde ocorre a inclusão dos membros no conjunto de valores e de saberes compartilhados. Muitos dos processos de inserção entre as culturas, não são sempre apresentados de forma homogênea, uniforme, ao contrário, muitas vezes essas relações representam discórdia, manipulação, marginalização, injustiça, e preconceitos. Portanto, parece válido considerar a cultura como um complexo sistema de arquitecos e arquidiscursos das semióticas verbais, não-verbais e sincréticas de uma comunidade em questão (RASTIER, 2002, p.8).

A semiótica das culturas, conhecida, também, como ciência da interpretação, se ocupa do modo de existência e de produção de discursos, como a cognição, significação, recortes culturais, axiologias, reconceptualização, numa perspectiva multidisciplinar, utilizando a semântica cognitiva e envolvendo discursos verbais, não-verbais e sincréticos. Nesse sentido,

[...] Todo locutor participa de várias práticas sociais e conseqüentemente deve possuir várias competências discursivas. Cada uma supõe o domínio de um ou vários gêneros. [...] Em resumo, um discurso se articula em diversos gêneros, que correspondem a tantas outras práticas sociais diferenciadas no interior de um mesmo campo, até o ponto de que um gênero é o que relaciona a um texto com um discurso. (RASTIER, 1989, p.40).

Contudo, o seu objeto são as culturas humanas e sua variedade, como os discursos sociais não-literários, entendidos aqui como microssemióticas⁶, no interior

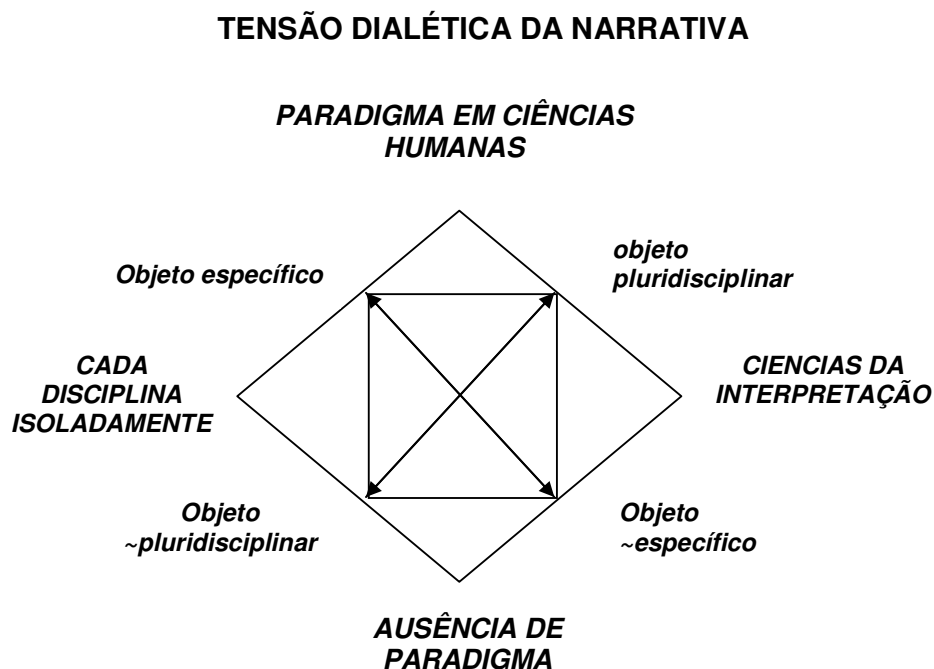
⁵ Macrossemiótica é o conjunto de sistemas semióticos e dos seus discursos, que operam simultaneamente numa mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural. Exemplo: Lingüística Portuguesa é um conjunto dos sistemas de significação que cada comunidade tem.

⁶ Conjuntos de discursos manifestados e manifestáveis, caracterizados por constantes e coerções específicas, suscetíveis de definirem normas discursivas. (PAIS, 1991, p.452).

de um universo de discurso. Esses permitem investigar o processo de produção, acumulação e transformação da função semiótica, que vem a ser a relação de dependência existente entre o conteúdo e a expressão. Analisam-se os traços socioculturais, ideologias, sistemas de valores, estruturas de poder, mecanismos de verificação e argumentação, relações intersubjetivas de tempo e espaço de uma determinada sociedade.

Para Rastier e Bouquet (2002, p.35), “o paradigma da interpretação se mantém por um fino ponto de vista, dando crédito a um objeto particular [...] pluridisciplinar nas ciências humanas [...], estabelecendo a possibilidade de acordo (analogia) entre as regras das últimas ciências cognitivas”⁷.

No diagrama, a seguir, Pais (1982), mostra a relação entre duas tendências contrárias: o objeto específico e o objeto pluridisciplinar.



Os discursos não-literários ou discursos sociais (PAIS, 1991, p.452-454) são aqueles que, embora tenham emissores e receptores individuais, seus enunciadores e enunciatários são coletivos. Estes são os discursos científicos, tecnológicos,

⁷ “ Le paradigme interprétatif doit être tenu pour un point de vue, créant un objet particulier[...]l'objet pluridisciplinaire en sciences humaines[...] l'établissement des possibles rapports réglés entre ces dernières et sciences cognitives“ (RASTIER; BOUQUET (2002, p.35).

publicitários, religiosos, e outros que são produzidos e sustentados por grupos ou segmentos sociais. Um exemplo são os discursos específicos de um partido político, de uma comunidade científica, do sindicato de trabalhadores, de um grupo profissional e outros que se caracterizam por terem estruturas de poder próprias, mecanismos de argumentação-verificação específicos, processo de manipulação peculiar, relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciação e enunciado igualmente específicas. São considerados *não-literários*, porque embora tenham uma função estética com características próprias, sua eficácia e o seu estatuto sociosemiótico, conferido pela sociedade, não depende dela. O discurso científico, quanto às estruturas de poder, qualifica-se como um *poder-fazer-saber*; o discurso tecnológico se define como um *poder-saber-fazer*; o discurso publicitário apresenta uma combinatória modal mais complexa, *poder-fazer-saber* \Rightarrow *poder-fazer-querer* \Rightarrow *poder-fazer-creer* e o discurso religioso como um *poder-fazer-creer*,

A produção de significação e de sentido, constitutivos desses discursos, apesar de terem características próprias e específicas, só se sustenta em nível de semântica profunda e hiper-profunda, se eles pertencerem a uma mesma macrossemiótica, tendo recortes culturais compatíveis, ideologia coerente, nas relações entre o conceber, o designar e a visão de mundo de uma cultura.

Para explicar as zonas antropológicas consideradas na semiótica das culturas, Rastier e Bouquet (2002, p.8-9) afirmam que a relação que o homem tem com a sociedade é comparada ao acasalamento biológico do organismo com a circunvizinhança, que para a semiótica é o contexto, o ambiente onde se realiza o discurso que compreende os gêneros textuais, orais e escritos. Essa, a sua vez, está ligada à três zonas: a zona identitária, a proximal e a distal que respectivamente representam a coincidência, a adjacência e a estranheza. No quadro abaixo pode-se perceber mais detalhadamente os estados de rupturas desse relacionamento.

	Zona Identitária	Zona proximal	Zona distal
Pessoal	eu, nós	tu, vós	ele, ela, isso
Temporal	agora	Em seguida	passado / futuro
Espacial	aqui	aí	ali – lá / em outro lugar
Modal	Certo	provável	Possível / irreal

(RASTIER; BOUQUET, 2002, p.9)

Existe uma maior aproximação entre a zona identitária e a zona proximal, enquanto que a relação dessas duas com a terceira, zona distal é onde ocorre uma ruptura maior. Essa representa, no eixo das pessoas, uma ausência de interlocução, é como falar de alguém que está distante, de um mundo ausente, o que não ocorre na linguagem dos animais. Somente através dos desligamentos que o homem realiza com a zona distal, que ele é capaz de deslocar-se no eixo do tempo e do espaço e do mundo para a vida dos ancestrais, dos heróis, do passado, do futuro, e da utopia. Como afirmam os teóricos, o conteúdo das zonas vai depender das culturas e das práticas sociais que essas exercem.

3 PROCESSO MIGRATÓRIO LATINO-AMERICANO PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

3.1 Preliminares

Os movimentos migratórios, conhecidos também por deslocamentos de populações humanas, constituem um fenômeno muito antigo na história da humanidade. Caracterizam-se pela busca de novas oportunidades de vida que, em consequência, influenciam os aspectos políticos, sociais, culturais e religiosos dos países e das regiões de destino e de origem do migrante, respectivamente. Estes movimentos marcaram determinadas épocas da história da humanidade, em que se constata a força intrínseca no homem, de sobrevivência e de ambição.

Na Idade Média, do século V ao XV, constataram-se vários acontecimentos migratórios em que a Europa recebeu significativa migração de povos bárbaros. Já no período mercantil, compreendido entre 1500 e 1800 e dominado pela Europa em muitas regiões do mundo, durante três séculos, os migrantes pertenciam na sua maioria a três grandes grupos: colonos agrícolas, administradores e artesãos bem como grupo menor de empresários. Dado ao número limitado de europeus comprometidos com a agricultura e, ao pouco sucesso com a mão-de-obra indígena, os europeus trouxeram os africanos para este tipo de trabalho, ocasionando, assim, a famosa migração forçada de escravos.

Outra etapa importante foi o período industrial que iniciou no século XIX e teve suas raízes no progresso econômico da Europa, desenvolvendo-se depois nas antigas colônias do Novo Mundo. Segundo Durand e Massey (2003, p.12), estudiosos dos movimentos migratórios, entre 1800 e 1925, mais de quarenta e oito milhões de pessoas deixaram os países industrializados da Europa em busca de

uma nova vida nas Américas e na Oceania. Desses migrantes, sessenta por cento se deslocaram para os Estados Unidos da América.

Com a Primeira Guerra Mundial, houve uma grande redução da migração, mas esta retoma as suas atividades no início dos anos vinte. Nessa época, os países receptores, principalmente Estados Unidos, já tinham leis que limitavam a migração. Nos anos trinta e quarenta, a mobilidade migratória internacional diminuiu e os movimentos se deram com refugiados e transferidos que não tinham relações com o desenvolvimento e crescimento econômico.

A migração pós-industrial teve seu início na década dos sessenta e transformou os movimentos migratórios num fenômeno global. O número dos países de origem e receptores aumentou, como foi o caso da Itália, Espanha e Portugal que começaram a receber migrantes do Oriente Médio, da África e da América do Sul. Na década dos oitenta, estendeu-se ao Japão, Coréia, Hong-kong, Singapura, Malásia e Tailândia. A provisão global de migrantes, nesse período, atraiu países muito povoados nas suas primeiras etapas de industrialização em direção a regiões pós-industriais, densamente povoadas e economicamente desenvolvidas.

Nos anos noventa, a migração internacional transformou-se num verdadeiro fenômeno de globalização, incentivando a estudiosos sociais de diferentes ciências a formular teorias que explicassem sua origem e o seu desenvolvimento no tempo e no espaço. Todas essas teorias desempenharam papéis relevantes para explicar estes fluxos migratórios particulares em função das diferentes regiões do mundo, dependendo das circunstâncias históricas, políticas e geográficas.

Com a globalização, os processos migratórios tiveram uma grande repercussão. Na América Latina, o auge desses movimentos se deu na década de sessenta e início de setenta.

Dado a vastidão do tema “migração”, este trabalho tratará do que diz respeito aos movimentos migratórios de países da América em direção aos Estados Unidos.

3.2 Migração ilegal latinoamericana

Levando em consideração os movimentos migratórios da América Latina em direção aos Estados Unidos, tema objeto deste trabalho, é importante observar as mudanças ocorridas nesses países no decorrer da história. Durante muito tempo

Latino-América foi receptora de milhares de migrantes de diferentes partes do planeta. Hoje, são os latinos que emigram em busca de melhores condições econômicas em países mais desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos da América.

A migração latino-americana nos Estados Unidos teve o seu início a partir de 1849, com migrantes mexicanos. Na sua maioria, eram jovens do sexo masculino da



Fig 1
Braceros mexicanos
<http://www.cimmyt.cgiar.org/english/wps/news/2006/imaps/nov01.jpg>

vida rural que, para trabalhar nas terras norte-americanas, só atravessavam o rio Grande, conhecido no México por Rio Bravo, pois não existia ainda o muro que dividia as fronteiras entre os dois países. Estes começaram os trabalhos braçais na agricultura e na mineração, trabalhos temporários que não lhes permitiam ter moradia. Viviam nos campos, alojados em quartos coletivos no período das

plantações e colheitas e depois voltavam para seu país de origem. Com o decorrer do tempo, a necessidade de mão-de-obra nos Estados Unidos cresceu em consequência, o fluxo migratório aumentou, fazendo parte as mulheres e as famílias.

Os países da América Central e do Sul também começaram a migrar em direção ao norte da América em busca de novas oportunidades de vida. No caso da migração de Centro América, a situação foi diferente do México. No passado, a guerra foi a responsável pelo êxodo de grande quantidade de pessoas que, para salvar-se



Fig 2
Mexicano trabalhando no campo - EUA
www.vozcatolica.org/56/vivero.jpg

das atrocidades, deixaram seus países em busca de melhores condições de vida. Entre eles, existiam refugiados políticos, refugiados de guerra e civis que se sentiam ameaçados e já não suportavam a violência, a terrível crise econômica e a falta de trabalho. Buscaram refúgio nos Estados Unidos, país que contribuiu para que a guerra ocorresse em suas regiões.

De acordo com Laura Carlsen, diretora do Programa de las Américas del Interhemispheric Resource Center (IRC), no seu discurso ao Seminário *Migrantes y su derecho a la comunicación de la Asociación Mundial para la Comunicación Cristiana en América Latina (WACC-AL)*:



Fig 3
Mapa de Guatemala e América central
http://go.hrw.com/atlas/span_h/htm/elsalvad.htm

La política exterior de Estados Unidos en Centroamérica ha sido una política de guerra. El financiamiento de la contra nicaragüense, el apoyo a la represión en El Salvador, la cooperación con las campañas de genocidio en Guatemala--esto ha sido la política de Estados Unidos en Centroamérica y su legado fue una ola de refugiados que fueron a menudo rechazados a pesar de cumplir con todos los requisitos legales para refugiados políticos. Aceptarlos hubiera sido aceptar responsabilidad por las políticas de intervención y violencia que se llevaban a cabo en sus países de origen, y el gobierno no podía hacer eso. Así que la imagen de los migrantes centroamericanos que se vendía a los medios fue de unas personas que habían hecho un desastre (solitos, por supuesto) de su propio país y ahora querían disfrutar de la gran democracia y prosperidad americana. (CARLSEN, 2004)⁸

⁸ A Política exterior dos Estados Unidos da América em Centro América tem sido uma política de guerra. O financiamento da contra-nicaraguense, o apoio à repressão em El Salvador, a cooperação nas campanhas de genocídio em Guatemala – foi a política dos Estados Unidos em Centro América – Seu legado foi uma onda de refugiados, muito rejeitados, embora tenham cumprido todos os

Não obstante todas as dificuldades que os centro-americanos experimentaram para entrar e viver no norte da América, o fluxo migratório aumentou. Já não se refugiam da guerra e sim, de toda conseqüência que essa deixou: da fome, da falta de trabalho e do salário miserável. A falta de oportunidade de desenvolvimento para os profissionais também colabora para que pessoas qualificadas deixem seus países com anseio de poder desenvolver-se nos Estados Unidos.



Fig 4
Indocumentados

<http://enlineadirecta.info/fotos/migrantesfalfu.jpg>

Em El Salvador, atualmente, estima-se que uma quinta parte da população emigrou. Já em Guatemala, com uma população de onze milhões e meio de habitantes, dez por cento vive fora do país. Segundo BASSEGIO (2005), somente no ano de 2000, migraram cento e setenta e sete mil pessoas, sessenta e três por cento de forma irregular, via *coyotes*⁹ e quinze por cento através de visa legal de turista.

requisitos legais de refugiados políticos. Aceitá-lo teria sido aceitar responsabilidades na política de intervenção e de violência que ocorria em seus países de origem, e o governo não podia fazer isso. Dessa forma, a imagem dos migrantes centro-americanos, que se venderam aos meios, foram imagens de pessoas que tinham feito um desastre do seu país e agora queriam desfrutar da democracia e prosperidade americana. (CARLSEN, 2004.<www.irc-online.org>. Acesso 05/10/2005)

⁹ *Coyote* ou *pollero*, em espanhol se refere ao guia dos migrantes ilegais que os conduzem aos Estados Unidos da América.

Atravessar hoje as diferentes fronteiras dos países centro-americanos e do México, para chegar aos Estados Unidos, está ficando cada vez mais perigoso e custoso para os migrantes. Estes sabem que arriscam a própria vida nesse percurso e que também podem ser deportados a qualquer momento a seus países de origem, uma vez que a vigilância é constante e severa. Contudo, o objetivo de mudar de vida do migrante é muito mais forte, levando-o a pagar qualquer preço, físico, moral e econômico para alcançar a sua meta. Veja o que diz Bassegio (2005) diz a respeito:

Nada os detém, saltam muros, cavam buracos, exploram túneis, viajam de trem, ocultos em caminhões, em frágeis lanchas, caminham de noite, mudam de nome, nacionalidade, clima, sotaque, amigos e família. Vão dispostos a tudo, mesmo contra todas as limitações que enfrentam no caminho: guardas, ladrões, gatos e coiotes. Tem todo o direito de migrar. Nada é ilegal.

Para obterem o dinheiro da viagem, que deve ser paga antecipadamente, muitos migrantes vendem tudo o que têm ou conseguem dinheiro emprestado com amigos e familiares. A maioria contrata os serviços de empresas clandestinas encontradas nos diferentes países do Centro e Sul da América que se dedicam a esse tipo de travessia. Custa caro esse serviço, contudo, oferece maior probabilidade de que o migrante consiga entrar em território norte americano. Essas empresas têm seus guias clandestinos conhecidos como *coyotes* ou *polleros*, que têm contatos estratégicos para conseguirem atravessar as fronteiras. Para isso, eles devem subornar empregados de migração e policiais mexicanos que aceitam dinheiro para facilitarem a travessia. Os traficantes de migrantes também têm casas na fronteira que servem para esconder os migrantes durante a viagem por horas, dias ou semanas. Segundo a *Comisión Interamericana de Derechos Humanos* (2001), as condições dessas casas, em sua maioria, são muito deterioradas. Não oferecem serviços sanitários nem camas. Muitas vezes, o migrante, para sobreviver nesses lugares, recebe somente água. Os atravessadores oferecem também, transporte clandestino, contratos de trabalho, documentos falsos, casamentos arranjados entre migrantes e residentes, alojamento, crédito e outros serviços nos Estados Unidos.

A maior dificuldade da travessia é escapar da vigilância norte-americana, que não se deixa subornar pelos *coyotes*, ao contrário, fazem de tudo para impedir a entrada de *indocumentados*¹⁰. O muro que divide a fronteira do México dos Estados Unidos mede três mil cento e quarenta quilômetros que atravessa a América do Norte, de oeste a sudeste, desde a Califórnia, no oceano Pacífico até o sul do



Fig 5
vigilância da polícia americana
http://jameswagner.com/mt_archives/005596.html



Fig 6
Controle da fronteira México-EUA
<http://www.todito.com/imagenes/noticias/216473.jpg>

Texas, no Golfo do México. Este está controlado por agentes estadunidenses que utilizam os meios mais modernos, como sensores, helicópteros, polícia montada, polícia motorizada, faróis e outros.

Devido ao aumento da vigilância, “o Rio Grande”, fronteira do México com Estados Unidos, deixou de ser o acesso mais utilizado pelos migrantes para entrarem em terras norte-americanas. Hoje, a maioria dos *indocumentados* busca o deserto, lugar mais difícil de acesso, que requer deles um bom estado físico para conseguirem suportar o calor, a fome, a sede, o risco de serem mordidos por cobras ou mesmo baleados pelos fazendeiros americanos que estão na fronteira com o México e não concordam com a presença do ilegal no país. Esses fazendeiros se sentem invadidos pelos *coyotes* que, para fugirem dos agentes, cortam os arames

¹⁰ *indocumentados* se refere aos migrantes que entram nos Estados Unidos da América sem o visto de entrada autorizado pela autoridade migratória.

que cercam as suas propriedades e ordenam aos ilegais que corram pela propriedade, destruindo as plantações e deixando escapar os animais da fazenda.



Fig. 7.
Rio Grande (México-EUA)

Entre os *coyotes*, existem os que são considerados bons, porque ajudam o migrante nos momentos de dificuldades da travessia e os que deixam morrer na estrada, aqueles que não conseguem estar no mesmo ritmo dos demais, que foram mordidos por cobras ou que não conseguem mais caminhar. As regiões utilizadas são desprovidas de tudo e o migrante não pode levar consigo mais que uma pequena mochila e água, pois devem estar leves e ágeis para caminharem e correrem da vigilância americana. Contudo, o número de ilegais que conseguem entrar dessa forma é muito grande. O grande sonho da maioria, ao entrar nos Estados Unidos, é conseguir trabalhar, ganhar dinheiro para construir uma casa boa na sua

Fig. 8

Grupo de migrantes que caminham
<http://www.univision.com/content/content.jhtml>



terra, obter algumas economias e voltar ao país de origem, porém, a influência da sociedade de consumo os conquista e a maioria termina ficando lá. Um fator

relevante que colabora para que isso ocorra, são os filhos que nascem nos Estados Unidos. São as consideradas segundas gerações, que se inserem num contexto de vida muito diferente da primeira. Ao nascer nos Estados Unidos, gozam dos privilégios de cidadão norte-americano que a primeira geração não teve. A língua não é problema para eles já que têm as escolas bilíngües, inglês-espanhol e os contatos que lhes facilitam a aprendizagem, sem contar com o ambiente e amigos. Não têm interesse algum em voltar para os países de origem dos pais, a não ser para passear e encontrar os parentes.

A presença dos hispanos¹¹ foi e continua sendo de enorme contribuição para a mão-de-obra barata no país. No caso das famílias, são os homens que migram primeiro e depois mandam buscar os familiares. Os seus trabalhos são considerados menos classificados e pouco remunerados, em comparação com o salário de um estadunidense. A maioria trabalha na agricultura, em serviços de limpeza, nos hotéis, restaurantes, em casas particulares, jardinarias, em construções, cozinhas, serviços de bares, indústrias de pescas, fábricas, lojas, boates, como acompanhante de pessoas idosas e doentes. Existem, também, aqueles que conseguem montar seu próprio negócio ou que obtêm melhores condições de trabalho. Tudo isso vai depender da preparação profissional de cada um e do conhecimento que tenha da língua inglesa. Os mais interessados por esse tipo de mão-de-obra são os empreendedores norte-americanos, já que pagam menos e não têm compromisso com a assistência social.

As remessas que os migrantes enviam aos seus países de origem é um tema sobre cujos efeitos os estudiosos dos processos migratórios se encontram divididos: alguns defendem que geram dependência econômica no centro e sul da América, já outros dizem que contribuem para a redução da pobreza desses países. De acordo com a *Comisión Interamericana de Derechos Humanos* (2001), provavelmente os efeitos sejam de ordem mista, com elementos positivos e negativos. Vai depender do processo migratório de cada país, do tempo e da forma como as remessas são aplicadas. Atualmente, as remessa já não se limitam a ajudar somente os familiares, essas contribuem também com projetos em prol do bem-comum de suas comunidades, como construção de igrejas e manutenção de obras públicas.

Segundo a pesquisa realizada por Bram (2004),

¹¹ Hispanos: nome dado aos migrantes do centro e sul da América que vivem nos Estados Unidos.

Las remesas colectivas muestran el alto grado de organización que tienen los salvadoreños que viven en el exterior. Y se organizan a nivel de las comunidades en ambos sitios, sin dependencia en gobiernos o agencias internacionales. Una salvadoreña que vive en Boston cuenta que “Acá existen grupos que tienen relación con El Salvador. Hay un pequeño comité que para cualquier cosa que sea, está mas al tanto de lo que esta pasando, lo que se necesita. También hay otro comité que se llama el Comité San Vicente. Y el Comité Plan de la Mesa. Hay pequeños comités que se unen. Talvez en ese pueblo no hay una calle que pueda entrar un carro; hacen la calle. El dinero se envía de acá para allá.”¹²

O caso do êxodo de profissionais qualificados dos países emissores, que vão à procura de melhores salários e condições de trabalho, o consenso comum é do efeito negativo que a migração oferece. Os governos do centro e sul da América se lamentam dessa perda, mas não se dedicam a criar novas fontes de trabalho que solucionem esse grande problema do continente. Para eles, parece mais cômodo receber as remessas que os migrantes enviam aos seus países de origem sem terem de investir nessas pessoas.

Segundo as informações dadas através do Boletim da Pastoral dos Brasileiros no Exterior – PBE,

[...] o número de latino-americanos que saem de seus países, em busca de sobrevivência. Em 1990 eram 8,4 milhões, agora já são 20 milhões de latino-americanos vivendo em outros países. A busca da sobrevivência é sempre o motivo maior dos migrantes. Isto aparece, por exemplo, nos dados que revelam a remessa de divisas, realizadas pelos migrantes latino-americanos. Em 2003, foram enviados 38,5 bilhões de dólares para as famílias dos migrantes em seus países de origem. Para alguns países, como El Salvador, a remessa dos migrantes já é a principal receita do governo. O México é o país que mais recebe dinheiro dos migrantes, chegando a 15 bilhões de dólares em 2003, quantia só superada pela exportação de petróleo. (VALENTINI, 2005).

¹² As remessas coletivas demonstram o alto-grau de organização que têm os salvadorenhos que moram no exterior. Estes se organizam em nível de comunidades em ambos lugares, sem dependerem do governo ou das agências internacionais. Uma salvadorenha que mora em Boston disse: “Aqui há grupos que mantêm relação com El Salvador. Existe um pequeno comitê que sabe tudo o que ocorre e do que necessitam. Existe também outros que se chamam Comitê São Vicente e Plano da mesa. Existem pequenos comitês que se unem. Talvez nesse povoado não tenha uma rua em que possa entrar um carro, então eles constroem. O dinheiro se envia daqui para lá.

Nos últimos anos, principalmente depois do atentado de onze de setembro de 2001¹³, a migração ilegal se transformou num tema muito debatido nos Estados Unidos. A desconfiança e o medo invadem totalmente o país e os migrantes são alvos dessa suspeita. “No campo da segurança, a defesa interna e a vigilância nas fronteiras e aeroportos tendem a assumir espaço relevante na agenda americana, e, por extensão, na cooperação política internacional” (BARBOSA, 2002, p.77).

A população estadunidense encontra-se dividida entre aqueles que apóiam os *indocumentados* e aqueles que os vêem como um perigo para o país. Estes, além de serem apontados como bodes expiatórios da situação de insegurança que o país atravessa, são acusados por roubarem postos de trabalhos de norte-americanos, já que trabalham por um valor inferior ao que se paga a um norte-americano ou migrante documentado. São considerados como um peso para a economia do país, por utilizarem serviços grátis ou subsidiados pelo governo norte-americano, como a educação, serviços médicos, assistência familiar, ajuda alimentícia e seguro desemprego. Para contestar essa visão negativa, os estudiosos GRIEGO e CAMPOS (1988, p.87) afirmam:¹⁴ “Em Califórnia los *indocumentados* reciben un tanto más de lo que pagan en impuesto debido, principalmente al uso de las escuelas por sus hijos.” Os migrantes *indocumentados* são obrigados a colocar seus filhos na escola até a conclusão do ensino médio, porque assim exige o governo norte-americano. Contudo, a crueldade norte americana é não permitir ao estudante, migrante ilegal, fazer um curso universitário.

A favor do migrante, nos Estados Unidos, existem vários grupos, de diferentes regiões do país que os apóiam. São pessoas pertencentes a diferentes religiões que defendem a liberdade do migrante em buscar a sua sobrevivência; grupos humanitários; grandes e pequenos empresários que não querem pagar altos impostos e salários; agências de serviços sociais que se sustentam desse trabalho; fazendeiros que precisam da mão-de-obra barata para cultivar suas terras e cuidar dos animais; políticos que vêem no migrante uma força laboral no país. Todos esses, reconhecem o potencial transformador que a população de migrantes oferece à economia dos Estados Unidos.

¹³ Atentados de onze de setembro foram uma série de ataques contra alvos civis nos Estados Unidos.

¹⁴ Na Califórnia os migrantes, que não têm o documento migratório de permanência no país, têm um melhor salário em comparação aos migrantes que pagam impostos, principalmente pelo uso das escolas de seus filhos.

Em janeiro de 2004, Bush, com o objetivo de ganhar os votos dos hispanos que têm o direito de votar no país, propôs uma reforma migratória integral que consiste em legalizar os *indocumentados* que vivem nos Estados Unidos. Ofereceu-lhes liberdade para entrar e sair do país; mobilidade laboral e reunificação da sua família. Esse programa favorecia os grandes e pequenos empresários que não podem pagar a estadunidenses, nem a residentes legais. A proposta de trabalho seria de um prazo de três anos e com possibilidade de renovar-se por outros três, mas logo teriam de voltar para o seu país de origem, sem possibilidade de obter a residência nos Estados Unidos. O comitê judicial do Senado propõe que o migrante ilegal que estiver residindo no país, antes do ano 2004, pode continuar trabalhando, desde que pague uma multa de mil dólares e não tenha antecedente criminal. Oferece, ainda, a possibilidade de obter residência no país após ter concluído o contrato dos seis anos de trabalho, desde que conheça a língua inglesa e pague os impostos de renda referentes aos anos que trabalhou no país. Os extremistas dos Estados Unidos não aceitaram essas propostas e responderam com uma contra ofensiva de não deter apenas qualquer tentativa de reforma às leis migratórias, mas de incriminar, marginalizar e expulsar os ilegais.

Ante a situação tensa, com relação à migração ilegal, os migrantes revoltam-se e protestam seus direitos nas ruas, de diferentes cidades dos Estados Unidos, com uma manifestação intitulada: "Um dia sem migrante". A agência de notícias "Adital"¹⁵, comenta a manifestação realizada pelos migrantes hispanos no dia primeiro de maio de 2006.

O dia sem os imigrantes pretende mostrar a força que tem a mão-de-obra latina na economia norte-americana e impedir que o governo desse país aprove leis anti-migratórias que são agressivas aos direitos humanos. Entre elas: a construção do muro entre os EUA e o México, a criminalização e aumento de penas contra os sem documentos, e a punição para cidadãos norte-americanos que os ajudem. (ADITAL, 2006)

¹⁵ Adital é uma agência de notícias que teve sua origem em dezembro de 1999, quando três entidades italianas - a Fundação "Rispetto e Parità", a Agência de Notícias "Adista", a Rede "Radiè Resch" -, apresentaram ao Frei Betto a proposta de organizar uma agência de notícias que divulgasse para o mundo a vida e os processos sociais da América Latina e do Caribe. Hoje, além de uma ampla rede de correspondentes em diferentes países da América Latina e do Caribe. ADITAL recebe suas informações de pessoas e grupos que constroem cidadania em seus países. <<http://www.adital.com.br>>. Acesso 20/05/2007



Fig 9

Manifestação de migrantes.

<http://www.arribatende.com/images/stories/2006/mar/manifestaciones1.jpg>

BACHTOLD (2006), colaborador da Folha on-line da Uol, afirma que, segundo a Secretaria de Segurança Interna dos Estados Unidos: o número das prisões na fronteira do México com Estados Unidos caiu 8,4% no período entre outubro de 2005 e setembro de 2006. Diz ainda:

A Secretaria de Segurança Interna dos EUA atribui a queda à nova política do governo de deportação imediata de todos os não-mexicanos detidos na fronteira. Outra novidade no período foi a unificação das forças de vigilância da Marinha e da Aeronáutica sob o controle do departamento responsável pelas fronteiras. O país conta atualmente com 250 aviões, 500 pilotos e 200 barcos atuando nas divisas. (ADITAL, 2006)

A situação econômica em que vivem países do Centro e do Sul da América não oferece estabilidade econômica a seus habitantes. O número dos pobres cresce cada dia e o trabalho oferecido é insuficiente para suprir as necessidades da população além de ser mal remunerados. Esta é a principal responsável pela migração em massa para os Estados Unidos, sem a qual, não se sabe como resistiriam, pois há muitos aportes oferecidos pelos migrantes com sua presença.

Cada migrante que deixa sua terra leva consigo grande riqueza: a sua cultura; seus costumes; sua religiosidade e sua língua. Contudo, existe uma complexidade e diversidade nos efeitos sociais que a migração produz nos Estados Unidos e isso porque depende do país de origem do migrante, da sua formação, dos seus valores, que se distinguem de um país para outro, mesmo se todos estão na América. Esse traz consigo valores profundos enraizados na cultura política do país de origem, que desponta no seu modo de agir, de pensar, de interpretar e de avaliar uma situação. Um exemplo muito esclarecedor é o que os estudiosos da migração mexicana CHELIUS e SALDAÑA (2002, p.66) apresentam:

El machismo, en la experiencia social y política compartida por los mexicanos deriva en diferentes prácticas como el autoritarismo en la familia, la posición subordinada de la mujer, la violencia intrafamiliar; o el presidencialismo, que no sólo es la caracterización del sistema político mexicano, sino que es la cristalización de prácticas y valores que han servido para legitimar el autoritarismo, que se sostiene, a su vez, gracias a la reproducción de una rígida estructura social, de clase, raza y género.¹⁶

Segundo ainda, Chelius; Saldaña (2002) e Lomnitz (2000), o ato de corrupção existente no México é uma ação coletiva e cotidiana, encontrada em diferentes níveis que atinge todos os cidadãos, professores, juízes, advogados, líderes políticos, patrões, policiais e presidentes. Em alguns casos, a corrupção é injustificável, porém, a nível pessoal, pode ser vista como coragem, ousadia que as pessoas utilizam para superar os obstáculos. Contudo, o exemplo citado aqui não é

¹⁶ O machismo, na experiência social e política compartilhada pelos mexicanos, tem suas origens em diferentes práticas como o autoritarismo na família, a posição subordinada da mulher, a violência intra-familiar, o presidencialismo, que não só caracteriza o sistema político mexicano, mas que é a cristalização das práticas e dos valores que serviram para legitimar o autoritarismo, que à sua vez se sustenta graças à reprodução de uma rígida estrutura social, de classe, raça e gênero.

característico somente do México, ele se encaixa perfeitamente nos demais países do centro e sul da América. A informalidade das relações existente nesses países em que a maioria das coisas são obtidas através de amizades, apadrinhamentos e corrupções, provoca um choque cultural na cultura estadunidense que não admite certos comportamentos.

Portanto, não é tão simples inserir-se numa nova cultura completamente diversa. É só com o tempo que o migrante adquire novos valores de uma sociedade capitalista, em que o trabalho é considerado uma escola de vida que lhe permite desenvolver-se. Aprende a trabalhar num ritmo muito mais intenso, de dez a doze horas de trabalho por dia; a aproveitar o tempo, ser mais prático e a usar máquinas. Veja o que diz Piore:

*La experiencia de trabajo en una economía industrial cambia los gustos y motivaciones de los migrantes. Aunque la meta inicial de los migrantes sea la obtención de mejores salarios y su objetivo inmediato sea limitado, adquieren un concepto de movilidad social y un gusto por el consumo y estilos de vida que son difíciles de lograr por medio de un trabajo local.*¹⁷ (PIORE, 1979, p.55).

E isso se comprova nos países de origem dos migrantes latinos em que esse modo de trabalhar dos Estados Unidos, se transfere às suas comunidades, ocasionando assim diferenças, maior prosperidade, entre os demais que não tiveram a oportunidade de migrar.

O migrante adquire, também, uma forma de comunicar-se mais objetiva e direta; um sentido novo da responsabilidade. A necessidade de ter sempre mais, fruto do sistema em que vive também o conquista. É um grande consumidor de eletrodoméstico, aparelhos eletrônicos, roupas e calçados que o faz ser um grande contribuinte para os Estados Unidos. O dinheiro parece não ser nunca suficiente para as necessidades, fazendo com que a maioria do migrante não queira voltar a viver no seu país de origem, onde não tem as mesmas possibilidades de vida.

¹⁷ A experiência de trabalho numa economia industrial é motivo para que se modifiquem os gostos e as motivações dos migrantes. Mesmo se seus objetivos, obter maior salário, sejam limitados, esses adquirem um novo conceito de mobilidade social, gosto pelo consumo e estilo de vida que é difícil que aconteça em um trabalho local. (PIORE, 1979, p.55).

Para manter sua identidade, o migrante conserva vínculos com seus países de origem, através dos parentes e amigos. É importante para ele não perder o contato com sua cultura e, para isso, aproveita todos os meios que lhes permitem manter-se em contato com seu país, como a televisão internacional, a internet, o rádio e cartas. Quando é possível, viajam durante as férias para visitar a família. Em algumas comunidades onde a presença do migrante é grande, sacerdotes e pastores latinos se transferem para os Estados Unidos com o objetivo de acompanhar essas pessoas.

Enfim, o processo migratório de ilegais do norte ao sul da América para os Estados Unidos, que prioriza o fator econômico, está dando margem ao surgimento de um fator sócio-político, que envolve todo o continente americano. São mudanças ocorrentes da troca entre as diferentes culturas que convivem juntas, num contínuo processo de assimilação e de aprendizagem recíproca. Esse fenômeno que está dando origem a novas formas de viver nas comunidades de destino e de origem dos migrantes.

3.3 Migração mexicana

México possui um processo migratório de tradição centenária com os Estados Unidos e é provavelmente o movimento mais duradouro da migração mundial. Os fatos que serão apresentados fazem ver que essa migração é conseqüência dos acordos econômicos que se revelam conflitantes e exerceram uma forte influência na política e na cultura de ambos os países. O conflito que percorreu os diversos acordos de gestão na luta pela soberania da terra ao norte do Rio Grande teve início em 1821, quando a Espanha vendeu a Flórida aos Estados Unidos por cinco milhões de dólares e reconheceu a independência da República Mexicana, cedendo-lhe os demais territórios. Em 1835, o Estado do Texas tornou-se independente do México e, em 1845, passou a fazer parte do território norte-americano, cortando, portanto, as relações diplomáticas entre ambos os países.

No ano de 1846, os Estados Unidos invadiram as terras mexicanas, dando início a uma guerra expansionista que terminou em 1848, com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, que concordava com a venda de 1.528.241 quilômetros quadrados de terras mexicanas aos Estados Unidos. Por quinze milhões de dólares,

México perde quarenta e cinco por cento do seu território e os Estados Unidos, meio século depois, transformam-se numa grande potência do mundo.

La firma del Tratado de Guadalupe Hidalgo garantizaba que los mexicanos que decidieran permanecer en el territorio perdido serían tratados como ciudadanos estadounidenses. En la práctica, las interpretaciones que funcionarios de California y otras entidades le dieron el acuerdo, tuvieron como resultado un trato discriminatorio que facilitó la negación de poder político a los mexicanos.¹⁸
(CHENIUS; MARTÍNEZ, 2002, p.163)

A Constituição Estatal de 1849 acrescentou ao Tratado de Guadalupe Hidalgo uma cláusula de restrição racial em que somente os homens brancos tinham direito a este acordo e, como a maioria dos mexicanos eram índios e mestiços, ficaram excluídos. Nessa época, surge a necessidade de controlar e cultivar as novas terras conquistadas pelos Estados Unidos. Para isso, chegou o primeiro grupo de trabalhadores mexicanos com experiência em mineração e em agricultura, dos Estados de Sonora, Chihuahua, Coahuila e Tamaulipas. Eram peões endividados que fugiam; pequenos produtores independentes afetados por desastres naturais; invasões indígenas e outros que não tinham trabalho. A grande maioria era de jovens, solteiros, fortes e disponíveis para morar em alojamentos comunitários improvisados, sem conforto algum, nem proteção do frio. Os trabalhos eram temporários e somente na época da plantação e colheita requeriam um número maior de trabalhadores.

¹⁸ A assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo garantia que os mexicanos que decidissem permanecer em território perdido, seriam tratados como estadunidenses. Na prática, as interpretações que os funcionários da Califórnia e de outras entidades, deram ao acordo, aumentou mais a discriminação, facilitando assim, a negação do poder político aos mexicanos.(CHENIUS;MARTINEZ, 2002, p.163).



Fig 10
 Braceros mexicanos indo para EUA.
<http://cultura.iteso.mx/c3/05a/vidas-migrantes.htm> Dorothea Lange

Em 1853, determinam-se os limites das atuais fronteiras entre ambos os países, mas as guaritas para o controle de entrada e saída de estrangeiros foram construídas somente em 1894. Naquele período, a principal preocupação das autoridades migratórias norte-americanas não era deter o fluxo mexicano, mas sim delimitar o seu território e impedir a entrada dos chineses nos Estados Unidos.

[...] la frontera empezó a ser algo más que simbólica a partir de 1924, con la creación de la Patrulla Fronteriza, y cuando se empezaron a aplicar medidas coercitivas, no sólo administrativas, de control fronterizo. (DURAND; MASSEY. 2003 p.58).¹⁹

No final do século XIX, o México ligou as estradas de ferro desde o interior do país até o Passo do Norte, na fronteira com Estados Unidos, facilitando ainda mais o fluxo migratório de mexicanos para o norte da América. Nesse período foram os

¹⁹ A fronteira começou a ser mais que um símbolo, a partir de 1924, com a declaração da Patrulha Fronteira, ao começarem a aplicar medidas não só de administração da fronteira, mas coercitivas. (DURAND; MASSEY. 2003, p.58).¹⁹

próprios americanos das estradas de ferro e da agricultura que entraram no México para recrutar trabalhadores, persuadindo-os de que, nos Estados Unidos, ganhariam mais dinheiro.

A partir de 1910, com a Revolução Mexicana, muitos mexicanos refugiaram-se nos Estados Unidos para escapar da miséria do seu país. Em 1914, a migração foi tanta, que os Estados Unidos aumentaram cinco vezes mais a sua população, transformando-se no país mais industrializado do mundo. Nessa época os trabalhadores mexicanos expandiram sua atividade, na agricultura, na indústria, como mecânicos, maquinistas, pintores e como encanadores. Atravessar a fronteira naquela época, era relativamente fácil, barato e seguro.

La revolución mejicana también envió a millares de refugiados políticos a través de su frontera norteña. Números más pequeños de refugiados religiosos fluyeron adentro como resultado del conflicto amargo entre el gobierno Mejicano y la iglesia católica (la rebelión de Cristero). (CHINEA, 1996, p.9-13).²⁰

Em 1917, nasceram as primeiras políticas migratórias com o fim de regularizar a situação dos migrantes. Ao mesmo tempo, surgiram outras com o objetivo de controlar a oferta e a demanda da mão-de-obra. Foi o caso das Leis de Quota, aprovadas em 1921, que queriam limitar a quantidade do fluxo migratório no território norte-americano. Em 1929, além da crise do capitalismo, que afetou inteiramente os Estados Unidos, deixando doze milhões de pessoas sem emprego, um sentimento anti-mexicano penetrou no país e o Governo Federal, com a ajuda de estados, cidades e condados deportaram os migrantes mexicanos em grande massa. Esses fatos foram considerados os mais graves da história da violação dos direitos cívicos neste país, na opinião de:

Fue así como emprendió un agresivo programa para repatriar y deportar ilegalmente a alrededor de un millón de personas de origen mexicano [...] La mayoría de los sobrevivientes se sienten

²⁰ A revolução mexicana também enviou milhares de refugiados políticos através da fronteira do norte. Números menores de refugiados religiosos fluíram como resultado do conflito amargo entre o governo mexicano e a igreja católica (*la rebelión de Cristero*). (CHINEA, 1996, p.9-13)

*humillados, avergonzados, piensan que ellos hicieron algo indebido [...], manifiesta (ARREDONDO, 2003, p.88).*²¹

A segunda guerra mundial reativou a economia dos Estados Unidos depois da forte depressão de 1929 e o país viu-se obrigado a buscar mão-de-obra mexicana para substituir e produzir o necessário para a guerra. Nasceu, assim, o “Programa Bracero”, que, iniciado em 1942, iria estender-se até 1964, permitindo a migração legal e temporal de trabalhadores mexicanos no norte da América. Durante o período do programa, foram contratados aproximadamente cinco milhões de trabalhadores mexicanos, que solucionaram o problema em que vivia os Estados Unidos na época. Ao concluir o contrato desse programa, os *braceros* vinculados fortemente entre eles e com os patrões, não quiseram deixar os trabalhos e isto contribuiu para que a migração ilegal tivesse uma grande força no país. Eis o que Massey diz a respeito:

*El resurgimiento de la inmigración ilegal luego del fin del Programa Bracero muestra el poder de los factores económicos y sociales. Los lazos formados entre los empleadores, reclutadores y trabajadores migrantes durante el período Bracero rebajaron los costos y riesgos de la migración a los Estados Unidos por fines de trabajo (MASSEY, 1987.p.65).*²²

Em 1948, a agricultura diminui a sua importância na economia dos Estados Unidos e o governo decide deportar os migrantes ao seu país de origem. Em 1950, o número de mexicanos expulsos aumentou para meio milhão e continuou aumentando até chegar a mais de um milhão em 1954 (GARCÍA; GRIEGO; VEREA, 1988, p.105-109). Contudo, os empresários agrícolas, desprovidos de mão-de-obra, não aceitaram as deportações e exigiram a reabilitação do “programa braçal”. Em 1951, os Estados Unidos entram em guerra com a Coreia e com a diminuição de

²¹ Foi desta forma que, se empreendeu um agressivo programa para repatriar e deportar ilegalmente ao redor de um milhão de pessoas de origem mexicana [...] A maioria dos sobreviventes se sentem humilhados, envergonhados e pensam que fizeram algo de errado [...], manifesta (ARREDONDO, 2003, p.88).²¹

²² O reaparecimento da migração ilegal logo após o fim do *Programa Bracero* mostra o poder dos fatores econômicos e sociais. Os laços construídos entre empregadores, recrutadores e trabalhadores migrantes, durante o período *bracero*, foram motivos para diminuir os custos e riscos da migração para os Estados Unidos a fins de trabalho. (MASSEY, 1987.p.65).

mão-de-obra no país, renova o convênio braçal com o México. Porém, desta vez os acordos foram diferentes, devido a Lei 78 que delimitou o tempo dos contratos. Estes teriam vigência no mínimo de quarenta e cinco a noventa dias e o máximo de um ano, com possibilidade de trabalhar na agricultura e nas linhas férreas. Além disso, proibiu o envio de trabalhadores mexicanos às regiões onde México considerava-se discriminado.

No final de 1953, o governo norte americano quis reduzir certas regalias laborais dos braçais com a intenção de substituir os *indocumentados* por braçais²³ contratados legalmente. Como México não estava de acordo, começaram os conflitos entre ambos os países. Veja aqui o que diz a respeito Griego e Campos, (1988, p.72):

*En junio de 1954, con la colaboración del gobierno mexicano, Estados Unidos empezó una campaña de deportación llamada Operación espalda mojada, mediante la cual expulsaron cientos de miles de indocumentados a México y obligaron a los empleadores a contratar braceros legalmente bajo términos más favorables que antes.*²⁴

Segundo a pesquisa de Ernesto Galarza (1955 apud GRIEGO; CAMPOS, 1988, p.72), as condições impostas pelo novo tipo de contratação de braçais não foram respeitadas pelos donos de fazendas. Não havia distinção entre o contrato do braçal e do indocumentado. Tudo isso contribuiu para que a presença das *espaldas mojadas*²⁵, aumentasse sempre mais. O benefício econômico desta migração foi muito grande para o país. Segundo Griego, entre 1954 e 1959, parece haver ascendido a 200 milhões de dólares.

Com o fim do Programa Braçal, em 1964, o Programa de Industrialização da Fronteira (PIF) ofereceu ao México a oportunidade de dar trabalhos aos braçais

²³ Braçais são migrantes ilegais que trabalharam na agricultura e estrada de ferro, nos Estados Unidos, por tempo determinado.

²⁴ Em junho de 1954, com a colaboração do governo mexicano, os Estados Unidos iniciou uma campanha de deportação, chamada "Operación espalda mojada", na qual expulsaram centenas de milhares de migrantes ilegais para México, e obrigaram aos empreendedores a contratar *braceros* legalmente, baixo termos mais favoráveis que os anteriores. (GRIEGO; CAMPOS, 1988, p.72).

²⁵ Espalda mojada: Significa em espanhol costas molhadas. Nome dado aos migrantes que entravam clandestinamente nos Estados Unidos através do Rio Bravo.

deportados desempregados através das *maquilas*²⁶. Os Estados Unidos usam essas montadoras nos países menos desenvolvidos, aproveitando-se da mão-de-obra barata, da isenção de impostos e da falta de controle do meio ambiente.

Essas ofereceram milhares de empregos na região fronteiriça, porém não resolveu a situação dos braços desempregados, porque os contratados foram os residentes das cidades fronteiriças, em que 60% eram mulheres jovens e solteiras.

A partir da década de setenta, com a mecanização agrícola, a maioria dos trabalhos dos *indocumentados* nos Estados Unidos, deixou de ocorrer nos setores agropecuários e passou a desenvolver-se no comércio e na indústria. São os trabalhos rejeitados pelos norte-americanos, por serem considerados sujos, perigosos e indesejáveis, como lavar pratos nos restaurantes, lavar carros, operar máquinas nas fábricas têxteis, na indústria de pesca e limpeza. Geralmente são remunerados com um salário mínimo ou pagos por hora de trabalho.

No início dos anos oitenta, o aumento da população mexicana e a crise econômica e política que o país sofreu, contribuiu muito para que o fluxo migratório aumentasse em direção ao norte. Neste período, o perfil do migrante mudou, passando a ser de pessoas mais preparadas, muitos de classe média e alguns de classe alta. Tudo isso se deve à demanda de trabalho do norte da América que requer trabalhadores independentes, pequenos proprietários, profissionais com melhor ética laboral comparado aos braços de outra época.

Em 1986, surge a política migratória IRCA, *Immigration Reform and Control Act*²⁷, conhecida também por Lei Simpson-Rodino, nome dos legisladores que a promoveram. Esta lei representa o ponto mais importante de debate norte-americano sobre a migração indocumentada nos Estados Unidos. Veja quatro pontos importantes tratados pela Lei de Simpson-Rodino:

La política migratoria que se desprende de IRCA, 1986, se puede descomponer en cuatro instrumentos legales: el primero fue una amnistía amplia para migrantes con experiencia migratoria de varios

²⁶ Maquilas são montadoras de componentes geralmente fabricados nos países que têm multinacionais.

²⁷ IRCA: Lei de Reforma e Controle da Migração de 1986. Programa de migração criado pelo governo norte-americano, com o objetivo de ter um maior controle da situação do imigrante nos EUA. Este oferecia legalização ou anistia, aos que conseguissem provar sua permanência contínua no país; permanência por determinado tempo, além de ter um maior controle de entradas e saídas da fronteira México-EUA.

*años (LAW); el segundo una amnistía restringida para trabajadores agrícolas (SAW); el tercero, un refuerzo sustancial de las medidas de control fronterizo, y finalmente un conjunto de medidas y sanciones a empleadores que contratasen indocumentados. (DURÁN; MASSEY, 2003, p.169).*²⁸

Através das duas primeiras emendas do IRCA, 1986 e 1990, o governo norte-americano legalizou mais de dois milhões de mexicanos. Foi neste contexto que a comunidade mexicana cresceu notavelmente e consolidou alguns processos, como criar comunidades localizadas em duas nações. Esse fato contribuiu muito para que o migrante tivesse uma maior liberdade de atravessar a fronteira e, em consequência, um maior contato com a sua comunidade de origem. Esse momento caracterizou-se também pela dispersão dos migrantes em vários estados do país, em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1948, o Rio Bravo transformou-se na linha de divisão entre os dois países. Com o tempo, a fronteira foi marcada por uma cerca de arame e hoje ela transformou-se num muro infranqueável. A cada ano os Estados Unidos incrementam a vigilância da fronteira com veículos terrestres, aéreos e tecnologia avançada para controlar a travessia do migrante indocumentado. Um artigo da Folha de São Paulo mostra com mais detalhes essas mudanças.

Desde janeiro de 2001, o governo americano aumentou em 66% as despesas com a segurança das fronteiras, reforçando consideravelmente o muro que separa os EUA do México [...]. O contingente da patrulha de fronteira foi ampliado de cerca de 9.000 para 12.000. Nos últimos cinco anos, 6 milhões de pessoas que tentavam entrar ilegalmente nos EUA foram presas e expulsas. Nesta semana, o presidente dos EUA, George W. Bush fez um pronunciamento à nação sobre o problema do controle da imigração. Anunciou que o número de agentes da patrulha de fronteira será aumentado para 18.000. De imediato, como medida de transição, até 6.000 membros da Guarda Nacional serão enviados para a fronteira com o México. (BATISTA²⁹, 2006).

²⁸ A política migratória realizada pelo "IRCA", 1986, pode se dividir em quatro instrumentos legais: o primeiro foi uma anistia ampla para migrantes com experiência migratória de vários anos (LAW); o segundo, uma anistia limitada para trabalhadores agrícolas (SAW); o terceiro, um reforço substancial nas medidas de controle da fronteira, e finalmente, um conjunto de medidas e sanções atribuídas a empreendedores que contratassem indocumentados. (DURÁN; MASSEY, 2003, p.169)

²⁹ Paulo Nogueira Batista Jr., 51, economista e professor da FGV-EAESP, escreve às quintas-feiras nesta coluna. É autor do livro "O Brasil e a Economia Internacional: Recuperação e Defesa da Autonomia Nacional".

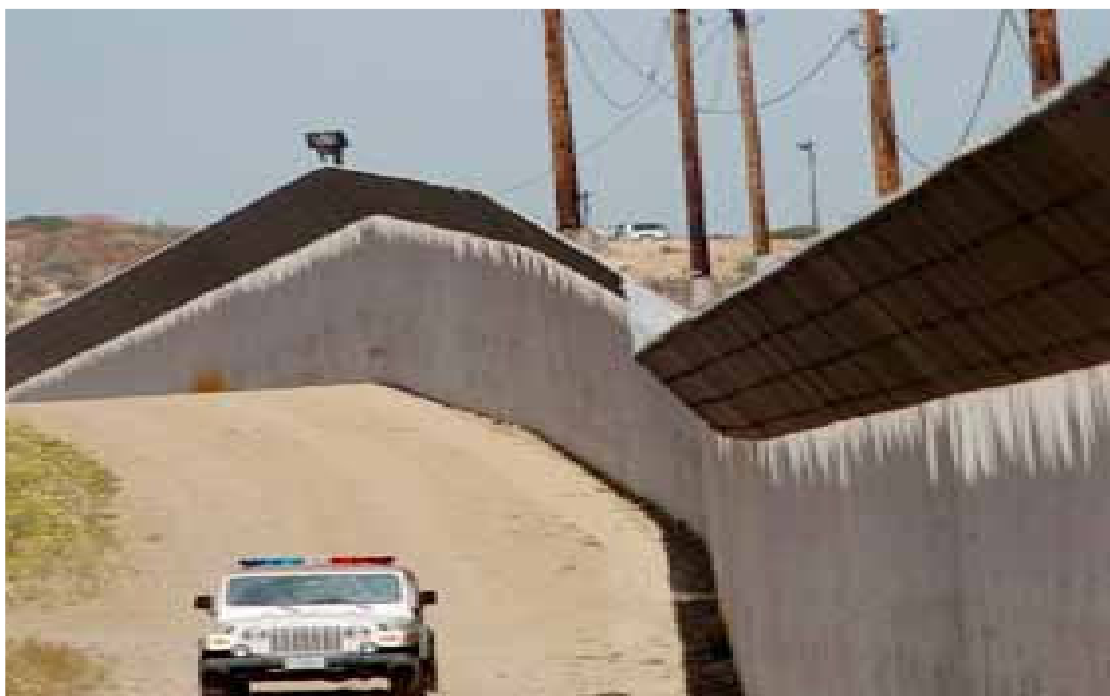


Fig 11
muro fronterizo México-EUA
<http://cml.vientos.info/node/2328>

Apesar de todos os obstáculos, a migração dos *indocumentados* não se detém. A maioria das pessoas que são deportadas, principalmente para o México, de imediato tenta entrar outra vez em território norte-americano. Todavia, com todo este controle, não existem evidências que mostrem a redução de ilegais no norte da América. Mário Riestra Venegas, coordenador Nacional de Atenção ao Migrante de México, em 2002, declarou que cada ano trezentos mil mexicanos se transferem para os Estados Unidos.

A presença da grande força laboral *indocumentada* mexicana nos Estados Unidos cria problemas econômicos e políticos neste país como também no México. Para o norte da América, os trabalhadores ilegais representam a clandestinidade do setor laboral, que implica distorções salariais, documentos falsos e abusos. A sua presença é reconhecida positiva, como mão-de-obra barata, porém existem muitos estadunidenses que não estão de acordo com os movimentos migratórios e não está clara a posição de ambos os governos. Tudo isso leva o migrante a exigir os seus direitos, como podemos ver abaixo:

La respuesta de miles de ellos ha empezado a ser desafiante al involucrarse en luchas estudiantiles, en luchas laborales, en luchas políticas, en las movilizaciones contra las leyes inmigratorias y en la organización y participación en las marchas latinas [...] (SANTAMARIA, 1994).³⁰

Ainda, em 1994, as *maquilas* multiplicaram-se com o nome de NAFTA (Acordo de Livre Comércio entre o México, Estados Unidos e Canadá), produzindo equipamentos mecânicos, produtos têxteis, acessórios eletrônicos, comida enlatada e produtos químicos. É um sistema de trabalho escravizador, em que sessenta por cento dos trabalhadores são mulheres e ganham segundo o que produzem, razão pela qual o ritmo de trabalho é frenético, de horas extras forçadas, mas também de maus tratos e abusos sexuais.



Fig 12

Trabalhos de *maquila*

http://www.ecoportal.net/var/storage/images/objetos_relacionados/imagenes/maq3_jpg/34970-1-esl-ES/maq3jpg1_medium.jpg

³⁰ A resposta de milhares deles começou a ser desafiante ao envolver-se nas lutas estudantis, nas lutas laborais, em lutas políticas, nas mobilizações contra as leis imigratórias e nas organizações e participação nas marchas latinas [..] (SANTAMARIA, 1994).³⁰

Muitos estudiosos defendem que a escolha pelo sexo feminino é justamente pela fragilidade que elas oferecem em reivindicar seus direitos, geralmente são mais fáceis de serem obrigadas a fazer horas extras e muitas vezes sem remuneração. Para poder trabalhar, as mulheres são obrigadas a apresentar o teste de gravidez como condição de contratação e aquelas que engravidam correm riscos de terem os filhos com deficiência física, devido aos agentes químicos utilizados no trabalho. De acordo com a tese doutoral de Pfeifer.³¹

No plano global, o grupo Oposição percebe o Nafta como um acordo concentrador de interesse das elites, que eleva a dependência do México em relação aos seus vizinhos mais fortes e impede que o país alcance os objetivos nacionais. Os efeitos negativos se concentram na agricultura e na pequena e média indústria, e na população vinculada a tais setores. Ajustes ao tratado precisam ser feitos, seja por meio de revisões bilaterais, seja através de políticas internas, como o apoio aos setores desprotegidos.
(PFEIFER, 2007, p.18)

Como afirma Griego e Campos (1988, p.109), no início, as maquilas pareciam poder solucionar os problemas, tanto do México como de muitos empresários norte-americanos. Para o México seria a possibilidade de oferecer trabalho aos migrantes mexicanos que tinham sido deportados dos Estados Unidos. Já para os empresários norte-americanos era muito atrativo investir nas maquilas, pois teriam suas empresas, próximas ao seu país e a mão-de-obra barata. Contudo, os resultados não foram os que se esperavam. Hoje, as *maquilas* mexicana perderam para a República Popular da China que se mostrou muito mais competitiva.

O fator econômico é o que realmente mantém ambos os países numa interdependência sempre maior. Como já foi mencionado, o norte da América considera o migrante um perigo para o seu país, porém não é capaz de sobreviver sem o seu trabalho. Isto se constata desde a época do “Programa Bracero”, os estadunidenses não estão dispostos a fazer o tipo de trabalho que o migrante faz.

Comparado esse salário ao que o mexicano ganha no seu país, existe uma diferença muito grande. Como afirma Durand (2003. p.154), “uma hora de salário

³¹ PFEIFER é um pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

mínimo trabalhada nos Estados Unidos, equivale a oito horas de salário mínimo trabalhada no México”³². Por isso mesmo, o migrante é uma força econômica para seu país de origem. Segundo informação do CONAPO (2000),³³ no XII Censo Geral de População e Vivenda, as remessas de migrantes mexicanos que vivem nos Estados Unidos é o que salva, de certa forma, a economia mexicana. Veja na citação abaixo:

De acuerdo con los datos del Banco de México, durante la última década nuestro país recibió por ese concepto más de 45 mil millones de dólares. Tan sólo en el año 2000 ingresaron más de 6 mil 500 millones de dólares, gracias a la solidaridad de los migrantes con sus familiares en México, lo que significa alrededor de casi 17 millones de dólares por día. Este monto revela la importancia de la migración como fuente de divisas³⁴, el cual, según el Banco de México, en el 2000 contribuyó a reducir el déficit de la Cuenta Corriente de la Balanza de Pagos en alrededor de 27 por ciento.³⁵ (CONAPO, 2001, p.86).

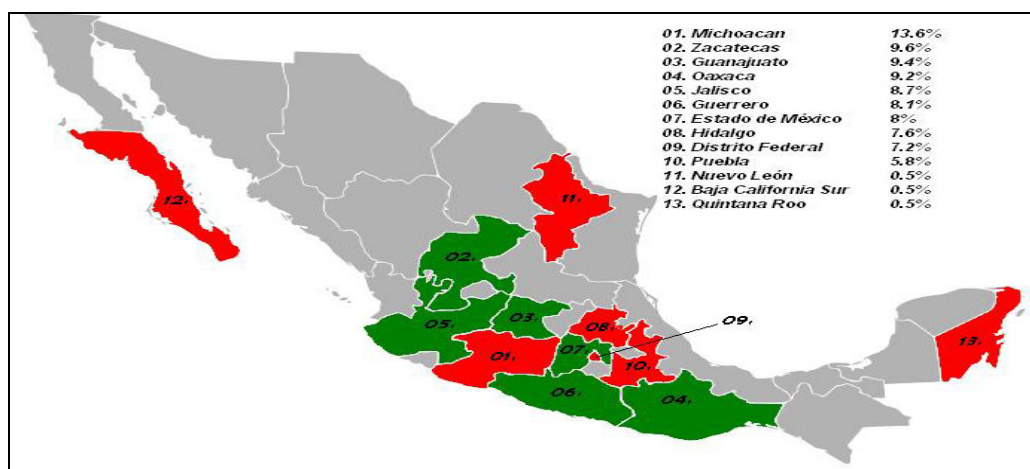


Fig 13

Estados mexicanos que mais recebem remessas dos Estados Unidos

Fuente: Elaboración propia. Mapa base Wikipedia, en: es.wikipedia.org/wiki/Estados_de_M%C3%A9xico

³² Uma hora de salário mínimo trabalhada em Estados Unidos, equivale a oito horas de salário mínimo trabalhadas em México

³³ CONAPO-Conselho Nacional de População do governo mexicano

³⁴ Título que permite a um residente do país receber moeda ou mercadoria de um residente no exterior.

³⁵ De acordo com os dados mais recentes, nosso país recebeu através das remessas, mais de 45 milhões de dólares. Somente no ano anterior, entrou mais de \$6. 200 milhões de dólares, graças à solidariedade dos migrantes com seus familiares que residem nas comunidades de origem, o que significa ao redor de quase dezessete milhões de dólares por dia. Este valor revela a importância da migração como fonte de divisas, e como sustento essencial para os integrantes de mais de um milhão de famílias no México. (CONAPO, 2001, p.86)

O presidente mexicano Fox (2002) defende ainda que, os migrantes mexicanos que estão nos Estados Unidos, além de contribuírem para o crescimento da economia norte-americana, sustentam de certa forma, a economia Mexicana. Aqui se comprova, mais uma vez, a incapacidade do governo mexicano em oferecer um crescimento econômico sustentável e instituições financeiras estáveis, capazes de conter a população no país. A contribuição da mão-de-obra mexicana nos Estados Unidos está ligada, principalmente, à agricultura, sem a qual os Estados Unidos teriam entrado em crise há muito tempo. Contudo, essa evasão de migrantes para o norte está ocasionando uma grande escassez de homens no campo do México, crescendo, assim, a presença feminina e indígena nesse tipo de trabalho.

Entende-se aqui a posição de aceitação silenciosa do governo do México em relação à migração mexicana nos Estados Unidos e aos direitos que estes têm. Segundo o censo de 2000, a população migrante de mexicanos nascidos no México foi de nove milhões. Eles são a força laboral com quem o norte da América conta para todos os trabalhos menos valorizados no país, por isso, as remessas que entram por dia no México, são de importância incontestável para o governo mexicano. Pode-se constatar essa afirmação, no discurso do presidente do México, Vicente Fox, no dia 11 de agosto de 2002, em Texas.

Se estima que los 22 millones de mexicanos y mexicanas, que están en los Estados Unidos, generan un Producto Interno Bruto equivalente al Producto Interno Bruto que generamos en México los 100 millones de mexicanos que estamos acá³⁶. (FOX, 2002).

Reforçando o que foi dito na introdução, os três fatores que movem esse movimento migratório para os Estados Unidos é o fator econômico, com a oferta e demanda de mão-de-obra; político, como consequência de uma superpopulação de migrantes no país e o fator social ou cultural que vincula o migrante nos diferentes ambientes onde estes vivem.

³⁶ Calcula-se que vinte e dois milhões de mexicanos e mexicanas que moram nos Estados Unidos, geram um produto interno bruto equivalente ao produto interno bruto que nós, os cem milhões de mexicanos, geramos aqui. (FOX, 2002)

3.4 Processo migratório de brasileiros

As comunidades que mais se destacaram no processo migratório são: Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais, Criciúma e cidades arredores, no sul de Santa Catarina e Maringá, no Paraná. No entanto, em outras regiões, como Goiás, São Paulo também tem crescido esse aspecto.

Em Governador Valadares, os primeiros contatos entre mineiros e americanos se deram durante a segunda guerra mundial. Na cidade, havia minas de mica, substância estratégica para a indústria bélica e os estrangeiros, principalmente os EUA, interessados no produto, vieram trabalhar na região para fazer a extração. Segundo Assis (1999, p.129),

[...] Valadares constituiu um pólo que atraiu imigrantes de várias regiões do País em busca de melhores condições de vida, nos anos 40 e 50 a migração fazia parte da experiência dos habitantes da cidade. Essas vivências combinadas com as representações que faziam da América são elementos que sugerem que em Governador Valadares se criou uma cultura de migrar para o exterior.

O intercâmbio intensificou-se na década de 1950, com a construção da estrada de ferro Vitória-Minas, pertencente à Companhia Vale do Rio Doce, em que muitos americanos prestaram consultoria e trabalharam na construção da ferrovia. O tempo e a convivência se encarregaram de estreitar os laços entre valadarenses e norte-americanos, resultando em casamentos e amizades que até hoje perduram. A Prefeitura de Governador Valadares não tem dados oficiais, mas aponta estudos que estimam entre e 30 e 40 mil o número de valadarenses que vivem nos EUA, quase 10% da população que beira os 250 mil habitantes em 2005.

A migração da cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, para os Estados Unidos, de acordo com a pesquisadora Santos (2001) teve seu início no final da década de 60, com a ida de um empresário para Boston, porém só teve grande impulso na década de noventa, período marcante para as mudanças econômica e populacional do Município. Com a crise do carvão³⁷, em 1990, incrementou-se a

³⁷ Criciúma manteve o título de Capital Brasileira do Carvão durante mais da metade do século passado. A mineração instalada no início do século XX foi a principal alavanca para o

indústria de revestimento cerâmico que já existia desde a década de 60 e era sustentada pela política do Sistema Financeiro Nacional de Habitação, que impulsionava a produção de pisos e azulejos para a construção de casas. É ainda Santos (2001) quem afirma:

Em 1994, porém, as indústrias ceramistas da região são atingidas por uma forte crise, tendo como consequência direta a restrição das vendas ao mercado interno. Para se impor no mercado externo, essas indústrias passam a incorporar novas tecnologias. Nessa incorporação ocorre uma reestruturação nas formas de organização, administração e gerenciamento do trabalho. Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologia, tem levado o Brasil a ocupar hoje o 4º lugar na produção mundial de cerâmicas e Criciúma a ser considerada como o pólo nacional das indústrias de revestimento cerâmico, superando o Estado de São Paulo.

Contudo, um efeito significativo é o fato de que, ao incorporar novas tecnologias, a indústria da cerâmica de Criciúma teve uma forte redução no número de empregados e maior produção, impulsionando assim a migração em massa para os Estados Unidos.

Tanto para Criciúma, como para Maringá, a tendência é que o jovem, antes de concluir o segundo grau, vá trabalhar nos Estados Unidos. Existe na mentalidade do povo que o norte da América é a oportunidade única de se poder ganhar dinheiro e mudar de vida. A maioria dos migrantes é de classe pobre, contudo existem também os que são de classe média e que vão para melhorar sua situação financeira. Segundo Bassegio (2005), secretário do serviço pastoral dos migrantes, no Fórum Social de Porto Alegre, alguns conferencistas defenderam como causas da migração, as mudanças estruturais neoliberais, demanda de mão-de-obra barata para os países mais desenvolvidos e incentivos de alguns países pobres.

Em relação ao processo de migração, os migrantes, nos primeiros meses, hospedam-se em casas de parentes ou amigos que já estão estabilizados no país,

desenvolvimento da cidade, que superou economicamente os demais municípios da região. Ao longo dos anos tornou-se pólo, atraindo empresas, trabalhadores e escritórios regionais das autarquias do estado, bem como investimentos em outros setores da economia. Isso colocou a região carbonífera como o maior produtor de descartáveis do país. A crise do setor carbonífero, a partir do início da década de 1990, trouxe reflexos negativos ao criciumense, como o desemprego de 14 mil mineiros em menos de dois anos.

Rádio Criciúma..< <http://www.radiocriciuma.com.br/portal/lercidade.php?id=1>> visitado em 18/11/2006

enquanto procuram trabalho e um lugar para morar. Quando vão sem a família, preferem pequenos apartamentos onde vivem outros migrantes, pois assim os gastos são menores.

ALGUNS TIPOS DE TRABALHOS DOS MIGRANTES



www.bandag.com.br/imagens/noticias/2005426212



sepiensa.org.mx/.../s_cholos/img/cholo2.jpg



www.ciudadonlinea.com.mx/.../loma/empleos



www.torontohispano.com



www.atlantalatino.com/.../03/W-cultivos-D3.jpg



www.atlantalatino.com/.../03/W-

Fig 14
Diferentes tipos de trabalho do migrante

Geralmente, busca uma igreja, seja ela católica ou outra, como um lugar de apoio e proteção. Isso contribuiu para que o número de igrejas, com missas e cultos em língua portuguesa aumentasse no país. No caso das igrejas católicas, Valentin (2005) declara a necessidade do Brasil importar sacerdotes para atender às comunidades de migrantes.

Na região Nordeste dos EUA, o trabalho pastoral começou em 1986, quando o padre cearense Jonas de Moraes fundou a primeira comunidade, em Cambridge, na área de Boston (Massachusetts). Dezenove anos depois, são 28 padres para atender aos brasileiros apenas nos Estados de Nova Jersey, Connecticut, Massachusetts e Nova York. A região conta também com o primeiro bispo brasileiro ordenado nos EUA, Edgar da Cunha. Atualmente, ele é o bispo auxiliar da arquidiocese de Newark (Nova Jersey).
(VALENTIN 2006)

Os locais de destino com maior concentração de brasileiros nos Estados Unidos, segundo a pesquisa de FUSCO (2001), são Boston, com um terço dessas migrações; New York, com 8,9%; Newark, com 5,2%; e Framingham, que faz parte da região metropolitana de Boston, com 4,7%. Na Flórida, destacam-se as cidades de Pompano Beach, Deerfield Beach e Miami, porém todas com contingentes de valadarenses que representam apenas 3% sobre o total.

Segundo a Folha de São Paulo do dia dezenove de agosto de 2006, o número de brasileiros que vivem ilegalmente nos Estados Unidos aumentou setenta por cento entre 2000 e o início do ano 2005. Aproximadamente com cento e setenta mil *indocumentados* em janeiro de 2005, o Brasil é a nona maior comunidade ilegal em território americano.

O migrante tem um objetivo claro a cumprir: ganhar dinheiro e economizar para pagar as dívidas e poder ajudar os familiares que permaneceram no Brasil. Para isso, está disposto a enfrentar todo tipo de dificuldades, como a falta da família, da língua, além do medo de ser deportado para o Brasil. Também enfrenta o impacto com uma cultura do trabalho diferente. O reconhecimento da sua atividade, por parte de seus patrões, é um incentivo que lhes ajuda a superar as dificuldades ocasionadas por estar longe de casa e dos familiares.

No caso das famílias dos migrantes que ficam no Brasil, a migração oferece como vantagens uma situação financeira mais estável, porém correm riscos de desestruturação familiar, já que muitos dos maridos que migram, partem com a promessa de mandar buscar a família e depois não o fazem. As remessas enviadas pelos pais ou pelos filhos são de suma importância para a família, pois são elas que, na maioria das vezes, cobrem todos os gastos da casa, estudos dos filhos, além de oferecer-lhe uma vida diferenciada daquela que, têm seus vizinhos que não migram. Segundo a pesquisa de Martes e Weber:

Quase 80% dos emigrantes brasileiros remetem dinheiro ao Brasil com alguma regularidade. Dinheiro esse que, de acordo com a finalidade, distribui-se da seguinte maneira: ajuda familiar (76%), compra de imóveis no Brasil (25%), aplicação em investimentos financeiros (16%), pagamento de dívidas (6%) e ajuda a entidades (4%). (MARTES; WEBER (2006)

A presença dos migrantes brasileiros em Boston é um exemplo do crescimento dessa população nos Estados Unidos. Faz parte já da normalidade encontrar brasileiros em diferentes ambientes e poder comunicar-se tranquilamente em português. Segundo a pesquisa de (SALES 2006, p.81), na comunidade de Framingham:

A revitalização do centro da cidade e a conseqüente revalorização dos imóveis ocupados pelos imigrantes —, foram identificadas, na pesquisa de 1995, 31 casas de comércio ou de serviços de brasileiros, a maioria no centro de Framingham: cinco restaurantes; cinco cabeleireiros; quatro lojas de vendas de passagens e transporte; quatro lojas de seguros; quatro de produtos brasileiros e remessas; três oficinas mecânicas; duas joalherias; uma boutique; uma padaria; uma loja de eletrodomésticos; e um escritório de contador [...]. [...] Na "Brazilian Superlist" de 2005 foram identificadas 71 casas de comércio ou de serviços de brasileiros, a maioria também no centro de Framingham; ou seja, nesses últimos dez anos, o número de comércios e serviços de brasileiros, mais do que duplicou. [...] Além desse aumento, observou-se também uma maior diversificação nos ramos de atividade.

Diante desse crescente fenômeno migratório, entrevê-se uma rica troca de experiências que influi fortemente em ambas as culturas, contribuindo, assim, para oferecer ao homem a possibilidade de crescer e enriquecer-se da experiência das diferentes culturas. Cabe agora aos governantes entenderem a necessidade de encontrar meios para que isso possa realizar-se.

4 ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO

TRAVESSIA DO MIGRANTE TITO

4.1 Preliminares

O texto “Travessia do migrante Tito” concentra-se na figura de um migrante ilegal de Guatemala, região central da América, que por falta de oportunidade de trabalho, deixa sua pátria, sua família em busca de melhores condições econômicas nos Estados Unidos. Para realizar uma travessia desse gênero, ele enfrenta uma cadeia de obstáculos que só se conclui ao chegar no norte da América. A primeira dificuldade é encontrar uma pessoa que esteja disposta a emprestar-lhe dinheiro suficiente para os gastos da viagem, levando-se em conta que a maior parte da população guatemalteca é de escasso recurso econômico. Para o sucesso da viagem, ele se vê obrigado a contratar um coyote³⁸ que, além de conhecer todo o trajeto a ser percorrido, tem contatos estratégicos que facilitam a travessia de ilegais para o norte da América. É imprescindível que Tito tenha boas condições físicas para suportar todo tipo de obstáculos que encontrará, desde escapar constantemente da polícia mexicana que controla a circulação de ilegais em seu território; da polícia norte-americana, que mais lhe dificulta a entrada nos Estados Unidos, como também das condições geográficas e climáticas da região e dos perigos de serem mordidos por cobras venenosas e de serem assaltados.

Após quinze dias de travessia, chega a Tijuana, cidade ao norte do México e fronteira com os Estados Unidos, onde enfrenta um obstáculo inesquecível na sua vida. Após uma noite de caminhada, acompanhado pelo *coyote* e de outros

³⁸ *Coyote*: Espécie de lobo americano (*Canis latrans*), comum desde o Alasca até a região de Guatemala. Nome atribuído aos guias clandestinos de migrantes ilegais que enfrentam a travessia do sul, centro ao norte da América, por sua astúcia e agilidade de locomoção.

migrantes, ele é preso pela polícia norte-americana por não saber nadar. Permaneceu na prisão federal da cidade de San Diego, conseguindo ser liberado depois de cinco dias, após o pagamento de mil dólares de fiança, emprestados pelos amigos que o ajudaram a pagar a viagem. Ao sair da prisão, contata uma prima que mora naquela mesma cidade e parte, em avião, para a cidade de Stanford, estado de Connecticut, USA o seu destino, onde é acolhido por parente que lhe proporciona moradia e lhe consegue trabalho imediatamente.

O que Tito economizou no primeiro ano foi utilizado para pagar a dívida da viagem, três mil dólares e sustentar a família. Mais tarde, conseguiu, ajudar um cunhado a realizar a travessia para trabalhar nos Estados Unidos. Depois de três anos, de viver ali, ele decide voltar para seu país, mas desta vez, ele mesmo dirigindo um ônibus com eletrodomésticos e brinquedos para os filhos. Chegando a Guatemala vendeu o transporte e construiu a sua casa, porém permanecendo sem dinheiro, decide voltar para trabalhar nos Estados Unidos por mais duas vezes. Na terceira vez que retornou a Guatemala, trouxe mais um ônibus, com o qual trabalha, hoje, presta serviço a um Colégio, como transporte escolar. O seu desejo é permanecer em Guatemala, junto à família, mas não descarta a possibilidade de retornar ao norte da América pela quarta vez, caso não consiga ter uma situação econômica estável.

Na textualização, foram encontrados os segmentos temáticos abaixo relacionados que foram numerados segundo a ordem dos acontecimentos.

- SG₁ Tomada de decisão para ida aos Estados Unidos.
- SG₂ Pedido de ajuda econômica para a viagem.
- SG₃ Dificuldades para conseguir dinheiro.
- SG₄ Pagamento antecipado da viagem.
- SG₅ Travessia ilegal
- SG₆ Prisão
- SG₇ Encontra prima em San Diego - USA
- SG₈ Viagem para Stanford
- SG₉ Encontro com um primo que lhe consegue trabalho
- SG₁₀ Economia.
- SG₁₁ Quitação das dívidas da viagem
- SG₁₂ Envio de remessas para a família

- SG₁₃ Ajuda a um cunhado a entrar nos Estados Unidos
 SG₁₄ Economia
 SG₁₅ Retorno à Guatemala
 SG₁₆ Construção da casa própria
 SG₁₇ Segunda ida aos Estados Unidos
 SG₁₈ Economia
 SG₁₉ Retorno à Guatemala
 SG₂₀ Terceira ida aos Estados Unidos
 SG₂₁ Economia
 SG₂₂ Retorno a Guatemala
 SG₂₃ Permanência definitiva em Guatemala
 SG₂₄ Possível retorno aos EUA, caso não se consiga uma estabilidade econômica.

4.2 Estruturas Narrativas

No processo de narrativização do texto “a travessia”, encontram-se presentes oito sujeitos semióticos elencados no quadro a seguir:

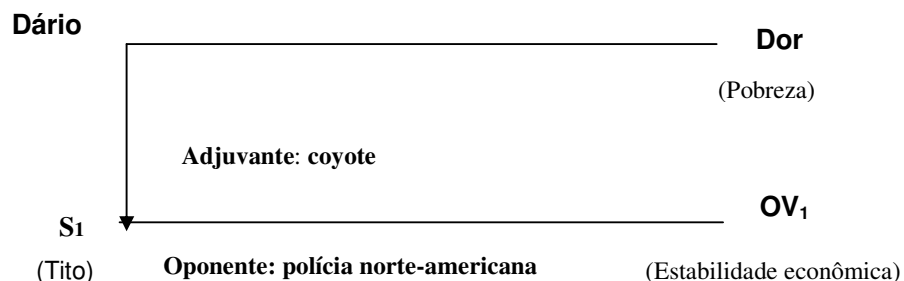
Sujeito semiótico		figurativização
S ₁		Tito
S ₂		Coyote
sincretismo	S ₃	Polícia mexicana honesta
	S ₄	Polícia mexicana corrupta

Sujeito semiótico	figurativização
S ₅	Polícia norte-americana
S ₆	Cunhado
S ₇	Empresário norte-americano
S ₈	Parentes e amigos

A narrativa concentra-se na figura de Tito, sujeito semiótico1(S₁), que deixa Guatemala, sua terra natal, para viver nos Estados Unidos da América. Tem por destinador a pobreza. O S₁ realiza um percurso para obter o seu objeto de valor principal, conseguir estabilidade econômica.

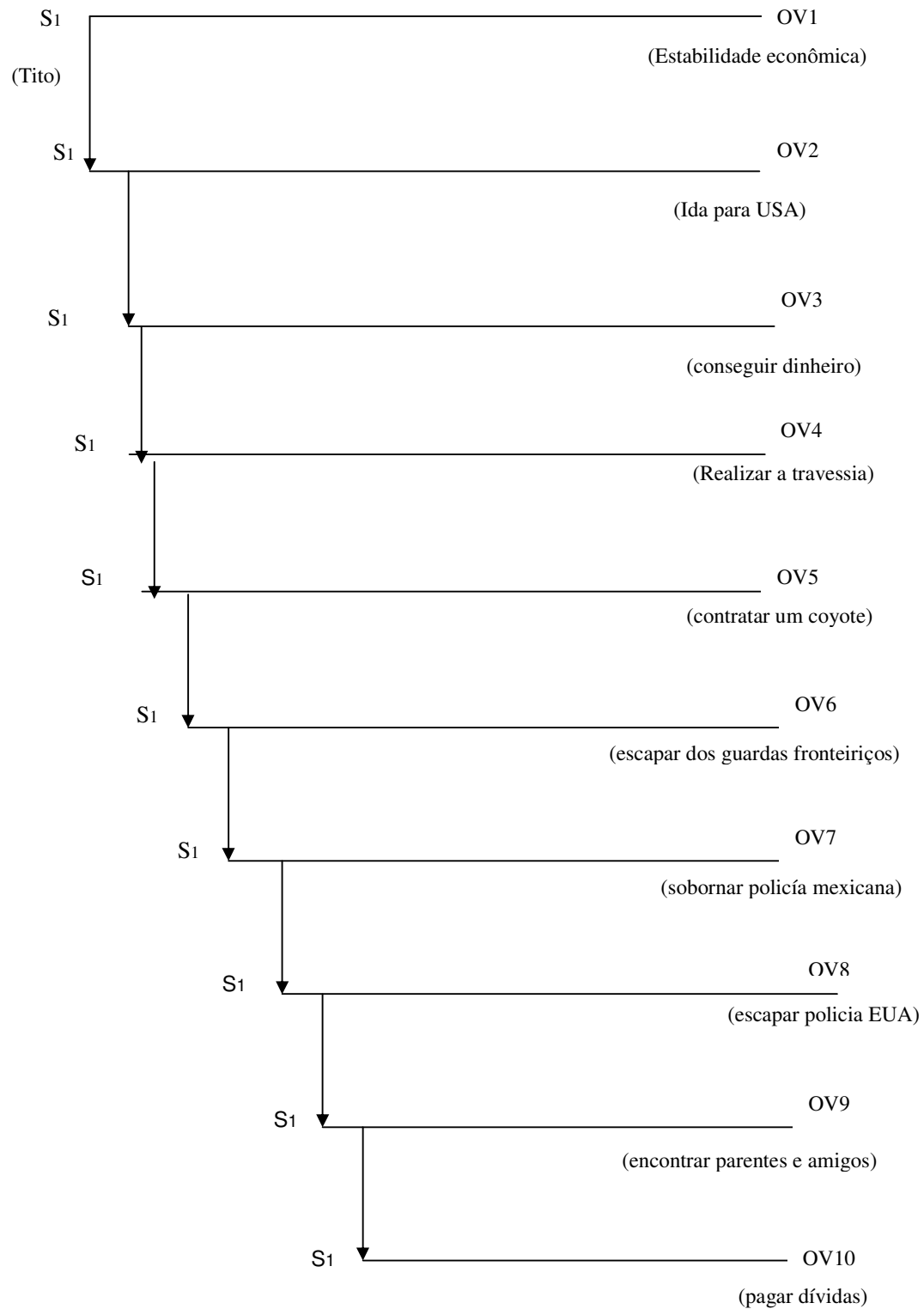
Para realizar a travessia ilegalmente, faz-se necessário atravessar a fronteira de Guatemala com o México, driblar a polícia em território mexicano e, finalmente, atravessar a fronteira México-USA, tendo de enfrentar a polícia norte-americana. Como adjuvante, aparece o *coyote* que facilita o itinerário do S₁. É ele quem conhece os lugares impensáveis desse trajeto, nos mínimos detalhes. Contudo, a polícia norte-americana, como sujeito de um *dever-fazer-valer* a lei, é seu principal oponente.

O esquema que segue configura o programa narrativo principal:



Na busca de melhor condição econômica (OV₁), o S₁ segue um percurso constituído de três momentos. No primeiro, ele decide ir para os EUA (OV₂). Em vista disso, consegue dinheiro emprestado com conhecidos (OV₃), decide realizar a travessia para o norte da América (OV₄) e contrata um *coyote* (OV₅), que lhe sirva de guia, personagem imprescindível nessa viagem, pela sua experiência e contatos que tem nas fronteiras do México e Estados Unidos.

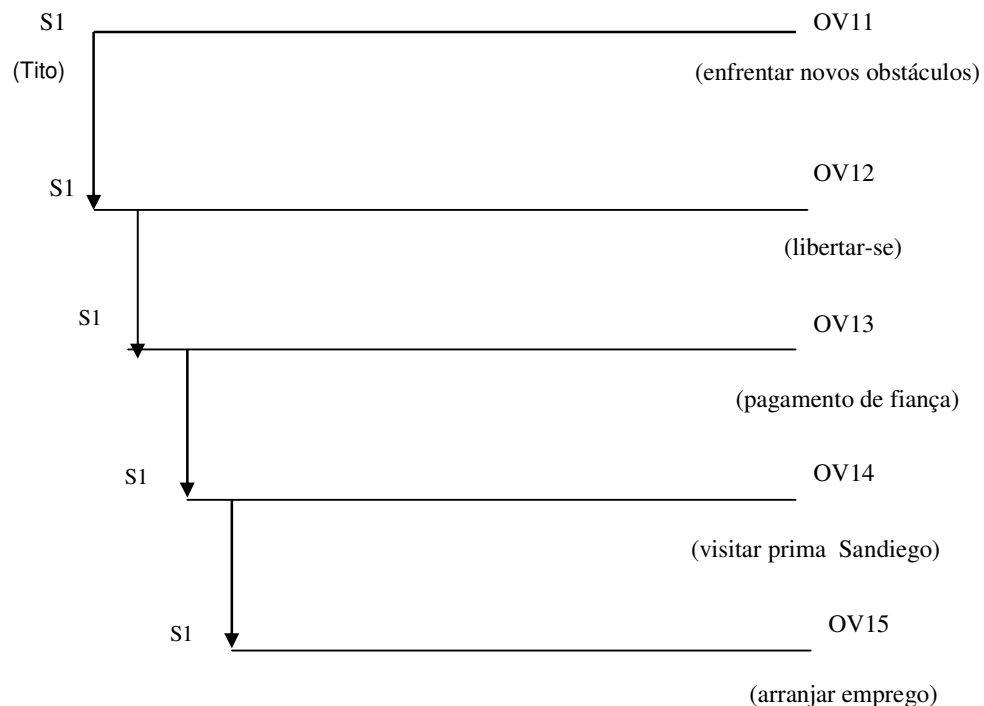
Desde o primeiro momento da travessia, sofre perseguição dos guardas fronteiriços e para escapar deles (OV₆), suborna a polícia mexicana (OV₇) e depois tenta escapar da polícia migratória norte-americana (OV₈). Seu sonho é encontrar os parentes e amigos nos Estados Unidos (OV₉). Estes o apoiarão a conseguir trabalho com o qual ele pagará as dívidas realizadas na viagem (OV₁₀).



Nessa trajetória, como se pode notar, o S_1 não é o responsável direto por sua transformação conjunta, ou seja, se faz necessário a intervenção do *coyote* para que

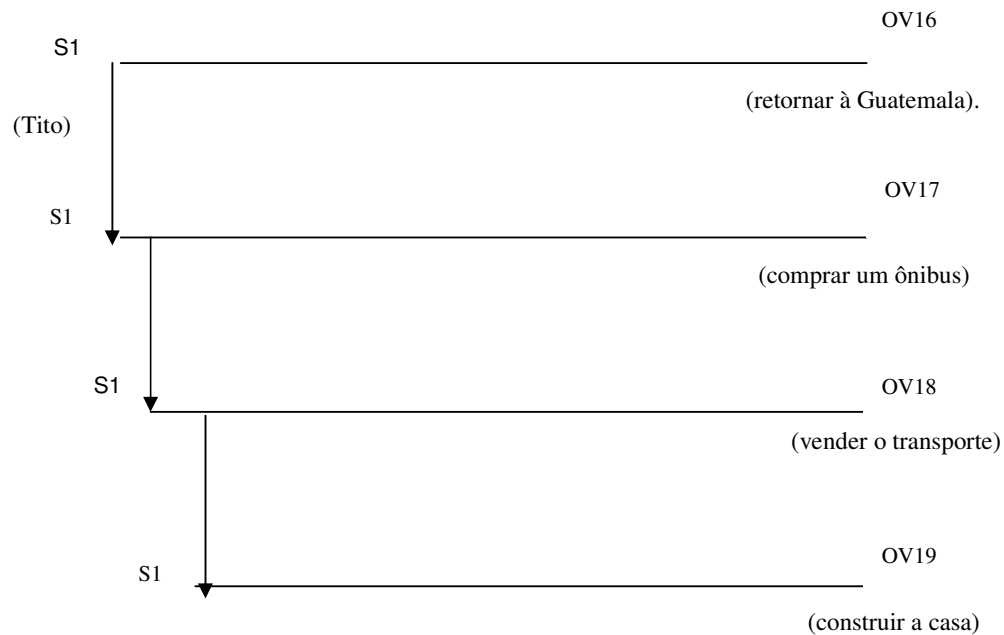
este realize o fazer transformador que garanta a passagem do S₁ do estado de disjunção para o de conjunção. Ele possui uma competência modal, necessária, para o êxito do percurso, o *querer-ter*.

No segundo momento, o S₁, ao chegar à cidade de Tijuana, norte do México e fronteira com os Estados Unidos, enfrenta novos obstáculos (OV11). Depois de uma noite de caminhada em direção a San Diego-USA é perseguido e preso pela polícia norte-americana por não saber nadar. Levado à prisão federal da cidade de San Diego, o S₁ permanece ali por cinco dias, até que consegue libertar-se (OV12) com o pagamento de mil dólares de fiança (OV13), emprestado pelos seus amigos guatemaltecos. Livre da prisão visita uma prima em San Diego (OV14) que o ajuda a comprar a passagem para Stanford, Estado de Connecticut, onde arranja emprego (OV15). Veja a seguir o percurso narrativo:



A passagem do estado de posse ao de privação do objeto de valor do S₁ acontece por meio de um fazer transformador operacionalizado pela polícia norte-americana que consegue prender o S₁, fazendo com que esse se distancie do seu objeto de valor. A diagramação seguinte especifica o ocorrido.

No terceiro momento do percurso, o S_1 tem como objeto de valor retornar à Guatemala (OV_{16}). Depois de três anos vividos nos Estados Unidos, Tito compra um ônibus (OV_{17}) e retorna a seu país com a intenção de vendê-lo (OV_{18}) e construir uma casa (OV_{19}).



O S_1 , encontrando-se sem dinheiro que proporcionasse uma vida cômoda à sua família, retorna aos Estados Unidos por mais duas vezes para trabalhar. Com o que conseguiu economizar da última vez, compra um ônibus que lhe servirá para trabalhar e retorna à Guatemala.

Nesse momento, a passagem do estado de privação ao de posse do objeto desejado é desencadeada por intervenção de um fazer transformador operacionalizado pelo próprio S_1 . Este, ao doar a si próprio, a competência modal de que necessita, consegue cumprir o contrato narrativo, assegurando, dessa forma, uma sanção positiva.

Observe-se a diagramação seguinte.

$$En = F [S_1 \cup OV_1 \rightarrow (S_1 \cap OV_1)]$$



PN de competência

[**Dor** (pobreza) \rightarrow **S₁** (Tito)]

aquisição

\cap **O_v**
Conseguir
trabalho

valores modais

(*querer- ter*)

F

Chegar nos EUA



PN de performance

[**Dor** (pobreza) \rightarrow **S₁** (Tito)]

aquisição

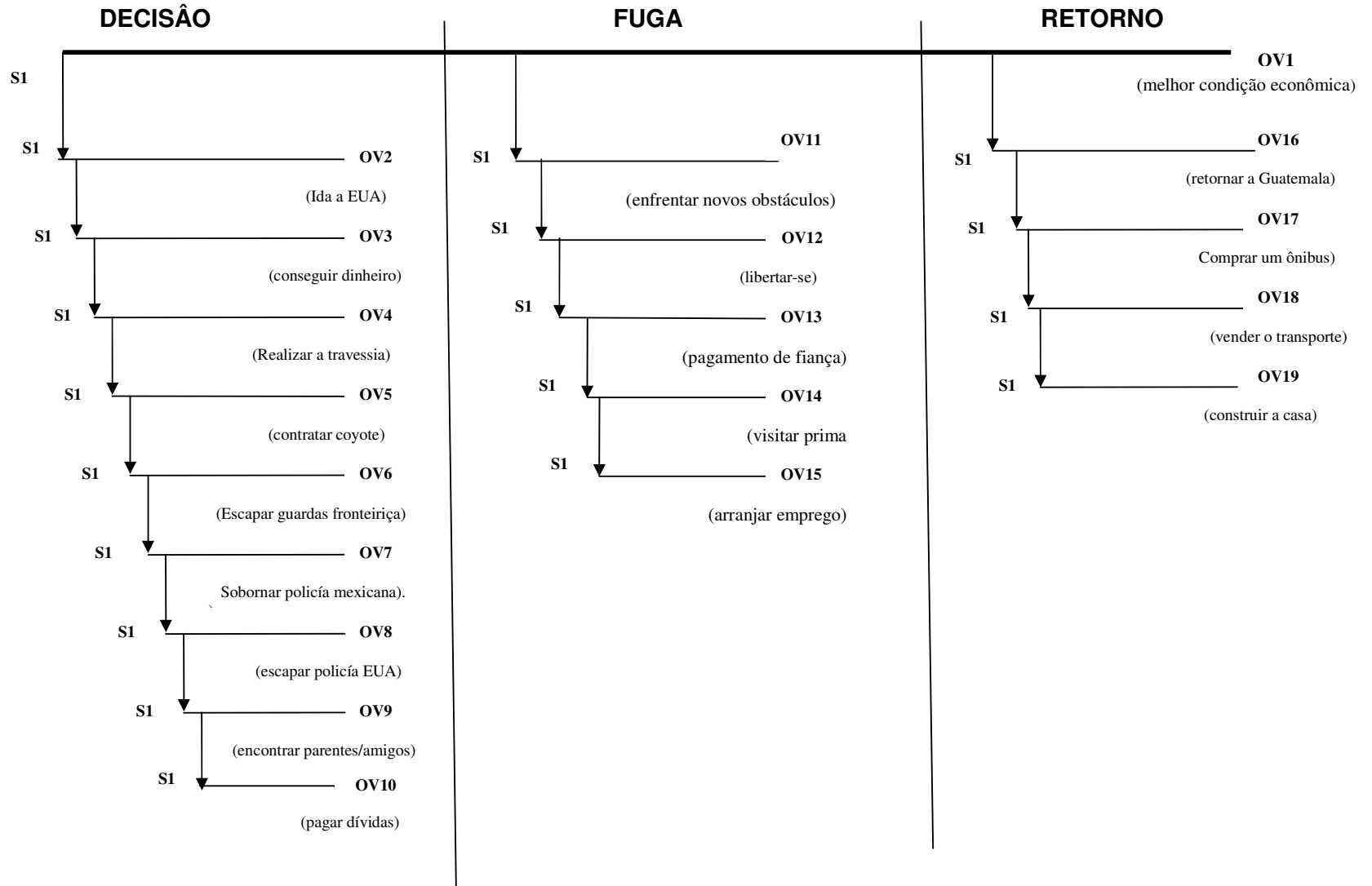
\cap **O_v**
Vender o
ônibus

**valores
descritivos**

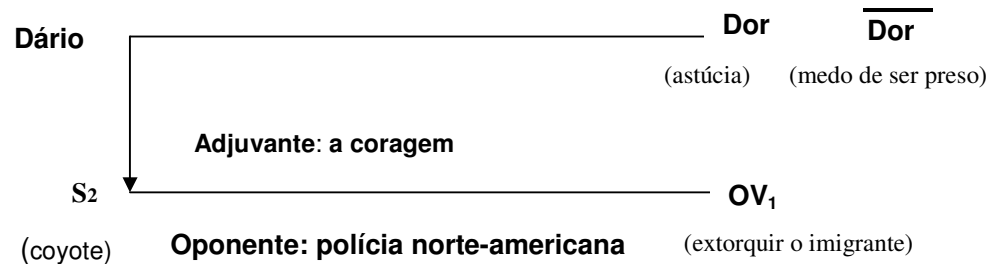
Estabilidade
econômica

F

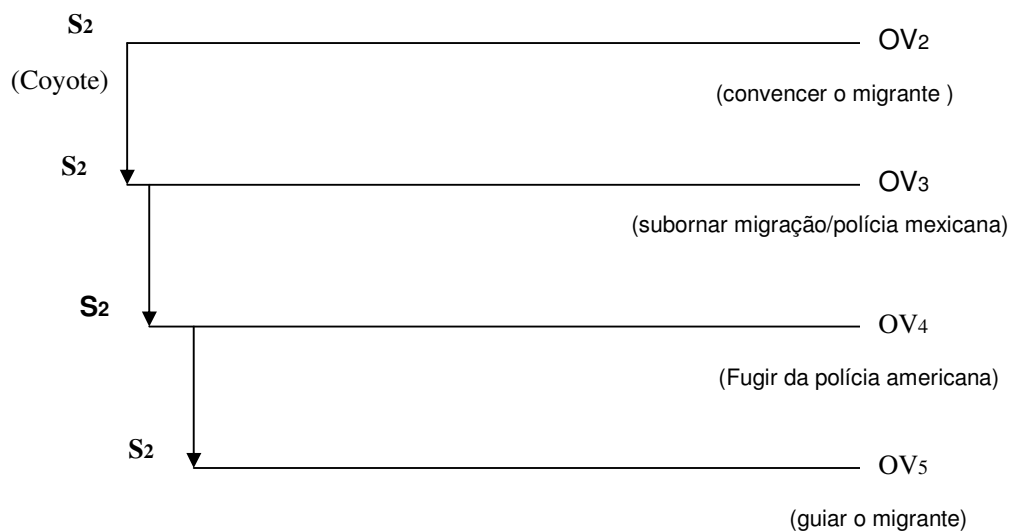
Comprar a casa



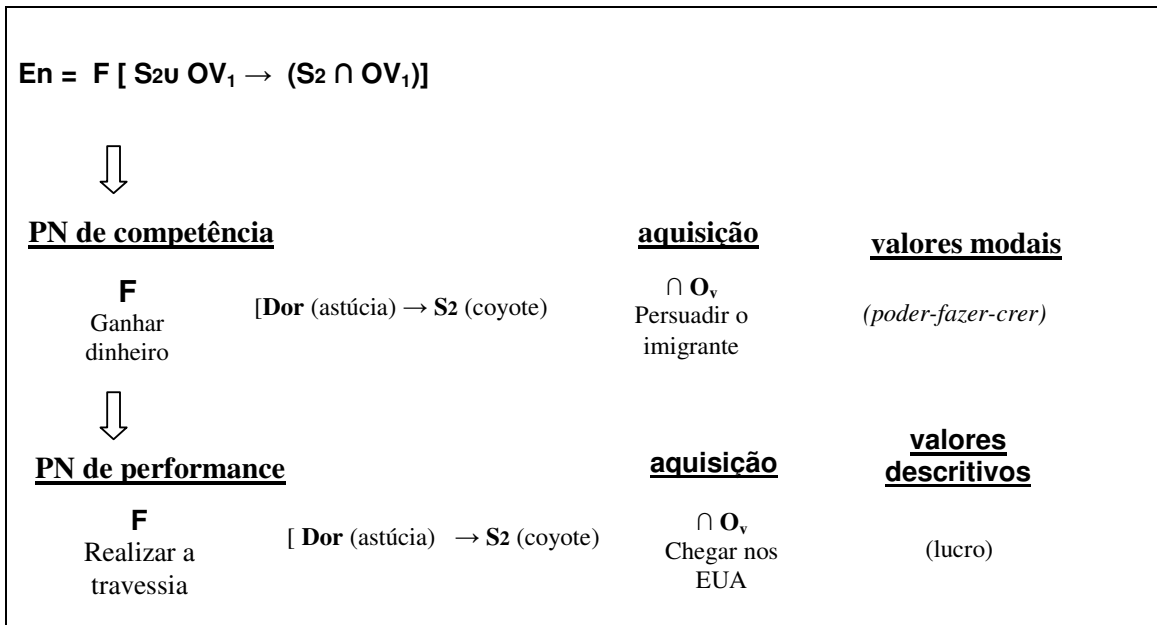
O sujeito semiótico 2 (S_2), representado pela figura do coyote, tem como objeto de valor extorquir o migrante. Para isso, utiliza a astúcia que lhe serve de destinador, fazendo crer no migrante que é possível realizar a travessia em segurança. Tem por oponente a polícia norte-americana e como adjuvante principal, a sua coragem. O seu anti-destinador é o medo de ser preso pela polícia norte-americana, já que a sua tarefa implica ameaça para os Estados Unidos.



No seu primeiro percurso, o S_2 persuade o S_1 a realizar a travessia, induzindo-o a acreditar que o deixará em território norte-americano. Para isso, faz-se necessário subornar os policiais mexicanos que se deixam e procurar todas as vias que lhes permitam escapar do controle da polícia mexicana honesta e norte-americana. Seu adjuvante é a astúcia e seu oponente é a polícia norte-americana.



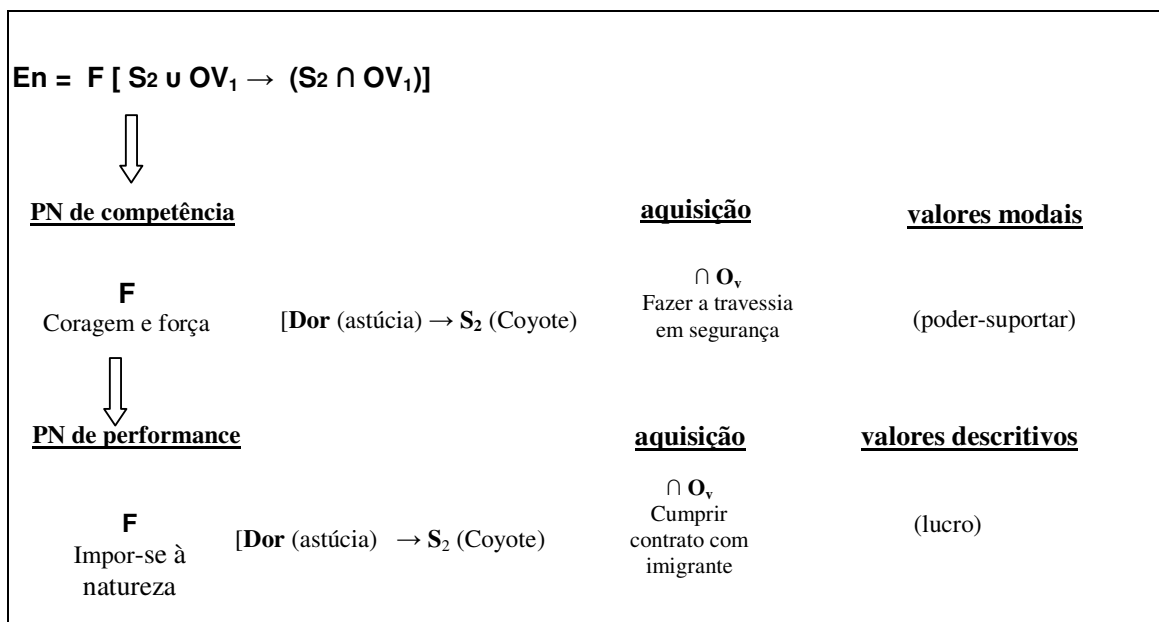
Privado do objeto de valor desejado, o S_2 necessita da mediação de um fazer transformador, no caso, o saber manipular, a fim de passar do estado disjunto ao conjunto. A aquisição pressupõe, então, o êxito do ato manipulatório que, por sua vez, só é obtido porque os sujeitos envolvidos compartilham dos mesmos valores, ou seja, ambos acreditam ser possível fazer a travessia.



Em um Segundo momento, em parte, o S_3 faz o mesmo percurso que o S_1 , ao realizar a travessia de Guatemala para os Estados Unidos. Também ele deve sobreviver à travessia e, para isso, sujeitar-se às incomodidades requeridas para escapar do controle migratório como enfrentar o calor e o frio excessivos que a geografia do território oferece; realizar caminhadas intensas e perigosas e permanecer escondido durante vários dias em lugares incômodos para não ser encontrado pela polícia norte-americana. Deve saber nadar para poder atravessar o rio grande que separa México dos Estados Unidos. Tem como adjuvante ele próprio e como oponente o clima e a geografia da região.

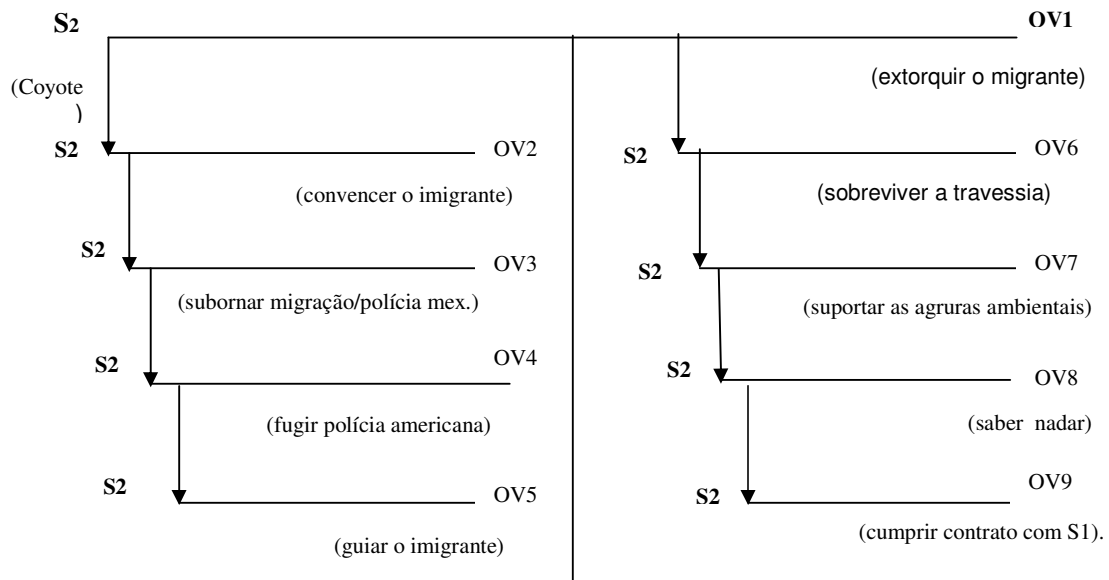


Nesse percurso, o S_2 é o responsável pela sua função conjunta. É ele quem realiza o fazer transformador que o possibilita passar da disjunção à conjunção. Sua competência modal, ancorada na coragem e na força, excede, portanto, a de seus oponentes. O esquema seguinte condensa o que foi dito:

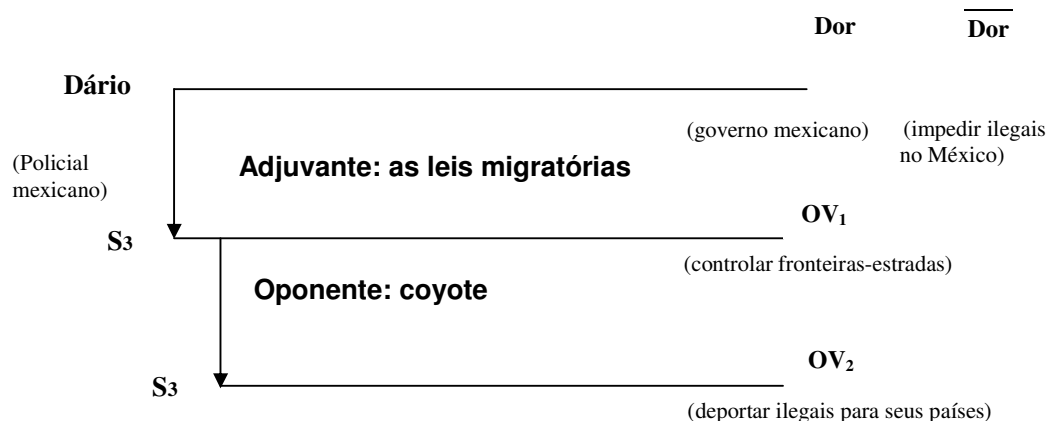


No gráfico abaixo, pode-se constatar os dois percursos que o S_2 deve realizar para obter o objeto de valor desejado. No primeiro, ele utiliza meios para persuadir o migrante e para subornar as autoridades que encontra durante a travessia de

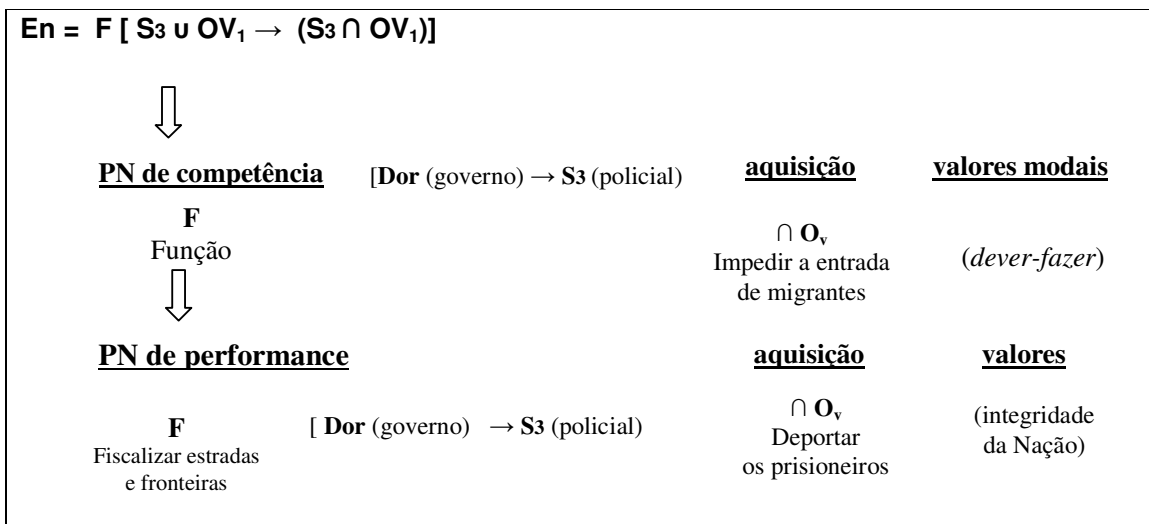
Guatemala até a fronteira de México - Estados Unidos. No segundo percurso ele realiza a mesma travessia que o migrante faz, pois é ele o guia que o conduz ao norte da América.



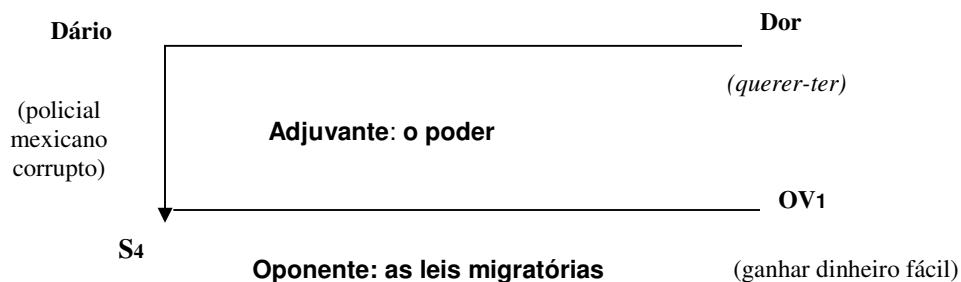
O Sujeito semiótico 3 (S₃), na figura do policial mexicano, desenvolve um percurso instigado por um dever social, o de fazer cumprir a lei de seu país. Instaure-se, na narrativa, pela modalidade do *dever-fazer-valer* os preceitos legais que regem a política migratória. Seu objeto de valor é impedir a presença de migrantes ilegais no México. Tem como adjuvante, as leis migratórias e como oponente o coyote, que facilita a entrada ilegal de estrangeiros no país. Como destinador, aparece o governo mexicano, que o institui na função de fiscal de fronteira. O anti-destinador do S₃ é o dinheiro dos ilegais, que o coyote oferece como suborno.



A passagem da disjunção à conjunção é desencadeada pela operação de um fazer transformador. É o próprio S_3 quem assume a responsabilidade dessa transformação. Sua competência modal, fincada no poder legal, permite-lhe subjugar o seu oponente. O esquema que segue condensa o que foi dito:

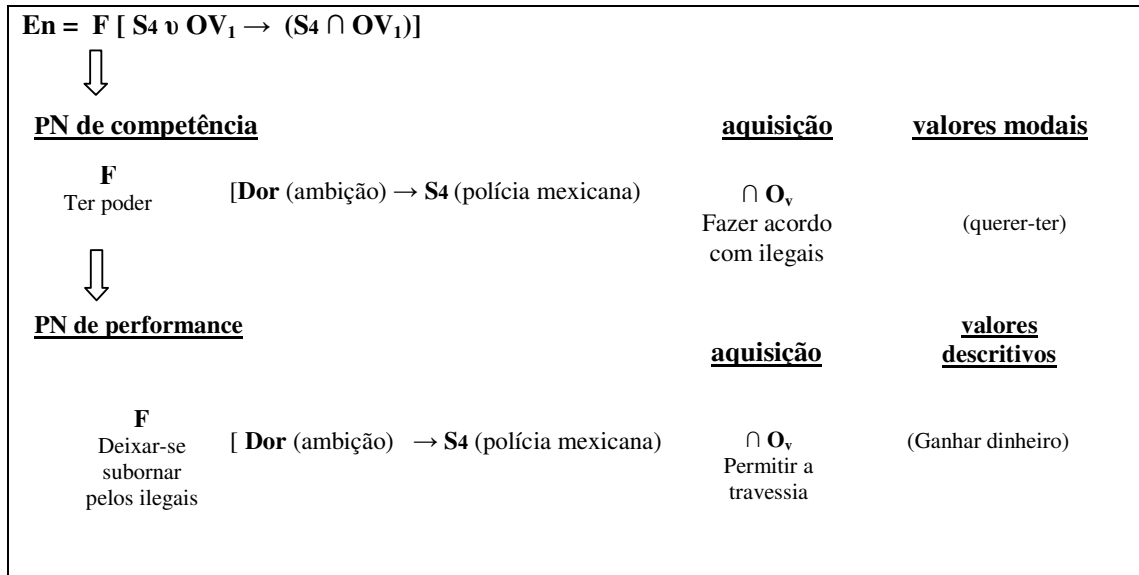


O Sujeito semiótico 4 (S₄), representado também pelo policial mexicano, realiza aqui um sincretismo atorial. Impulsionado pelo *querer-ter*, utiliza seu poder, em troca de dinheiro de ilegais para permitir-lhes a passagem por território mexicano. Seu objeto de valor é ganhar dinheiro fácil. Tem como oponente a lei que não permite esse tipo de travessia.



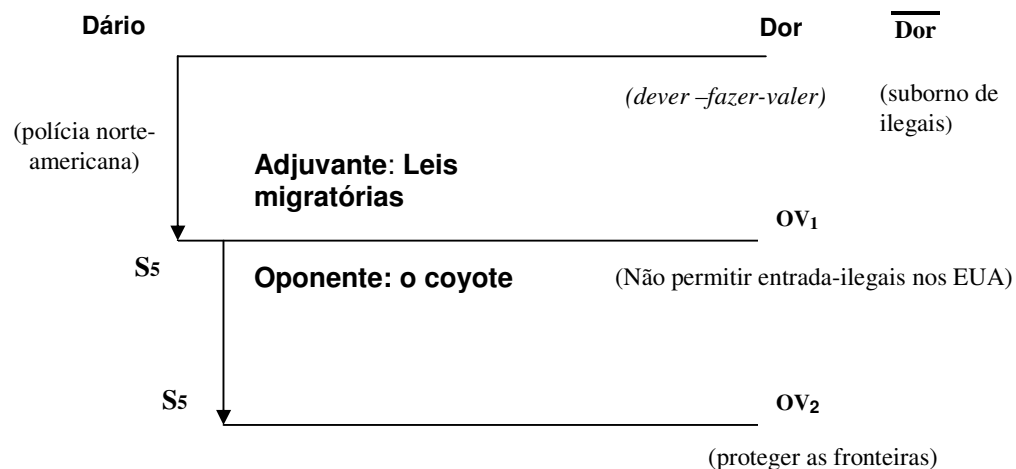
Por estar modalmente em vantagem em relação a seu oponente, o S₄ termina o percurso conjunto do objeto almejado. Sua performance, assentada no *querer-ter*, ganha respaldo na disposição daqueles que querem infringir a lei. Como se cumpre

o contrato narrativo, o S₄ é sancionado positivamente, ou seja, obtém o lucro esperado:

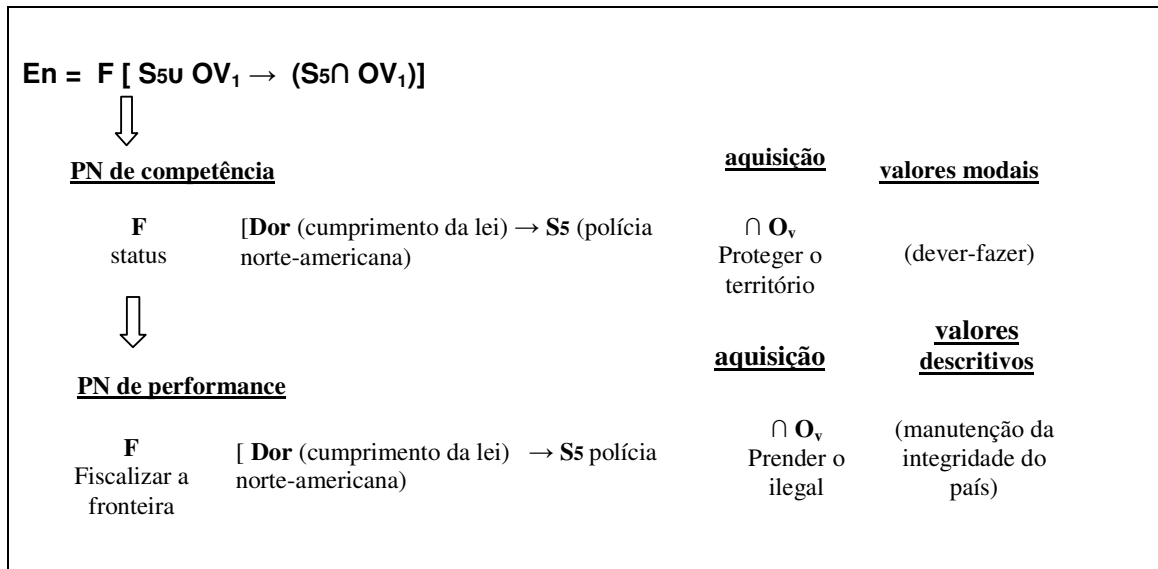


A polícia norte-americana, figurativiza o sujeito semiótico 5 (S₅) tem, como objeto de valor principal, não permitir a entrada de ilegais nos Estados Unidos.

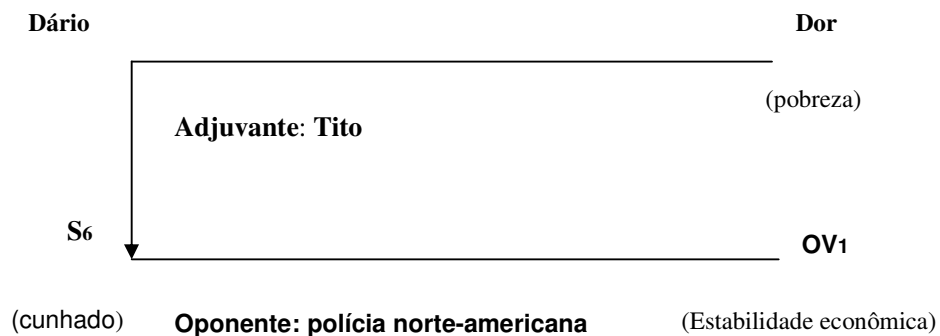
Impulsionada por um *dever-fazer-valer* a lei de seu país, ela atua com todas as forças para exercer sua função. Tem por adjuvante as próprias leis migratórias e como oponente o coyote, que descobre cada dia novos lugares para escapar com os migrantes. Seu anti-destinador é o suborno de ilegais.

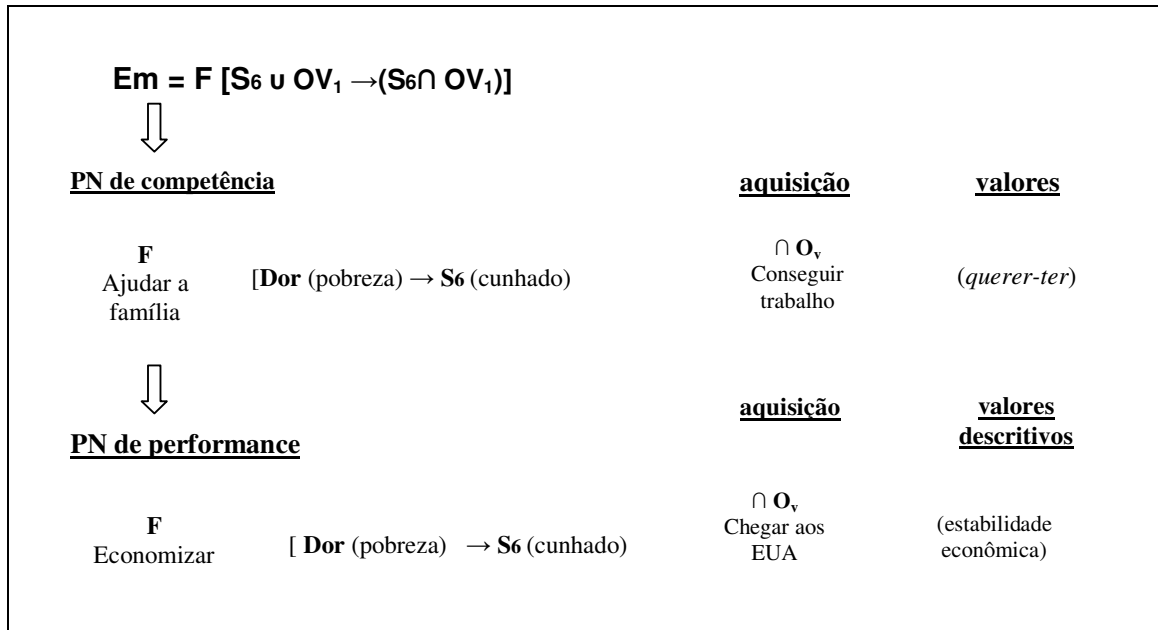


A passagem da disjunção à conjunção do S_5 é desencadeada pela operacionalização de um fazer transformador. É um percurso extremamente simples. Observe-se a diagramação seguinte:

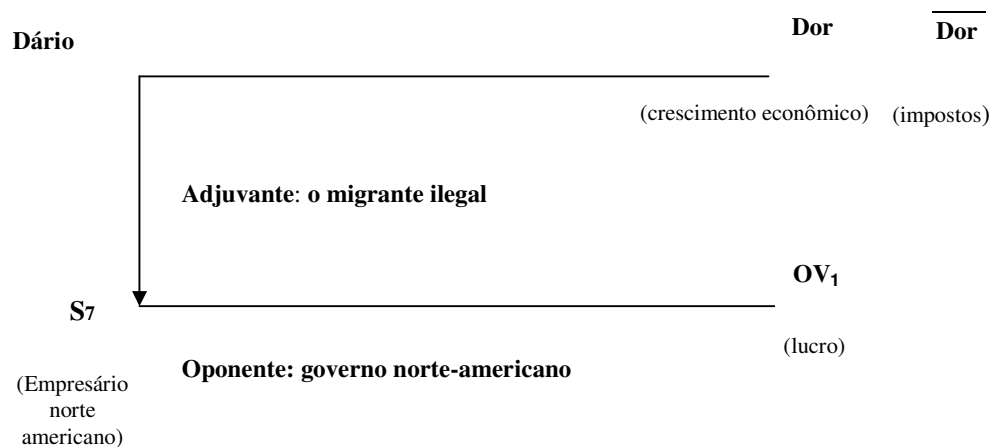


A trajetória do sujeito semiótico 6 (S_6), na figura do cunhado é semelhante à do S_1 . Instigado pela pobreza, tem por objeto de valor obter estabilidade econômica. O seu adjuvante é o S_1 , que o ajuda financeiramente para que essa viagem seja possível e como oponente, a polícia norte-americana.

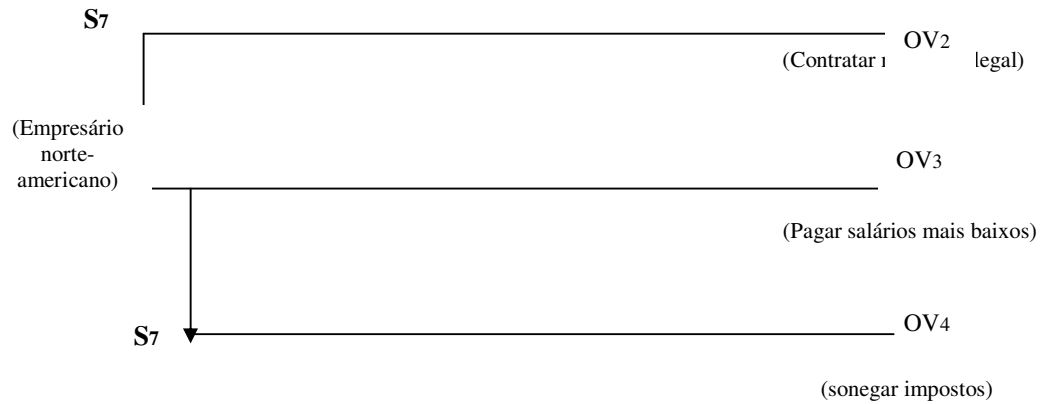




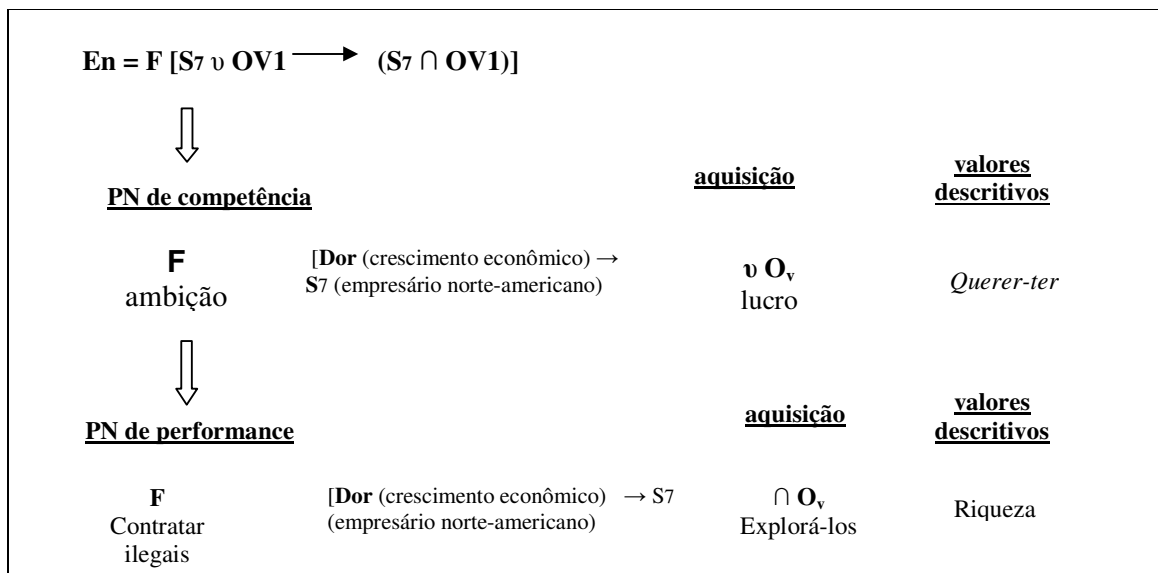
O sujeito semiótico 7, figurativizado pelo empresário norte-americano, desenvolve um percurso movido pelo desejo de crescimento econômico. Tem por adjuvante o S₁, como oponente o governo norte-americano que quer impedir a entrada dos ilegais em território estadunidense e como anti-destinador os impostos. É um sujeito que se instaura pela competência modal do *querer-lucrar*.



Para o S₇, o lucro é conseqüência lógica do tipo de contrato que ele realiza com o S₁. Não pagando o salário merecido e sonogando impostos ao governo estadunidense, o S₈ lucra mais que outros empresários que têm tudo legalizado.



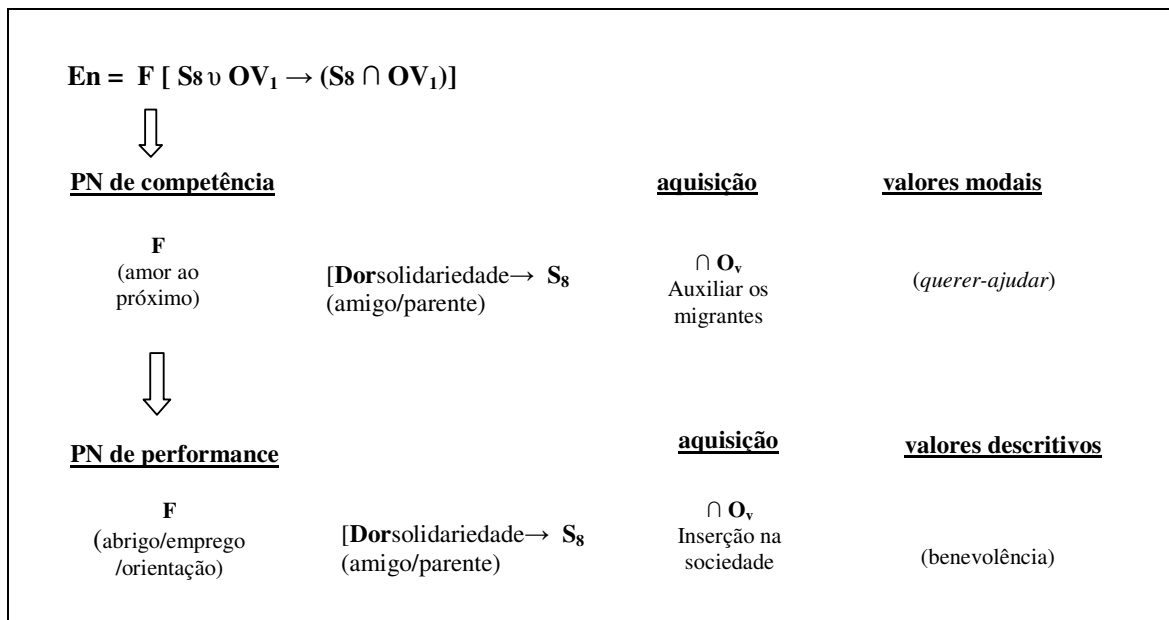
A conjunção com o objeto de valor é efetivada mediante intervenção realizada pelo próprio S_7 que passa, então, ao posto de sujeito operador. Em outros termos, sendo o responsável direto por sua competência modal, adquire, ele, condições necessárias para transformar seu estado disjuncto e, conseqüentemente, gozar de uma reparação recompensadora.



O Sujeito semiótico 8 (S_8), figurativizado pelos amigos e parentes, realiza um percurso que tem por objeto de valor apoiar os migrantes recém-chegados nos EUA. Destinado pela solidariedade que os irmana, instaura-se na narrativa pela modalidade complexa de *querer-ajudar*. Para isso lhe oferece moradia (OV₂) e o ajuda a encontrar trabalho (OV₃).



O S_8 obtém a conjunção com o objeto de valor desejado. O fazer que possibilita esse estado junto advém do próprio S_8 que, por meio de uma auto-destinação modal, adquire competência para realizar a performance e, conseqüentemente, receber a recompensa. Os esquemas seguintes consubstanciam as afirmações acima:



QUADRO- RESUMO DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS

Sujeito Semiótico	Objeto de Valor	Junção		destinador	Anti-destinador	Anti-sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização Instauração do sujeito
		conjunção	disjunção						
S1 Tito	Estabilidade econômica	X		pobreza			coyote	Polícia migratória norte-americana	<i>Querer-ter</i>
S2 Coyote	Extorquir o migrante	X		astúcia	Medo de ser preso		coragem	Polícia migratória norte-americana	<i>Poder-fazer-criar</i>
S3 Polícia Mexicana honesta	Controlar fronteira/ estradas	X		Impedir ilegais no México	O dinheiro	Polícia americana	As leis migratórias	coyote	<i>Dever-fazer-valer</i>
S4 Polícia Mexicana corrupta	Deixar-se subornar pelos ilegais	X		Ambição			O poder	Leis migratórias	<i>Querer-ter</i>
S5 Polícia migratória EUA	Não permitir ilegais nos EUA	X		Cumprimento lei migratória EUA	Suborno de ilegais		Leis migratórias	coyote	<i>Dever-fazer-valer</i>
S6 cunhado	Estabilidade econômica	X		pobreza			coyote	Polícia migratória norte-americana	<i>Querer-ter</i>
S7 Empresário Norte-americano	lucro	X		Crescimento econômico	impostos		migrante ilegal	Governo norte-americano	<i>Querer-ter</i>
S8 Amigos/ parentes	Apoio ao migrante	X		solidariedade			A experiência	Polícia migratória norte-americana	<i>Querer-ajudar</i>

4.3 Estruturas Discursivas

4.3.1 Relações intersubjetivas

O processo de enunciação do texto em análise se desenvolve na voz do enunciador “Tito” que coloca em cena outros sete atores, a saber: o *coyote*; a polícia mexicana honesta e corrupta; a polícia norte-americana; o cunhado de Tito; o empresário americano e parentes/amigos.

Debreando da cena enunciativa, o enunciador recupera os fatos presentes para explicar porque deixou Guatemala e foi morar nos Estados Unidos. Para ele, essa experiência lhe parecia a única opção, capaz de solucionar seus problemas daquele momento. Encontrava-se endividado, com salário insuficiente para pagar o aluguel da pequena casa em que vivia e para sustentar a família.

Para realizar uma viagem desse tipo, fazia-se necessário muito dinheiro e isso foi um desafio para Tito, já que tinha de pagar a viagem antecipadamente. Superando a timidez e a vergonha, conseguiu pedir ajuda às pessoas conhecidas que, na verdade eram poucas, pois o ambiente que freqüentava era humilde. Além disso, as pessoas faziam resistência a esse tipo de empréstimo, já que não havia nada que assegurasse o sucesso da viagem de Tito para o norte da América e, conseqüentemente, o retorno de seu dinheiro.

Primero busqué la forma de conseguir el dinero prestado con las personas más conocidas, las más allegadas, pero cada quién tenía sus compromisos y o no tenía el dinero, tal vez no tenía la disponibilidad de prestarlo unos por sus negocios, otros porque, tal vez simplemente no tenían la confianza de que uno pudiera pagar esa cantidad de dinero [...]

Vencendo esse primeiro obstáculo, o enunciador teve de contratar um *coyote*, guia que o levasse a seu destino, já que é o único capaz de conduzi-lo até os Estados Unidos, porque conhece toda a região da travessia e tem contatos estratégicos com policiais mexicanos que se deixam corromper pela ilegalidade. Seu nome está relacionado à figura de um lobo, ágil, astuto e capaz de sobreviver às adversidades do deserto. Na posição de líder da travessia, em sua maioria é

rígido com os migrantes, exige obediência, silêncio, discrição e rapidez em tudo o que esses fazem. Alguns deles, em vez de ajudarem, abandonam migrantes que não conseguem estar ao ritmo dos demais do grupo durante a viagem. No entanto, não se pode negar que também existem aqueles que ajudam aos ilegais.

Teníamos que ir absolutamente en silencio, y El viaje era largo. Cada vez que nos tocaba hacer esto, eran viajes de aproximadamente cuatro o cinco horas, a veces hasta ocho horas.

Movido pela corrupção, presente em todo enunciado, o *coyote* é quem suborna os policiais mexicanos corruptos para atravessar os postos de vigilância nas estradas.

[...] cuándo nos tumbábamos con puestos de control de la policía, y nos controlaban pues, el coyote tenía que se encargar de dar suficiente dinero, lo que los policías exigieran, como décimos nosotros, de mordida³⁹, de soborno para poder continuar el viaje.

Para a polícia mexicana honesta o migrante ilegal não deve ultrapassar as fronteiras de seu país e para isso ele busca todas as estratégias possíveis para prendê-lo e deportá-lo. O exemplo abaixo dá a entender que existe a presença dessa polícia que obstaculiza a entrada de Tito no México.

[...] saliendo de Guatemala, entrar a México, por supuesto tenía de noche. Y estuvimos caminando un aproximado de una hora, cuándo tuvimos que regresarnos. Y así, al fin de varios intentos [...]

Para Tito, o momento mais difícil da travessia foi chegar a Tijuana, fronteira do México com os Estados Unidos e atravessar o deserto. Para ele seu destino estava muito próximo, mas ao encontrar a vigilância da polícia norte-americana,

³⁹ Mordida é o pagamento por um favor de forma corrupta. Geralmente se refere a propinas dadas a funcionários que, para obterem dinheiro, realizam irregularidades em seu trabalho.

suas expectativas mudaram. Experimentou a angústia e o medo de ser preso, porque ele sabia que se esses policiais o prendessem, ele seria deportado.

Caminamos durante toda la noche, sólo tuvimos un descanso aproximadamente de quince minutos, cómo a las tres de la mañana, porque andaba un helicóptero de la policía de migración controlando la frontera, controlando el desierto, que se le llama el mosquito.

Ao conseguir escapar dos policiais, Tito experimenta mais uma vez a certeza de ter chegado aos Estados Unidos, mas veja o que acontece:

Aproximado de las seis y media de la mañana nos topamos con la policía de migración y algunos tuvieron que meter a una poza de agua sucia. Salir nadando, salir huyendo a la policía nadando; yo no podía nadar, entonces tuve que dejar que me agarraran y luego me llevaron a una prisión federal.

Preso pela polícia americana, ele experimentou momentos fortes de desânimo, solidão, tristeza e medo de ser deportado, além de, sentir-se incapaz de fazer alguma coisa para sair daquela prisão. Mais uma vez, pensou em seus amigos de Guatemala como única esperança para conseguir dinheiro e ser liberado baixo fiança. Fato inexplicável esse, porque geralmente os presos são deportados.

Para Tito, encontrar seus parentes e amigos que moram nos Estados Unidos foi encontrar a família, apoio indispensável que ele precisava naquele momento. Sem a sua ajuda, teria sido muito mais difícil introduzir-se em um país de cultura tão diferente da sua, principalmente, nos primeiros momentos.

Allá tenía muchos primos, muchos vecinos amigos de la misma aldea que vivía, en el mismo lugar allá, en la misma ciudad.

Yo llegué un día, por decirlo así, creo que fue el jueves, perdón, fue el martes. Él día miércoles estuve, como quién dice descansando e ya el día jueves, ya fue a trabajar. Un primo mío me llevó a trabajar con él.

Não foi difícil para o enunciador entrar no ritmo do trabalho. Seduzido pelo desejo de ganhar dinheiro, não se importava com o tipo de trabalho que fazia. Eram trabalhos, insignificantes, para o norte-americano, jardinaria e construções, com salários mais baixos em comparação ao dos estadunidenses e dos migrantes legalizados, contudo, para Tito, parecia ganhar a loteria. O dólar tinha muito mais valor que a moeda de Guatemala e era disso que ele precisava para solucionar seus problemas.

Quanto ao relacionamento de Tito com o empresário norte-americano foi tranqüilo, porque para o empresário lhe interessava que ele fizesse bem seu trabalho.

[...] ellos se portan bien, regularmente se portan muy nobles con uno, porque les interesa la mano de obra barata [...]
[...] lo importante para ellos es estar portándose bien con uno, es que uno responda bien en el trabajo [...]

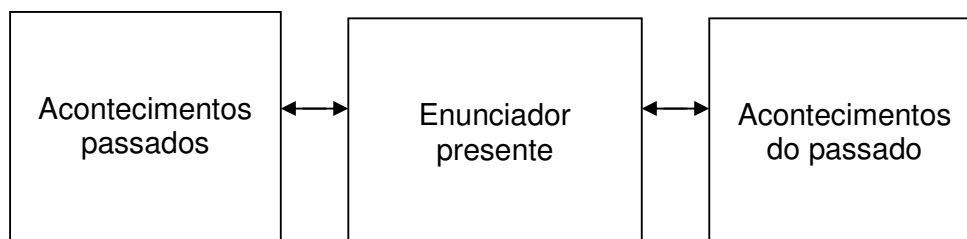
No primeiro ano de trabalho nos Estados Unidos, Tito conseguiu pagar as dívidas da viagem e enviar remessas para o sustento da família. Depois, ajudou, também, a um cunhado que tinha os mesmos anseios que ele, a estabilidade econômica. Esse, com a ajuda de Tito, conseguiu alcançar seus objetivos, reforçando a hipótese de que os migrantes estão preocupados com seus parentes.

Com o que economizou, durante três anos, investiu na compra de um ônibus, eletro doméstico e brinquedos para os filhos. Retornou a Guatemala e com a venda do ônibus conseguiu construir a casa própria, porém ficando sem dinheiro, voltou para os EUA por mais duas vezes. No último retorno de Tito à Guatemala, levou outro ônibus, com o qual trabalha hoje, prestando serviço a um colégio como transporte escolar. Vive feliz em Guatemala, junto à sua família, mas está convencido de que, se a estabilidade econômica vier a diminuir, ele retornará aos Estados Unidos.

[...] lo que yo busco es tener un trabajo estable, y mientras esté solvente prefiero estar acá. Y mientras Dios nos bendiga con salud y con trabajo.

4.3.2 Temporalização

A temporalização do texto bifurca-se em tempo lingüístico, tempo que remete a instância enunciativa situando o enunciado em relação aos acontecimentos e o tempo crônico que organiza a enunciação a partir de marcos referenciais instalados no enunciado. “Tito” se desloca nos dois tempos. No momento em que ele fala, ele se situa na zona proximal, mas quando sua fala se desenvolve há a instalação da zona distal que o leva ao passado, momentos fora do seu tempo da enunciação.



Na primeira instância, o enunciador se refere a um passado, mas logo constrói outra enunciação, colocando-se no presente e, em seguida, retorna ao passado. Nessa cadeia enunciativa, o enunciador mostra o quanto é importante para o migrante, ter pessoas conhecidas nos EUA que o ajude a inserir-se no país.

No tempo lingüístico, a predominância do tempo é no passado que permite um caráter reiterativo, reforçando que os fatos acontecem num círculo vicioso, indicando que a ação está inacabada, mas que está prestes a continuar.

[...] teníamos que ir absolutamente en silencio, y el viaje era largo. Cada vez que nos tocaba hacer esto, eran viajes de aproximadamente cuatro o cinco, a veces hasta ocho horas [...]

Em relação ao tempo crônico, a expressão temporal “noite” mostra a existência de um ambiente propício para o migrante fugir do controle migratório, já que a vigilância diminui e a visibilidade é muito menor, em comparação ao dia. Enquanto que a expressão “aproximadamente” é uma marca temporal que indica

falta de exatidão, reforçando a idéia de que os migrantes estão sujeitos a uma pressão do tempo que não é possível controlá-la.

*[..]Cuándo llegamos a Tijuana, empezamos a caminar aproximadamente a las ocho de la noche [...]
 [...] por supuesto tenía que hacerlo de noche [...]
 [...]Caminamos durante toda la noche, sólo tuvimos un descanso aproximadamente de quince minutos, cómo a las tres de la mañana [...]
 [...] [...] y estuvimos caminando un aproximado de una hora [...]*

Em certos momentos do enunciado, o enunciador utiliza o termo “como” para dar a idéia de um aproximado; depois repete a expressão “seis, seis e meia” indicando a incerteza do tempo em que sucedeu o fato.

*[...] allí estuve trabajando, como cinco días [...].
 [...] Cuándo, se dieron las seis de la mañana, cuándo un aproximado de las seis e media {...}
 [...] eran viajes de aproximadamente cuatro o cinco [...]*

As relações no enunciado projetam-se por meio de uma debreagem. Os fatos se apresentam na tessitura textual, na sua grande maioria, no pretérito perfeito, imperfeito e no presente do indicativo. O pretérito perfeito do indicativo encerra uma ação em que as coisas se concluem antes do ato de falar, utilizando-se para denunciar:

*[...] fue muy difícil. [...]
 [...]_busqué la forma de conseguir el dinero prestado [...]
 [...] empecé a mandar cosas [...]*

O pretérito imperfeito do indicativo indica uma ação passada em relação ao momento em que se está falando, porém presente em relação a outro fato passado, sendo muito utilizado para narrar algo acontecido anteriormente.

[...] cada quien tenía sus compromisos y o no tenía el dinero, tal vez no tenía la disponibilidad de prestarlo. [...]
[...] sabían que la situación económica no era solvente cómo para afrontar una deuda así. [...]

O presente do indicativo foi utilizado pelo enunciador para apontar um fato que estava se realizando naquele momento em que ele falava.

[...] Cada quién tiene una experiencia diferente, dependiendo de la persona que lo lleve [...]
[...] ya no pienso regresar [...]
[...] lo que hago, es trabajar un bus escolar que yo traje [...]

O distanciamento do enunciador refere-se a um momento passado, inscrito no enunciado e que ordena a sua continuidade.

[...] supo que yo había llegado, me contactó [...] [...] es uno de los trabajos más comunes para alguien que no tiene experiencia y que no sabe hablar [...] [...] esto, para mi, fue algo bonito porque ya estaba yo aprovechando mi tiempo [...].

4. 3.3 Espacialização

De forma semelhante ao que ocorre ao tempo, a categoria espacial do texto “Tito” se divide em dois espaços: o lingüístico e o tópico. O lingüístico compreende o lugar axial onde se estabelece o discurso, lugar de posicionamento do enunciador em relação à enunciação. Esse sofre modificações a partir da posição que o enunciador ocupa. No enunciado, esse tipo de espaço apresenta-se constituído por uma seqüência de três enunciações.

Na primeira, encontra-se o espaço do lá, que se refere à memória. O enunciador recorda-se dos fatos acontecidos no passado e, portanto, está espacialmente debruado dele.

[...] cuándo llegamos a Tijuana, empezamos a caminar [...]

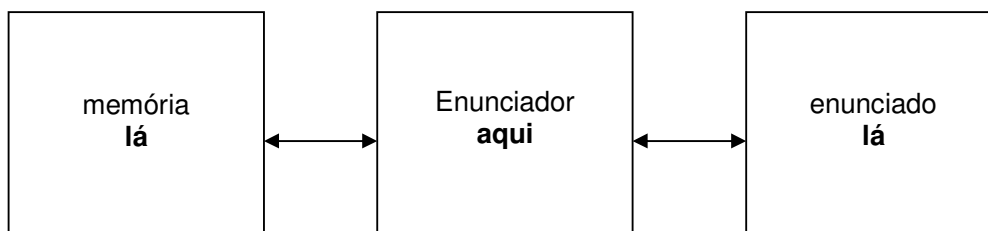
No segundo, o espaço do aqui, o enunciador ocupa os pronomes que remetem a primeira pessoa e encontra-se embreado.

[...] primero me encargué de que se pagara la deuda [...]
[..] Se platicó con mi esposa [...]

No terceiro, o espaço do lá, o enunciador constrói o espaço do enunciado, espaço da materialização do texto que se estabelece através da debruagem.

[...] Sí, allá tenía muchos primos, muchos vecinos, amigos de la misma aldea que vivía [...]

A partir do seguinte diagrama, encontram-se representados os três tipos de espaço:



O espaço tópico distingue-se pela instauração de pontos de referência onde o enunciador e interlocutores se situam e localizam. Alguns exemplos encontrados no enunciado são: o deserto mexicano, a prisão norte-americana e Guatemala.

O deserto mexicano representa o último trajeto percorrido pelo enunciador em território mexicano. É um lugar caracterizado pelas extremas mudanças climáticas, já que, durante o dia, pode alcançar até cinquenta graus de calor e à noite baixar bruscamente. Nesse lugar, Tito experimentou grande cansaço físico, por ter de caminhar a noite inteira, mas também o medo e a tensão de ser preso pela polícia norte-americana.



Fig 15

Zona desértica de México.

Jen Green, Un cacto saguaro, Correo del Maestro- La Vasija, México, 2005.

A prisão federal de San Diego-EUA representou, para o enunciador, um lugar que lhe marcou pelos sentimentos solidão e fracasso e de medo de ser deportado. Porém, foi também o lugar onde Tito experimentou a maior alegria durante a travessia: ser libertado e poder entrar nos Estados Unidos.

Guatemala, país da América Central, característico pelo seu clima de “eterna primavera” e berço da cultura maia, representa um espaço inesquecível na vida do enunciador. É sua terra e para ele não existe melhor lugar para viver feliz com sua família.

4.3.4 Temas e Figuras

No texto “Tito”, destacam-se alguns temas e figuras que fundamentam algumas idéias encontradas no enunciado.

O tema “pobreza” é o que instiga Tito a deixar Guatemala em busca de melhores condições econômicas nos Estados Unidos. As figuras relacionadas a estes temas são: a instabilidade econômica, dívida e desconforto, encontrados no enunciador.

[...] lo que yo estaba ganando no era suficiente [...]

Outro tema característico desse enunciado é a “riqueza”, ao representar, os anseios mais profundos que Tito tem ao realizar a experiência de trabalho nos Estados Unidos. Este se encontra figurativizado em abundância, propriedade, economia e estabilidade.

*Primero me encargué de que se pagara la deuda. Mandaba el dinero para la casa, para el gasto
[...] empecé por mandar una refrigeradora, luego un televisor [...]
Con el dinero con que vendí el bus, logré construir una casa para nosotros que es la en que actualmente vivimos [...]
[...] logré ayudar a un mi cuñado [...]
[...] estoy trabajando para un colegio [...]
[...] mientras esté solvente prefiero estar acá [...]*

O tema “sofrimento” corresponde a todo o período da travessia realizada por Tito, até chegar ao norte da América. Este pode ser considerado de três naturezas: sofrimento físico, moral e psicológico. No sofrimento físico, as figuras que o representam são: separação familiar, cansaço, incômodo, maus tratos e prisão. O sofrimento moral relaciona-se à extorsão, ilegalidade, humilhação, discriminação, submissão ao *coyote* e endividamento. O sofrimento psicológico é representado por tensão, medo, solidão, frustração, silêncio e humilhação. Esses sofrimentos permeiam todos os dias da viagem de Tito.

[...] logramos pasar y nos metieron a camiones, unos camioncitos, y muy pequeños e todos bien amontoados⁴⁰. Solo encuclillados, por decirlo así sentados, pero no, sin asientos.

Caminamos durante toda la noche, sólo tuvimos un descanso aproximadamente de quince minutos, cómo a las tres de la mañana, porque andaba un helicóptero de la policía de migración controlando la frontera, controlando el desierto [...]

Outro tema muito relevante aqui apresentado é a “ilegalidade” que conduz o enunciado do início ao fim. É através dela que o enunciador consegue realizar o sonho de chegar aos Estados Unidos. Essa realidade destaca-se nos diferentes tipos de relacionamentos que Tito tem com outros atores no enunciado, como é o caso do *coyote* e do suborno da polícia mexicana corrupta.

[...] cuándo nos tumbábamos⁴¹ con puestos de control de la policía, y nos controlaban pues, teníamos que, el coyote se tenía que encargar de dar suficiente dinero, lo que el, los policías exigieran, como decimos nosotros, de mordida⁴², de soborno para poder continuar el viaje.

O tema “esperança” está figurativizado em oportunidade e imbricado com o tema sofrimento, porque é o sustentáculo do sujeito enunciador e o faz suportar as adversidades.

[...] lo qué yo esperaba encontrar era una fuente de trabajo, un mejor ingreso [...]

A “dominação” é representada no enunciado, através do poder, subtendido nas figuras do *coyote*, da polícia mexicana, da polícia migratória dos Estados Unidos e do empresário norte-americano, sobre os migrantes ilegais. O papel do *coyote* na travessia representa alguém a quem se deve respeito e, portanto, tem um

⁴⁰ Amontoados significa colocados uns em cima dos outros.

⁴¹ Tumbábamos se refere aqui a encontra-se.

⁴² Mordida significa, suborno.

poder sobre o migrante, seja ele bom ou ruim. É a ele que deve o sucesso da viagem. O poder do policial mexicano evidencia-se no medo que o migrante tem de encontrá-lo cara a cara, por isso foge sempre. O poder da polícia americana é aquele que mais temem os ilegais, porque os podem deportá-los depois de milhares de quilômetros transcorridos. E, finalmente, o poder do empresário, que pode demiti-los se não estiverem contentes com o seu trabalho. Um exemplo desses se encontra no enunciado:

[...] se bien que, alguien no trabaja, a como ellos quieren, ellos lo tratan mal y simplemente los despiden.

4.3.5 Leituras temáticas

As conclusões extraídas da narrativa possibilitaram chegar às seguintes leituras temáticas:

Primeira leitura:

A migração para os EUA se deve à falta de compromisso dos governos latino-americanos com seus países.

Segunda leitura:

O setor terciário, da economia norte-americana, sustenta-se na exploração do migrante.

Terceira leitura:

A ilegalidade que beneficia os menos favorecidos revela-se um princípio positivo.

Quarta leitura:

Os latinos se solidarizam-se por serem iguais

Quinta leitura:

O coyote é o intermediador entre o dominante e o dominado

Sexta leitura:

Para o empresário norte-americano é vantagem contratar o migrante ilegal

Sétima leitura:

A travessia é um desafio para os migrantes

Oitava leitura:

A polícia mexicana é uma vergonha para seu país

Nona leitura:

O processo migratório é um negócio que dá bom rendimento

Décima leitura:

O sistema capitalista influi no latino-americano que vai trabalhar nos EUA.

Décima primeira leitura:

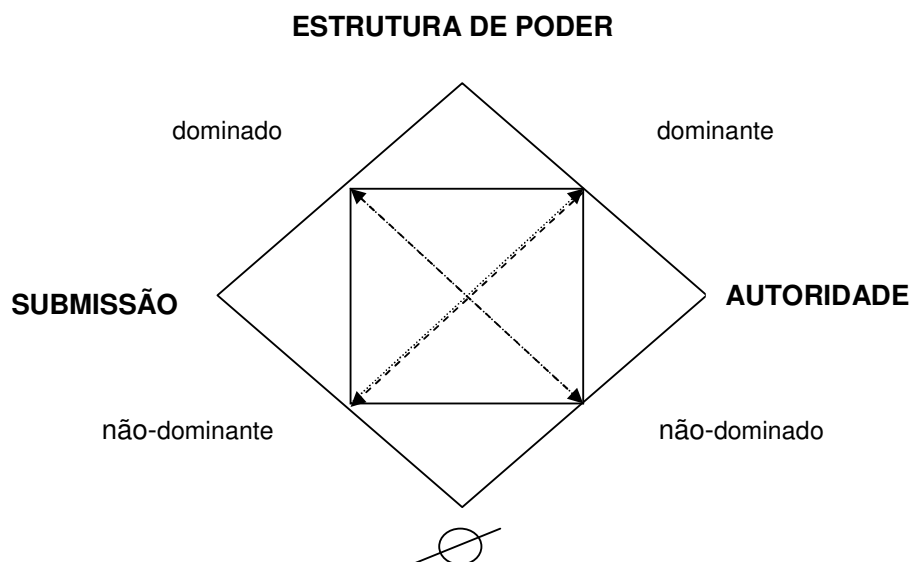
O latino adquire nova forma de conceber o trabalho.

Décima segunda leitura:

A polícia americana é o terror dos migrantes

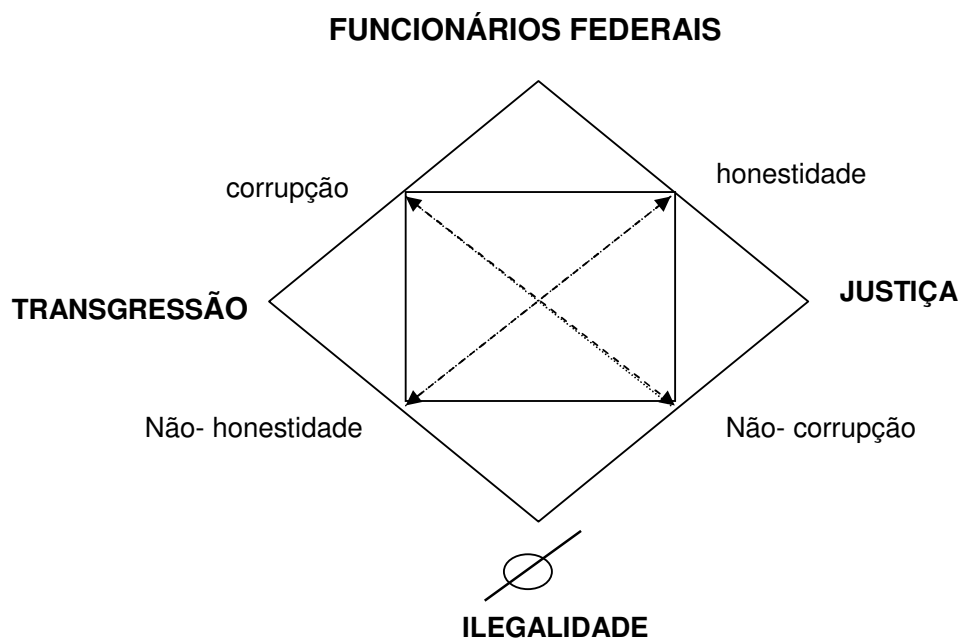
4.4 Estrutura Fundamental

Ao analisar as estruturas narrativas e discursivas, foi possível detectar os valores axiológicos, evidenciados no enunciado “Tito” que podem ser dialeticamente hierarquizadas no octógono semiótico seguinte:



Na tensão dialética, ocorrida entre dominado e dominante, encontra-se o conflito mais importante da narrativa. O somatório desses dois dá origem ao metatermo “estrutura de poder”. A relação entre a dêixis positiva “dominado” mais a dêixis negativa “não-dominante”, resulta no metatermo “submissão”, posição exercida por Tito. Da relação entre a dêixis positiva “dominante” mais a dêixis negativa “não-dominado” resulta o metatermo autoridade.

Uma outra tensão dialética da narrativa pode ser representada no octógono seguinte:



A tensão existente entre os contrários: corrupção e honestidade representam as figuras que marcam a experiência do ilegal que vai para os Estados Unidos. Nelas se encontram: o *coyote*, a polícia mexicana corrupta e o empresário americano. Do somatório desses dois termos corrupção e honestade, resulta o metatermo “funcionários federais”, pessoas que trabalham para o o governo e que devem respeitar e fazer cumprir as leis de seu país. A relação entre a dêixis positiva “honestidade” mais a dêixis negativa “sem corrupção” implica justiça, realidade menos encontrada na experiência de Tito, representada aqui pela soma do termo corrupção sem honestidade, implicando a “transgressão”. Enquanto a soma dos termos negativos “sem honestidade” mais “sem corrupção” resulta a ilegalidade, tema predominante no discurso analisado.

5 ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO:

DISCURSO DEL PRESIDENTE BUSH A LA NACIÓN SOBRE LA REFORMA INMIGRATORIA (EUA)

5.1 Preliminares

O tema “imigração ilegal” divide os estadunidenses entre os que apóiam e os que não concordam. O primeiro grupo, instigado pela solidariedade, representa a maioria, enquanto os que são contra acusam o migrante indocumentado de responsável pela delinqüência existente no país, além descriminá-los. O presidente Bush acusa a ilegalidade de corrupção, de criminalidade e de responsável pelo incremento orçamentário no país, com os gastos com escolas públicas e hospitais. Ao mesmo tempo, reconhece que a maioria dos ilegais são pessoas honradas, trabalhadoras, que mantêm suas famílias, praticam a religião e são responsáveis, mas que não estão protegidos pelas leis norte-americanas.

O presidente defende o estado de direito dos Estados Unidos, afirmando que se faz necessário cumprir suas leis; ter um sistema seguro, ordenado e eqüitativo, capaz de controlar suas fronteiras do sul com o México, o que não conseguiram os governos passados. Para isso, ele apresenta uma reforma migratória com cinco objetivos. O primeiro manifesta a necessidade de ter uma fronteira aberta ao comércio e à migração legal, fazendo-se imprescindível incrementar a segurança. O segundo propõe a criação de um programa de trabalhadores temporais em que, ao concluir o contrato de trabalho, o migrante deve retornar ao seu país. O terceiro exige dos empresários que tenham contratações com trabalhadores temporais, a prestação de contas ao governo. O quarto objetivo, oferece a cidadania àqueles que moram nos Estados Unidos a mais tempo, desde que saldem uma multa por violar a lei migratória; comecem a pagar os impostos; aprendam o inglês, não

tenham antecedentes criminais e tenha determinado tempo de trabalho em uma só empresa. O quinto envolve ajudar ao imigrante que entrou recentemente nos EUA a assimilar-se à sociedade estadunidense e a estudar a língua inglesa.

Para a aprovação desse novo programa, o presidente Bush submete-se à Câmara de representantes e do Senado, argumentando que não se pode construir um país unido, provocando cólera nas pessoas e aproveitando-se do tema da imigração para tirar vantagens políticas.

A segmentação indica os temas encontrados e apresentados na ordem lógica do texto:

- SG₁ Divisão de estadunidense em relação ao migrante
- SG₂ Corrupção do ilegal
- SG₃ Custo do ilegal no orçamento do país
- SG₄ Reconhecimento da honradez do migrante
- SG₅ Indocumentado desprotegido
- SG₆ Proposta de uma Lei Migratória para EUA
- SG₇ Abertura das fronteiras ao comercio legal
- SG₈ Criação de Programa de trabalhadores Temporais
- SG₉ Lançamento de um cartão de controle biomédico
- SG₁₀ Prestação de conta do empresário ao governo por migrante contratado
- SG₁₁ Condições para oferta de cidadania estadunidense
- SG₁₂ Estudo obrigatório da língua inglesa
- SG₁₃ Assimilação da cultura norte-americana.
- SG₁₄ Submissão do programa à Câmara e Senado

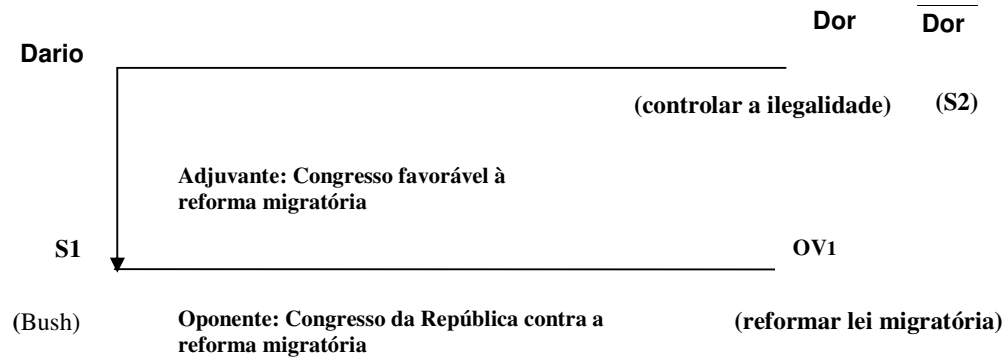
5.2 Estruturas Narrativas

Os sujeitos semióticos encontrados no texto “Discurso del Presidente Bush a la nación sobre la reforma inmigratoria (EUA)” encontram-se especificados no quadro abaixo:

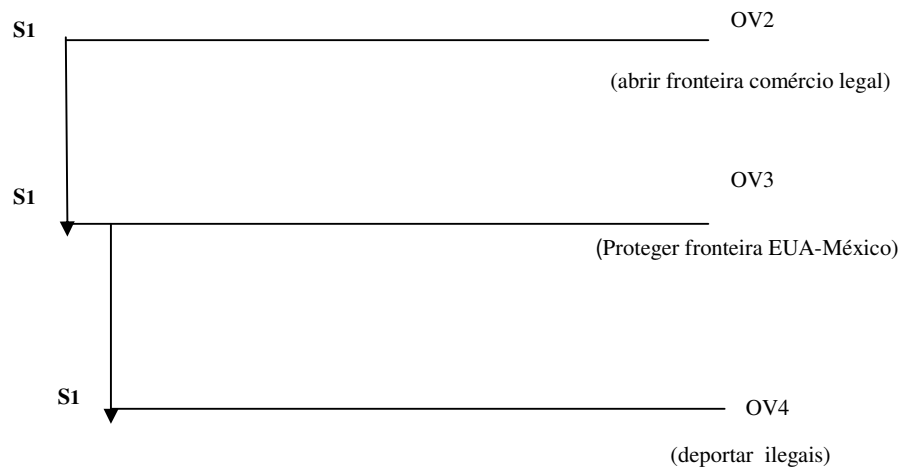
SUJEITO SEMIOTICO	FIGURATIVIZAÇÃO
S1	Presidente Bush
S2	Presidente Bush
S3	Estadunidenses contra a reforma
S4	Estadunidenses a favor da reforma
S5	Migrantes recentes
S6	Migrantes antigos
S7	Parlamentares a favor da reforma
S8	Parlamentares contra a reforma
S9	Empresários norte-americanos
S10	Patrulha fronteira
S11	Guarda nacional
S12	Agências de leis das fronteiras
S13	Guadalupe Denogean

Como se pode observar no quadro, dois sujeitos semióticos aparecem figurativizados pelo mesmo ator Bush. São sujeitos oponentes, funcionando cada um como anti-sujeito no percurso do outro. O fato de o conflito processar-se na mesma na mente de um só ator configura a estância da subjetividade semiótica.

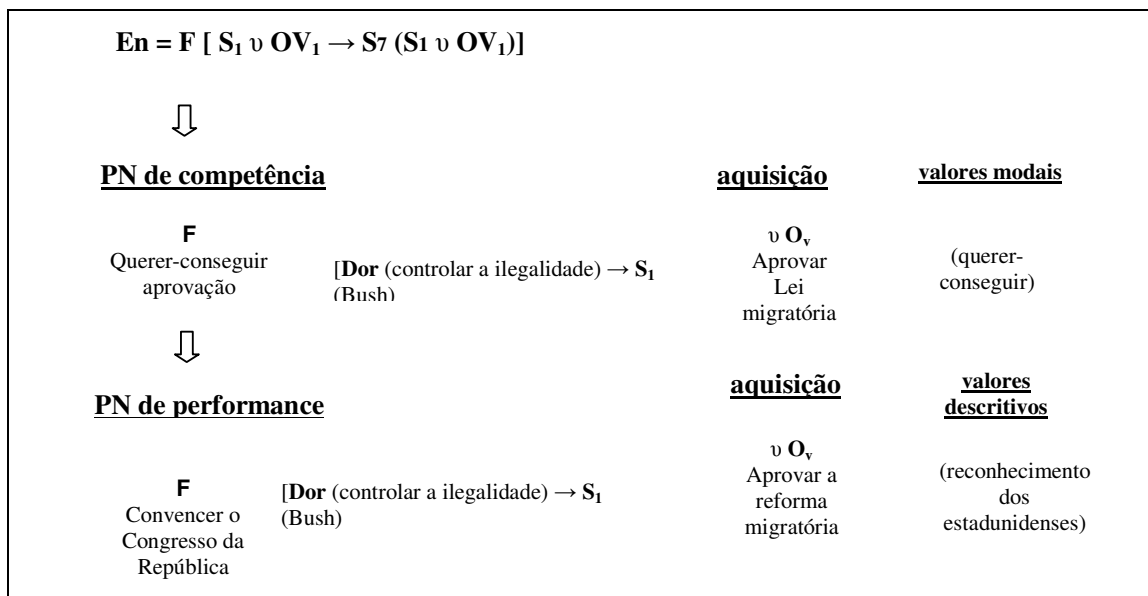
O sujeito semiótico 1(S₁), figurativizado pelo presidente Bush, é instigado pelo desejo de controlar a ilegalidade em seu país, tem por anti-destinador o sujeito semiótico 2. O S₁ não sabe, exatamente, o número de *indocumentados* existentes em seu país e muito menos, arrecada os impostos laborais dessas pessoas. O seu objeto de valor é realizar uma reforma migratória, mas para isso precisa da colaboração do Congresso da República que a aprove. O seu oponente são os parlamentares contra a reforma migratória.



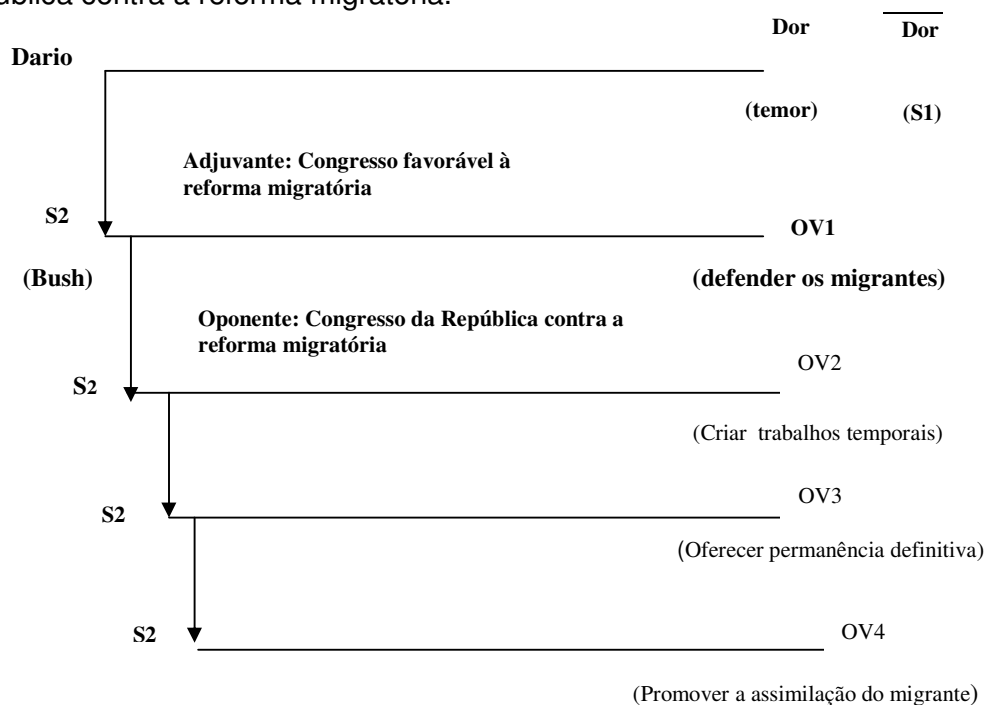
Para alcançar seu objeto ele deve abrir as fronteiras ao comércio legal (OV₂), proteger as fronteiras (OV₃) e deportar os ilegais para seus países de origem (OV₄).



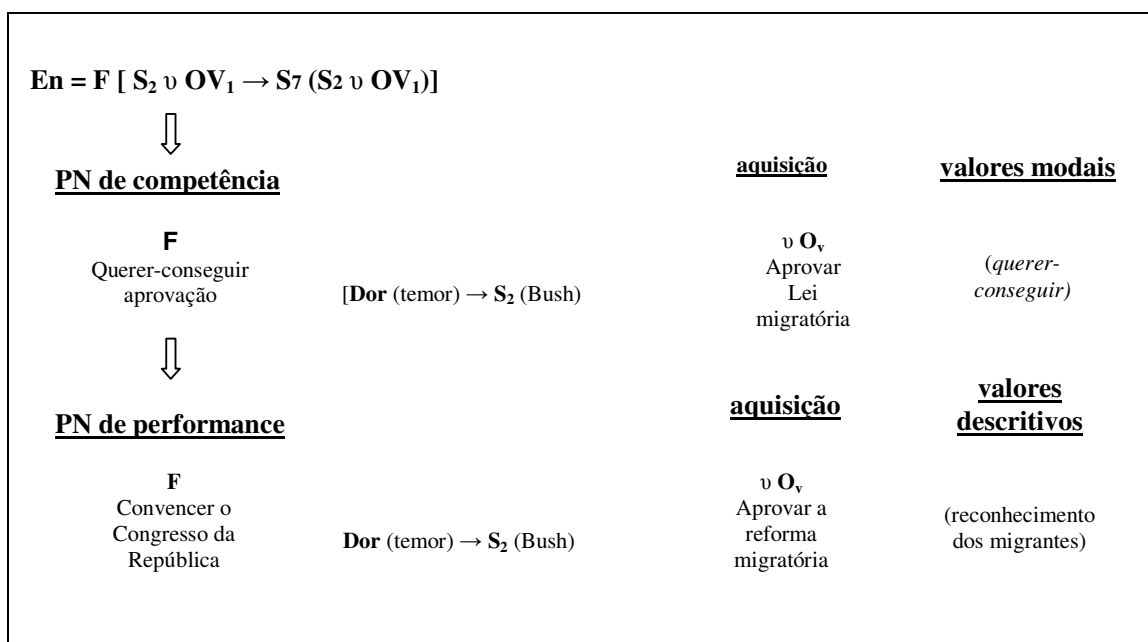
Como está claro no texto, o sujeito semiótico 1 não é autônomo nas suas decisões que dizem respeito a mudanças de leis nos Estados Unidos da América. Ele precisa da aprovação do Congresso da República para realizar o fazer transformador que possibilite a mudança de estado disjuntivo para o conjuntivo com o seu objeto de valor. A sua competência modal é *querer-fazer*, por isso luta para que o Congresso da República - EUA e a população em geral, veja na sua proposta a solução para o problema dos ilegais no país. O esquema que segue mostra o que foi dito.



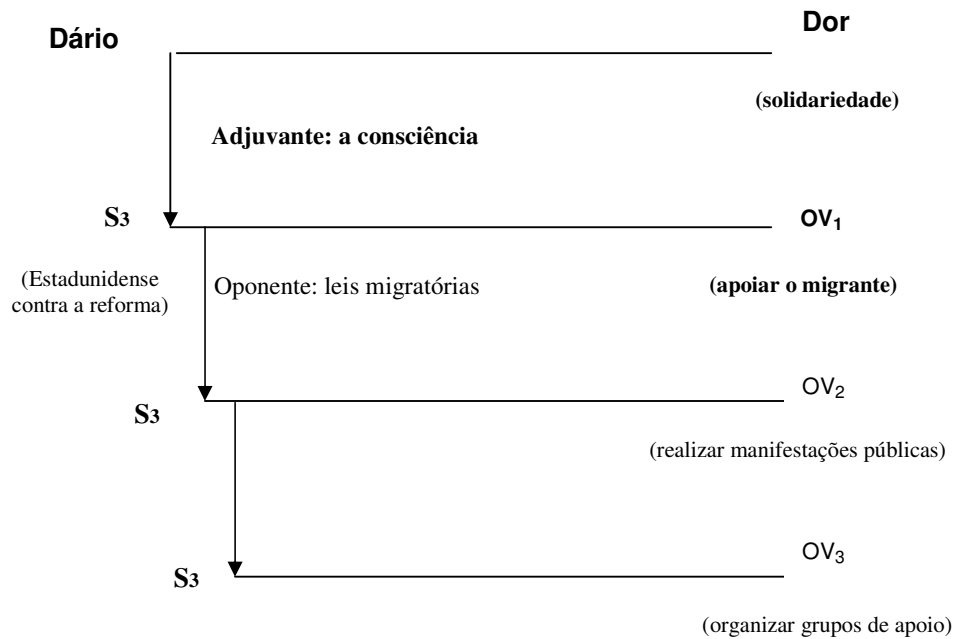
O sujeito semiótico 2(S₂), também representado pela figura do presidente Bush, instaura-se no texto através da modalidade de um *querer-não-perder* a ajuda dos migrantes e tem por anti-destinador o S₁. Ele está ciente da força laboral que esses representam no país e reconhece que precisa do voto do migrante, que tanto o apoiou nas eleições a presidente. Impulsionado pelo temor de perder a ajuda dos migrantes, tem por objeto de valor defendê-los. Para isso tem por adjuvante o Congresso favorável à reforma migratória e como oponente Congresso da República contra a reforma migratória.



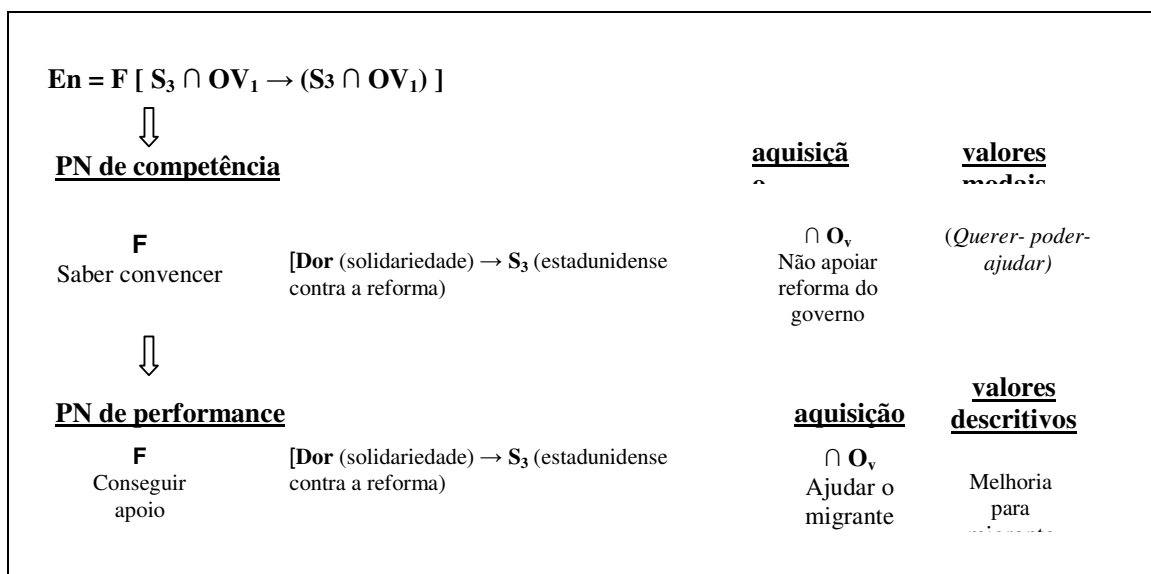
Também nesse caso, o sujeito semiótico 2, representado por Bush, necessita da aprovação do Congresso da República para realizar o fazer transformador que possibilite a mudança de estado disjuntivo para o conjuntivo com o seu objeto de valor. Veja, a seguir o quanto foi explicado:



O sujeito semiótico 3(S₃) é representado aqui pela figura dos estadunidenses que estão contra a reforma migratória apresentada por Bush. Levado pelo espírito de solidariedade e do reconhecimento de que todo homem tem direito a buscar sua sobrevivência, o S₃ luta pelos direitos do migrante ilegal. Tem por adjuvante a própria consciência e como oponente, as leis migratórias. O seu objeto de valor principal é apoiar o migrante. Para conseguir o que almeja, o S₃ deve percorrer um percurso em busca do seu objeto através de realizações de manifestações públicas e organizações de grupos de apoio.

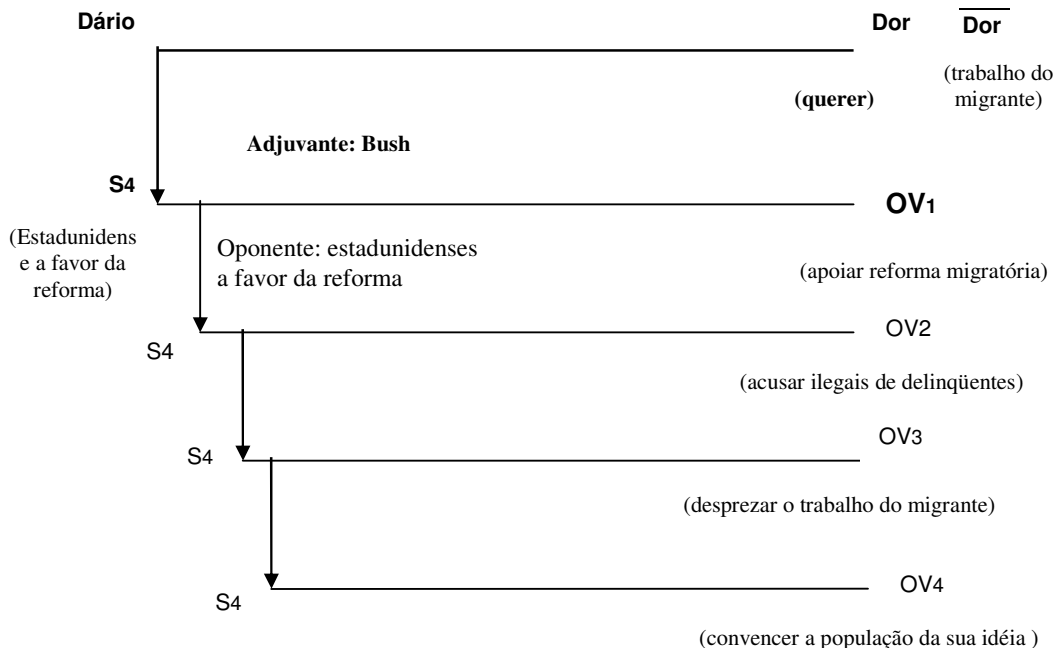


Para realizar o fazer transformador, o S₃ é o responsável direto pela sua transformação conjunta. A sua competência modal é o *querer-poder-ajudar*. Veja o esquema que resume o que foi expresso.



Na narrativa em questão, o sujeito semiótico 4 (S₄), desempenha o papel dos estadunidenses favoráveis à reforma migratória. Impulsionado pelo *querer-poder-*

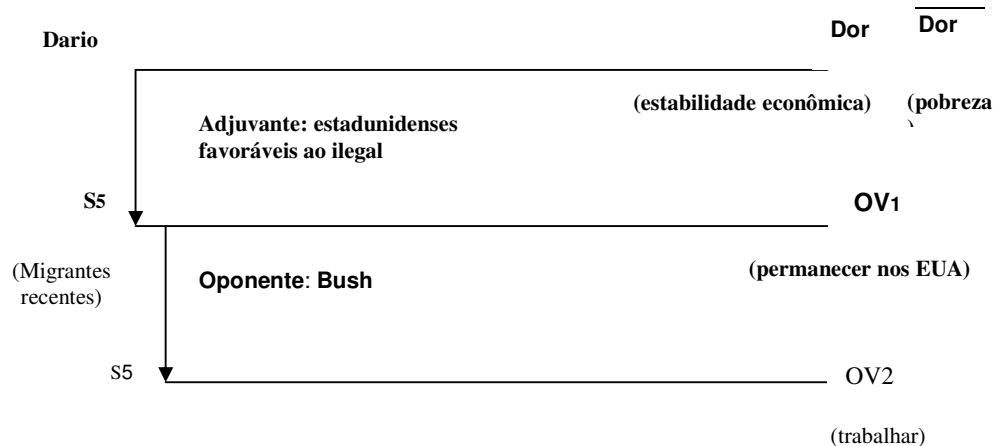
conseguir, tem por destinador o querer e por anti-destinador o trabalho do migrante. O seu adjuvante é Bush e o oponente, as pessoas não solidárias à reforma.



A conjunção do sujeito semiótico 4 com o objeto de valor só se pode efetivar, através do maior número de votos do Congresso a favor da reforma, o que ainda não aconteceu. Portanto, o S4 conclui seu percurso disjunto do seu objeto.

$E_n = F [S_4 \cap OV_1 \rightarrow (S_4 \vee OV_1)]$			
↓			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores</u>
F Saber convencer	[Dor (querer) → S ₄ (estadunidense a favor da reforma)]	∪ O _v apoiar a reforma	(<i>Querer- poder- conseguir</i>)
↓			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Conseguir apoio	[Dor (querer) → S ₄ (estadunidense a favor da reforma)]	∪ O _v aprovação da reforma	(manter interesses do governo EUA)

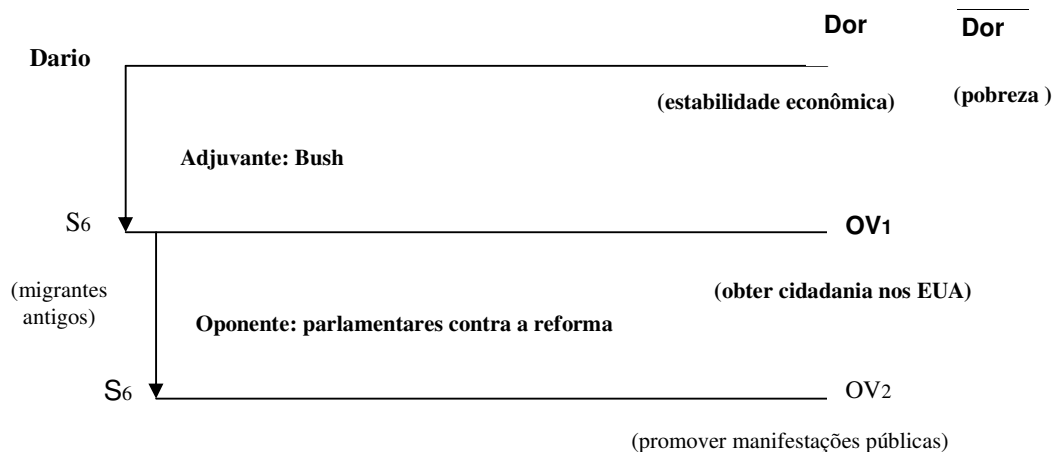
O migrante ilegal, mais recente e que não tem direito à cidadania norte-americana, figurativiza o sujeito semiótico 5 (S₅), inscreve-se como sujeito de um *querer*. Motivado pelo desejo de obter uma estabilidade econômica, ele tem por objeto de valor permanecer nos Estados Unidos e como anti-destinador a pobreza. Para obter seu objetivo, tem por adjuvante os estadunidenses que o (pobreza) como oponente o presidente Bush.



Para coadjuvá-lo nesse itinerário, o S₅ conta com o auxílio do Congresso da República – EUA, contrários à reforma migratória, que são os únicos que têm a competência de aprovar ou não a lei apresentada pelo governo Bush. Dado que o percurso não está concluído, o S₅ está disjunto do seu objeto de valor.

En = F [S₅ v OV₁ → (S₅ v OV₁)]			
⇩			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores modais</u>
F Ter dinheiro	[Dor (solidariedade) → S₅ (migrantes mais recentes)]	v O_v Melhor condição econômica	(Querer)
⇩			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Realizar manifestações públicas	[Dor (solidariedade) → S₅ (migrantes mais recentes)]	v O_v Permanecer nos EUA	(estabilidade econômica)

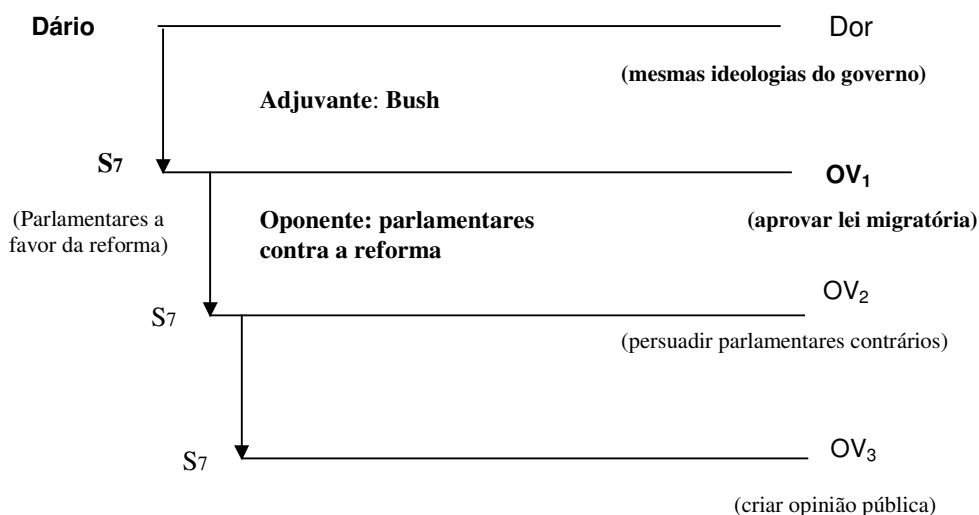
Figurativizado pelo sujeito semiótico 6 (S₆), o migrante mais antigo que tem direito à cidadania norte-americana, segundo as condições apresentadas pelo governo Bush, querem que a lei migratória seja aprovada. Instigado pelo desejo de ter uma estabilidade econômica e tendo por anti-destinador a pobreza, o migrante tem por objeto de valor obter cidadania estadunidense e, para isso, conta com o apoio de Bush e tem por oponente os parlamentares contra a reforma migratória.



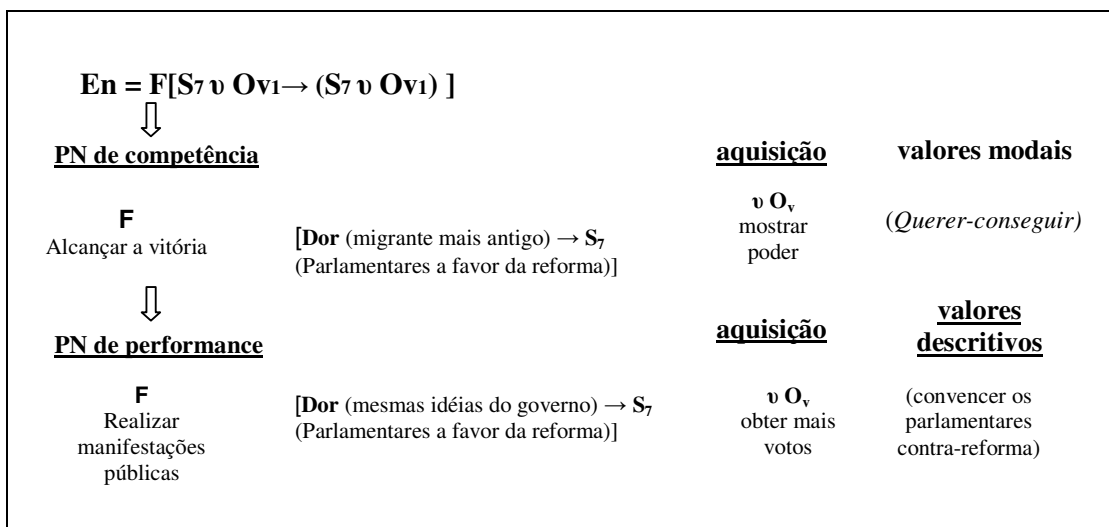
Também para o S₆, a passagem do estado de disjunção ao de conjunção só pode ocorrer através de um fazer transformador a ser realizado pelo S₇, através de uma votação no Congresso e Senado. Portanto, o S₆ termina seu percurso disjuncto do objeto de valor.

$E_n = F [S_6 \vee OV_1 \rightarrow S_7(S_6 \vee OV_1)]$			
↓			
PN de competência			
F	[Dor (estabilidade econômica) → S ₆ (migrante mais antigo)	aquisição	valores modais
Ter dinheiro		v O _v Melhor condição econômica	(<i>Querer-obter</i>)
↓			
PN de performance			
F	[Dor (estabilidade econômica) → S ₆ (migrante mais antigo)	aquisição	valores descritivos
Realizar manifestações públicas		v O _v Obter cidadania	(estabilidade econômica)

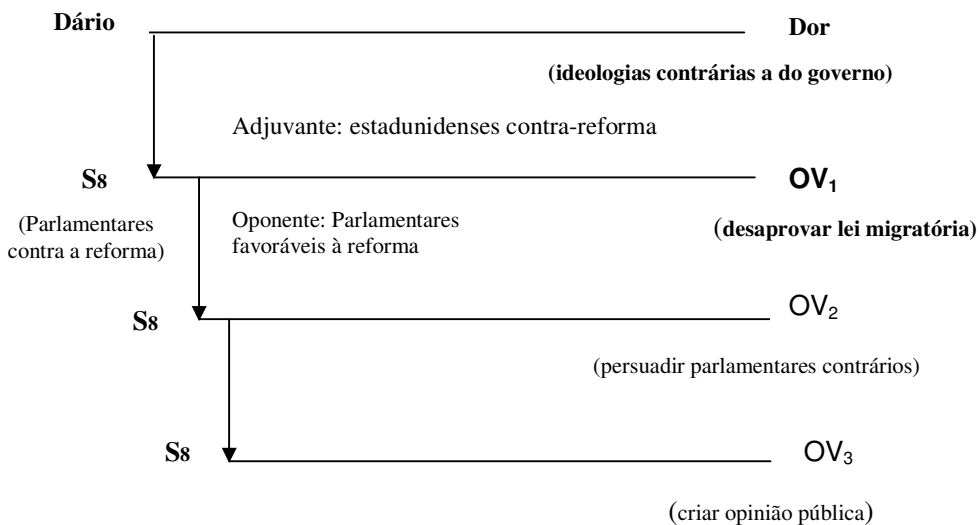
O sujeito semiótico 7 (S₇), representado pelos parlamentares da República dos USA a favor da reforma migratória, proposta pelo presidente Bush, instigado pelas mesmas ideologias do governo, inscreve-se na narrativa como sujeito de um *querer-conseguir*. O seu objeto de valor é aprovar as leis migratórias, para isso, conta com o auxílio do governo norte-americano e tem por oponente os parlamentares contra a reforma.



Para alcançar a conjunção com seu objeto de valor, o S₇ necessita da aprovação da reforma migratória. O seu percurso permanece disjunto do seu objeto de valor, já que o Congresso norte-americano ainda não votou a favor ou contra.



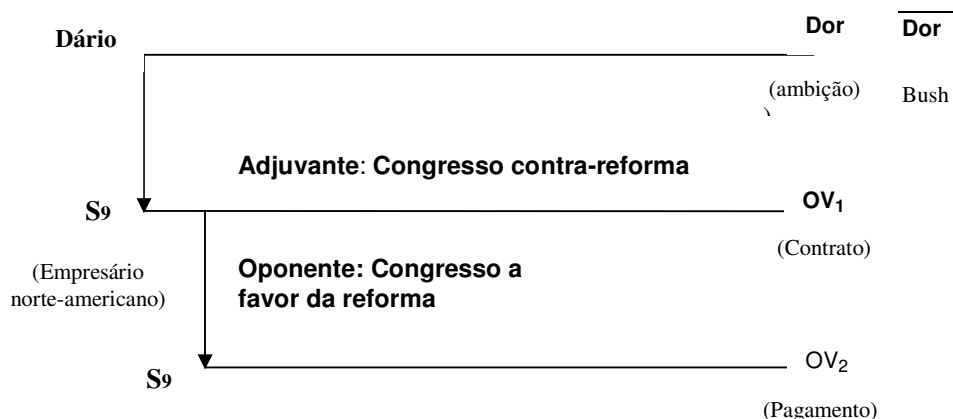
O sujeito semiótico 8, representado pelos parlamentares da República - USA, contrário à reforma migratória apresentada por Bush, instaura-se no enunciado como um *querer-conseguir*. Impulsionado por ideologias contrárias a do governo, tem por objeto de valor derrocar a reforma apresentada por ele. Para isso, conta com o apoio dos estadunidenses contra a reforma e tem por oponente, parlamentares favoráveis à reforma.



Nesse percurso, a conjunção com o objeto de valor ocorre através de uma convicção própria do S₈: não aprovar a lei migratória. Por conseguinte, ele conclui conjunto ao seu objeto.

En = F[S₈ ∩ OV₁ → (S₈ ∩ OV₁)]			
↓			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores modais</u>
F Alcançar a vitória	[Dor (idéias contrárias ao governo) → S ₈ (Congressistas contra a reforma)]	∩ O _v convicção	(<i>Querer-conseguir</i>)
↓			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Realizar manifestações públicas	[Dor (idéias contrárias ao governo) → S ₈ (Congressistas contra a reforma)]	∩ O _v criar opinião	(convencer o congresso contra a reforma)

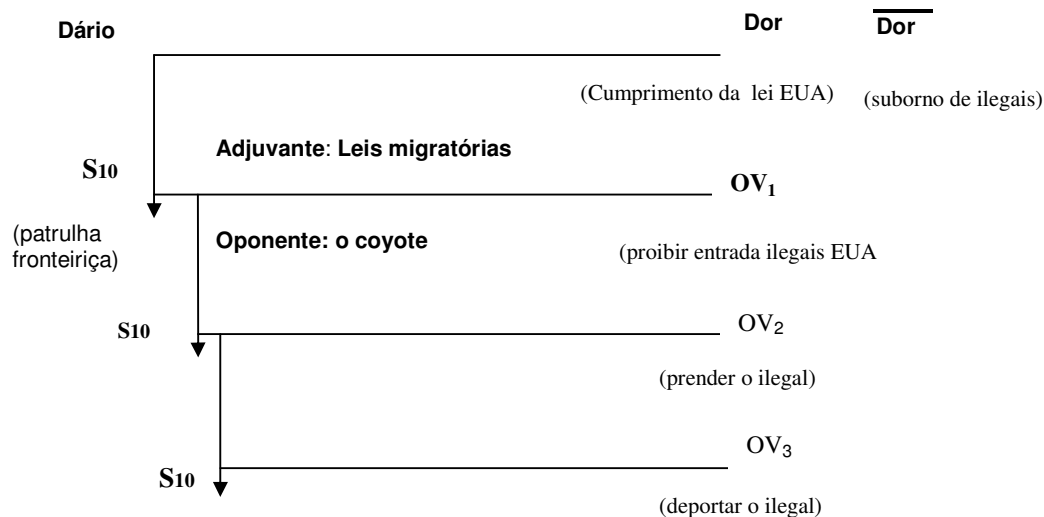
O sujeito semiótico 9 (S₉), figurativizado pelo empresário norte-americano, instaura-se, na narrativa, pela modalidade de um querer. Incentivado pela ambição, tem por objeto de valor contratar imigrantes ilegais, já que dessa forma, o lucro é muito maior, porque não deve prestar conta ao governo. A ele não convém que a reforma não seja aprovada e para isso conta com a ajuda do Congresso contra-reforma. Tem oponente o Congresso favorável à reforma e como anti-destinador, o presidente Bush.



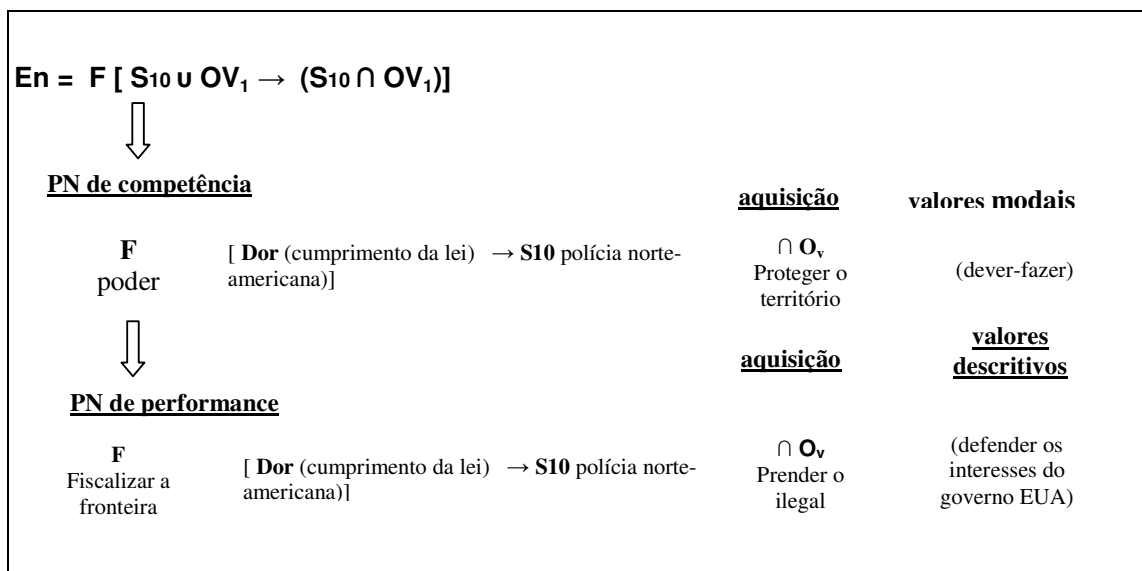
Enquanto o Congresso e o Senado não decidem aprovar ou não a reforma migratória, o S₉ é o responsável direto por sua transformação conjunta, ou seja, é ele o responsável pelo fazer transformador que lhe garante passar da disjunção à conjunção.

En = F[S₉ ∩ OV₁ → (S₉ ∩ OV₁)]			
↓			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores modais</u>
F riqueza	[Dor (ambição) → S ₉ (Empresário norte-americano)]	∩ O _v lucro	(<i>Querer-ter</i>)
↓			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Contratar o migrante	[Dor (ambição) → S ₉ (Empresário norte-americano)]	∩ O _v Explorar o migrante	(riqueza)

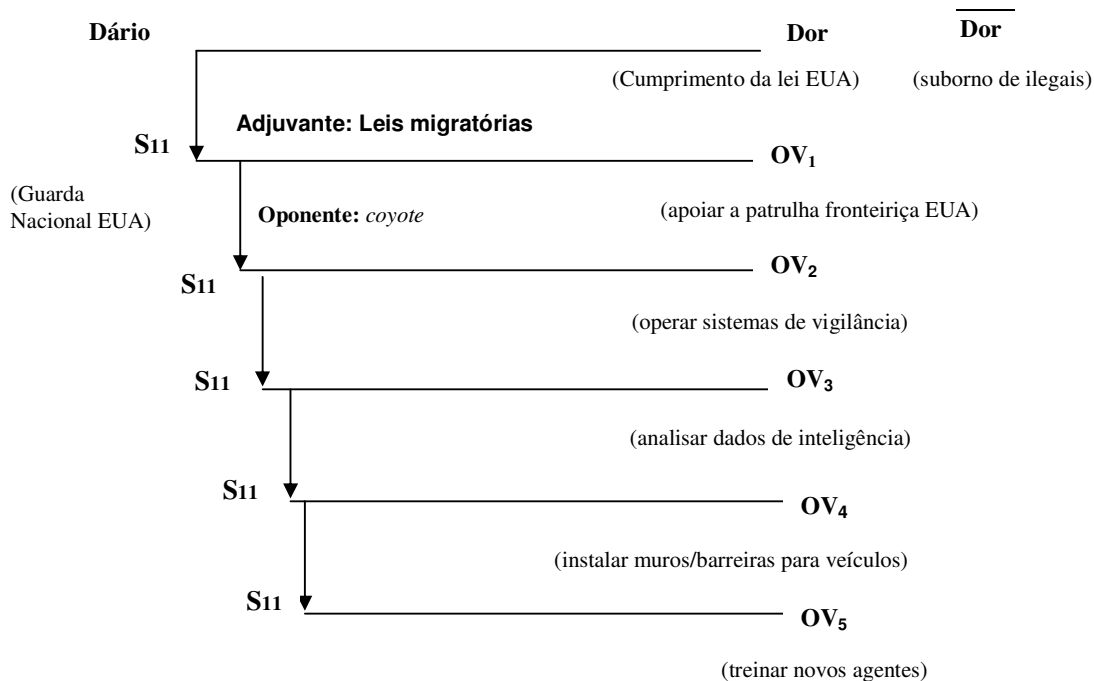
O Sujeito semiótico 10 (S₁₀), representado na figura da patrulha fronteira, desenvolve um percurso movido pelo desejo de cumprir a lei dos EUA. O seu objeto de valor é proibir a entrada de ilegais no seu país, para isso é amparado pelas leis migratórias e tem por oponente o *coyote*, cujo trabalho é inserir o ilegal nos Estados Unidos. É um sujeito que se instaura pela competência modal de um *dever-fazer-valer* a lei e que tem por anti-destinador o suborno dos ilegais.



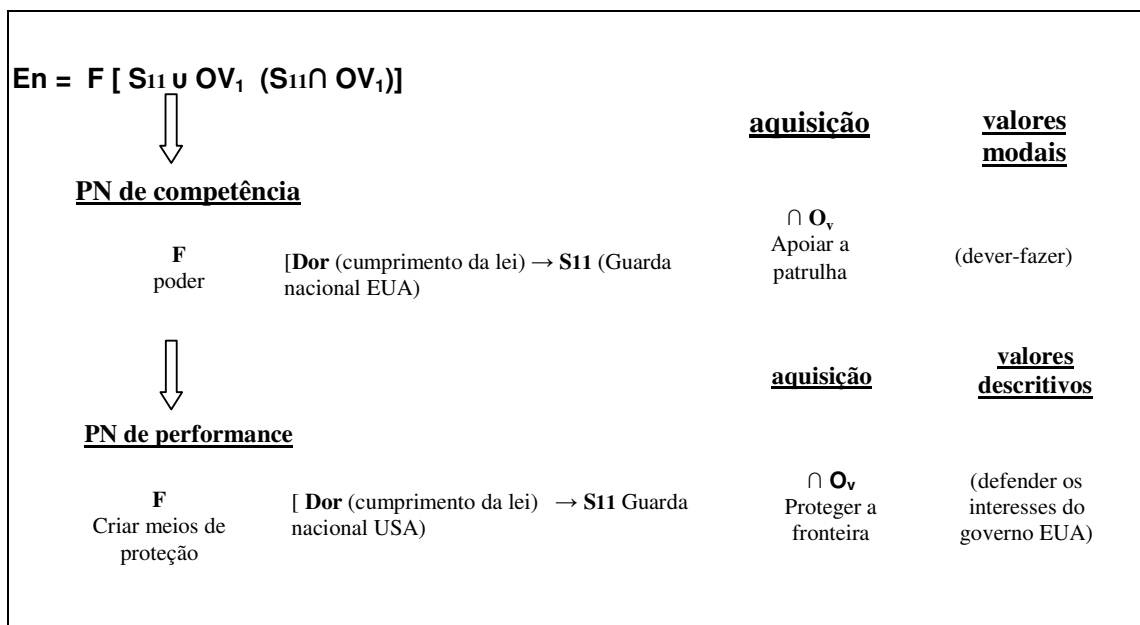
Nesse percurso, a passagem da disjunção à conjunção é desencadeada pela operação de um fazer transformador, promovido pela intervenção do S₁₀. O diagrama abaixo condensa o que foi dito:



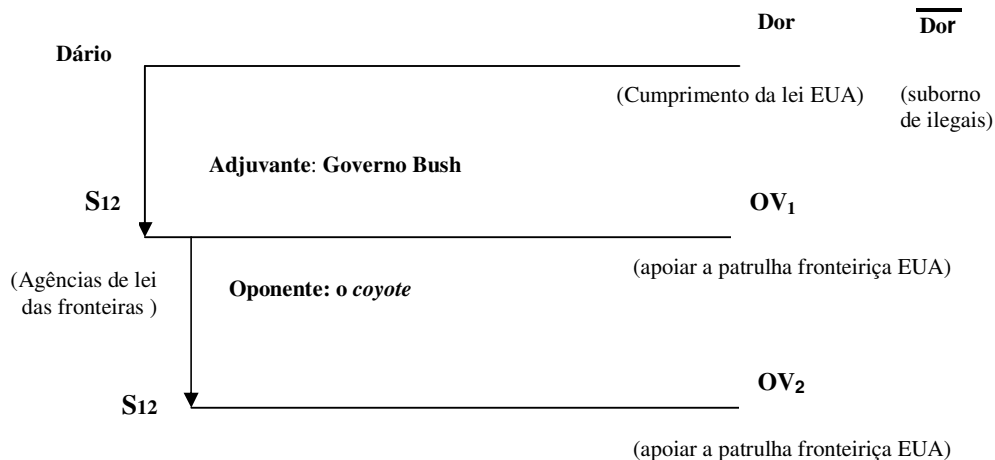
O sujeito semiótico 11 (S₁₁), representada pela figura da “Guarda nacional dos Estados Unidos” é instigado pelo cumprimento do dever e tem por anti-destinador o suborno de ilegais. O seu objeto de valor é apoiar a patrulha fronteiriça, tendo como apoio as leis migratórias e por oponente o *coyote*.



Também nesse caso, a passagem de disjunção à conjunção, ocorre através de um fazer transformador do próprio S₁₁.



O sujeito semiótico¹² (S₁₂), representado pela figura das Agências de lei estatais e locais das fronteiras estadunidenses, também é motivado pelo cumprimento da lei dos Estados Unidos e tem por anti-destinador, o suborno dos ilegais. O seu adjuvante é o governo Bush e o oponente o *coyote*.

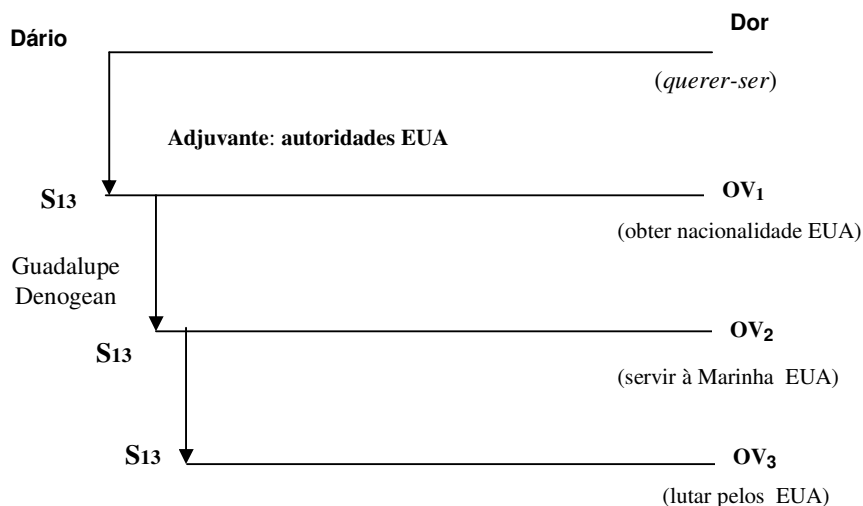


O S₁₂ é o responsável direto pelo fazer transformador que o leva à conjunção com seu objeto de valor.

En = F [S₁₂ u OV₁ → (S₁₂ ∩ OV₁)]			
⇩			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores modais</u>
F poder	[Dor (cumprimento da lei) → S ₁₂ (Agências de leis das fronteiras)]	∩ O _v Apoiar a patrulha	(dever-fazer)
⇩			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Fiscalizar a fronteira	[Dor (cumprimento da lei) → S ₁₂ Agências de leis das fronteiras]	∩ O _v Proteger a fronteira	(defender os interesses do governo EUA)

O sargento Guadalupe Denogean, migrante mexicano, representado na narrativa pelo sujeito semiótico 13 (S₁₃) é impulsionado pela modalidade de um

querer-ser cidadão dos Estados Unidos. Tem por objeto de valor a obtenção da nacionalidade estadunidense e por adjuvante as autoridades estadunidenses.



A passagem da disjunção à conjunção do S13 se efetiva através do reconhecimento que o S1 tem da sua dedicação incondicionada aos Estados Unidos, dando a própria vida na guerra do Iraç.

En = F [S13 u OV₁ → S1 (S13 ∩ OV₁)]			
⇩			
<u>PN de competência</u>		<u>aquisição</u>	<u>Valores modais</u>
F querer	[Dor (proteger cidadão EUA) → S14 (Guadalupe Denogean)]	∩ O_v Aspirar a cidadania	(<i>querer-ser</i>)
⇩			
<u>PN de performance</u>		<u>aquisição</u>	<u>valores descritivos</u>
F Servir à Marinha EUA	[Dor (proteger cidadão EUA) → S14 (Guadalupe Denogean)]	∩ O_v Ser cidadão EUA	(defender os interesses dos EUA)

No quadro a seguir, encontra-se a análise das estruturas narrativa de forma sintetizada:

QUADRO- RESUMO DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS

Sujeito Semiótico	Objeto de valor	Junção		destinador	Anti-destinador	Anti-sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização Instauração do sujeito
		conjunção	disjunção						
S1 Presidente Bush	Reformar lei migratória		X	Controlar a ilegalidade	S2	Migrantes ilegais mais recentes	Congresso favorável à reforma	Congresso não-favorável à reforma	Querer-conseguir
S2 Presidente Bush	Defender os migrantes		X	temor	S1		Congresso favorável à reforma	Congresso contra a reforma	Querer-conseguir
S3 Estadunidenses contra a reforma	Apoiar o migrante	X	X	solidariedade	Trabalho do migrante		A consciência	Estadunidenses a favor da reforma	Querer-poder-ajudar
S4 Estadunidenses a favor da reforma	Apoiar reforma migratória		X	querer	Trabalho do migrante		Bush	Congresso contra a reforma	Querer-poder-conseguir
S5 Migrantes recentes	Permanecer nos EUA		X	Estabilidade econômica	Pobreza		Estadunidense favorável ao ilegal	Bush	Querer
S6 Migrantes antigos	Obter cidadania EUA		X	Estabilidade econômica	Pobreza		Bush	Congressistas contra reforma	Querer-obter
S7 Parlamentares a favor da reforma	Aprovar lei migratória		X	Mesmas ideologias do governo			Bush	Congresso contra reforma	Querer-conseguir
S8 Parlamentares contra a reforma	Desaprovar lei migratória		X	Ideologias contrárias ao governo			Estadunidenses contra a reforma	Congresso favorável à reforma	Querer-conseguir
S9 Empresários norte-americanos	Contratar migrante ilegal	X		ambição	Bush		Parlamentares contra a reforma	Parlamentares a favor da reforma	Querer-ter
S10 Patrulha fronteira	Proibir entrada de ilegais EUA	X		Cumprimento da lei EUA	Suborno de ilegais		Leis migratórias	coyote	Dever-fazer
S11 Guarda nacional EUA	Apoiar a patrulha fronteira EUA	X		Cumprimento da lei EUA	Suborno de ilegais		Leis migratórias	coyote	Dever-fazer
S12 Agências de leis das fronteiras	Apoiar a patrulha fronteira EUA	X		Cumprimento da lei EUA	Suborno de ilegais		Bush	coyote	Dever-fazer
S13 Guadalupe Denogean	Obter nacionalidade EUA	X		Querer-ser			Autoridades EUA		Querer-ser

5.3 Estruturas Discursivas

5.3.1 Relações intersubjetivas

O processo de enunciação do texto “Discurso Del Presidente A La Nación Sobre La Reforma Inmigratoria” (EUA) se instala na voz de um enunciador-ator “Presidente Bush” que sustenta seu dizer na voz de outros atores enunciativos, para alicerçar, argumentativamente, seu discurso. Os atores presentes são: presidente Bush, estadunidenses contra e a favor da reforma, migrantes recentes e antigos. Parlamentares a favor e contra a reforma, empresários norte-americanos, patrulha fronteira, Guarda nacional, agências de leis estatais e locais das fronteiras e Guadalupe Denogean.

Embreado no enunciado, o presidente Bush dirige um discurso aos estadunidenses, defendendo a urgente necessidade de realizar uma reforma migratória, capaz de solucionar a entrada desenfreada de migrantes ilegais no país que, para ele, atrapalha o mercado de trabalho dos americanos. Todavia a tarefa não é tão fácil como parece. A sua grande preocupação é o sucesso da economia dos EUA, perante o mercado internacional e, para isso, ele conta com o trabalho dos migrantes, nos considerados subempregos, ou seja, aqueles trabalhos que geralmente, não são realizados pelos estadunidenses. Além disso, são os migrantes que, na época de eleições, dão grande contribuição para eleger candidatos partidários ao governo. Esse fato foi constatado nas últimas eleições presidenciais em que Bush, inteligentemente, visitou comunidades migrantes e conseqüentemente foi apoiado por eles para a sua eleição. Também, não sendo obrigatório votar nos EUA, muitos estadunidenses não vão às urnas e isso faz com que os políticos dependam de votos de migrantes votantes. Por um lado, o trabalho do migrante é fundamental para a sobrevivência da economia interna americana. Por outro assumindo o papel de chefe de Estado, Bush tem o dever de controlar a imigração ilegal no país. É o que se espera em termos legais.

Diante dessa situação, o presidente Bush vai considerar dois tipos de migrantes no país: os que já estão estabelecidos na nação, que têm família, casa, trabalho há muito tempo e aqueles que chegaram por último que, nesse caso, seriam deportados para seus países de origem.

Aos mais antigos, Bush oferece a possibilidade de obter a permanência definitiva no país, desde que cumpram as cláusulas apresentadas. Veja o que ele diz a respeito:

[...] existen diferencias entre un inmigrante que ha trabajado aquí muchos años y tiene casa, familia y un pasado de otro modo limpio. [...] los inmigrantes ilegales que tienen raíces en nuestro país y quieren permanecer aquí deberían pagar una multa significativa por violar la ley, deben pagar impuestos, aprender inglés y trabajar en un puesto varios años.

No caso dos migrantes mais recentes, Bush apresenta a possibilidade de serem inseridos no programa de trabalhos temporais que oferece um contrato de três anos, com a possibilidade de ser renovado por mais três. Contudo, ao concluir o tempo determinado pelo acordo, o migrante deve retornar definitivamente a seu país, enfrentando a incerteza de encontrar, na pátria de origem, um emprego que lhe ofereça uma boa remuneração. O enunciador explica esse programa:

Un programa de trabajadores temporales atendería las necesidades de nuestra economía y daría a los inmigrantes honrados una manera de mantener a sus familias mientras respetan la ley. [...] reduciría el atractivo de los contrabandistas de personas y haría que sea menos probable que la gente arriesgue su vida para cruzar la frontera. [...] los trabajadores temporales deben regresar a su país de origen cuando concluya su estadía.

No desenvolver do discurso, o enunciador apresenta contradição no que afirma em relação aos migrantes ilegais. Institui uma voz de acusação aos migrantes, responsabilizando-os pela corrupção e gastos públicos desnecessários, ocorridos no país. Veja o que diz a respeito:

Muchos utilizaron documentos falsificados para obtener empleo y eso dificulta que los empleadores verifiquen si los trabajadores que contratan son legales. La inmigración ilegal ejerce presión en las escuelas públicas y hospitales [...] en los presupuestos estatales y locales [...]

[...] y traen crimen a nuestras comunidades.

Logo depois, diz que eles são responsáveis e honestos, não ficando claro o que pensa o enunciador a respeito.

[...] los inmigrantes ilegales son personas decentes que trabajan arduamente, mantienen a sus familias, practican su religión y llevan vidas responsables.

Nuestros nuevos inmigrantes son lo que siempre han sido: gente dispuesta a arriesgar todo por el sueño de la libertad.

Para justificar-se diante da população de seu país, o presidente Bush defende que esse programa seria a solução para obter o controle da ilegalidade.

[...] un programa de trabajadores temporales contribuiría a nuestra seguridad al garantizar que sepamos quiénes están en nuestro país y por qué están aquí.

O tema solução figurativiza segurança, sendo a garantia de conhecer quem está em território americano. O migrante que, está a mais tempo no país, é a favor da reforma migratória, porque esta lhe possibilitaria obter a permanência definitiva no país, garantindo-lhe estabilidade emocional, financeira e segurança numa nação estrangeira. No entanto, para muitos, é difícil cumprir todos os requisitos exigidos pelo presidente, principalmente o pagamento da multa por terem trabalhado clandestinamente, violando as leis trabalhistas do país.

A complexidade desse discurso divide os migrantes em dois modos de conceber a reforma. Um grupo, mesmo concordando com a reforma sente-se solidários aos parentes e amigos que apenas chegaram, ou seja, para com aqueles que, para permanecerem nos EUA, deverão participar do programa de trabalhadores temporais, caso sejam contratados. O enunciador conhece o vínculo que une os migrantes entre si e utiliza sua astúcia para manipulá-los com um discurso humanitário que, aparentemente, parece desinteressado.

No podemos construir un país unido incitando la cólera de la gente o jugando con los temores de nadie o explotando el tema de la inmigración para sacar ventajas políticas. Siempre debemos recordar que nuestros debates y decisiones afectarán vidas reales, y que todo ser humano tiene dignidad y valor sin importar lo que digan sus documentos de ciudadanía.

Os estadunidenses encontram-se divididos, uma vez que uma parte mostra-se a favor da reforma enquanto outra a rejeita completamente. Tanto para manifestarem a solidariedade como também as aversões aos migrantes fazem manifestações públicas. Eis o que afirma Bush:

El tema de la inmigración suscita emociones intensas, y en semanas recientes, los estadounidenses han presenciado el despliegue de esas emociones. En las calles de las ciudades principales, las muchedumbres se han manifestado a favor de aquéllos que están en nuestro país ilegalmente.

O estadunidense contra a reforma apóia o migrante que partilha da idéia de que a proposta do presidente Bush não privilegia os interesses de todos. Essa posição é defendida pelo maior número de estadunidenses. Desse grupo, fazem parte igrejas de diferentes denominações, ativistas que lutam pelos direitos dos migrantes, empresários e políticos. Outro grupo menos numeroso, é formado pelos estadunidenses que apóiam ao governo Bush, como fazendeiros da fronteira, que se sentem invadidos por migrantes ilegais durante a travessia, racistas e políticos.

Nesse contexto, os empresários acolhem as idéias dos migrantes, visto que os ilegais constituem uma mão-de-obra barata e numerosa. Para eles, a possibilidade de poder contratar o ilegal é uma forma de maior rendimento, já que ele não tem obrigação de justificar-se, diante do governo, sobre esse tipo de trabalhador. Veja o que o enunciador diz quanto ao controle de trabalho proposto na reforma:

[...] la reforma inmigratoria integral debe incluir un sistema mejor para verificar los documentos y el cumplimiento de los requisitos para trabajar.

Na reforma, Bush defende a necessidade de reforçar as fronteiras dos EUA com o México, lugar considerado o foco da ilegalidade. Veja como ele a pensa:

*La frontera debe estar abierta al comercio y la inmigración legal, y cerrada a los inmigrantes ilegales, como también los criminales, narcotraficantes y terroristas.
[...] debemos garantizar que se deporta a su país a cada inmigrante ilegal que capturemos cruzando nuestra frontera sur.*

O enunciador conta a sua experiência original em relação aos trabalhos realizados por ele na condição de governador e, no momento atual, como presidente para a segurança da fronteira, ou seja, a captura de migrantes ilegais.

Fui el gobernador de un estado que tiene una frontera de 1,200 millas con México. Por eso, sé cuán difícil es hacer que se respete la frontera y cuán importante es. Desde que pasé a ser Presidente, hemos aumentado en 66 por ciento los fondos para la seguridad fronteriza y ampliado la Patrulla Fronteriza de aproximadamente 9,000 agentes a 12,000. Ellos capturaron y enviaron a sus países a aproximadamente seis millones de personas que ingresaron a Estados Unidos ilegalmente.

Portanto, a atuação do presidente centra-se em proteger os Estados Unidos da ilegalidade, melhorar o patrulhamento e a captura dos migrantes ilegais e sua recondução ao país de origem. No fundo, seu valor principal é aumentar a segurança nacional e defender seu país.

Os dois partidos mais representados nos EUA são o republicano, aquele mais conservador, ao qual Bush pertence, e o democrático. Para que o projeto do presidente Bush seja aprovado e passe a ser lei, ele carece da aprovação do Congresso, representado pelos parlamentares que, também, concentram pontos de vista distintos quanto à aprovação da reforma. Veja o que argumenta o presidente norte-americano para convencer as autoridades da necessidade da reforma a ser realizada na fronteira:

[...] estamos lanzando el programa de seguridad fronteriza más avanzado tecnológicamente en la historia de los Estados Unidos.

Construiremos muros altamente tecnológicos en las vías urbanas y construiremos nuevas carreteras para el patrullaje y barreras en las zonas rurales. Emplearemos detectores de movimiento, cámaras infrarrojas y aeronaves no tripuladas para evitar los cruces ilegales.

O enunciador defende, ainda, a necessidade de contratar novos agentes de vigilância para que esse plano gere resultados satisfatórios. A patrulha fronteiriça teria a responsabilidade de controlar toda a fronteira. Bush assim define a sua proposta:

Para fines de 2008, aumentaremos el número de oficiales de la Patrulla Fronteriza en 6,000 adicionales. Cuando estos agentes nuevos sean asignados, habremos aumentado en más del doble las dimensiones de la Patrulla Fronteriza durante mi presidencia.

Não sendo suficiente o número de agentes da patrulha fronteiriça, para proteger os limites do país, o presidente Bush requer dos governadores, policiais da guarda nacional, enquanto se preparam novos agentes fronteiriços para assumir sua missão.

Una manera de ayudar durante esta transición es utilizar la Guardia Nacional. Entonces, en coordinación con los gobernadores, se asignará hasta 6,000 miembros de la Guardia en nuestra frontera del sur.

O enunciador solicita, também, a contribuição das agências de leis estatais e locais das fronteiras para auxiliar o patrulhamento das fronteiras. Ele não só pretende fazer, como pede ajuda a outros que estimula a fazer, ou seja, manipula para que faça. Eis o que assegura o presidente no seu discurso:

Otra manera de ayudar durante este periodo de transición es por medio de las agencias de la ley, tanto estatales como locales, en nuestras comunidades fronterizas. Por lo que hemos aumentado los fondos federales para las autoridades estatales y locales que ayudan a la Patrulla Fronteriza en misiones policiales especializadas.

Na reforma migratória, a preocupação do enunciador é manter o poder americano (língua, estrutura) e não solidarizar-se com os outros. Ele teme que a população americana assimile a cultura dos estrangeiros que, já exercem, na nação, forte influência na religião, gastronomia, língua, música, costumes e tradições.

[...] debemos honrar la gran tradición estadounidense del crisol de culturas, que hizo de nosotros una nación de muchos pueblos. El éxito de nuestro país depende de que ayudemos a los recién llegados a asimilarse a nuestra sociedad y adoptar nuestra identidad común como estadounidenses.

[...] Los estadounidenses estamos unidos por los ideales que compartimos, un aprecio por nuestra historia, respeto por nuestra bandera y la habilidad para hablar y escribir el idioma inglés.

O interesse de Bush é que os novos habitantes assimilem a cultura estadunidense que, nesse caso, é a cultura dominante. O valor máximo é que eles aprendam o inglês, como o primeiro passo rumo à aceitação e ao desenvolvimento.

Quando los inmigrantes se asimilan y avanzan en nuestra sociedad, hacen realidad sus sueños, ellos renuevan nuestro espíritu y contribuyen a la unidad de Estados Unidos.

Para Bush, o tipo perfeito de migrante que merece sua aprovação é aquele de quem os EUA receberam favores e, por isso, merecem toda a sua aprovação. Cita o caso do sargento Denogean, migrante mexicano que chegou aos Estados Unidos, ainda pequeno e, quando cresceu, ofereceu-se, voluntariamente para servir à Marinha norte-americana. Veja o que diz a respeito:

Durante la liberación de Iraq, el sargento artillero maestro Denogean fue herido de gravedad. Cuando le preguntaron si quería solicitar algo, pidió dos cosas: un ascenso para el cabo que ayudó a rescatarlo y la oportunidad de hacerse ciudadano estadounidense.

[...] cuando este valiente infante de Marina levantó su mano derecha para hacer el juramento que lo convertía en ciudadano de

un país que había defendido por más de 26 años, fue un honor estar a su lado.

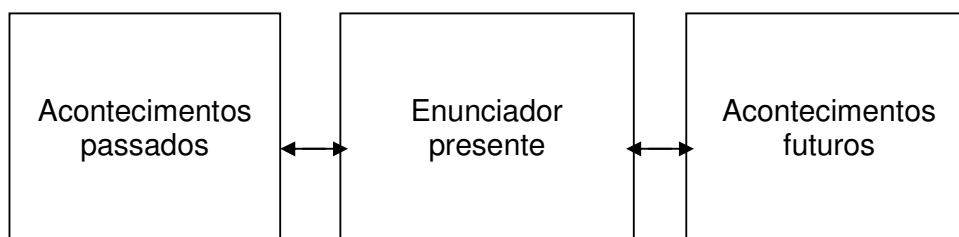
Siempre estaremos orgullosos de darles la bienvenida como compatriotas a personas como Guadalupe Denogean.

Dado que, as eleições a presidente dos Estados Unidos serão em 2008, é do interesse dos políticos conquistarem os votos dos migrantes que votam, criando controvérsia quanto à reforma migratória apresentada pelo presidente Bush.

5.3.2 Temporalização

O tempo do enunciador está embreado com o tempo do enunciatário. Bush utiliza determinados tempos verbais para delinear, persuasivamente, suas intenções. Nesse sentido, a utilização de verbos no passado e no futuro marca a zona distal em que se encontra o migrante. Há uma ruptura crônica entre o tempo da enunciação e o tempo dos fatos narrados.

Observou-se que o pretérito perfeito predomina, caracterizando, semanticamente, efeitos de passado próximo. O seguinte diagrama especifica o relacionamento do momento da enunciação com as zonas distais:



Algumas expressões, no enunciado, são realizadas no presente, para indicar o momento em que se fala, dando a idéia de atemporalidade, já que os fatos narrados pertencem ao tempo do enunciador, como também do enunciatário. Enfatizando, conseqüentemente, a objetividade e a veracidade, ele afirma o que vivencia.

La inmigración ilegal ejerce presión en las escuelas públicas y hospitales

Somos un estado de derecho, y debemos hacer que se cumplan nuestras leyes

Pero debemos recordar que la gran mayoría de los inmigrantes ilegales son personas decentes que trabajan arduamente

No seguinte exemplo, encontra-se a relação presente-futuro. O confronto entre esses dois mecanismos temporais tem a função de criar a ilusão de que o enunciador é o dono do tempo, o que não ocorre. Os efeitos de sentido provocados pelo uso de tais categorias consubstanciam-se na idéia de possibilidade, de mudança que, no texto, remete ao processo de transformação defendido no país. Parece fazer-creer (discurso da sedução) que as leis migratórias não são cumpridas, mas que o serão em um futuro próximo.

[...] los inmigrantes ilegales que tienen raíces en nuestro país y quieren permanecer aquí deberían pagar una multa significativa por violar la ley [...]

Esta práctica, denominada "capturar y liberar", es inaceptable, y le daremos fin.

O uso do condicional, indicado nesse trecho do enunciado, mostra a possibilidade de mudança que, poderá acontecer ou não, para solucionar o problema da corrupção, enfrentado no presente.

Un programa de trabajadores temporales reduciría el atractivo de los contrabandistas de personas y que sea menos probable que la gente arriesgue su vida para cruzar la frontera.

La amnistía sería injusta para aquéllos que están aquí ilegalmente y fomentaría olas adicionales de inmigración ilegal.

Outro tempo que marca atenção é o pretérito perfeito que indica um tempo concluído, acabado. Ele é usado para indicar momentos passados, ainda próximos

ao presente. Isso evidencia a subjetividade do enunciador ao considerar que recupera fatos passados e os reconstrói, segundo suas intenções, a fim de dar uma maior credibilidade a sua voz.

He solicitado unos minutos de su tiempo para tratar un asunto de importancia nacional:

Estados Unidos no ha tenido control total de sus fronteras

[...] millones se han quedado aquí.

A expressão “a menudo” presente no texto, corresponde, em língua portuguesa ao advérbio intensificador e temporal “sempre”. Foi utilizado pelo enunciador, para indicar um ato repetitivo na vida dos migrantes que estão nos EUA: o ato de falsificar documentos.

[...] a menudo, las empresas no pueden verificar la situación legal de sus empleados debido a un problema extenso de falsificación de documentos.

Outro indicador de tempo é o elemento lingüístico “recentemente”. Em português assume a função morfológica de um advérbio e manifesta vozes semânticas de presente, ou melhor, traduz o momento atual. Já no universo semiótico em questão, expressa idéia de passado próximo.

[...] cruzó la frontera recientemente [...]

O advérbio de tempo, “aún”, “ainda” em português, é utilizado como marcador de pressuposição. A partir deste, depreende vozes: uma afirma que os *EU* não detém o domínio sobre seus limites. Outra que diz ser este um problema antigo, não resolvido por políticos passados. E, por fim, aquela que assume o compromisso do enunciador de mudar esta situação.

[...] aún no tenemos pleno control de la frontera.

5.3.3 Espacialização

O espaço do lá está na zona distal refere-se à memória ou ao distanciamento do enunciador em relação aos fatos acontecidos, ou seja, ele se encontra, espacialmente, debreado do enunciado e próximo à enunciação. O exemplo abaixo enfatiza a subjetividade e a reconstrução dos fatos mnemônicos que lhe parecem mais relevantes na construção de sua tese: a reforma migratória que propõe é a melhor para o país.

Cuándo los inmigrantes se asimilan y avanzan en nuestra sociedad, hacen realidad sus sueños.

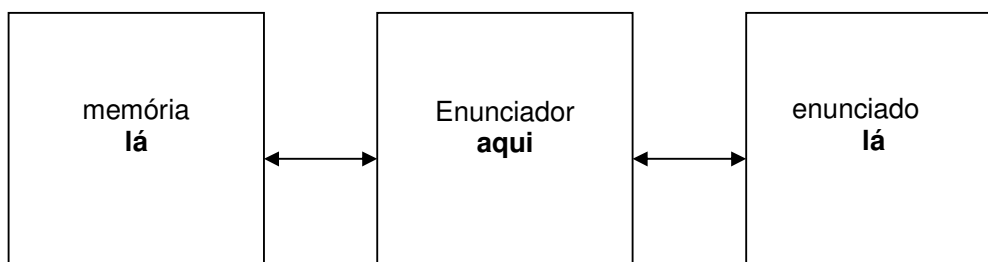
As marcas textuais em primeira pessoa evidenciam os espaços lingüísticos em que se encontra o enunciador:

Desde que pasé a ser Presidente [...]

Sé que muchos de ustedes que me escuchan [...]

Esta noche, expresaré claramente cuál es mi posición

A partir do seguinte diagrama, encontram-se representados os três tipos de espaço:



Representando o espaço tópico, encontram-se umas categorias inscritas no enunciado: “desierto”, “frontera”, “instalación de detención”, Estados Unidos, para

indicarem lugares concretos utilizados pelo enunciador. O termo “desierto” é utilizado por ele, para indicar um dos lugares mais ocupados pelos migrantes ilegais para realizar a travessia. Lugar arriscado por suas altas temperaturas, mas também pelo perigo de serem mordidos por cobras, assaltados e sofrerem estrupos. A palavra *frontera* indica a porta de entrada de um país. Ao dizer “proteger as fronteiras”, o enunciador quer dizer ter um controle sobre as entradas e saídas do país. Vale ressaltar que o enunciador se refere sempre à fronteira do México-EUA e não com o Canadá, porque é aquela onde o foco de ilegalidade está presente. O termo *instalación de detención* é o lugar para onde os migrantes, ao serem presos nas fronteiras, devem permanecer por alguns dias até serem deportados para seus países, enquanto que os Estados Unidos, para o enunciador é um país soberano que tem direito a ter protegidas suas fronteiras, uma terra prometida, cheia de bênçãos. Em sua concepção, é um país de oportunidades para quem sabe aproveitar rico e famoso.

5.3.4 Temas e Figuras

No texto “Discurso del presidente a la nación sobre la reforma inmigratoria” os temas mais evidenciados são: ilegalidade, segurança, assimilação e reforma migratória..

O tema “ilegalidade” é o mais relevante no enunciado. Este se refere à problemática do processo migratório que, cada dia se intensifica nos Estados Unidos. As figuras que compõem esse tema são: corrupção, falsificação de documentos, criminalidade, prisão, fuga, discriminação.

Durante varias décadas, Estados Unidos no ha tenido control total de sus fronteras. Como resultado, muchos de los que quieren trabajar en nuestra economía han podido cruzar nuestra frontera clandestinamente, y millones se han quedado aquí.

A segurança, para o enunciador, é um dos recursos vitais para conseguir controlar a migração ilegal no país. Para isso, ele propõe altíssimos investimentos a

fim de controlar a fronteira dos Estados Unidos com o México. As figuras que representam este tema são: novas tecnologias, vigilância, contratação de agentes e controle.

[...] estamos lanzando el programa de seguridad fronteriza más avanzado tecnológicamente en la historia de los Estados Unidos. Construiremos muros altamente tecnológicos en las vías urbanas y construiremos nuevas carreteras para el patrullaje y barreras en las zonas rurales. Emplearemos detectores de movimiento, cámaras infrarrojas y aeronaves no tripuladas para evitar los cruces ilegales.

A assimilação representa um tema fundamental para o governo norte-americano que parece ter medo da influência dos migrantes em seu país. Por isso impõe a aprendizagem da língua inglesa e a identificação com a cultura norte-americana. As figuras relacionadas a este tema são: tradição, melhor situação econômica e aprendizagem da língua inglesa.

[...] debemos honrar la gran tradición estadounidense del crisol de culturas, que hizo de nosotros una nación de muchos pueblos. El éxito de nuestro país depende de que ayudemos a los recién llegados a asimilarse a nuestra sociedad y adoptar nuestra identidad común como estadounidenses

O tema reforma migratória, é apresentado pelo enunciador, para defender a urgente necessidade de reformulação no controle de entrada de migrante ilegais no país. As figuras que o compõem são: Controle do contribuinte, diminuição da corrupção, contratos legais, deportação e visto permanente.

Estados Unidos puede ser a la vez una sociedad que cumple con la ley y una sociedad acogedora. Solucionaremos los problemas creados por la inmigración ilegal y crearemos un sistema que sea seguro, ordenado y equitativo.

5.3.5 Leituras temáticas

Algumas leituras temáticas extraídas do enunciado são as seguintes:

Primeira leitura:

A população estadunidense está dividida quanto à reforma migratória

Segunda leitura:

Os migrantes ilegais nos EUA vivem à sombra dos estadunidenses.

Terceira leitura:

Os ilegais são os responsáveis pela corrupção no país.

Quarta leitura:

Os latinos são solidários entre si

Quinta leitura:

Os EUA são um país de imigrantes

Sexta leitura:

A fronteira dos EUA deve estar aberta ao comércio e à imigração legal

Sétima leitura:

A economia dos EUA necessita do trabalho do migrante

Oitava leitura:

Os EUA não conseguem controlar suas fronteiras

Nona leitura:

A reforma migratória favorece a ambição do governo norte-americano

Décima leitura:

Os migrantes reclamam por uma reforma migratória mais humanitária

Décima primeira leitura:

A construção do muro EUA – México discriminaliza o resto da América

Décima segunda leitura:

Para o governo dos EUA o migrante é valorizado enquanto produz

Décima segunda leitura:

O discurso de Bush sobre a reforma migratória é contraditório

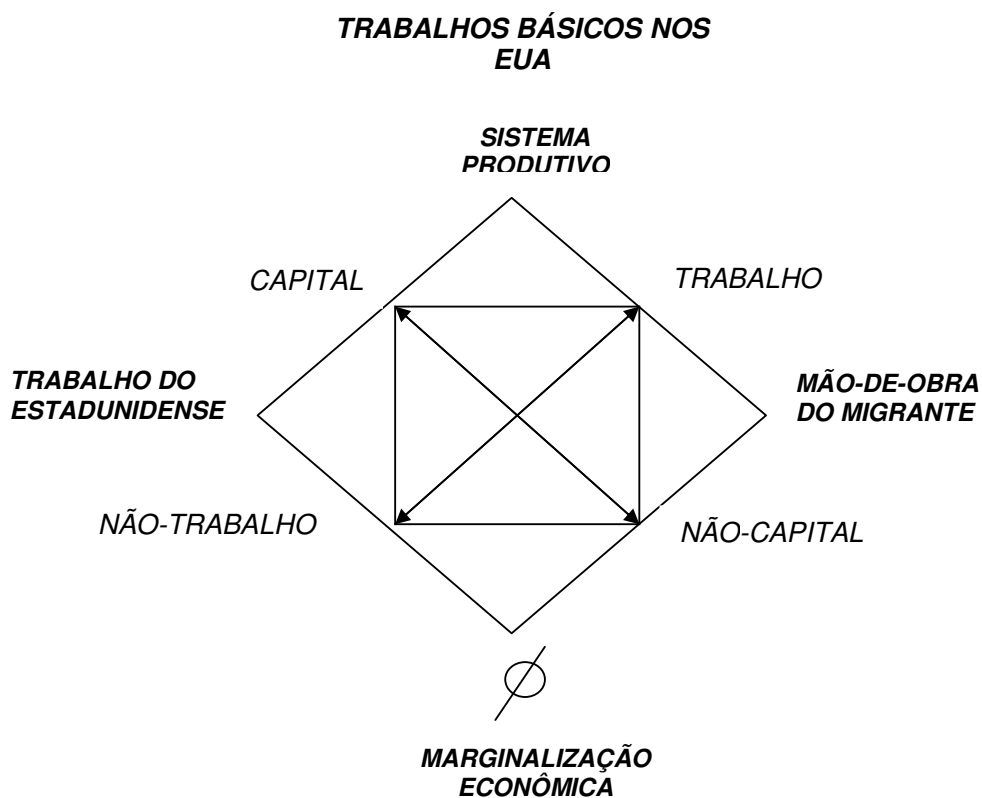
Décima terceira leitura:

O governo estadunidense impõe sua cultura aos migrantes

5.4 Estrutura fundamental

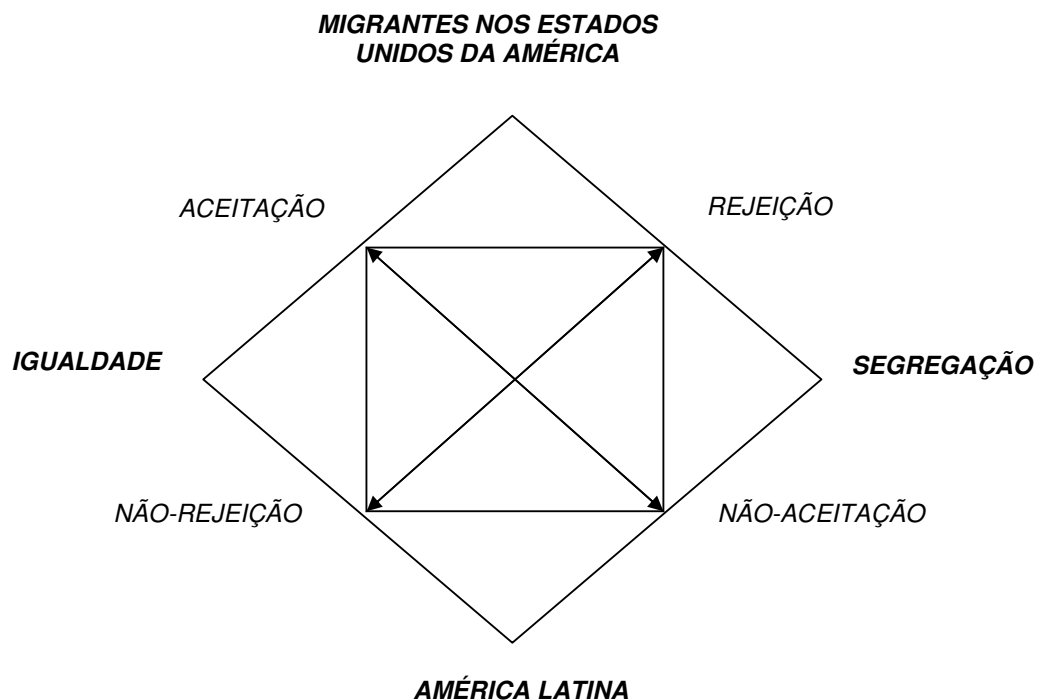
O trabalho realizado pelo migrante que vai para os Estados Unidos são conhecidos como trabalhos básicos, subbregos, trabalhos sujos, ou seja, todo tipo de trabalho que a maioria dos norte-americanos não quer fazer. Seus salários comparados aos de seus países são superiores, no entanto, em relação ao do estadunidense qualificado há muita diferença. Levando em consideração esse sistema de produção, a tensão dialética se sustenta entre capital e trabalho.

O contraditório de capital é não-trabalho e o de trabalho é não-capital. Capital implica na ausência de trabalho e vice-versa. O capital sem ser trabalho define a elite. O trabalho sem ser capital explica a mão-de-obra do migrante. A marginalização econômica se encontra no eixo negativo, caracterizando-se por não apresentar capital e trabalho. Os metatermos elite e mão-de-obra do migrante podem ser substituídos por outros.

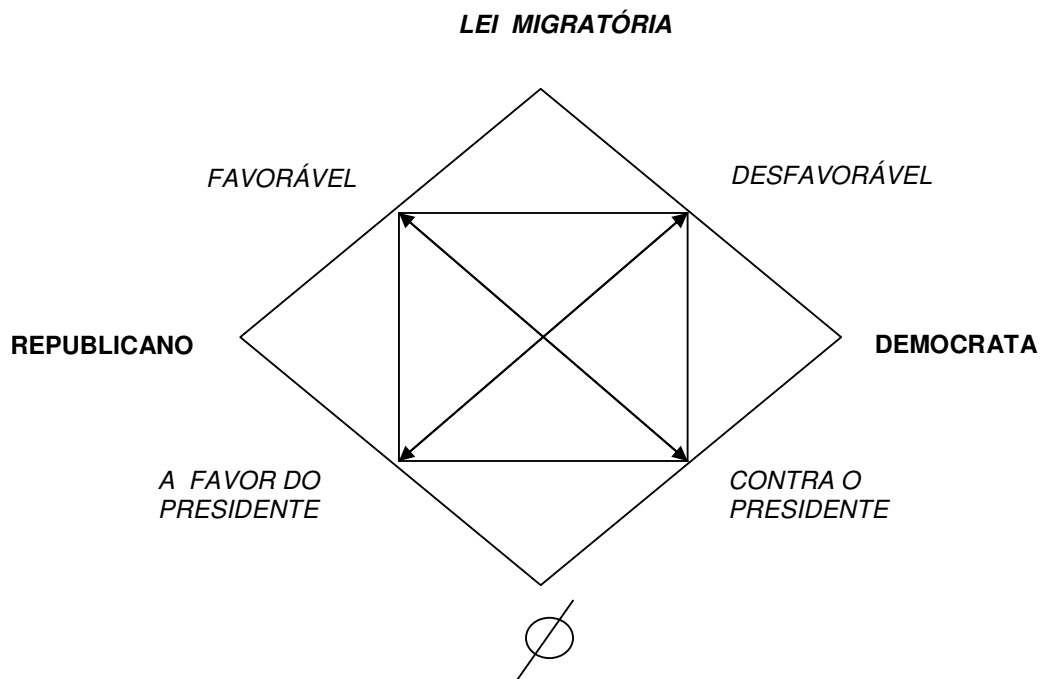


A permanência do migrante latino nos Estados Unidos divide a população em dois grupos: os que querem a sua presença e os que o rejeita. A tensão dialética, portanto, se sustenta entre aceitação e rejeição.

O contraditório de aceitação é não-rejeição e o de rejeição é não-aceitação. Aceitação implica a ausência de rejeição e vice-versa. A aceitação sem ser rejeição define a igualdade. A rejeição sem ser aceitação explica a segregação. A América Latina se encontra no eixo negativo, caracterizando-se por não apresentar aceitação e rejeição. Os metatermos igualdade e segregação podem ser substituídos por outros.



A presença do migrante indocumentado nos Estados Unidos está criando controvérsias entre o governo que apresentou uma proposta de lei migratória não satisfatória à autoridades políticas do país. O octógono a seguir explica a relação de conflito na política norte-americana que se sustenta na tensão dialética entre pessoas favoráveis e desfavoráveis.



Os republicanos caracterizam-se por serem favoráveis à reforma migratória apresentada por Bush e, portanto, a favor do presidente. Os democratas, ao contrário se posicionam desfavoravelmente e, portanto, contra o presidente.

6 ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO *ÂNGELA*

6.1 Preliminares

Ângela, com quarenta e dois anos, professora, da cidade de Tubarão, sul de Santa Catarina, deixou sua cidade, juntamente com o filho, para morar nos EUA, onde já trabalhava o esposo a um ano numa lanchonete. Entrou no país com visto de turista e facilmente conseguiu trabalho, como garçomete, no mesmo lugar do marido, graças aos documentos falsos obtidos lá.

A migrante foi morar na cidade de Lynn – Massachusetts, região muito povoada por migrantes latinos, principalmente brasileiros que mantêm um contato vivo com o Brasil através da Rede Globo, Record, internet e outros meios de comunicação. Encontram-se restaurantes e mercados, onde se pode desfrutar da comida brasileira e as festas de páscoa, natal e ano novo são muito festejadas pela comunidade de migrantes.

Em geral, o relacionamento entre os migrantes é muito solidário, contudo, há quem, por estarem há muito tempo no país, sentem-se privilegiados, dificultando aos recém-chegados a conseguirem trabalho.

Ângela não teve problemas para adaptar-se à nova vida, a presença da família lhe oferecia segurança e tranquilidade. Dirigia sem empecilhos de um estado para outro e nunca foi abordada por agentes de migração. Não saber falar o inglês não foi problema para ela, o que não aconteceu com seu filho de dez anos de idade, que teve sérias dificuldades de adaptação na escola por não ter o domínio da língua.

Segundo a brasileira, a assistência médica estadunidense é eficaz, também para o migrante que, para obter esse serviço gratuitamente, deve inscrever-se no hospital mais próximo à sua casa, declarar ter uma renda baixa e apresentar

comprovante de residência. Com isso, ele passa a ter todo tipo de assistência médica e também exames de laboratório grátis. Uma mulher grávida que entra nesse programa, além da assistência médica, recebe ajuda econômica para sua alimentação, que depois se estende ao filho, até concluir os cinco anos de idade.

Para Ângela, a contribuição do migrante na economia estadunidense é fundamental. São trabalhos que os norte-americanos não querem fazer por serem considerados subempregos e menos remunerados. É verdade que trabalhava muito, mas o que ela e o marido recebiam por semana não se comparava ao salário do Brasil. O salário dos primeiros quinze dias do mês era para viver nos Estados Unidos e o resto era para investir no seu país. Em quatro anos e meio, contando com o tempo de trabalho do seu marido, conseguiu investir muito no Brasil. Comprou um sítio, um apartamento na praia, construiu uma casa de dois pavimentos e um salão para aluguel, comprou um carro zero, levou seu filho a Disney, levou sua mãe aos EUA e veio duas ou três vezes à sua terra natal.

A decisão de voltar definitivamente para o Brasil foi idéia do marido que não concordou em ficar. Lá, ela, além de sentir-se mais segura, podia ajudar a sua família e isso lhe parecia muito importante. Contudo, não querendo separar-se da família, ela permaneceu ainda por mais seis meses, depois do retorno do marido e do filho. Tinha licença de trabalho no Brasil e quis aproveitar para ficar até o fim do ano. Esse período foi o mais intenso no trabalho e difícil pela falta que lhe fazia a família, não obstante, conseguiu superá-lo com o trabalho.

A sua convivência com os norte-americanos foi muito positiva em todos os sentidos. Sentiu-se valorizada, reconhecida no trabalho e muito amada pelos seus patrões, realidade não experimentada no Brasil. Antes do seu retorno, foi convidada pelo prefeito da cidade para dar uma entrevista e recebeu um certificado de reconhecimento pelo trabalho realizado na cidade.

Há dois anos ela vive em Tubarão, mas não consegue se adaptar e esquecer a experiência dos EUA. Mantem vínculos com portugueses e brasileiros, através de telefone, mas se lamenta não ter aprendido o inglês para comunicar-se com os amigos americanos, sem que tenha de depender de outras pessoas.

Os segmentos temáticos encontrados no texto em análise estão elencados, a seguir:

SG1 Deixa o Brasil em busca de melhor situação econômica nos EUA

- SG2 Encontro com esposo e parente em Massachusetts
- SG3 Consegue documentos falsos para trabalhar
- SG4 Obtenção de trabalho
- SG5 Presença da cultura brasileira na cidade de Lynn
- SG6 Adaptação no país
- SG7 Retorno ao Brasil para morte do pai
- SG8 Solidariedade entre os migrantes
- SG9 Serviços assistenciais ao migrante
- SG10 Contribuição do trabalho do latino aos EUA
- SG11 Vantagens da migração
- SG12 Contribuição do trabalho do latino
- SG13 Relação com o norte-americano
- SG14 Reconhecimento por parte das autoridades de Lynn
- SG14 Retorno definitivo ao Brasil

6.2 Estruturas Narrativas

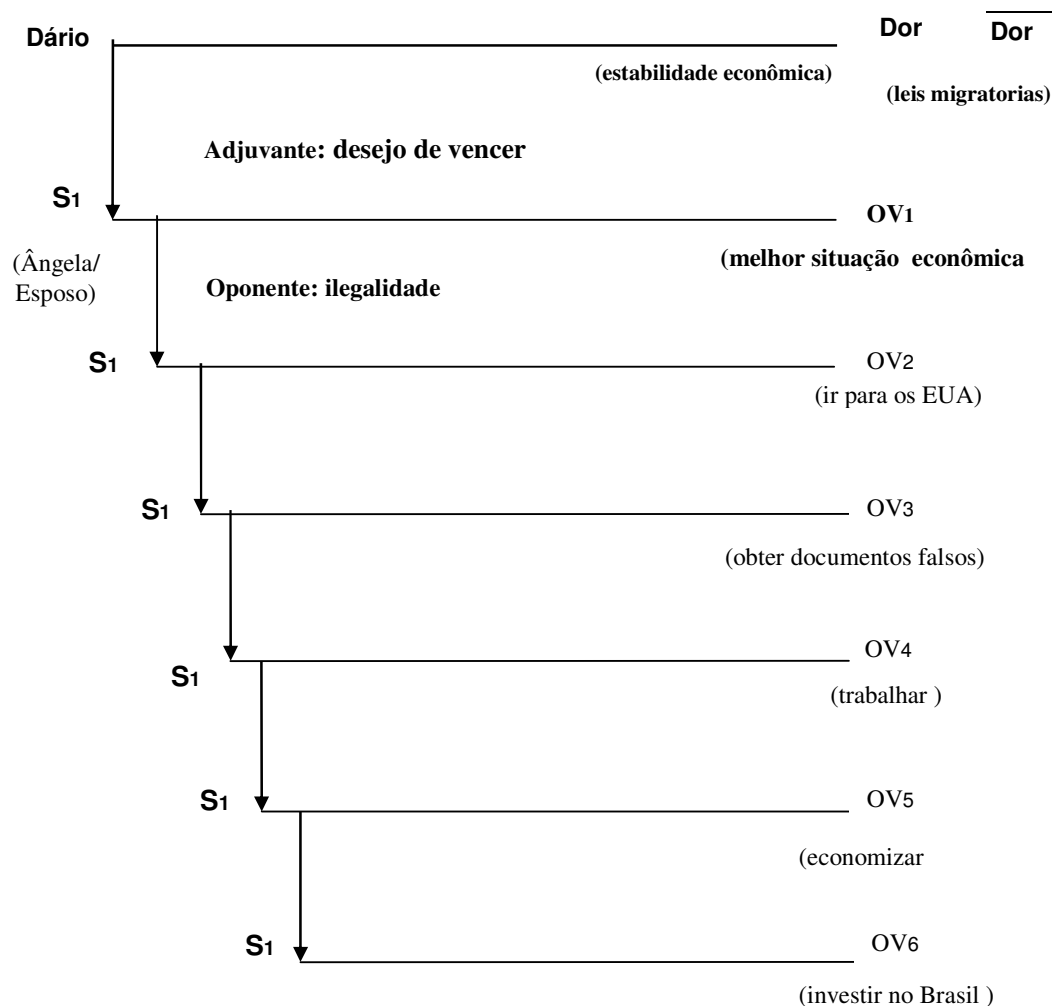
A narrativização do texto “Ângela” apresenta oito sujeitos semióticos especificados no seguinte quadro:

Sujeito Semiótico	Figurativização	Sujeito Semiótico	Figurativização
S1	Ângela / esposo	S6	Governo norte americano
S2	Ângela	S7	Prefeito americano
S3	Esposo	S8	Estadunidenses
S4	Migrantes solidários	S9	Patrão de Ângela
S5	Migrantes individualistas		

Na narrativa em questão, o sujeito semiótico 1 (S₁), na figura de “Ângela e esposo”, apresenta um sincretismo atorial, ou seja, têm os mesmos objetos de valores. Migrante da cidade de Tubarão, Santa Catarina, sul do Brasil que decide

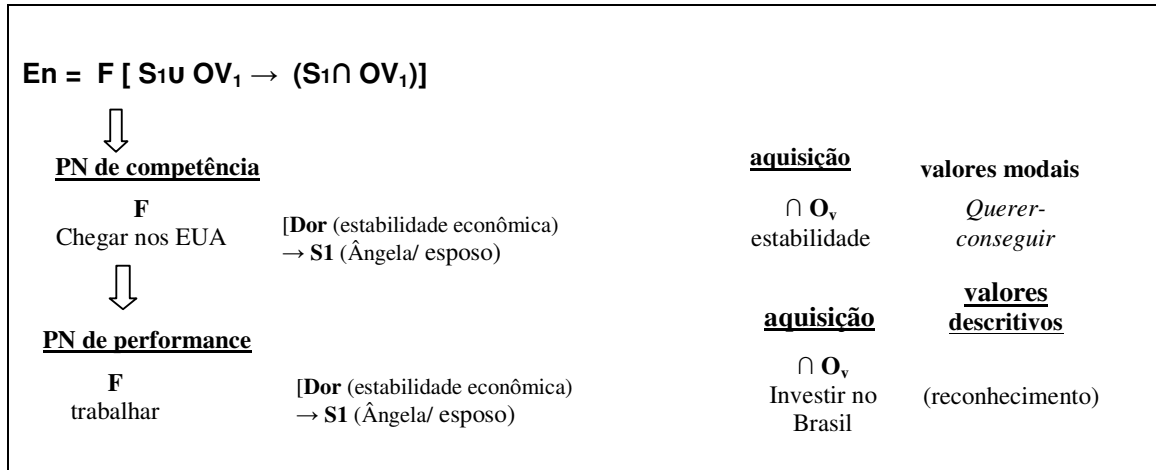
deixar trabalho e familiares e ir morar nos Estados Unidos. Tem por destinador o querer ser estável economicamente e por anti-destinador as leis migratórias. Decidido a vencer na vida, ele realiza um percurso em busca do seu objeto de valor: melhor situação econômica, tendo por adjuvante o desejo de vencer e por oponente a ilegalidade.

No percurso realizado pelo S₁ para conseguir o que quer, ele vai para os EUA (OV₂), mas como não tem a documentação legal para permanecer no país, obtém documentos falsos (OV₃) e em seguida consegue trabalho (OV₄). Com o salário que recebe ele economiza (OV₅) e investe no Brasil (OV₆).

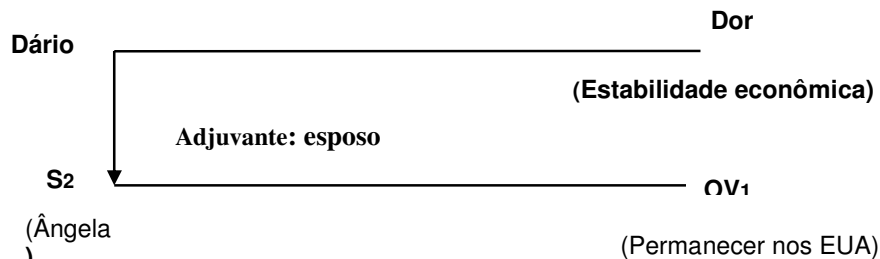


Para que ocorra a conjunção do S₁ com o seu objeto de valor, não se faz necessário a ajuda de outros, ele é o responsável direto pela sua competência em

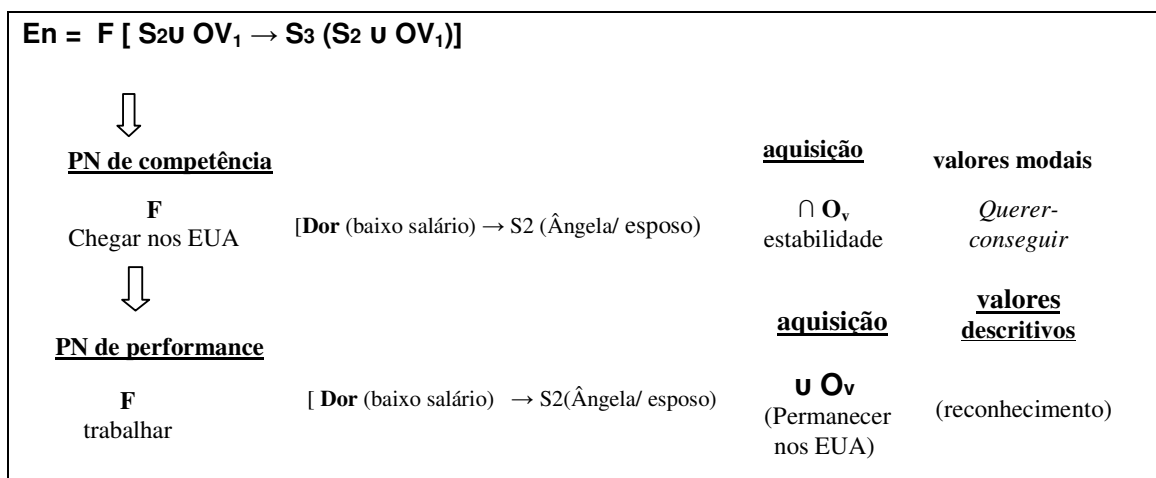
transformar seu estado disjunto ao conjunto.



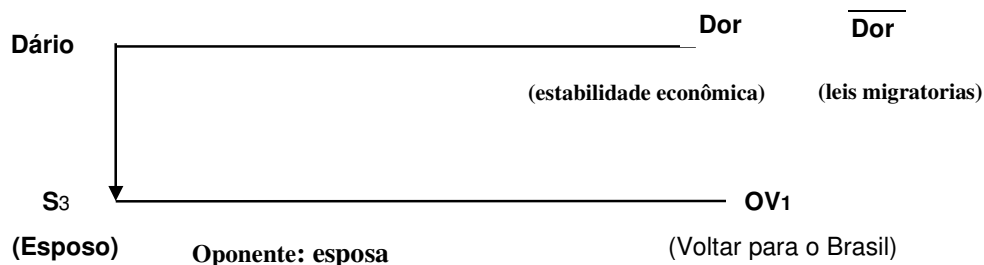
O sujeito semiótico 2 (S₂), discursivizado pela figura de “Ângela”, é impulsionado pelo desejo de obter estabilidade econômica. Tem por objeto de valor permanecer nos Estados Unidos e por oponente seu esposo que quer voltar para o Brasil.



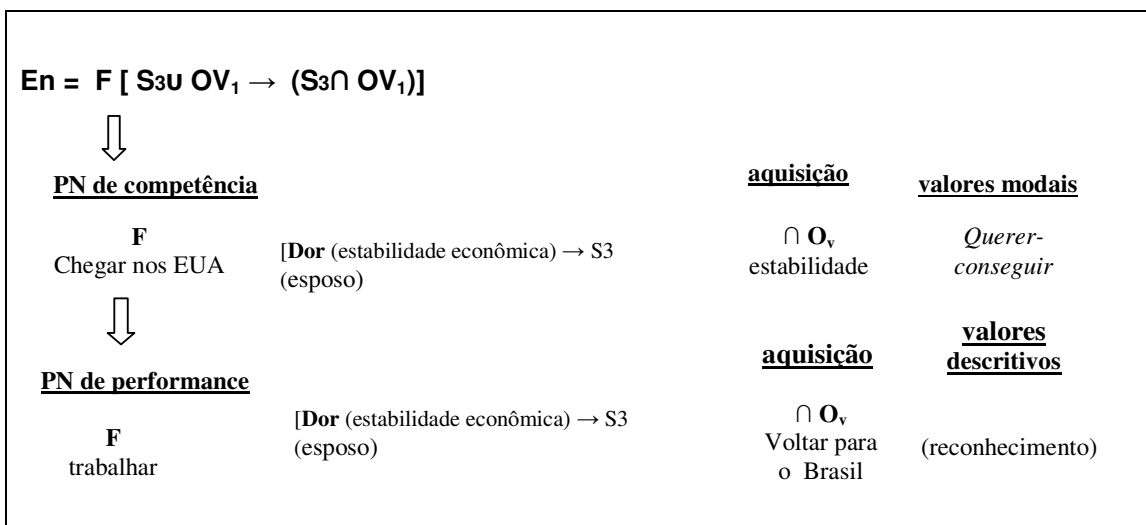
Não podendo permanecer vivendo nos Estados Unidos, o S₂ permanece disjunto de seu objeto de valor.



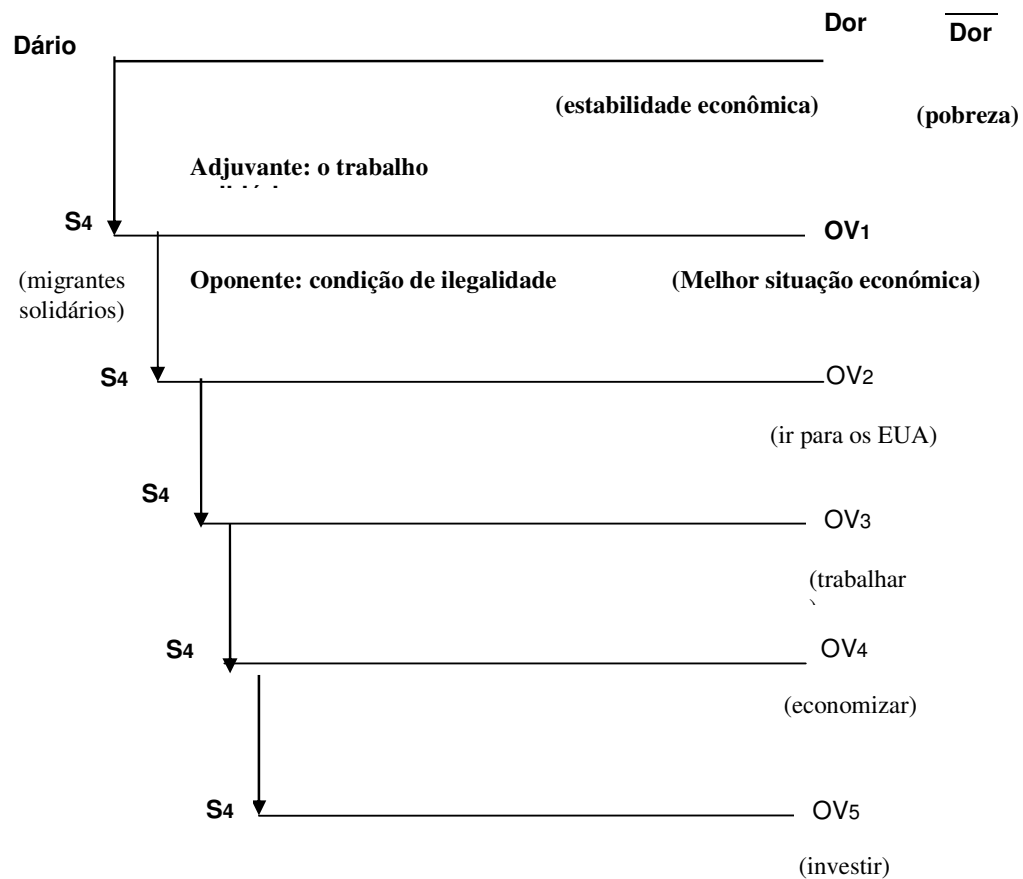
O sujeito semiótico 3 (S₃), representado pelo “Esposo”, instigado pelo desejo de obter estabilidade econômica. Tem por objeto de valor voltar para o Brasil e por oponente sua esposa que quer permanecer nos EUA.



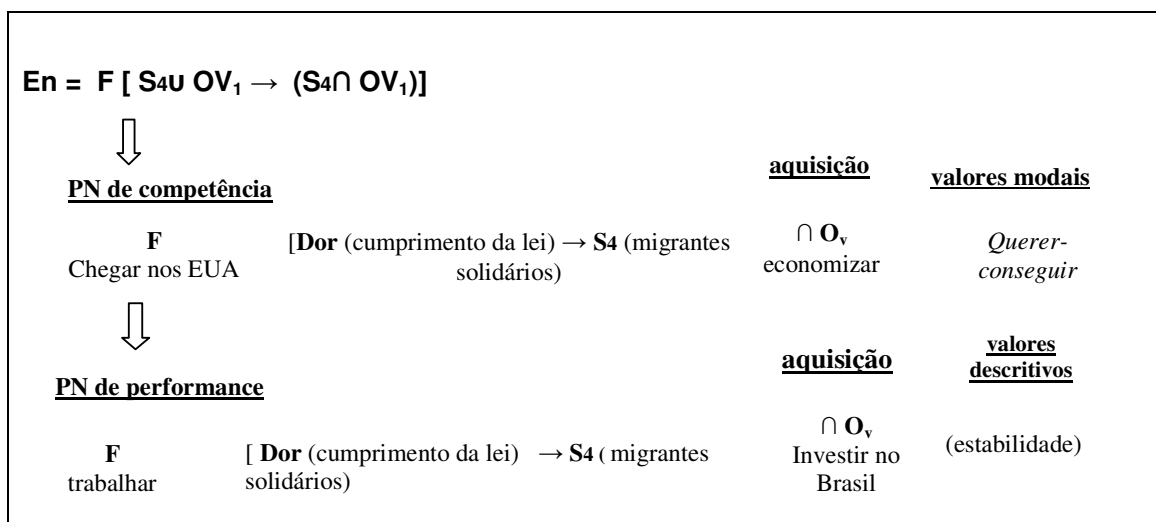
O S₃ é o responsável direto pela conjunção com seu objeto de valor.



O sujeito semiótico 4 (S₄), representado pelos “migrantes solidários”, tem por destinador a estabilidade econômica e como anti-destinador, a pobreza. Trata-se de um sincretismo atoral, vários migrantes com um só objeto de valor, constituindo, portanto, um único sujeito semiótico. Seu objeto de valor é a obtenção de uma melhor situação econômica, e para isso, conta com a ajuda do trabalho e tem por oponente a condição de ilegalidade em que se encontra. Para realizar seu objetivo, o S₄ realiza um percurso em que deve ir para os Estados Unidos (OV₂), encontrar um lugar para trabalhar (OV₃) economizar (OV₄) e depois investir (OV₅).

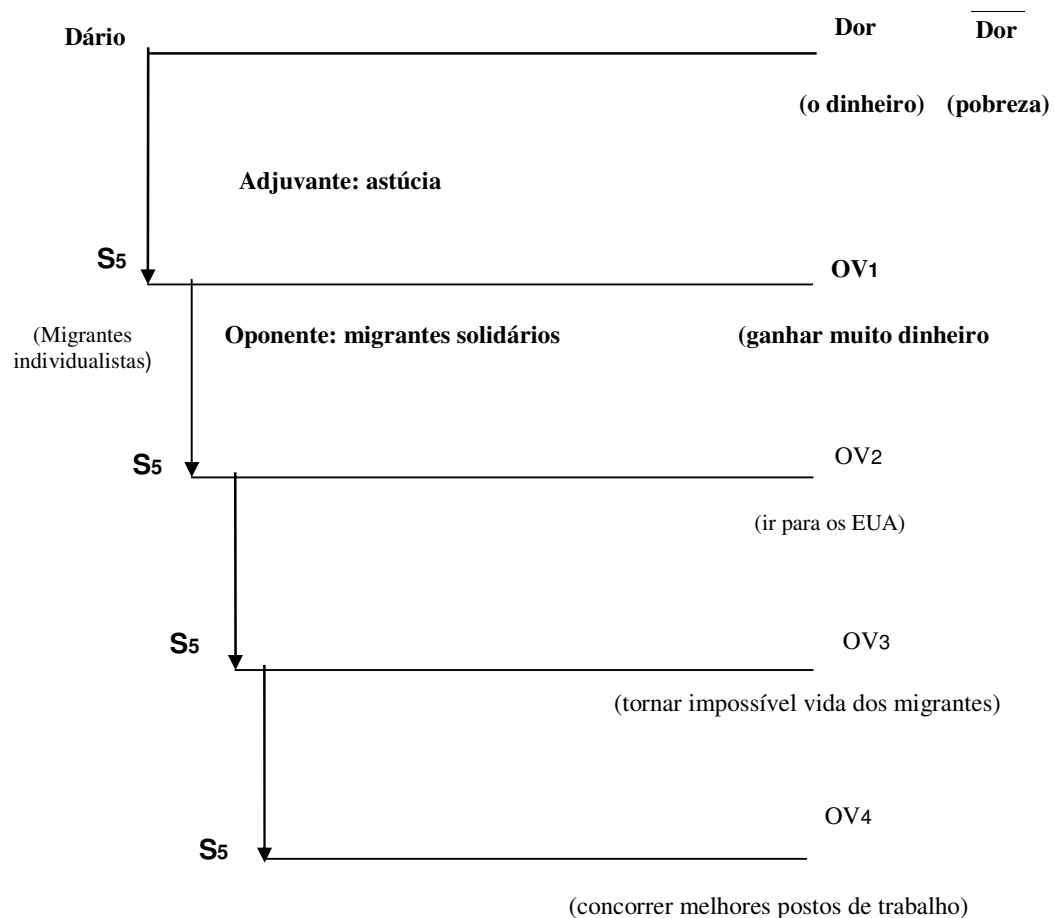


Também nesse caso, a passagem do estado de disjunção à conjunção do S4 ao seu objeto de valor ocorre através da competência que esse tem de, através do seu trabalho, alcançar o que almeja.

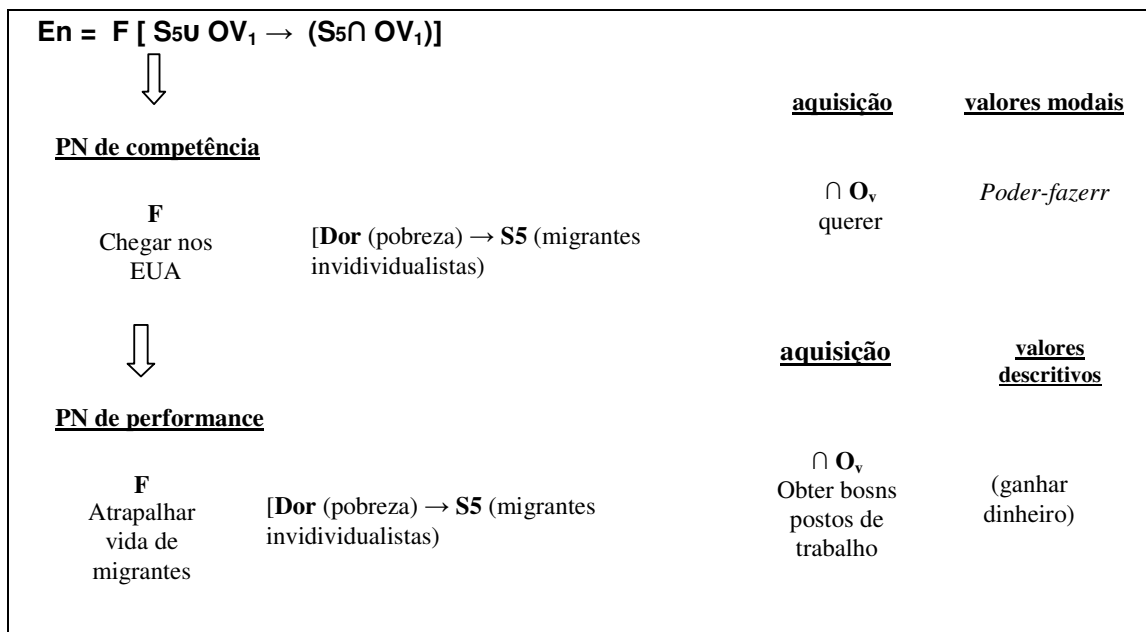


O sujeito semiótico 5 (S_5), presente no texto na figura dos “migrantes individualistas”, tem por destinador o dinheiro e como anti-destinador, a pobreza. Seu objeto de valor é “apoderar-se dos melhores trabalhos” e para isso conta com a astúcia como adjuvante, tirando vantagens em relação aos migrantes recém-chegados nos Estados Unidos.

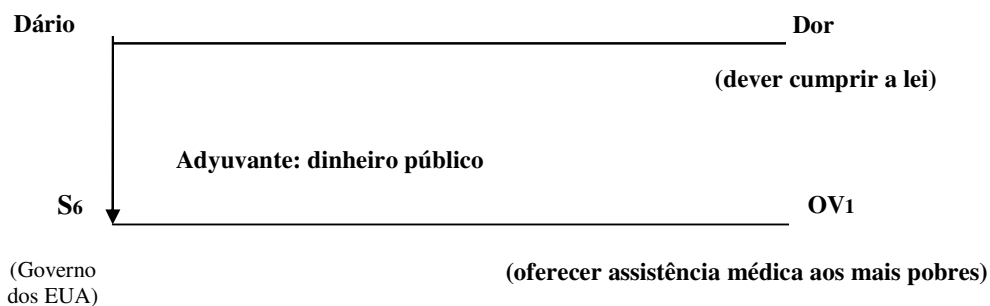
Para conseguir o que deseja o S_5 deixa seu país de origem e vai para os EUA (OV2), porém, tendo uma índole má, não se satisfaz com o que tem, torna a vida dos outros migrantes impossível (OV3), principalmente dos novatos que procuram meio de sobrevivência, concorrendo aos melhores postos de trabalho (OV4).



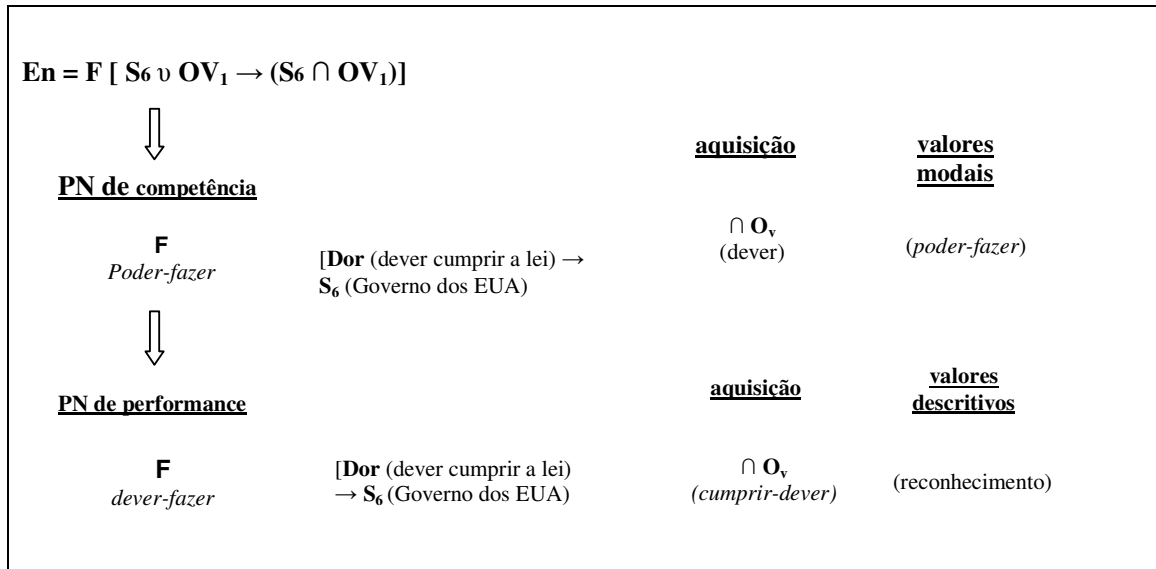
A passagem do estado de disjunção à conjunção do S_5 ao seu objeto de valor ocorre através da competência que esse tem de enganar os migrantes novatos para conseguir seus trabalhos, em caso sejam melhores que o dele.



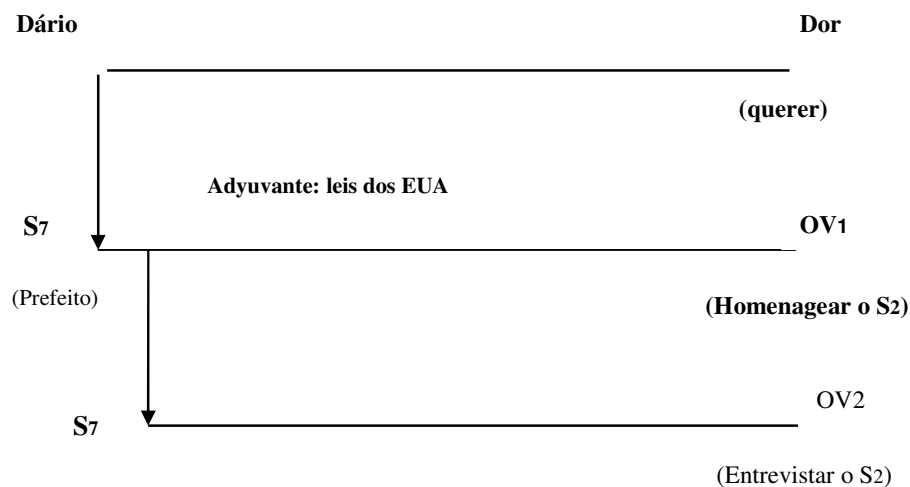
O governo dos Estados Unidos, representando o sujeito semiótico 6 (S_6), é movido por um dever cumprir a lei. Seu objeto de valor é oferecer assistência médica gratuita aos mais pobres. Para isso, ele conta com a ajuda do dinheiro público do país.



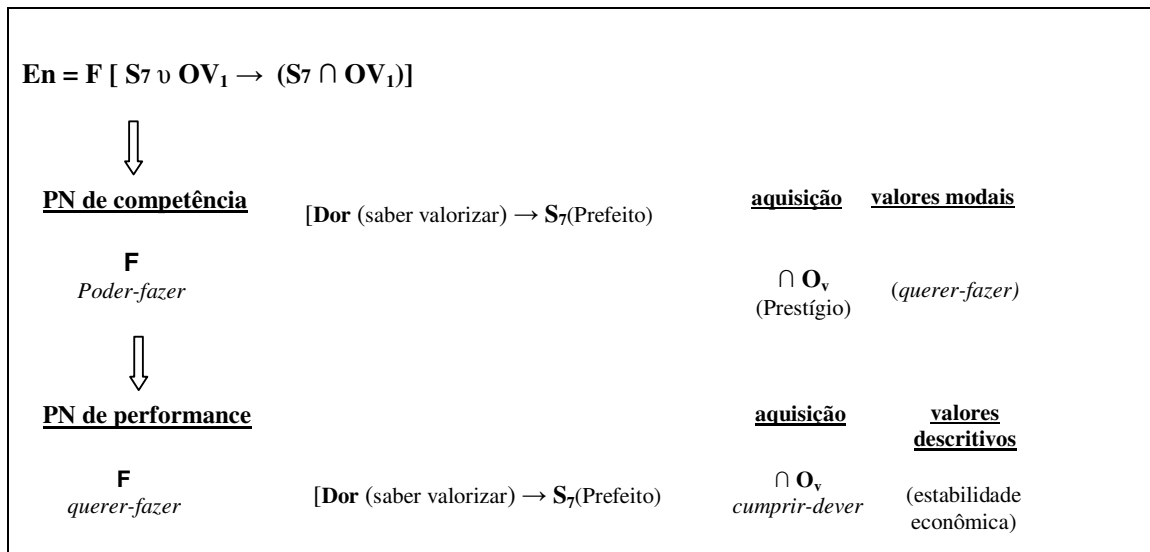
Como se pode observar, o sujeito semiótico 6 (S_6), não encontra dificuldades para chegar à conjunção com seu objeto de valor, já que é seu dever dar assistência médica aos mais necessitados. No diagrama que segue pode-se constatar.



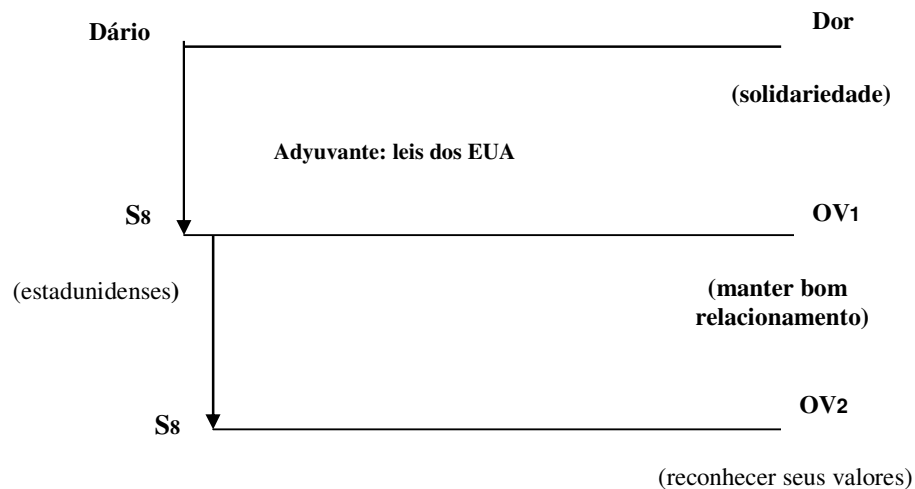
O sujeito semiótico 7 (S7), figurativizado pelo prefeito da cidade de Lynn, é impulsionado a reconhecer o valor do migrante que trabalha em sua cidade e tem por destinador o querer do sujeito e por objeto de valor homenagear o S2. Para isso, ele entrevista o S2(OV2) para que ele possa inteirar-se de sua experiência naquela cidade. Só a partir desse diálogo é que ele decide homenageá-la.



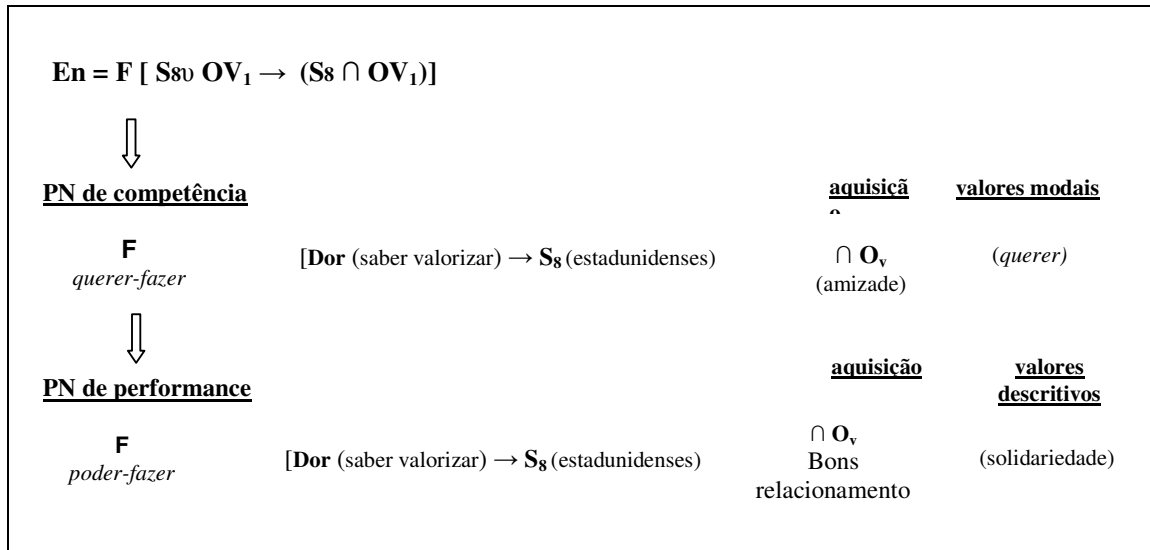
Também nesse caso, o sujeito semiótico 7 (S7), não encontra dificuldades para chegar à conjunção com seu objeto de valor, dado que ele tem a competência necessária para obter os valores pretendidos. No diagrama que segue pode-se comprovar:



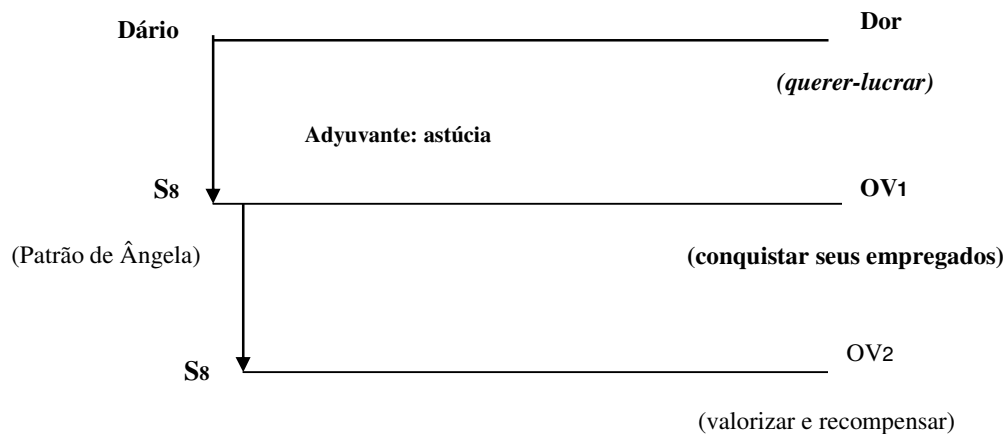
O sujeito semiótico 8 (S₈), representado pelos estadunidenses, é impulsionado pela solidariedade para com os migrantes e tem por objeto de valor manter bons relacionamentos. Para isso, reconhece seus valores.



O S₈ consegue obter a passagem de disjunção ao de conjunção com seu objeto de valor, graças à sua competência de saber valorizar os demais.



O sujeito semiótico 9 (S_9), representado pelo padrão de Ângela é impulsionado pela modalidade do *querer-lucrar* e tem por objeto de valor conquistar seus empregados (OV_1). Para tanto, conta com a ajuda de sua astúcia, valorizando-os e recompensando-os economicamente (OV_2). Ele sabe que, assim fazendo, os migrantes trabalham satisfeitos e o lucro é uma consequência lógica.



6.3 Estruturas Discursivas

6.3.1 Relações intersubjetivas

A enunciação no texto “Ângela” se faz através de um enunciador em primeira pessoa que também é ator no enunciado. Além dele, o enunciador menciona mais oito atores, todos apontados pelos papéis temáticos que exercem. Ele não menciona nome próprio algum. O eu remete a Ângela que está pressuposta no texto. São atores mencionados: o esposo de Ângela, migrantes solidários, migrantes individualistas, governo dos Estados Unidos, prefeito, estadunidenses e patrão de Ângela. A indicação dos nomes próprios personaliza, aponta para uma pessoa específica que pode ser reconhecida. Assim, o enunciador remete para nomes genéricos que não permitem uma identificação precisa da pessoa envolvida.

A experiência realizada por Ângela, como migrante nos Estados Unidos foi muito positiva em todos os sentidos. Lá, ela obteve um crescimento econômico que, em sua concepção, seria impossível conseguir no Brasil. Além disso, sentiu-se valorizada e reconhecida pelo seu trabalho. A confiança oferecida pelos seus patrões foi muito importante para sua auto-estima e desenvolvimento laboral.

Desde o momento que cheguei lá, eu me senti bem, fui bem tratada.

[...] fazia cofre, fazia o caixa, fechava a loja, tinha o alarme da loja, eu tinha a chave da loja. Como imigrante sempre foi muito bom alguém confiar em ti sendo uma pessoa imigrante. Isso foi muito importante para mim.

Eu não queria vir embora, só voltei porque meu marido quis. [...] foi mais difícil eu me readaptar no meu país de origem do que foi difícil ficar lá.

[...] hoje eu guardo isso no meu coração, coisa que eu nunca tive no meu país, esse reconhecimento do meu trabalho.

O patrimônio que Ângela e seu esposo conseguiram adquirir, graças ao que economizaram nos Estados Unidos, não seria possível obter com o salário que tinham antes no Brasil. Ela conseguiu ajudar economicamente à sua família, a

melhorar de vida e até viajar. Para ela, ter dinheiro é muito importante, dar-lhe tranquilidade.

[...] eu e meu marido, a gente tirava duas semanas para pagar as despesas de lá e duas semanas era para investir no Brasil.

[...] a gente adquiriu bastante coisa no Brasil: um sítio, um apartamento na praia, construiu uma casa de dois pavimentos, construiu um salão para aluguel, comprei um carro zero, levei meu filho na Disney, levei minha mãe para passear lá comigo durante seis meses e ainda pagava a ela para cuidar do meu filho para mim, vim duas ou três vezes ao Brasil.

[...] ganhar faz bem. E a parte, ganhando bem e estando economicamente segura te dá segurança pro resto das coisas do mundo. [...] Sabes que se tu precisar de alguma coisa para o teu filho, tu vais ter dinheiro; tu sabes que se precisar alguma coisa para a tua família, tu vais poder assistir, então tenho um pouco de saudade [...].

Quanto mais cresce o número de migrantes *indocumentados*, mais aumenta a corrupção para a aquisição de documentos falsos que lhes possibilitam trabalhar no país estrangeiro. Foi isso que aconteceu com Ângela quando entrou nos Estados Unidos.

Tem uma máfia que faz documentos falsificados para tu poderes ter um número social para poder entrar numa empresa. Hoje, se pegarem uma empresa com migrante, a empresa paga, se não me engano, dez mil dólares de multa por cada funcionário ilegal.

Ângela defende o norte-americano e afirma que, em seu relacionamento com ele, predominou o respeito mútuo. Não se sentiu discriminada, ao contrário, lamentou-se por não dominar a língua inglesa para socializar-se melhor com eles.

Tem gente que diz que o americano não é caloroso, não é amigo. Comigo foi o contrário, pois quando meu pai faleceu, recebi cartão de condolências, abraços, presentes. Eles dão ursinho de pelúcia quando a pessoa está triste sabe? Para mim eles foram muito bons

nessa fase de minha vida. Foram bons mesmos; por isso eu só tenho que elogiar a parte calorosa dos Estados Unidos.

Essa parte, de carinho foi muito bom; eu ganhei festas de despedidas de americanos, que levaram bolo, presentes, cartão e isso foi muito bom para mim, gratificante como ser humano.

Em Lynn, cidade onde Ângela foi morar nos Estados Unidos, encontram-se migrantes de diferentes países do centro e do sul da América. Essa mistura de raças e de costumes foi para ela uma oportunidade de conhecer outras culturas e de poder conviver com elas. Descobriu a solidariedade dos migrantes, pois nos momentos mais difíceis, pode contar com eles. Eles também ajudam os recém-chegados nos primeiros momentos de adaptação no país a conseguirem trabalho e moradia. Vale lembrar, entretanto, que alguns dificultam a vida dos migrantes, principalmente, dos recém-chegados, porquê receiam que estes ocupem seus lugares de trabalho.

Como em todas as partes do mundo, tem as pessoas boas, pessoas ruins. Para mim foi muito importante conhecer as culturas deles, fiz muita amizade com eles; eles foram muito receptivos comigo, porque eu passei os primeiros dois meses com meu pai doente no Brasil e eles me ajudaram muito nesse momento.

Tem também a competitividade entre os próprios migrantes. Quem está lá mais tempo, se acha já dono, e as vezes em vez de ajudar a quem está chegando, atrapalha o serviço dos recém-chegados nos Estados Unidos.

[...] fiz muita amizade com eles; eles foram muito receptivos comigo, porque eu passei os primeiros dois meses com meu pai doente no Brasil e eles me ajudaram muito nesse momento.

A forte presença de migrantes brasileiros na cidade de Lynn mantém viva a cultura e as tradições dessa nação nos Estados Unidos, e cria laços profundos entre migrantes e familiares e amigos que estão no Brasil, influenciando, de certa forma, no modo de pensar e de viver dessas pessoas. É o que acontece no sul de Santa Catarina, região de Ângela, a normalidade é ter alguém da família que já migrou para os Estados Unidos. A mídia, em geral, facilita essa comunicação, oferecendo informações diárias sobre o que acontece no Brasil.

Na época que eu fui, li na revista Veja, que tinha mais de cinqüenta mil brasileiros na região de Boston. A gente lá tem toda comunicação em português, a Rede Globo, a Record, A voz dos brasileiros, mercados brasileiros, restaurantes brasileiros e muita gente brasileira lá. Tu te sentes em casa, sais na rua e, como a gente conhece, identifica o brasileiro.

A comunicação fica fácil e por isso o inglês não fica tão necessário porque tem muito brasileiro.

Ali se comemoram as festas tradicionais, como natal, ano novo, páscoa e aniversários de amigos, fomentando um maior crescimento da cultura brasileira no país. E, isso contribuiu muito para que Ângela e seu esposo não sentissem tanto a dor de estar longe dos familiares.

Tudo que se faz aqui, festas, essa parte de religiosidade, ela fazia na comunidade de brasileiros. Aniversário, natal a gente se reunia e fazia na casa de um e de outro, Páscoa; sempre tinha aquela comilança brasileira.

O êxito da experiência de Ângela se deve em grande parte à seu esposo que já estava instalado no país há um ano e nove meses, quando ela lá chegou. Foi ele que lhe abriu as portas de trabalho e a fez sentir-se em casa. Isso se constata quando Ângela relata seu sofrimento, mesmo se superado, nos últimos dias vividos em Lynn sozinha, pois o marido já tinha voltado para o Brasil.

[...] eu fui muito bem recebida porque tinha meu marido que já tinha feito um círculo de amizade maior e a gente se dava bem.

Fiquei seis meses lá, sozinha, e foi bem difícil, porque fiquei sem a família, que é o teu ponto de apoio, e para superar isso eu trabalhava muito.

O governo norte-americano, segundo Ângela, oferece muitas facilidades para que o migrante possa viver no norte da América com certa tranqüilidade. Ele

oferece escola e assistência à saúde. Quanto à escola, é obrigatória a frequência da criança. Essa norma é aplicada também aos filhos dos migrantes ilegais que ali vivem. A esses, o governo só não oferece a universidade, o que, para os migrantes, é motivo de muito sofrimento, pois os filhos param de estudar ao concluírem o ensino médio. Para Ângela o que mais lhe custou dessa experiência foi justamente ter de colocar seu filho de nove anos de idade numa escola americana. Mesmo havendo professores intérpretes que ajudavam as crianças que não falavam inglês, foi difícil.

A parte mais difícil foi na escola, essa parte foi sofrida. Por não saber o inglês. Quando o filho vai para a escola pela primeira vez, aqui no Brasil, a gente já fica com o coração apertado como mãe, imagine numa escola que você não sabe pedir para ir ao banheiro, pedir um copo de água.

Contudo, Ângela não deixa de defender as vantagens que o governo oferece à educação.

[...] vais ter direito ao ano escolar gratuito. Nessa escola, a criança vai e tem direito ao café da manhã, depois ganha o lanche, ganha o almoço que é à base de lanche

Em relação à saúde, o migrante que justificar ter renda baixa, recebe gratuitamente toda assistência médica necessária. Para justificar o que disse, Ângela cita um exemplo do seu filho e de algumas amigas que usufruíram desse serviço. Contudo, vale ressaltar que as pessoas que recebem essa ajuda são visitadas por assistentes sociais para comprovarem a veracidade da situação econômica e para verificarem se o tratamento dado ao paciente está sendo realizado. Além do tratamento, o governo oferece também medicamentos e alimentação, caso seja necessária, como no caso das mulheres grávidas e dos recém-nascidos.

Os programas que eu vi nos Estados Unidos, tanto da educação como da saúde, são bem desenvolvidos, bem exercidos na prática, não fica o papel.

Ainda hoje Ângela mantém alguns contatos com migrantes e com o pai de seu patrão que mora nos Estados Unidos. Para ela essa experiência a marcou profundamente.

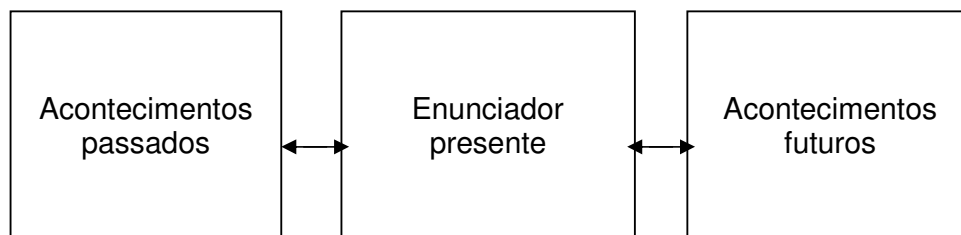
Lá eu tinha o cansaço físico, aqui eu tenho o cansaço mental, que é muito pior. Então para mim foi uma experiência bem positiva; meu filho já estava bem na escola, estava falando bem o inglês, e foi quando ele começou a escrever bem, aí a gente teve que voltar.

A sua presença não passou despercebida nem mesmo pelo prefeito da cidade de Lynn que fez questão de homenageá-la antes que ela voltasse definitivamente para o Brasil.

[...] o prefeito ligou pra lá perguntando se eu podia dar uma entrevista pra ele e, porque eu estava deixando o país. E quando eu fui realizar essa entrevista, ele me deu um certificado de congratulação por ter trabalhado pela cidade. Isso foi muito gratificante para mim, porque eu como imigrante consegui conquistar um espaço perante ele e fechar meu trabalho com chave de ouro.

6.3.2 Temporalização

O enunciador “Ângela” desloca-se no tempo lingüístico e crônico. Nos primeiros momentos do discurso, ele se refere a um passado, logo depois se coloca no presente e, em seguida, direciona-se para o futuro e retorna ao passado. Nesse processo enunciativo, o enunciador defende a importância de sua permanência nos Estados Unidos, tanto pelo reconhecimento que teve pelo trabalho realizado lá, como também por tudo quanto conseguiu adquirir economicamente e manifesta seu desejo de voltar a viver lá.



Ao utilizar, predominantemente o passado, Ângela marca a zona distal em que ela se encontra, ocorrendo, assim, uma quebra crônica entre o tempo da enunciação e o tempo dos fatos narrados por ela.

Fiquei seis meses lá sozinha [...]

O meu marido chegou num domingo e na segunda já estava empregado, porque ele tinha um cunhado que ajudou muito a ele nessa parte.

O tempo da enunciação está embreado com o tempo do enunciatário, por isso Ângela emprega alguns tempos verbais para esquematizar, persuasivamente, suas intenções. Utiliza verbos no passado e no futuro para indicar a zona distal em que se encontra. O pretérito perfeito predomina na enunciação, apontando um passado próximo. O seguinte diagrama explica o relacionamento do momento da enunciação com as zonas distais:

Ao utilizar o tempo do presente, o enunciador indica o momento em que ele está falando, ou seja, dá a idéia de atemporalidade. É o caso da afirmação que ele faz do que as pessoas dizem do norte-americano. São expressões que indicam objetividade e veracidade. Ele afirma o que ele vive.

Tem gente que diz que o americano não é caloroso, não é amigo.

Atualmente, até restaurante brasileiro tem lá [...]

Quando a gente chega lá vai ao Hospital e preenche um formulário de um programa de saúde de graça [...]

O termo “sempre” se apresenta no texto como advérbio intensificador temporal. Foi utilizado por Ângela para indicar um ato repetitivo nas festas.

[...] Aniversário, natal a gente se reunia e fazia na casa de um e de outro, Páscoa; sempre tinha aquela comilança brasileira.

A relação presente-futuro do pretérito indica que, se Ângela tivesse outra oportunidade de morar nos Estados Unidos, ela estudaria a língua inglesa para poder comunicar-se livremente com os estadunidenses, sem a interferência de outras pessoas para traduzirem.

[...] uma coisa que me arrependo de não ter feito, foi não ter feito o curso de inglês. Disso eu me arrependo. Se eu tivesse uma oportunidade de estar lá hoje seria uma coisa que eu faria [...]

O advérbio de tempo “às vezes” indica o comportamento dos migrantes individualistas em relação aos migrantes recém-chegados nos Estados Unidos.

Quem está lá a mais tempo, se acha já dono, e as vezes em vez de ajudar a quem está chegando, atrapalha o serviço dos recém-chegados nos Estados Unidos.

O termo “nunca” indicador de tempo, mostra a continuidade ininterrupta do contato do enunciador com as pessoas queridas que ficaram nos Estados Unidos.

[...] eu ligava todos os dias para a minha mãe, um dia falava com um amigo, outro dia com outro, mas nunca deixei de ter contactos com meus amigos e familiares daqui.

Ângela utiliza a expressão “da meia noite às três e vinte da manhã para indicar que dormia pouco porque tinha responsabilidades no trabalho, ou melhor, porque lhe era confiado um cargo de confiança que não se dá a qualquer pessoa. Logo depois, utiliza a locução adverbial: “muitas vezes” para indicar que, fechar a loja também era um ato repetitivo.

Eu dormia da meia noite às três e vinte da manhã porque quem abria a loja onde eu trabalhava era eu e, muitas vezes também fechava a loja.

A locução adverbial de tempo “até hoje” indica que o reconhecimento que Ângela guarda dentro de si, pelo prefeito da cidade de Lynn não acabou e jamais acabará. Para ela, é algo muito importante de que não consegue esquecer.

Foi muito bacana isso e até hoje eu guardo isso no meu coração, coisa que eu nunca tive no meu país, esse reconhecimento do meu trabalho.

O pretérito perfeito, muito presente no enunciado, indica um tempo concluído, acabado que não voltará a acontecer. O enunciador o utiliza para recuperar momentos passados, ainda próximos ao presente, importantes para dar credibilidade ao que ele diz.

Desde o momento que cheguei, eu me senti bem, fui bem tratada.
[...] eu passei os primeiros dois meses com meu pai doente no Brasil e eles me ajudaram muito
Quando meu pai morreu a gente teve direito a três dias de luto [...]

Durante três anos, faltaram vinte dias para completar três anos, trabalhei no mesmo emprego e nunca vi fiscalização nenhuma.

Para indicar uma ação passada em relação ao momento em que o enunciador fala, ele utiliza o pretérito imperfeito do indicativo que dá a idéia de prolongação de fatos acontecidos em direção ao momento presente da própria enunciação. Neste caso, expressa a descrição de fatos passados não concluídos

[...] eu ligava todos os dias para a minha mãe, um dia falava com um amigo, outro dia com outro [...]

[...] tinha cartas dizendo onde teria emprego, apartamento. Isso ajudava bastante a quem estava chegando e não tinha nenhum conhecido.

6.3.3 Espacialização

Ao referir-se a primeira pessoa do singular e do plural, o enunciador utiliza os pronomes que remetem ao espaço do aqui:

[...] mesmo com todos os meus estudos não consegui alcançar um poder aquisitivo econômico que a gente queria para a família.

O nosso objetivo era ficar um determinado tempo e voltar.

O espaço do lá, o enunciador constrói o espaço do enunciado, ou seja, o espaço em que o texto se concretiza através da debreagem.

[...] meu marido já estava lá [...]

[...] já tinha uma quitinete alugada.

[...] onde meu filho estava não tinha uniforme escolar.

Alguns dos espaços tópicos encontrados no texto são: Igreja, restaurantes e mercados brasileiros, Lynn, Escola, Disney.

O espaço lingüístico apresenta a oposição entre o aqui lugar onde se estabelece o discurso e o lá que é precisamente o espaço Lynn que é recordado com ternura. O espaço do lá que se encontra, portanto, na zona distal é, para o enunciador extremamente eufórico pela acolhida que lhe foi dada, inclusive pelas autoridades de quem recebeu uma homenagem. Isso a faz ter desejos de voltar. Não significa querer perder sua identidade, mas querer conviver com pessoas que a amaram concretamente. Apesar de debreada temporalmente desses fatos que pertencem a um passado, ela os presentifica na imaginação.

Eu, desde a hora que cheguei na cidade de Lynn, uma cidade pequena e que tem praia, eu me senti tão bem acolhida que parecia estar em casa.

Quando fui anunciar que eu vinha embora, fiz um cartão de despedida com agradecimentos e coloquei no mural da loja que eu trabalhava.

A igreja para os migrantes representa um lugar que os protege, onde se reza, mas também, onde se encontram para festejar o natal, o ano novo, a páscoa e outras atividades. É também o lugar onde eles se sentem seguros e o primeiro a que procuram. É, portanto, um lugar eufórico de alegria e distensão.

Os restaurantes e mercados brasileiros indicam a forte presença da comunidade brasileira na cidade de Lynn, lugar onde os migrantes podem encontrar alimentos e objetos característicos do Brasil. Geram a proximidade com o Brasil: são o ponto de união entre o distal e o proximal.

Lynn é a cidade onde Ângela morou nos EUA, lugar que lhes abriu às portas para crescer economicamente e onde se sentiu acolhida e valorizada. Portanto, ela se encontra afetivamente ligada a Lynn, é a sua Pasárgada⁴³.

A escola é um lugar que a fez sofrer duplamente. Primeiramente teve de deixar o filho de nove anos estudar sem dominar o idioma inglês. O que a deixava temerosa de que ele tivesse uma necessidade física e não soubesse como dizer. Além disso, era um lugar inacessível para aqueles que precisam ingressar na Universidade e o governo americano não permite. Como o migrante pode progredir nos estudos.

Disney reporta Ângela a um lugar de riqueza. Indica também o sucesso econômico de que ela usufruiu nos Estados Unidos, já que pode ir ali por duas vezes, inclusive com seus familiares que a vieram visitá-la.

Ângela encontra-se, ideologicamente próxima do esposo, dos migrantes solidários e daqueles que estiveram nas mesmas condições dela no país. Como também do prefeito da cidade que lhe prestou homenagem, dos estadunidenses no trabalho da lanchonete e do seu patrão, enquanto se encontra distante do governo norte-americano e dos migrantes individualistas.

6.3.4 Temas e figuras

Os temas mais relevantes do texto “Ângela” são: riqueza, confiança, amizade, reconhecimento e Igreja. A riqueza é o objetivo que Ângela aspira conseguir nos Estados Unidos. Para isso ela trabalha sem medida, enfrentando sono, cansaço e a

⁴³ Manuel Bandeira (1886-1968) consagrou o nome Pasárgada como um lugar ironicamente ideal.

distância da família que para ela tem um grande valor. Este tema encontra-se representado nas figuras da abundância, propriedade, economia, estabilidade, viagens e, sobretudo, tranquilidade.

[...] a gente adquiriu bastante coisa no Brasil: um sítio, um apartamento na praia, construiu uma casa de dois pavimentos, construiu um salão para aluguel, comprei um carro zero, levei meu filho na Disney, levei minha mãe para passear lá comigo durante seis meses e ainda pagava a ela para cuidar do meu filho.

A confiança representa o resultado que Ângela obteve por dedicar-se com responsabilidade e afinco ao trabalho que lhe foi confiado a ela. As figuras que a representam são: respeito, preferência e boa comunicação.

Queriam que eu fosse lá fechar a loja porque estava sem funcionário. A esse ponto de confiança, eu fazia cofre, fazia o caixa, fechava a loja, tinha o alarme da loja, eu tinha a chave da loja.

A amizade é um tema importante para Ângela. A sua experiência nos Estados Unidos foi marcada também por esse aspecto através do: apoio, estima, assistência, receptividade, calor humano, acolhimento e carinho que recebeu das pessoas com que se relacionou.

[...] quando meu pai faleceu, recebi cartão de condolências, abraços, presentes. Eles dão ursinho de pelúcia quando a pessoa está triste sabe? Para mim eles foram muito bons nessa fase de minha vida.

O reconhecimento que Ângela teve pelo trabalho realizado nos Estados Unidos a marcou profundamente. As figuras que representam esse tema são agradecimento e congratulação.

[...] coisa que eu nunca tive no meu país, esse reconhecimento do meu trabalho.

[...] o prefeito ligou pra lá perguntando se eu podia dar uma entrevista pra ele e, porque eu estava deixando o país. E quando eu fui realizar essa entrevista, ele me deu um certificado de congratulação por ter trabalhado pela cidade.

Dada a religiosidade marcada na vida dos latinos, a Igreja tem um papel de muita importância para eles. As figuras que a representam são: alegria, festa, encontro, comida, consolo.

6.3.5 Leituras temáticas

As leituras temáticas extraídas do texto são as seguintes:

Primeira leitura:

Os Estados Unidos é um lugar promissor para crescer economicamente

Segunda leitura:

Os salários brasileiros não oferecem rentabilidade

Terceira leitura:

O migrante realiza os trabalhos que os estadunidenses desprezam

Quarta leitura:

Os migrantes são solidários entre si

Quinta leitura:

A comunidade brasileira é bem representada nos Estados Unidos

Sexta leitura:

O migrante mantém estreito vínculo com seu país de origem

Sétima leitura:

A mídia restringe a distância do Brasil com os Estados Unidos

Oitava leitura:

A assistência médica e educacional dos Estados Unidos é efetiva

Nona leitura:

O reconhecimento pelo trabalho realizado estimula o migrante a crescer

Décima leitura:

O sistema capitalista influi no latino-americano que vai trabalhar nos EUA.

Décima primeira leitura:

A corrupção nos EUA proporciona documentos falsos aos migrantes

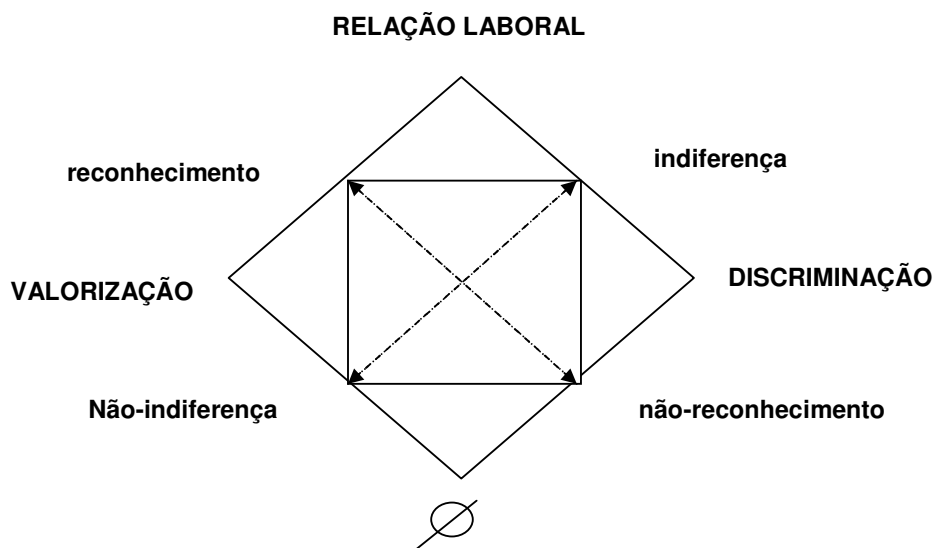
Décima segunda leitura:

Não falar inglês não é problema para o trabalho do migrante

6.4 Estrutura fundamental

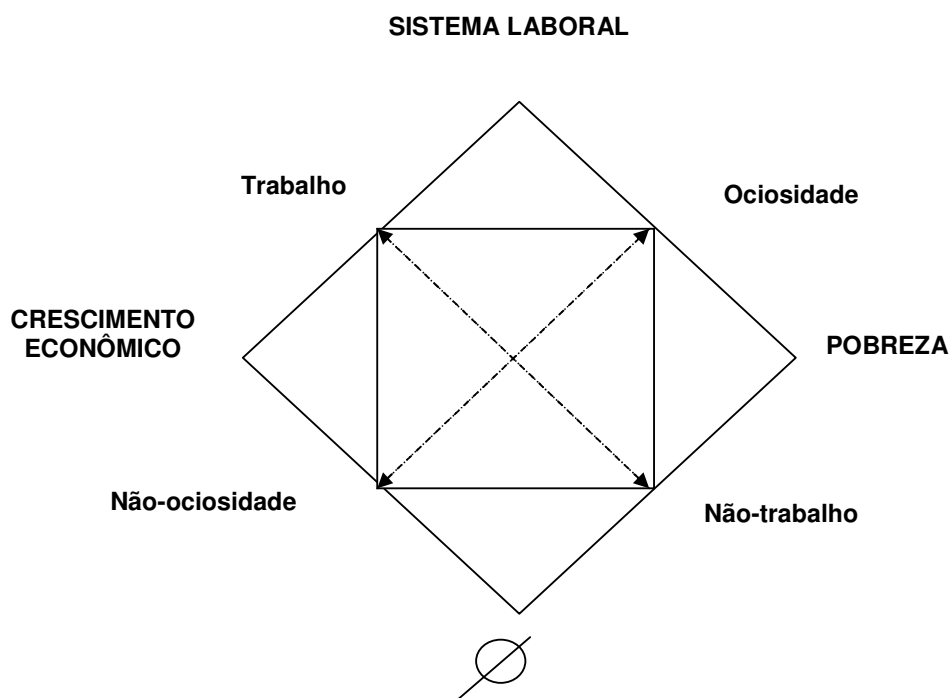
A tensão dialética ocorrida entre os dois termos: reconhecimento e indiferença encontram-se na relação existente entre o patrão e o trabalhador. A soma desses dois termos dá origem ao metatermo relação laboral. A relação entre a dêixis positiva “reconhecimento” mais a dêixis negativa “não-indiferença” resulta no metatermo “valorização”, atitude exercida pelo patrão de Ângela.

Da relação entre a dêixis positiva “indiferença” mais a dêixis negativa “não-reconhecimento” resulta o metatermo discriminação, atitude realizada na maioria das vezes no trabalho entre empregado e empresário.



O migrante latino que chega aos Estados Unidos sabe que se quiser crescer economicamente, deve trabalhar muito. Os empresários norte-americanos não perdoam os preguiçosos e, conseqüentemente, não os aceitam. Esse não foi o caso de Ângela, porque trabalhou muito, mas obteve tudo o que quis economicamente.

A tensão dialética entre trabalho e ociosidade dá origem ao metatermo “sistema laboral”. O trabalho sem ociosidade resulta o crescimento econômico e a ociosidade sem trabalho resulta a pobreza.



7 ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO: LA INFLUENCIA DE LOS LATINOS, FUTURO DE LA IGLESIA EN LOS ESTADOS UNIDOS

7.1 Preliminares

O texto *La influencia de los latinos* é uma entrevista realizada pelo jornal *El Observador*⁴⁴ ao arcebispo de San Antonio -Texas, Don José H. Gómez, de nacionalidade mexicana, que defende a importância do papel do migrante latino na Igreja estadunidense. O bispo possui grande experiência com sacerdotes e leigos hispanos que vivem nos Estados Unidos. Ele afirma que a arquidiocese de San Antonio abrange sessenta por cento da população e a maioria dos latinos é bilíngüe, defendendo assim que esta cidade é uma plataforma para a expansão do catolicismo da união americana. É aqui onde ocorre um entrelaçamento entre a cultura mexicana com a anglo-saxônica e com as demais culturas existentes, realidade não vista em outras partes do país.

Hoje, Dom José coordena a comissão *ad hoc* projeto formado, na maioria, por tradutores latinos que traduzem a bíblia à comunidade hispana que vive na América do norte. Faz parte desse grupo, também, o CELAM⁴⁵ e querem convidar os bispos do Canadá para que assim tenham o espírito da Igreja na América. Esse projeto nasceu com o objetivo de facilitar o entendimento da palavra de Deus a todas as pessoas de língua espanhola, levando em consideração três pontos: a

⁴⁴ El Observador é um jornal católico ligado a ZENIT, agência de informação internacional, formada por uma equipe de profissionais e voluntários convencidos da riqueza da mensagem da Igreja Católica

⁴⁵ CELAM –Conselho Episcopal Latino-Americano. É um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. http://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Episcopal_Latino-Americano Acesso em 01/08/2007.

catequese, a oração pessoal e a liturgia de tradução da bíblia adequada aos hispanos.

Para o arcebispo, a Igreja católica está aberta a acolher os imigrantes e que entende a posição dos governos dos estados em quererem controlar a migração, mas a maioria dos norte-americanos reivindica uma verdadeira reforma migratória, capaz de colaborar tanto com o governo dos Estados Unidos como com o da América Latina.

A seguir, estão os segmentos temáticos presentes no texto:

SG₁ Influência latino-americana nos Estados Unidos

SG₂ Abertura da Igreja Católica aos migrantes

SG₃ Importância da tradução da bíblia para os latinos

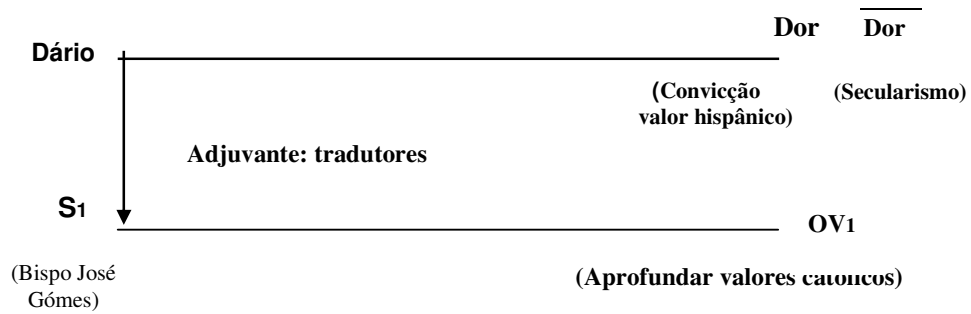
SG₄ Reivindicação dos norte-americanos às leis migratórias apresentadas

7.2 Estruturas Narrativas

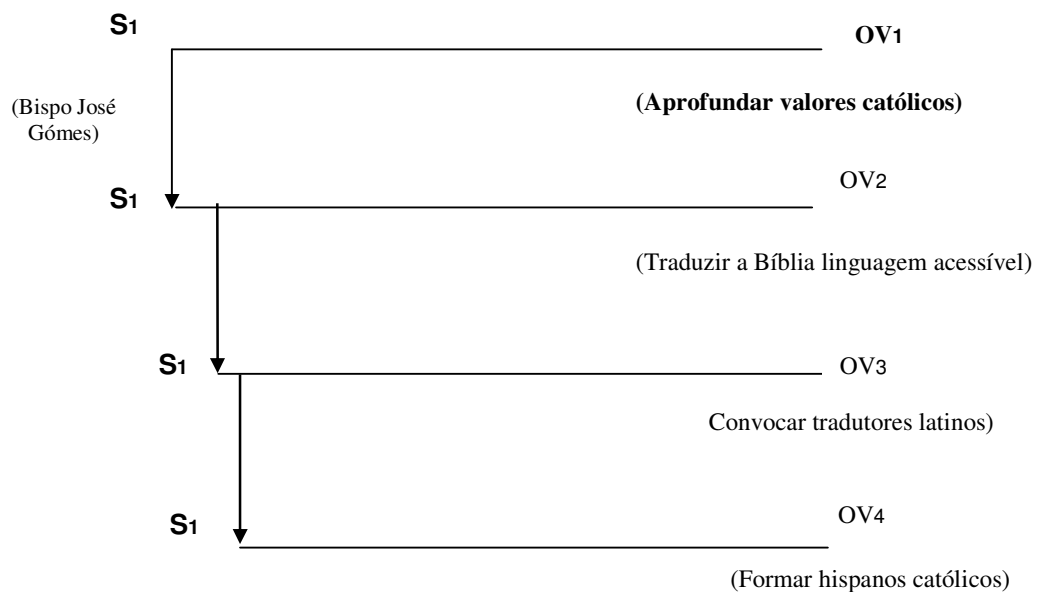
No texto em análise, encontram-se três sujeitos semióticos especificados no quadro a seguir.

Sujeito Semiótico	Figurativização
S1	Bispo José Gómez
S2	Tradutores
S3	Igreja católica

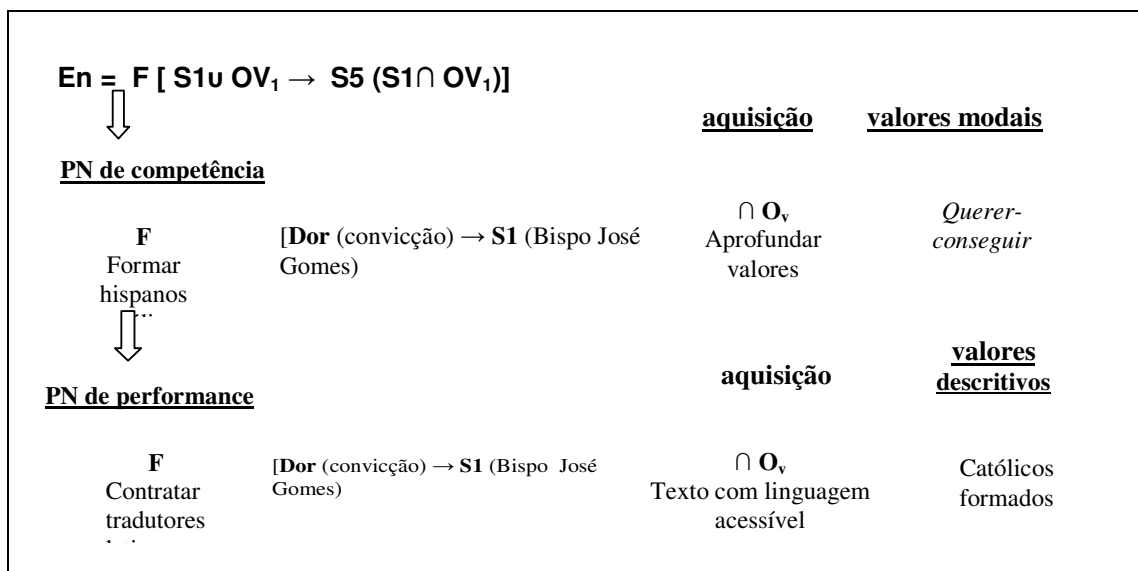
O sujeito semiótico 1 (S₁), apresentado na figura do “Bispo José Gómez”, arcebispo de Santo Antônio Texas – Estados Unidos tem por destinador a Igreja católica e por anti-destinador o secularismo que domina a cultura daquele país. O seu objeto de valor é aprofundar valores católicos (OV₁) e para isso conta com a adjuvância dos tradutores.



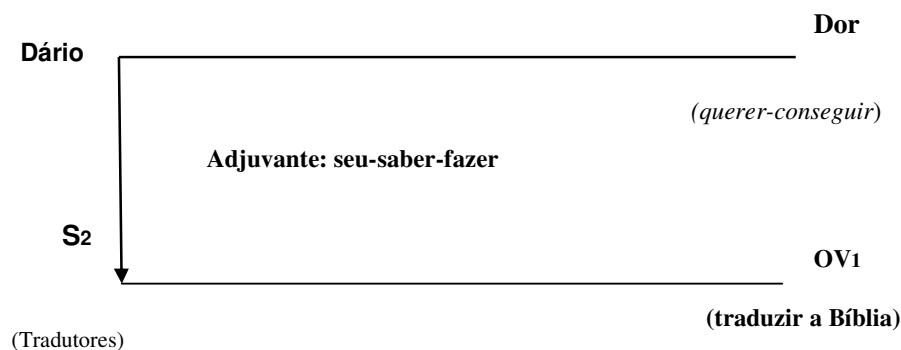
Para alcançar seu objetivo, o S₁ decide traduzir a bíblia numa linguagem acessível aos migrantes (OV₂). Para isso, ele precisa convoca tradutores latinos (OV₃) e formar hispanos católicos (OV₄).



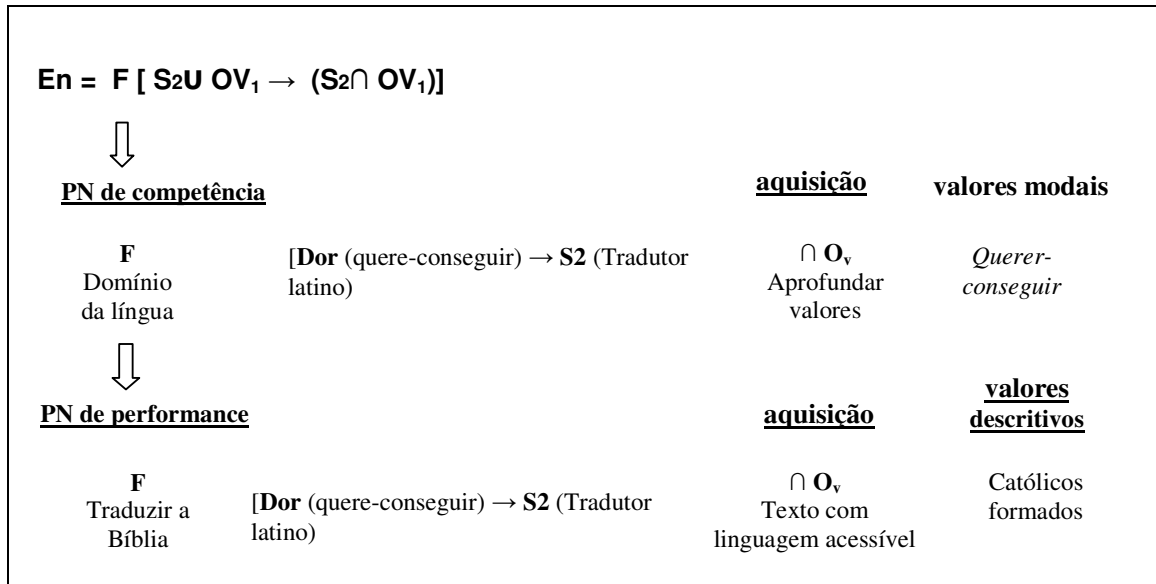
Para que o S₁ alcance a conjunção desejada com seu objeto de valor, faz-se necessário que ele tenha a ajuda dos tradutores latinos, os responsáveis pela competência de transformar seu estado disjunto ao conjunto.



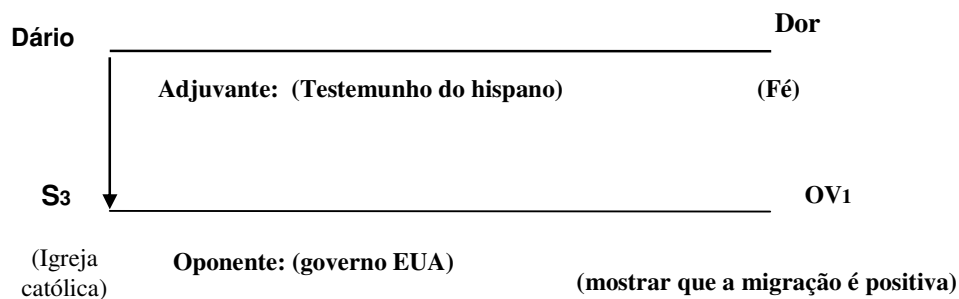
O sujeito semiótico 2 (S₂), representado pela figura do tradutor é instaurado por um *querer-conseguir* e tem por objeto de valor traduzir a Bíblia numa linguagem mais adaptada aos hispanos que vivem nos Estados Unidos. Tem por adjuvante seu saber fazer.



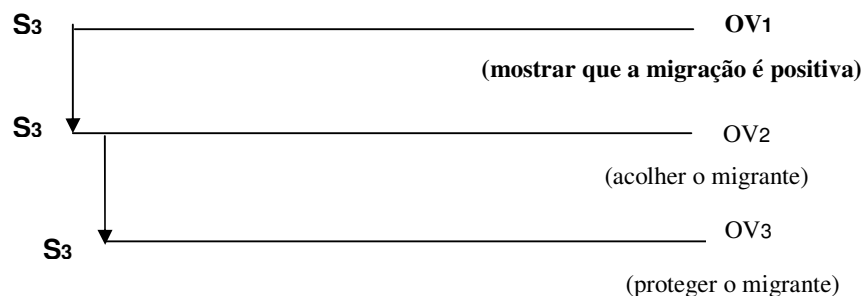
Para que o S₂ obtenha a conjunção ansiada com seu objeto, não é necessário a intervenção de outros. Ele é o responsável direto pela competência de transformar seu estado disjunto ao conjunto.



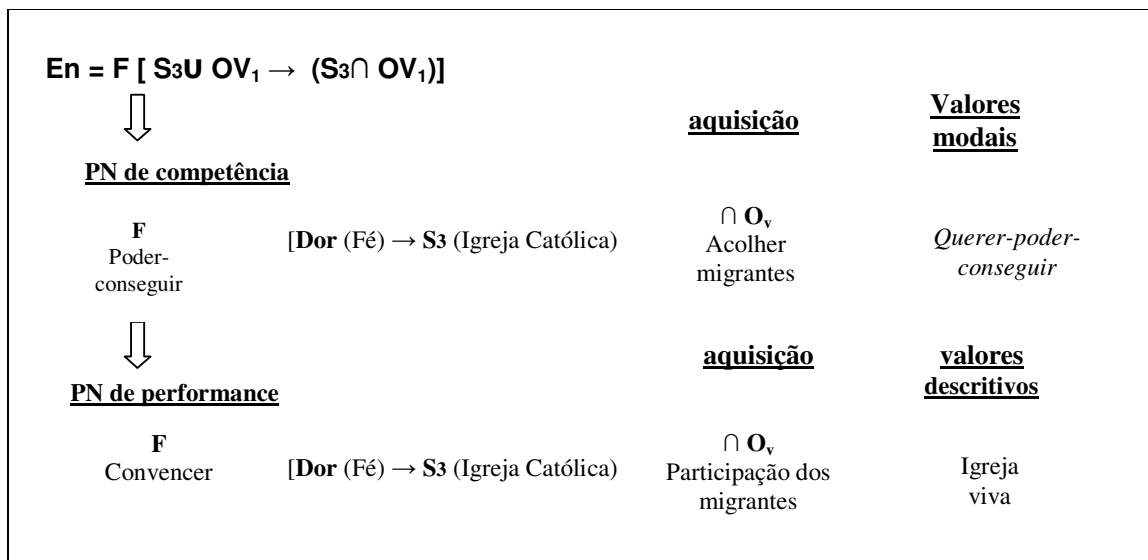
O Sujeito semiótico 3 (S_3), na figura da Igreja Católica, instigada pela fé que a sustenta e ajudada pelo testemunho dos migrantes que a torna visível, tem por objeto de valor mostrar que a migração é positiva para os Estados Unidos. Seu oponente é o governo americano que vê somente seus interesses, não importando os demais países da América Latina.



Para obter seu objeto, o S_3 realiza um percurso em que deve acolhê-lo (OV_2) e protegê-lo (OV_3).



O S_3 é o responsável direto por sua transformação conjunta com seu objeto de valor. Ele atingiu a competência modal necessária de *poder-fazer-conseguir* o êxito do percurso que foi destinado por um *querer-poder-convencer*. O esquema seguinte condensa o que foi dito:



7.3 Estruturas discursivas

7.3.1 Relações intersubjetivas

O procedimento de enunciação ocorrida no texto *La influencia de los latinos*, se desenvolve através de um enunciador-ator Bispo José Gomes, que se serve de outros atores enunciativos para construir seu discurso. Esses são os tradutores e a Igreja Católica.

Embreado com o enunciado, o bispo Gomes tem por enunciatário “El Observador”, jornal da Igreja católica, ao qual concede uma entrevista, defendendo a importância dos latinos para a Igreja católica norte-americana. Para ele, a igreja romana, nesse país, perdeu muito com o secularismo e são os latinos quem estão resgatando as raízes cristãs com valores de um catolicismo profundo. Suas práticas religiosas dão vida Igreja, arrastando muitos a participarem ativamente, como é o

caso da *via crucis*, ao vivo, realizada toda sexta-feira santa nas ruas de Santo Antônio – Texas, em que participam mais de vinte mil pessoas.

Todos los Viernes Santos tenemos un viacrucis viviente, como los que hay en México.

Es algo impresionante: toda la ciudad está pendiente de lo que pasa ese día... Esa es una manera como a través de prácticas de piedad popular, los inmigrantes ya están influyendo en la cultura de Estados Unidos.

Para o enunciador, a expansão das comunidades de migrantes latinas em todo o país, deve ser uma oportunidade para que a Igreja difunda o catolicismo. Contudo, ele, considera fundamental que o católico latino tenha melhor formação da doutrina de sua igreja. Um trabalho desse tipo, além de não ser tarefa fácil, requer tempo e esforço conjunto:

[...] las comunidades hispanas de Estados Unidos que, en conjunto, son ya la primera minoría del país (con 45 millones de personas).

O projeto de tradução da bíblia para hispanos, que ele coordena, parece ser o caminho mais adequado para facilitar o entendimento da palavra de Deus a todas as pessoas de língua espanhola que vivem nos Estados Unidos. Ele sabe que a concepção norte-americana é diferente da latina, por isso defende a importância de que os tradutores sejam latinos, que conheçam a realidade dos migrantes para que, assim, a linguagem chegue realmente a cada um de forma eficaz.

Es, pues, necesario que les demos la oportunidad a los latinos de conocer la Biblia desde el punto de vista católico y puedan profundizar sus valores de fe y los apliquen a la vida diaria. Desde luego, de lo que se trata es de ayudar a la comunidad hispana en tres aspectos: la catequesis, la oración personal y la liturgia.

Los obispos de Estados Unidos, desde hace muchos años, han dicho que la presencia de los inmigrantes es una gran bendición para la Iglesia. Yo creo que es una realidad. Quizá antes los latinos

estaban más localizados en zonas específicas como California, Texas, Florida... Pero ahora ya no; hoy en día se encuentran en todo el país. Y la influencia que ellos tienen en la cultura es profunda, aunque toma tiempo para que esas manifestaciones se hagan realidad. Por lo demás, yo creo que la influencia de los latinos es el futuro de la Iglesia católica de los Estados Unidos.

A Igreja Católica, no papel de defensora dos humildes, apóia o migrante e o protege, oferecendo-lhe uma dignidade, direito próprio do ser humano. Em resposta, o migrante está enchendo as Igrejas católicas, antes pouco freqüentadas por estadunidenses, com uma fervorosa fé e confiança, vendo-a como porto seguro de ancoragem. A presença dos latinos, mesmo se lentamente, está transformando a vida da Igreja estadunidense. No entanto, ela está convencida de que a formação que os migrantes têm não está fundamentada em estudos profundos da teologia. Ao contrário, é uma fé, muitas vezes ingênua, mas com raízes culturais profundas que se transmitem de geração a geração. Defende ser necessário que os latinos conheçam a bíblia do ponto de vista do catolicismo, já que estão em um país de raízes protestantes. E é por isso que ela quer que a Bíblia, nos EUA, tenha uma linguagem própria para essas pessoas. Dessa forma, a fé poderá ser mais convincente, capaz de arrastar homens a reaverem suas raízes cristãs.

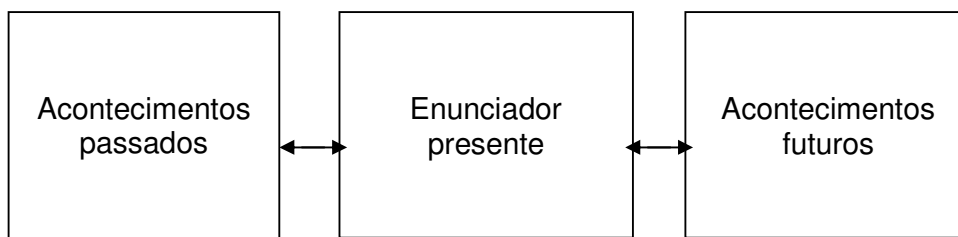
La Iglesia católica siempre estará abierta a recibir a los inmigrantes, porque ve en ellos a una persona humana [...] el primer lugar al que van es la Iglesia. Culturalmente, tienen confianza en la Iglesia y no la tienen en las instituciones gubernamentales o, incluso, en las instituciones sociales. Para nosotros recibirlos, ayudarlos, tratarlos como personas, es básico y eso es lo que creo que todos los obispos de Estados Unidos estamos diciendo.

Hoje são muitos os sacerdotes, religiosos e leigos que apóiam os migrantes nos protestos públicos, na luta pelos seus direitos, deixando incomodado o governo Bush. Para a Igreja, o governo tem todo o direito de ter suas leis, proteger suas fronteiras, contudo não pode fechar os olhos à realidade existente no país. Os milhares de migrantes são, antes de tudo, seres humanos merecedores de respeito e que contribuem para o desenvolvimento do norte da

América. Portanto, para a Igreja, as leis migratórias não devem satisfazer somente aos Estados Unidos, e sim, dialogar com a América Latina para encontrar soluções eficazes.

7.3.2 Temporalização

O enunciador “Bispo José Gomes” utiliza predominantemente o presente do indicativo. Contudo faz uso, também, do passado e do futuro que estão nas zonas distais, para argumentar sua opinião sobre a influência do migrante católico nos Estados Unidos. O seguinte diagrama explica o relacionamento do momento da enunciação com as essas zonas:



O tempo da enunciação encontra-se embreado com o tempo do enunciatário, dando idéia de atemporalidade. O enunciador fala daquilo que ele sente e constata através da realidade dos fatos, indicando objetividade e veracidade.

La presencia de los hispanos en Estados Unidos es un hecho de gran valor para la cultura.

Es, pues, necesario que les demos la oportunidad a los latinos de conocer la Biblia desde el punto de vista católico y puedan profundizar sus valores de fe y los apliquen a la vida diaria.

[...] Y la influencia que ellos tienen en la cultura es profunda, aunque toma tiempo para que esas manifestaciones se hagan realidad.

Los valores de los inmigrantes son muy básicos.

O gerúndio indica, ações de aspectos não concluídos que estão ocorrendo.

Esa es una manera como a través de prácticas de piedad popular, los inmigrantes ya están influyendo en la cultura de Estados Unidos.

[...] el catolicismo hispano está fecundando a la cultura de los Estados Unidos.

[...] estamos tratando de invitar a los obispos de Canadá.

Para indicar o tempo necessário à realização do projeto de tradução da Bíblia católica para hispanos nos EUA, o enunciador utiliza a expressão seguinte, indicando que não se sabe exatamente o período que será necessário:

[...] a tardar como diez años [...]

O futuro é utilizado para indicar as mudanças que ocorrerão, através da contribuição da Igreja latino-américa aos EUA com o projeto de adaptação da linguagem da Bíblia.

[...] la aportación de la Iglesia latinoamericana nos dará a nosotros la oportunidad de tener una distribución grande de la Biblia en un lenguaje que puedan entender la comunidad hispana en este país.

Indicando a posição de abertura que a Igreja terá em relação aos migrantes que chegam nos EUA, o enunciador usa um advérbio intensificador temporal:

La Iglesia católica siempre estará abierta a recibir a los inmigrantes, porque ve en ellos a una persona humana.

O jornal, *El Observador*, enunciatário do Bispo Gomes, ao apresentar seu entrevistado aos leitores, utiliza o pretérito perfeito, a fim de indicar o trabalho realizado anteriormente pelo bispo..

[...] el arzobispo Gómez fue, anteriormente, obispo auxiliar de Denver.

O uso do pretérito perfeito composto indica a colaboração dos migrantes na Arquidiocese de San Antonio, iniciada no passado e que tem continuidade hoje.

A través de los años ha habido una colaboración intensa y una aceptación de todos por todo en la arquidiócesis de San Antonio, que no se ve en otras partes del país.

O termo “recién” é utilizado pelo enunciador para indicar que faz pouco tempo que o bispo Gómes está exercendo seu trabalho nos Estados Unidos.

Recién comienza su ministerio en una de las arquidiócesis con mayor concentración de católicos en Estados Unidos;

O enunciador usa “antes, “ahora” e “hoy en día” para marcar a relação de tempo do passado com o presente.

[...] antes los latinos estaban más localizados en zonas específicas como California, Texas, Florida... Pero ahora ya no; hoy en día se encuentran en todo el país.

7.3.3 Espacialização

O enunciador encontra-se embreado espacialmente, com o enunciado. Alguns dos espaços tópicos encontrados no texto são: *Estados Unidos, Iglesia Católica, Los Ángeles, Denver e San Antonio*, utilizados pelo eor para mostrar e comparar a influência que a Igreja católica está exercendo aí, num país predominantemente protestante.

A Igreja católica é o espaço mais procurado pelos migrantes não só como lugar de oração, mas como lugar onde eles podem manifestar seus anseios mais profundos e, buscar apoio ao chegarem na América do Norte.

Em *Los Ángeles* surgiu a idéia de traduzir a Bíblia para os migrantes latinos; Em *Denver* moram muitos migrantes recém-chegados ao país e em *San Antonio* há uma tradição católica e uma mistura de culturas mais profunda. Nesse lugar, os migrantes, na maioria, são bilíngües.

7.3.4 Temas e figuras

O tema mais relevante do texto *La influencia de los latinos* são: piedade, confiança e raízes cristãs.

O tema *Secularismo* representa um estado de afastamento das raízes do cristianismo. As figuras que o cristão representa são: falta de fé, piedade, oração pessoal, catequese e liturgia.

Aquí se ha perdido mucho por el secularismo. Los valores de los inmigrantes son muy básicos, de un catolicismo profundo donde la fe, la familia, las manifestaciones de piedad, todo eso, es parte de nuestra vida diaria.

Confiança representa a relação que o migrante latino tem, em sua grande maioria, com a Igreja. As figuras que a representam são: preferência, respeito, prontidão e colaboração.

A través de los años ha habido una colaboración intensa y una aceptación de todos por todo en la arquidiócesis de San Antonio, que no se ve en otras partes del país.

O tema raízes cristãs se refere à contribuição que os migrantes latinos estão dando à Igreja Católica dos Estados Unidos. As figuras que as representam são as que levam o cristão às suas essências: fé, esperança, caridade, temor de Deus...

Todos los Viernes Santos tenemos un vía crucis viviente, como los que hay en México. Y eso es algo inusitado para la cultura de los Estados Unidos, pues asisten más de veinte mil personas por las calles del centro de la ciudad de San Antonio. Es algo impresionante: toda la ciudad está pendiente de lo que pasa ese día... Esa es una manera como a través de prácticas de piedad popular, los inmigrantes ya están influyendo en la cultura de Estados Unidos.

7.3.5 Leituras temáticas

As leituras temáticas extraídas do texto são as seguintes:

Primeira leitura:

Os migrantes latinos influenciam na Igreja Católica dos EUA

Segunda leitura:

O futuro da Igreja norte-americana são os latinos

Terceira leitura:

A presença do hispano é de grande valor para a cultura do norte-americano

Quarta leitura:

A Igreja norte-americana apóia os migrantes ilegais

Quinta leitura:

Cresce a expansão latina nos EUA

Sexta leitura:

O governo não concorda com a posição da Igreja em relação aos migrantes nos
EUA

Sétima leitura:

A Igreja dos Estados Unidos reivindica os direitos do migrante

Oitava leitura:

Para a Igreja, a reforma migratória só tem valor se colaborar com os
governos da América Latina

Nona leitura:

A formação cristã dos migrantes é importante para a difusão da religião

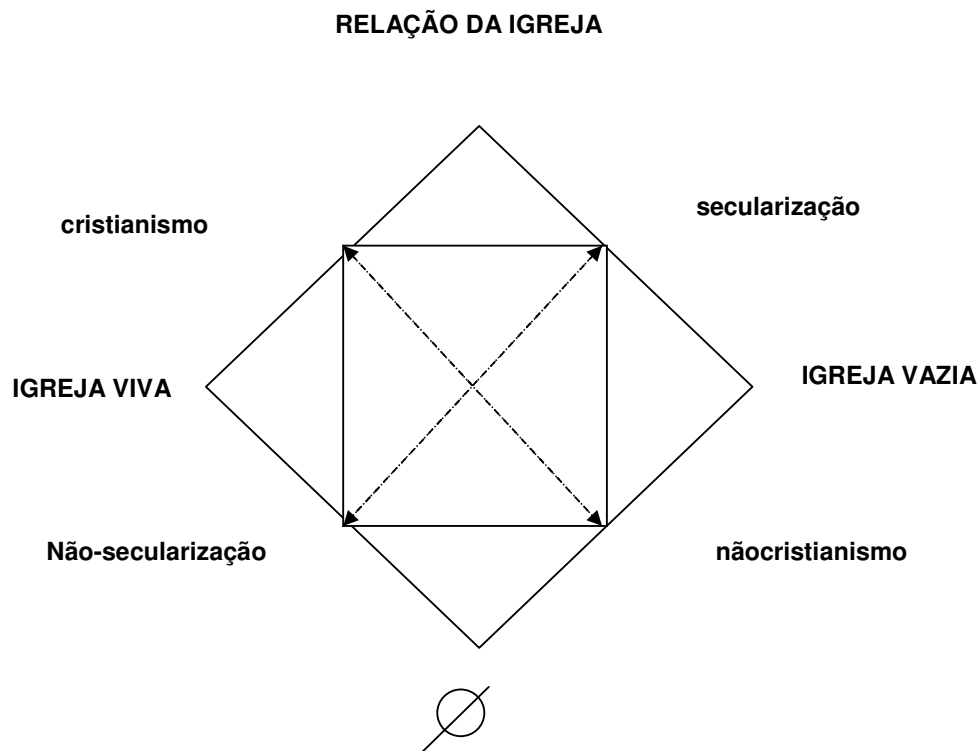
Décima leitura:

Os EUA é um país de migrantes

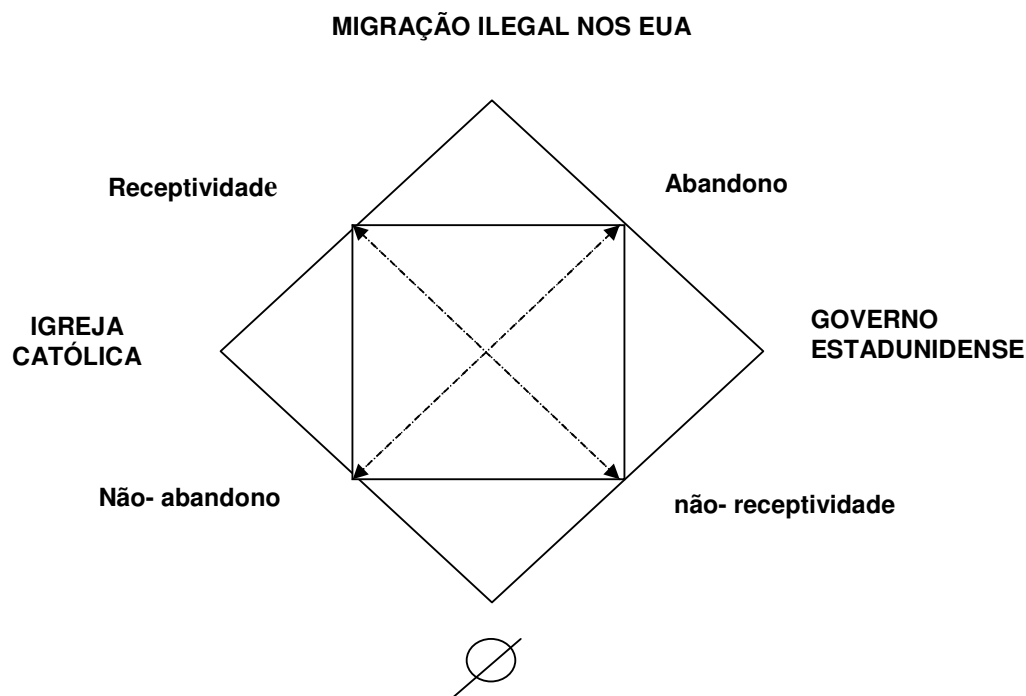
Décima primeira leitura:

O projeto de tradução da bíblia dará grande contribuição à Igreja dos EUA

7.4 Estrutura fundamental



A relação da Igreja se sustenta numa tensão dialética entre cristianismo e secularização. O contraditório de cristianismo é não-cristianismo e o de secularização é não-secularização. Cristianismo implica a ausência de não-secularização e vice-versa. O cristianismo sem secularização define a Igreja viva. A secularização sem cristianismo explica a Igreja vazia. O eixo negativo, caracteriza-se por não apresentar cristianismo e secularização. Os metatermos Igreja viva e Igreja vazia podem ser substituídos por outros.



A migração ilegal nos Estados Unidos se sustenta numa tensão dialética entre receptividade e abandono. O contraditório de receptividade é não-receptividade e o de abandono é não-abandono. Receptividade implica a ausência de abandono e vice-versa. A receptividade sem abandono define a posição da Igreja em relação ao migrante. O abandono sem receptividade explica o comportamento do governo estadunidense. O eixo negativo caracteriza-se por não apresentar receptividade e abandono. Os metatermos papel da Igreja e Indiferença podem ser substituídos por outros.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentando comprovar as hipóteses levantadas a princípio, a análise do percurso gerativo da significação confirmou que a ida para os Estados Unidos de forma ilegal é resultante da insatisfação econômica em que vivem milhões de latinos nos países do centro e sul da América. Essas nações carecem de Instituições financeiras estáveis, capazes de oferecer à população, trabalhos bem remunerados, provocando, assim, sua evasão. A imigração para os Estados Unidos tem crescido muito nos últimos anos, embora vale ressaltar que, com atentado de onze de setembro de 2001 e o conseqüente aumento da vigilância no país, tenha havido uma redução no número de imigrações, mas não sua total eliminação.

Entre os valores investidos nos textos, distinguem-se os que se referem ao migrante, ao governo e à Igreja.

Para o migrante, a ajuda à família, a compra da casa, a estabilidade econômica, a volta ao país de origem são valores destacados com freqüência. Constatou-se, também, que o trabalho do migrante, nos considerados subempregos, tornou-se uma grande força laboral de mão-de-obra barata nos Estados Unidos, gerando forte influência sócio-cultural e política no país. No entanto, as repercussões desse fenômeno não estagnaram aí. As conseqüências da migração atingiram também os países de origem dos migrantes, observadas nas remessas enviadas por eles a seus familiares. As novas técnicas de trabalhos aprendidas pelo migrante são aplicadas em suas comunidades, distinguindo-as das demais.

Ficou claro nas análises que as mudanças operadas no migrante são, na maioria das vezes, de natureza pragmática e não envolve a questão da perda da identidade, pelo menos, levando em consideração a modalidade do querer. Ele só deixa sua terra porque quer uma vida melhor e só por isso se submete a uma cultura e língua completamente diferentes da sua. Aprende a trabalhar num ritmo acelerado, usar novas técnicas e máquinas sofisticadas. Contudo, seu pensamento

está na terra natal e não vê a hora de poder voltar e estar junto à família e aos amigos. E isso se justifica na contínua busca de sua cultura, de sua identidade. Os lugares mais freqüentados por eles são as Igrejas, cujos cultos são universais e restaurantes que lembram sua gastronomia. Interessam-se pela televisão de seu país e de manter contato por telefone e internet. A maior contribuição do migrante diz respeito a língua (bilingüismo) e à religiosidade, que de forma muito sutil está provocando mudanças no país de destino. Contudo, não se pode negar que, sua influência é visível em tantos outros aspectos da vida do norte-americano como o folclore e a alimentação.

Um caso diferente constitui o do migrante que leva a família para morar nos Estados Unidos. Esse é considerado de segunda geração, ou seja, os filhos nasceram nos Estados Unidos e têm nacionalidade norte-americana. Seus amigos e atividades estão concentrados ali e muitos nem conhecem os parentes que permaneceram na América. Os pais são aqueles mais ligados à família, contudo não podem voltar porque os filhos não concordam.

Outra evidência encontrada nos textos é a de que o movimento migratório já não se limita ao pobrezinho que busca vida melhor. Ocorre também com pessoas de classe média, não satisfeitas com suas condições econômicas. No levantamento de dados realizado em Santa Catarina, sul do Brasil, constatou-se que jovens e profissionais migram, mesmo se para realizarem atividades inferiores às suas só para ganharem mais. Um exemplo desses, encontra-se na análise de Ângela que deixou sua profissão como professora para trabalhar numa lanchonete nos Estados Unidos. A maioria do migrante que deixa América Latina não tem a intenção de permanecer por toda vida no país de destino. Seu objetivo é trabalhar, economizar e investir em sua terra. Para ele, deixar a família e os amigos é muito doloroso, sente falta da afetividade familiar, da sua cultura. O que o impulsiona a sair é não encontrar em seus países meios necessários para viver de forma tranqüila com os seus. Os salários são baixos e o custo de vida alto. O que ganha dá só para ter o mínimo e indispensável.

Para o governo norte americano, é importante proteger suas fronteiras, realizar reforma na lei migratória, abrir-se ao comércio legal, criar trabalhos temporais, controlar a população migrante no país.

Na análise do discurso de Bush, encontrou-se um sincretismo actancial que evidencia uma contradição. Falta transparência quanto à posição do governo

em relação ao migrante ilegal. Por uma parte, ele depende do voto do migrante e conseqüentemente o defende, mas, por outra, rejeita-o, sendo assim, promotor e advogado ao mesmo tempo. Ele faz e manipula os demais a fazerem o que ele pensa. Sua enunciação leva a entender que os Estados Unidos representam o sonho do migrante e, em vista disso, ele quer transformá-lo para que possa adotar a identidade americana. Um exemplo muito claro a respeito é a sua satisfação pela conduta de Denogean que, antes de morrer pediu para ser reconhecido estadunidense. É essa a posição que Bush espera do migrante, uma total assimilação da cultura de seu país. Ao tentar manipular a população norte-americana, o presidente defende que as leis migratórias não são cumpridas, mas que serão no futuro. São essas necessárias ao controle da ilegalidade no país. Para ele, as formas de controle devem ser muito mais rígidas, persuadindo o Congresso da República a liberar verbas para a edificação de novos muros, aumento da vigilância, transportes e implantação de modernos equipamentos eletrônicos de controle. Quanto a essa reforma, o país se encontra dividido, entre os que apóiam e a rejeitam, gerando controvérsias entre a população em geral, parlamentares e a Igreja.

A igreja católica reconhece a presença dos migrantes como grande benção para os Estados Unidos, país secularizado pelo capitalismo que o domina. Ela os acolhe, defende e os protege, afirmando que são os migrantes quem estão trazendo de volta as raízes cristãs a esse país. Esses ao chegarem, buscam as Igrejas, porque ali encontram proteção, lugar de oração, mas também de ação. A expansão das comunidades latinas no país significa para a Igreja sinal de esperança, por isso está investindo na formação desses católicos, como é o caso da tradução da bíblia em linguagem adaptada aos latinos. Para a Igreja católica, essa formação faz-se necessária já que os Estados Unidos é um país predominantemente protestante

Entre os temas relevantes que fluíram das análises, encontram-se pobreza e riqueza, ilegalidade, sofrimento, dominação, catolicidade, latinidade, secularismo, assimilação estabilidade econômica. Esses temas aparecem revestidos de figuras: as mais variadas, como por exemplo, o da ilegalidade, que se apresentou sob o aspecto de suborno, corrupção, falsificação de documentos, criminalidade, prisão, fuga e discriminação. São todas características que marcam profundamente a experiência do migrante desde o momento em que ele decide deixar sua terra até o sucesso econômico obtido.

Os conflitos mais importantes, encontrados nas análises são: dominado *versus* dominante, corrupção *versus* honestidade, cristianismo *versus* secularização, reconhecimento *versus* indiferença, favorável *versus* desfavorável, trabalho *versus* capital. O conflito dominado *versus* dominante é muito acentuado no processo migratório. O processo de assimilação ocorrido entre ambas as culturas, se dá de forma relevante no migrante. O poder da economia estadunidense transforma a conduta do latino que, atraído pelo desejo de obter *status* econômico se submete a tudo o que a sociedade norte-americana exige. A principal mudança ocorre no trabalho organizado e direcionado à produção. Aprendem a utilizar máquinas nunca vistas, o ritmo de trabalho é intenso, a disciplina é exigida e o relacionamento com os empresários é objetivo. Não existe o “jeitinho brasileiro” e a informalidade do centro americano e mexicano. Para ter sucesso, o trabalhador deve dar provas do seu compromisso. A presença do dominante encontra-se também no papel do *coyote*, guia que conduz os migrantes durante a travessia. São eles que, em sua maioria, têm atitudes rígidas com o migrante, tudo o que se faz deve passar pela sua autorização.

O conflito trabalho *versus* capital evidencia-se pela mudança que ocorre no migrante em relação ao trabalho, ao chegar aos Estados Unidos. O poder, representado pelo dólar norte-americano, o seduz e sua meta é aumentar o capital, economizando em tudo o que pode como é o caso de Tito que, morava com outros amigos em um quarto para dividir as despesas. Para obter o *status* econômico desejado, o migrante deve submeter-se à cultura estadunidense. Vive só para trabalhar e se é possível tem mais de um trabalho. O empresário, por sua vez, tem um discurso manipulatório, porque ele precisa do trabalho do migrante. Esse defende a migração ilegal já que lhe permite lucrar mais.

A relação aceitação e rejeição é muito marcada no discurso do governo, no entanto, na experiência do migrante com o trabalho isso não ocorre, desde que o ilegal se assujeite às ordens do empresário e responda ao trabalho com responsabilidade.

As considerações aqui realizadas evidenciam que os processos migratórios são fruto das desigualdades existentes entre os países mais desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Espera-se que este trabalho possa contribuir para uma maior consciência das autoridades quanto às mudanças a serem realizadas a esse respeito.

9 REFERÊNCIAS

- ADITAL. **Boicote aos EUA. América Latina.** 2006. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=22063>>. Acesso 08 maio 2007.
- ARREDONDO María Luisa. **Redactora de La Opinión. Caso: deportados.** 13 de Julio de 2003.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Fazer a América. A imigração de Governador Valadares para os Estados Unidos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. p. 123 (Dissertação, mestrado).
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico Produção e Criatividade.** 3 ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- _____. Estrutura e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais. In: _____ **Acta semiótica et Linguística.** V. 8. São Paulo: Editora Plêiade, 2000.
- _____. **O engendramento de conceitos em linguagens de especialidade, em discurso literários e em discursos sociais não-literários.** Revista Philologus, Rio de Janeiro, v. 8, p. 32-43, 2002.
- BAKHTIN. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 11 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- _____. **Estética da criação verbal Campinas:** Pontes, 1992
- BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto.** São Paulo: ática, 2000
- BASSEGIO, Luiz; FREIRE, Roberval. **O grito dos migrantes pela vida. Por que calar-se se nasci gritando?** Fórum Social das Américas. Porto Alegre. 2005.
- BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **A tradição Ibérica no Romanceiro Paraibano.** João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.
- _____. O discurso semiótico. In: ALVES, Eliane; CHRISTIANO, Maria Elizabeth (orgs.). **Linguagem em foco.** João Pessoa: Editora Universitária/Idéia, 2001, p.133-157.
- _____. **Estudos em Literaturas Popular.** João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

_____; BORGES, Francisca Neuma Fachine, FARIA, Evangelina Maria Brito, ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza. *Estudos em Literaturas Populares*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

BATISTA, Paulo Nogueira. **O muro**. Folha de São Paulo, Noticiário - Seleção Diária de Notícias Nacionais. São Paulo, 18 maio 2006. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RES_ENHA=227584&Imprime=on>. Acesso 20/05/2007

BACHTOLD, Felipe. **Cai o número de prisões nas fronteiras dos EUA**. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101391.shtml>> visitado 31/10/2006

BAUMANN, Gerd. Dal sogno AL significato: Il triangolo multiculturale. In: _____. **L'enigma multiculturale**. Traduzione di Umberto Livini. Bologna: Il Mulino, 2003. p.25-35.

BUSTAMANTE, Jorge A. **La migración de los indocumentados**. El cotidiano, número especial 1. México D.F., UAM-Azcapotzalco, 1987:13-29.

Bustamante A. Jorge. **Cruzar la línea: la migración de México a los Estados Unidos**. Fondo de Cultura Económica. México. 1997

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.

BUSH, George. **Discurso del presidente a la nación sobre la reforma inmigratoria**. Oficina del Secretario de Prensa, Oficina Oval. 15 de may. de 2006

CONAPO. **La migración de mexicanos para los Estados Unidos**. 2001. p.86. <<http://www.conapo.gob.mx/publicaciones/Lapoblacion/05.pdf>> Acesso 16/05/2007

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et alii. Campinas/SP: Pontes, 1989.

_____. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-44.

_____. **A linguagem e a experiência humana**. In: Problemas de lingüística Geral II. Trad.E. Guimarães et al. Campinas, Pontes, 1989.(título original), 1974.

BRAN, Sergio. **Pobreza y Trabajo. Testimonios de familias migrantes salvadoreñas: remesas familiares**. Instituto de Derechos Humanos y Migración. Universidad Centroamericana "José Simeón Cañas".Departamento de Sociología y Ciencias Humanas. 02/09/2004. <<http://www.uca.edu.sv/publica/idhuca/migracion.html>> Acesso 08/05/2006.

CARLSEN, Laura. **Los migrantes como un espejo del mundo actual:¿por qué contar sus historias, y cómo?** El Seminario "Migrantes y su derecho a la comunicación de la Asociación Mundial para la Comunicación Cristiana en América Latina (WACC-AL)".Tecún Umán, México: 2004. en: <www.irc-online.org>. Acceso 05 out.2005.

CHELIUS, Leticia Calderón; SALDAÑA, Jesús Martínez. **La dimensión política de la migración mexicana**. México: Instituto Mora, 2002.

CHINEA, Jorge L. **Wayne state university college of urban, labor and metropolitan affairs ethnic studies**. Department. Publicado en East Wind/West Wind. <<http://www.detroitpublictv.org/ourfamilies/srepatriation.shtml>>1996, p. 9-13-16.

COMISIÓN Interamericana de Derechos Humanos. **Organización de los Estados Americanos: inmigración y crecimiento económico**. <<http://www.cidh.org/annualrep/2001sp/cap.6b.htm>>Acesso 22/11/2006.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença. São Paulo, 1979.

COURTÉS, Joseph. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Tradução de Norma Backes Tasca. Coimbra: Almedina, 1979.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc. 1999

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e lingüística**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix. 1976

_____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

_____, O; Todorov, T. La semiótica, El signo y Sintagma y paradigma. In: **.Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje, Siglo XXI..** México, 1980.

_____.Argumentação e topoi argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

DURAND, Jorge; PARRADO, Emílio A.; MASSEY, Douglas. **Migradollars and Development: A Reconsideration of the Mexican Case**. International Review 30 (2), 1996.p.423-6.

_____.**Clandestinos Migración México-Estados Unidos**. Universidad Autónoma de Zacatecas. Miguel Ángel Porrúa. México. 2003.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. **Dos princípios teóricos in: As Astúcia da Enunciação: As categorias de pessoa, Espaço e Tempo**. São Paulo: Editora Ática, 2002 P.27 a 58.

_____. SAVIOLI, Francisco Platao. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, MICHE. **LES mots et les choses**. PARIS: GALLIMARD.1966

GARCIA, Manuel, CAMPOS, Mónica Vereá. **México y Estados Unidos frente a la migración de los indocumentados**. editorial Miguel Angel Porrúa, S.A/Editora de la Universidad de la UNAM. México, 1988

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. Koogan. 1989.

GOLGHER, Braz André. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004. 49p (texto para discussão; 231)

GONÇALVES, Alfredo J. **Emigrantes brasileiros entre o sonho e a ilusão**. Fórum Social das Américas. Porto Alegre. 2005. <<http://www.migraçoes.com.br/artigo.html>> Acesso 10/11/2006.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica do discurso científico**. Da modalidade. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, 1976.

_____.; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. **Actante en: Semiótica; diccionario razonado de la teoría del lenguaje**. Madrid: Editorial Gredos 1990.

_____. **Sobre o sentido: Essaios sémioticos**. Paris: Seuil, 1970.

_____. **Os Atuantes, os Atores e as Figuras** in CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa e textual*; São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

GRIEGO, Manuel Garcia Y. **México Y Estados Unidos: frente a la migración de los indocumentados**. México: ed. Miguel Angel Porrúa. 1988.

HASTINGS, Maribel. **Aumentan hispanos en puestos de gobierno**. La Opinión. Washington, D.C. 2006. Disponible: <<http://www.laopinion.com/elpais/?rkey=0000000000000239990>> Acceso 24 jun. 2007

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. S.P. Perspectiva, 1975.

Historia de indocumentado que contribuyó a formar un presidente

Terra/EFE. Disponible en:

<<http://www.terra.com/inmigracion/articulo/html/inm2758.htm>> Acceso 19 jul. 2007.

Inmigrantes fortalecen el bilingüismo español se abre paso en Estados

Unidos. EFE. Jul. 2007. Disponible en:

<<http://www.univision.com/content/content.jhtml?cid=1225983>> Acceso 19 jul. 2007.

JAKOBSON, Roman. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia, lingüística e poética e a procura da essência da linguagem**. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1975

La influencia de los latinos, futuro de la Iglesia en los Estados Unidos.

Zenit.org- El Observador. San Antonio-Texas, EEUU. Disponible en<<http://es.catholic.net/empresarioscatolicos/484/1382/articulo.php?id=23898>> Acceso 15ago.2007

LOTMAN, I.M. **Semiótica de la cultura**. Intr. selecc. y notas de J. Lozano, Madrid, Cátedra. Escuela de Tartu. 1979

_____. **La Semiosfera: semiótica de la cultura e del texto**. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. p. 157.

LOTMAN, I.M. **La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra. 1998.

MARTES, Ana Cristina Braga; WEBER, Soares. **Remessas de recursos dos imigrantes**. Estud. av., May/Aug. 2006. São Paulo, v. 20, n. 57, p. 41-54. ISSN0103-4014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso 28/10/2006.

_____. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NOTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. 1 ed.São Paulo:Anna Blume,1996.

OLIVEIRA, Carlos. **100 mil brasileiros emigram por ano**. © copyleft <http://www.midiaindependente.org>.2003.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos**. In: Revista Brasileira de Lingüística. São Paulo, v. 6, n.º 1 p.45-60, 1982.

_____.Sociossemiótica, Semiótica da cultura e Processo Histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In. **Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL**. Porto Alegre: ANPOLL, 1991, p.452-461.

_____.**Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos**.In: Revista Brasileira de Lingüística. São Paulo: SBPL, vol.6, nº1, 1992:45-60.

_____.**Conditions sémantico-s yntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexi cale et discursive**. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humain es. Paris/Lille: Université de Paris-Sorbonn e/Atelier National de Reproduction des Thès es, 1993.

_____.**Texto, discurso e universo de discurso**. In: Revista Brasileira de Lingüística - SBPL, n1, vol. 8.São Paulo: Plêiade, 1995, p. 135-164.

_____. Discursos etno-literários: caracterização semiótica. In: **Congresso Internacional de literatura de cordel**. João Pessoa: Fundação casa de José Américo, 2005.

_____. Sociossemiótica e semiótica da cultura. In: **Anais do IV Encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989, p. 795-800.

PEREIRA, Hérica Paiva. Travessia do migrante Tito: In: **Entrevista a Tito Vasquez**. [jun.2006] 1 fita cassete, estério (60min). Entrevista coletada por Maria das Graças Viana. Guatemala, C.A. 2006.

_____. Hérica Paiva. **Entrevista a Ângela Nonato**. [jun.2006] Pendrive-gravação (120min).. Tubarão –SC- Brasil. 2006.

_____. Hérica Paiva. **Entrevista a Lúcio Pires**. [jun.2006] Pendrive-gravação (120min). Tubarão –SC- Brasil. 2006.

PEREIRA, Hérica Paiva. **Entrevista a Ademar Smitz**. [jul.2006] Pendrive-gravação (60min).. Tubarão –SC- Brasil. 2006.

_____. Hérica Paiva. **Entrevista a Jorge Dante**. [jul.2006] Pendrive-gravação (60min).. Sangão –SC- Brasil. 2006.

PFEIFER, Alberto. **Ajustando-se ao livre comércio: a percepção do processo de abertura econômica e liberalização comercial e dos impactos de curto prazo do Naftasobre o México**. 1997. Disponível em:
< <http://168.96.200.17/ar/libros/lasa97/pfeifer.pdf>> Acesso> 15 maio 2007.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem**. Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PIORE, Michael. **Bird of passage, Cambridg**. Cambridge University Press.1979

POTTIER, B. et AL. **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo: Difel, 1974

Programa radiofônico. Discurso do presidente Fox a um grupo de imigrantes mexicanos. In:**Fox Contigo**. Texas 10 de ago. de 2002. Disponible en:
<<http://fox.presidencia.gob.mx/foxcontigo/?contenido=3477&pagina=16>>
Acceso 17/05/2007

RASTIER, François.**Langue Linguistique communication**. Ed Hachette.France.1989.

_____; François et BOUQUET, Simon. **Une introduction aux sciences de la culture**. Paris : Presse Universitaires de France, 2002.

Remesas. **Mexicanos en el Exterior**. Instituto de Mexicanos en el Exterior (IME), Vol. 1, No. 4, agosto 2004, México, pp. 1-5.

SALES, Teresa. **ONGS. Brasileiras em Boston**. Revista Estudos avançados. vol.20 no.57 São Paulo Maio/ago. 2006.

_____. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTAMARIA, Gómez A. **La política entre México y Aztlan relaciones chicano-mexicanas**. México. Ed. Universidad Autónoma de Sinaloa y EOP California State University. 1994, p.59.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **O caso dos migrantes da cidade de Criciúma Brasil/ para os Estados Unidos**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Número extraordinario dedicado al III Coloquio Internacional de Neocrítica Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº. 94 (13), ago. 2001. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-13.htm> > Acesso 05/10/2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Subjetividade, Cidadania e Emancipação** in: Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006. P 235 a 280

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique generale**. Tradução de Antônio Chelin, José Paes e Izidoro Blikstein. Paris: Payot. 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SONESSON, Göran. **The Limits of Nature and Culture in Cultural Semiotics** . To appear. In: **Papers from the fourth bi-annual meeting of the Swedish Society for Semiotic Studies, Linköping University**. Dec. Richard Hirsch, ed. 1997.

TUIRÁN, Rodolfo. **Índice de intensidad migratoria**. México - Estados Unidos, CONAPO, México, 1-58. (2000),

WEBER, Max. **Métodologia das Ciências sociais**. Parte 2. São Paulo: Cortez. 3 edição. 2001, p. 349-359.

_____. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991-2000. 2 v.

VALENTINI, D. Demétrio. **Brasileiros no exterior. Além fronteiras**. Boletim da pastoral dos brasileiros no exterior – PBE. Comissão Episcopal para Ação Missionária e Cooperação Intereclesial. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –CNBB ano VI - nº. 26 - janeiro/fevereiro - 2005. <<http://www.migrante.org.br/alemfronteirasnr26.doc>> visitado 31/10/2006.

10 ANEXOS

ANEXO A: ENTREVISTAS COM MIGRANTES

A1 Travessia do migrante Tito

¿Por que pensaste en macharte para los Estados Unidos?

En lo personal fue por la situación económica en que estábamos viviendo con mi esposa y mis hijos. No teníamos casa propia, vivíamos en una casa improvisada de madera, muy pequeña. A parte de eso, la dónde vivíamos no habíamos pagado, y lo que yo estaba ganando no era suficiente cómo para cómo para pagarlo. Entonces, en vista de la situación se platicó con mi esposa y llegamos al acuerdo en que me iba ir para los Estados Unidos.

¿Qué esperabas encontrar allá?

Lo que yo esperaba encontrar era una fuente de trabajo, un mejor ingreso y en realidad así fue. Encontré mi trabajo y la ventaja es que para nosotros la nacional estaba valiendo mucho menos que el dólar. Entonces al cambiar un dólar, en ese tiempo, nos daban cinco quetzales. Entonces se yo mandaba cien dólares ya iban a ser quinientos quetzales, que eso ya era un beneficio para nosotros pues.

¿Fue difícil conseguir el dinero para el viaje? ¿Cómo hiciste para conseguirlo?

Por supuesto que fue muy difícil. Primero busqué la forma de conseguir el dinero prestado con las personas más conocidas, las más allegadas, pero cada quién

tenía sus compromisos y o no tenía, y se tenía el dinero tal vez no tenía la disponibilidad de de prestarlo. Unos por sus negocios, otros porque, tal vez simplemente no tenían la confianza de que uno pudiera pagar esa cantidad de dinero pues. Sabían que la situación económica no era solvente cómo para afrontar una deuda así. Tomando en cuenta qué uno tiene que pagar el viaje antes de irse, y con el riesgo de no llegar. Entonces al regresar le queda a parte de eso, la deuda que adquirió.

¿Podrías contar cómo fue tu travesía? Atravesar México y la frontera hasta llegar a Estados Unidos y las dificultades.

Empecemos con que la separación de la familia, ya eso es algo difícil, y a parte de eso después salir de Guatemala ilegalmente, entrar ilegalmente a México. Luego, por supuesto un paréntesis: esto lo estoy haciendo en base a mi experiencia personal. Cada quién tiene una experiencia diferente, dependiendo de la persona qué lo lleve, los medios de transporte que utilice, el *coyote*, cómo se le llama a la persona que se encarga de dirigir el viaje, ya sea *coyote o pollero*. Y es que va a viajar en tren, en camión, en bus, etc. Pues, la experiencia mía fue saliendo de Guatemala, entrar a México, por supuesto tenía que hacerlo de noche. Y estuvimos caminando un aproximado de una hora, cuándo tuvimos que regresarnos. Y así al fin de varios intentos, hasta que logramos pasar y nos metieron a camiones, unos camioncitos muy pequeños y todos bien amontonados. Solo encucillados, por decirlo así sentados, pero no, sin asientos. Cómo nos pudiéramos acomodar nada más agachados. Teníamos que ir absolutamente en silencio, y el viaje era largo. Cada vez que nos tocaba hacer esto eran viajes de aproximadamente cuatro o cinco, a veces hasta ocho horas. Entonces, ir así, cómo que eso una situación bastante incómoda. Así sucesivamente, y cuándo nos tumbábamos con puestos de control de la policía y nos controlaban pues, el coyote tenía que se encargar de dar suficiente dinero, lo que los policías exigieran, como decimos nosotros, de mordida⁴⁶, de soborno para poder continuar el viaje. Luego estuvimos bajados, por decirlo así en Monterrey. Después continuamos un viaje de diecinueve horas en bus, por supuesto que era un bus, pero no íbamos con la comodidad que quisiéramos, se no dónde era un asiento para dos personas, teníamos que ir tres.

⁴⁶ Mordida tem i mesmo significado de propina.

En algunas partes yo opté por irme en la paquetera, acostado en la paquetera, entonces era un poquito más incómodo. Pero, en cambio de ir parado, pues tenía esa opción.

Después, cuándo llegamos a Tijuana, empezamos a caminar aproximadamente a las ocho de la noche. Caminamos durante toda la noche, sólo tuvimos un descanso aproximadamente de quince minutos, cómo a las tres de la mañana, porque andaba un helicóptero de la policía de migración controlando la frontera, controlando el desierto, que se le llama *el mosquito*. Entonces, teníamos que esconder porque ellos cargan unas luces muy potentes. Ya cuándo el helicóptero se retiró, entonces, pudimos continuar la marcha, pero, para entonces ya estábamos súper cansados. Sin embargo, cuándo, se dieron las seis de la mañana, cuándo un aproximado de las seis y media de la mañana nos topamos con la policía de migración y algunos tuvieron que meter a una poza de agua sucia. Salir nadando, salir huyendo a la policía nadando; yo no podía nadar, entonces tuve que dejar que me agarraran y luego me llevaron a una prisión federal. Estuve quince, cinco días perdón, en la prisión. Eso fue a los quince días de haber salido de mi casa. Después contacté por teléfono las personas que me estaban ayudando y me dejaron salir por medio del pago de una fianza de mil dólares.

¿Cuál fue tu experiencia después que llegaste allá?

La experiencia cuando llegué, cuándo ya había salido de la prisión fue que llegué a dar a la casa de una mi prima. Luego se compró un boleto porque esto fue en San Diego California e yo iba para el Estado de Connecticut, que está adelante de Nova York. Se compró un boleto de avión, volé cinco horas y media para Nova York y luego llegar hasta la ciudad de Stamford, en el Estado de Connecticut. Yo llegué un día por decirlo así, creo que fue el jueves, perdón, fue martes. El día miércoles estuve, como quien dice descansando e ya el día jueves, ya fue a trabajar. Un primo mío me llevó a trabajar con él. Él trabajaba en una carpintería; la carpintería se refería a construcción de casas. Dado que en Estados Unidos la mayoría de casas, el noventa y nueve punto cinco por ciento de casas son hechas a base de madera. Entonces, allí estuve trabajando, pero provisionalmente, como cinco días. Luego, alguien más que supo que yo había llegado me contactó en un trabajo en jardinería, que es uno de los trabajos más comunes para alguien que no tiene experiencia y que no sabe hablar el idioma inglés. Entonces se por supuesto que

esto para mi fue algo bonito porque ya estaba yo aprovechando mi tiempo en base al propósito que yo llevaba.

¿Cómo viviste allá?

Pues, yo viví alquilando un apartamento compartido con algunos amigos. Vivíamos tres en el mismo cuartito pues, para que saliera un poco más económico. Y compartíamos los gastos en cuanto a comida, en cuanto a electricidad, teléfono y cuánta cosa. Todo, todas las cosas necesarias.

¿Los americanos se portaron bien contigo? La verdad es de que ellos se portan bien, regularmente se portan muy nobles con uno, porque les interesa la mano de obra barata. Se portaron conmigo, se portaron bastante bien y lo importante para ellos estar portándose bien con uno es, que uno responda bien en el trabajo. Se bien que alguien no trabaja, a como ellos quieren, ellos lo tratan mal y simplemente los despiden.

¿Con el dinero que lograste, con el dinero que ganaste, lograste ayudar mucho a tu familia? Y cómo?

Primero me encargué de que se pagara la deuda. Mandaba el dinero para la casa, para el gasto, y conforme iba pudiendo mandaba abonar el dinero que me habían prestado para el viaje, que había sido un aproximado de tres mil dólares. A cabo de un año ya lo tenía pagado, después era cuestión de empezar a ahorrar un poco. Y empecé a mandar, empecé por manda una refrigeradora, luego un televisor, y así sucesivamente, cosas que van sirviendo para la casa. Estas cosas las mandaba con alguien que viniera por tierra, que trajera algún bus o algún camión. Traen encomiendas para aprovechar el viaje. Entonces, así fue cómo yo empecé a mandar cosas, y al cabo de tres años yo traje un bus; e yo mismo traje muchas cosas para mis hijos, para mi casa. Cosas que aquí no hubiera podido comprar. Ya para entonces tenía pagado el terreno. A parte de esto les traje bicicletas, un equipo de sonido, cosas así, cosas que se necesitan en la casa. Con el dinero con que vendí el bus logré construir una casa para nosotros, que es la en que actualmente vivimos Y a lo más terminar a casa me llevé con la sorpresa que también me quedé sin dinero. Era cuestión de seguir trabajando acá, pero por lo menos, ya sin deudas e ya con la casa propia.

¿Tenías contacto con personas de tu país allá?

Si, allá tenía muchos primos, muchos vecinos amigos de la misma aldea que vivía en el mismo lugar allá, en la misma ciudad. Nos veíamos más que todo el domingo, cuándo nos juntábamos en la Iglesia, o cuándo uno anda trabajando que eventualmente se topa con amigos allá.

¿Otros de tu familia fueran a vivir contigo allá?

En el tiempo que yo estuve solo logré ayudar a un mi cuñado. Esto facilitó un poquito mi vida porque ya no estaba solo; refiriéndome solo a cuanto alguien de confianza con quien yo pudiera platicar o compartir, pues.

¿Qué haces ahora?

Ahora pues, después de otros dos viajes que hice allá, con diferentes aventuras, que yo creo que iba a ser un poco largo contar cada experiencia. Lo que hago es trabajar un bus escolar que yo traje y lo estoy trabajando para un Colegio, un colegio que es precisamente de parte del Movimiento de los Focolares⁴⁷, que se llama Fiore. Y lo manejo yo mismo, entonces de eso estamos ahora de sobrevivir, a ver hasta dónde aguantamos.

¿En caso que ya hajas regresado a tu país, piensas en regresar? ¿Por qué?

Como mencioné anteriormente, yo ya regresé después de que vine a la primera vez, ya regresé dos veces para allá pero, esta vez ya no pienso regresar, porque es muy difícil. A parte de estar solo uno allá, alejarse de la familia pierde uno muchas oportunidades de ver crecer los hijos, de estar con ellos cuándo más lo necesitan. Entonces, horita pues, lo que se busca, lo que yo busco es tener un trabajo estable, y mientras esté solvente prefiero estar acá. Y mientras Dios nos bendiga con salud y con trabajo.

Muchas gracias.

⁴⁷ Movimiento de los Focolares - É um movimento internacional, católico, ecumênico, fundado durante a segunda guerra mundial na Itália através de Chiara Lubich.

A 2 ÂNGELA

Como é seu nome?

Ângela

Qual é sua cidade aqui no Brasil?

Tubarão – Santa Catarina- RS. Vivo aqui há 25 anos.

Que idade tu tens Ângela?

42 anos

Escolaridade?

Metodologia do ensino

O que te levou a ir para os Estados Unidos e deixar a tua terra?

Uma vida melhor. Uma vida financeira melhor.

Por quê? Aqui tu não tinhas?

Não, mesmo com todos os meus estudos não consegui alcançar um poder aquisitivo econômico que a gente queria para a família.

De que forma tu entraste nos EUA?

Na minha época não foi difícil. Fui como turista como se fosse para levar meu filho para a Disney. Aí fiquei ilegal. Fui de avião. Via normal, Florianópolis S. Paulo e São Paulo –Nova York – Nova York-Boston.

Tu conhecia alguém em Boston?

Sim, o cunhado do meu marido e meu marido que estava lá há 1 ano e nove meses.

Foi difícil adaptar-se lá e por quê?

A parte mais difícil foi a parte da escolaridade do meu filho. O restante, como já tinha meu marido, não foi tão difícil assim.

O que foi mais difícil chegando lá? O mais difícil foi ficar longe da família.

Mãe, pai, porque deixei meu pai doente. Desenganado e era eu que cuidava dele. Isso foi o mais difícil.

Não saber falar o inglês foi um problema para ti? Conta um pouco sobre isso.

Foi um problema para a parte de socialização. Para o trabalho não. Lá tinha muitos brasileiros, muitos portugueses e muitos hispanos, da América Latina. Que fica mais parecido com a língua do brasileiro e a gente consegue se entender bem.

Para o trabalho eles explicam e também tem intérpretes. Por isso o mais difícil foi socializar-se, para as amigadas e se divertir mais. Nesse sentido sim. O trabalho não me dificultou em nada. Ganhava o mesmo dinheiro, o mesmo salário que aquele migrante que sabia o inglês.

Agora que tu falaste em dinheiro, a questão do salário de um americano e de um migrante tem muita diferença? Depende do trabalho que tu fazes. Geralmente o migrante pega um trabalho que ganha o salário mínimo. Se um americano está nessa área, ele ganha o mesmo que tu. A mesma quantidade por hora. Agora se e um americano que tem um cargo de *mètre*⁴⁸, de diretor ele vai ganhar bem melhor. Mas se ele está num subemprego ele ganha igual que um migrante. E a gente tem direito às férias. Quando meu pai morreu a gente teve direito a três dias de luto também como se fosse uma pessoa de lá.

Quando tu entraste foi de forma legal. Mas depois ficaste de forma ilegal?

Legal, documentos legais para poder trabalhar. Tem uma máfia que faz documentos falsificados para tu poderes ter um número social para poder entrar numa empresa. Hoje, se pegarem uma empresa com migrante, a empresa paga, se não me engano, dez mil dólares de multa por cada funcionário ilegal. Como todo lugar tem as falcatruas, lá também deve ter, pois do jeito que tem migrante trabalhando lá. E as firmas continuam abertas...

E vocês tinham muita fiscalização? Porque gente via na novela da América, que quando chegava a migra, todo mundo corria.

Comigo não. Durante três anos, faltaram vinte dias para completar três anos, trabalhei no mesmo emprego e nunca vi fiscalização nenhuma. Atendia policiais, trabalhava com o pessoal da corte, que no Brasil é o fórum, que comprava café onde eu trabalhava e na tinha problema nenhum. Dirigia, viajava, ia para Boston e para outros estados sem problema nenhum.

Para tirar a carteira de motorista teve algum problema?

Pra mim foi, porque foi depois de 11 de setembro. Mas quem foi antes de 11 de setembro tinha bem mais facilidade de conseguir as coisas.

⁴⁸*Mètre* – palavra francesa que significa chefe de cozinha

Com o 11 de setembro modificou a política do país?

Sim, os caras não quiseram mais os migrantes depois do atentado. A coisa ficou mais fiscalizada. Como a gente estava lá desde antes, a gente não sofreu, mas para quem chegou depois de 11 de setembro, as coisas ficaram mais difíceis.

Como te sentiste como migrante em um país estrangeiro?

Eu desde a hora que cheguei, na cidade de Lynn, uma cidade pequena e que tem praia, eu me senti tão bem acolhida que parecia estar em casa. Não me senti perdida. Eu gostava do clima, porque aqui no Rio Grande do Sul a gente é adaptada ao frio, eu gostava de ganhar dinheiro, porque é muito bom, a parte de ganhar dinheiro semanal também é muito bom porque te dá uma segurança maior. E eu fui muito bem recebida porque tinha meu marido que já tinha feito um círculo de amizade maior e a gente se dava bem. A parte mais difícil foi na escola, essa parte foi sofrida.

Por quê?

Por não saber o inglês. Quando o filho vai para a escola pela primeira vez, aqui no Brasil, a gente já fica com o coração apertado como mãe, imagine numa escola que você não sabe pedir para ir ao banheiro, pedir um copo de água. Tinha só nove anos. Era muito pequeno. Ele chorou...no segundo dia veio o diretor com a intérprete, porque era uma escola bilíngüe e disse: mãe, tem que deixar, porque se ele não chorar hoje, vai chorar amanhã, mas um dia vai ter que ficar, porque a criança tem que estar na escola. Os mesmos procedimentos que a gente age com nossas crianças aqui no Brasil.

Você disse que era uma escola bilíngüe, quais eram as línguas, o inglês e a outra?

Era toda em inglês, mas tinha os professores intérpretes. Era bilíngüe porque tinha migrantes de outros países, como: México, Guatemala, São Domingos, a República Dominicana, Albânia e outros países que agora não lembro os nomes.

Geralmente, que tipos de trabalhos o migrante realiza nos EUA? Tu achas que vale a pena deixar tudo para ir para lá?

A experiência para mim valeu, porque eu fui lá para trabalhar e investir o dinheiro aqui no Brasil. Mas se um quer ir pra lá para fazer turismo e viver do consumo, porque é um país muito consumista e te oferece oportunidade para isso. Se tu te deixares levar por esse lado, o dinheiro fica todo lá. Em quatro anos e meio, contando com o tempo do meu marido, a gente adquiriu bastante coisa no Brasil: um sítio, um apartamento na praia, construiu uma casa de dois pavimentos, construiu um salão para aluguel, comprei um carro zero, levei meu filho na Disney, levei minha mãe para passear lá comigo durante seis meses e ainda pagava a ela para cuidar do meu filho para mim, vim duas ou três vezes ao Brasil. Quando meu marido estava lá sozinho, eu e meu filho fomos visitar ele. Tudo com o dinheiro ganho de lá. Com quatro anos no Brasil, mesmo pós-graduada em não conseguiria isso. Há dois anos e meio eu cheguei no Brasil e ainda não consegui fazer nada como dinheiro do Brasil, a não ser manter o que a gente tem. E dando graças a Deus por isso.

A diferença do salário é muito grande?

Sim, bastante. Porque lá a gente era assalariado, ganhava o salário mínimo. Com salário mínimo, eu pagava aluguel, pagava seguro de carro, pagava financiamento de carro e ainda conseguia construir no Brasil. Por exemplo, eu e meu marido, a gente tirava duas semanas para pagar as despesas de lá e duas semanas era para investir no Brasil. A gente ganhava uma base de dois mil e quinhentos dólares por semana. Que era \$ 7,50 na época, quando eu vim embora estava \$ 8,25 do salário mínimo. Mas quando se era um bom funcionário tinha que ganhar um pouco mais. O tipo de trabalho que eu fazia lá era trabalhar numa cafeteria e a gente ganhava a gorjeta que engordava bastante o salário também.

Para ti, a presença do migrante é importante para os EUA? Por quê?

Porque ajuda a crescer a economia dos Estados Unidos. Tanto que por isso tem mais de cinquenta milhões de migrantes nos Estados Unidos, porque faz bem ao país. Eles vão dizer que não, mas sabem que isso ajuda bastante porque o trabalho de subemprego o americano não quer fazer. Quem faz o trabalho de limpeza, de faxina, padaria, confeitiro, geralmente são os migrantes. Lavanderia, a parte mais

do subemprego fica para os migrantes do México, independente de qual nacionalidade é o imigrante que faz. E ainda tem muitos empregos que te dão a oportunidade de fazer a documentação de legalidade, de carta de chamada. Aí tu entras com um processo com um advogado e com cinco a seis anos consegues o “*gren card*”⁴⁹ documento de permanente no país.

Como era a tua relação com outros migrantes lá nos EUA? Era fácil? Vocês tinham atividades em comum? Era importante para ti?

Foi bom porque a gente conhecia outras culturas, como o pessoal da América Central e até do nosso próprio país, porque nosso país é um país grande. Lá a gente encontra gente de Minas, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul e diversas partes do Brasil. Tem também a competitividade entre os próprios migrantes. Que está lá mais tempo, se acha já dono, e as vezes em vez de ajudar a quem está chegando, atrapalha o serviço dos recém-chegados nos Estados Unidos. Mas, como em todo lugar, também tem as pessoas boas, que ajudam bastante, te direcionam, ajudam a chegar numa imobiliária e alugar uma casa, porque já têm mais experiências. Eu tive uma ou duas experiências negativas com mineiros. São pessoas que foram os pioneiros a ir para a América e por isso se acham o dono do pedaço. Mas nada que não fosse possível contornar. E a maior parte foi gente boa; o pessoal da América Central tem gente boa e gente ruim; o pessoal do Brasil também os americanos também, Como em todas as partes do mundo, tem as pessoas boas, pessoas ruins. Para mim foi muito importante conhecer as culturas deles, fiz muita amizade com eles; eles foram muito receptivos comigo, porque eu passei os primeiros dois meses com meu pai doente no Brasil e eles me ajudaram muito nesse momento. Tem gente que diz que o americano não é caloroso, não é amigo. Comigo foi o contrário, pois quando meu pai faleceu, recebi cartão de condolências, abraços, presentes. Eles dão ursinho de pelúcia quando a pessoa

⁴⁹ O *green card* é um visto permanente de migração. Diferentemente dos outros tipos de vistos ele não restringe ou limita as ações de quem o tem. Todos os outros tipos de visto são temporários e atrelados à sua especificidade, enquanto o *green card* é permanente e sem vínculos. Por exemplo, o visto de estudo não lhe permite trabalhar, o visto de trabalho só permite que se viva nos EUA enquanto se trabalhar para a empresa que patrocinou o visto. Já o *green card* dá a quem o tem praticamente todos os direitos de um cidadão americano. Você pode entrar e sair do país quando bem entender, trabalhar onde melhor lhe convier e estudar por preços bem menores. A única restrição é não ficar mais de um ano ou sucessivos períodos muito longos fora dos Estados Unidos. Fonte: < <http://www.greencard.com.br/servico/loteria/green.htm> > Acesso 13/07/2007

está triste sabe? Para mim eles foram muito bons nessa fase de minha vida. Foram bons mesmos; por isso eu só tenho que elogiar a parte calorosa dos Estados Unidos.

Geralmente, o migrante vai para os Estados Unidos porque conhece alguém lá que o apóia nos primeiros momentos? Que abre num primeiro momento a casa? É verdade isso?

Olhe eu conheci gente que foi pra lá sem conhecer ninguém. Com a cara e a coragem, mas é bem mais difícil. Quando meu marido foi, em 1999, tu chegavas no consulado e já tinha cartas dizendo onde teria emprego, apartamento. Isso ajudava bastante a quem estava chegando e não tinha nenhum conhecido. Claro que tu tiveres alguém conhecido vai te facilitar bastante. As portas se abrem mais facilmente. O meu marido chegou num domingo e na segunda já estava empregado, porque ele tinha um cunhado que ajudou muito a ele nessa parte. Eu também, quando cheguei, meu marido já estava lá, já tinha uma quitinete alugada, já tinha conseguido a possibilidade de eu treinar para trabalhar. Foi bem mas fácil do que quem chega e não conhece nada. Facilita mais a vida.

Tu sentiste falta da comida brasileira, ou em Boston tinha, já que há muitos brasileiros?

Isso é uma utopia, dizer que tu vais pra lá e não vais encontrar comida brasileira. Tudo que tu tens no Brasil, tu tens lá, pois tem mercado brasileiro. Isso de tu não encontrar comida brasileira era de vinte anos atrás, trinta anos, quando foram os primeiros migrantes para lá. Atualmente, até restaurante brasileiro tem lá. Nos domingos a gente sempre ia almoçar num restaurante brasileiro ou num restaurante chileno. Para matar a saudade do churrasquinho brasileiro, a gente ia para um restaurante brasileiro, um mercado brasileiro onde tudo tu encontras lá; qualquer coisa que tu tenhas vontade de comer, encontras lá; basta ter vontade de fazer e o tempo. O tempo é muito pior do que encontrar a comida. Porque tu trabalhas muito, às vezes não tem tempo para estar preparando a tua comida.

Tu tens ainda vínculos de amizade com as pessoas que moram lá?

Tenho com uma família brasileira e com portugueses também; o pai do meu chefe, que é um português de oitenta anos. A gente se comunica por telefone. A gente se telefona porque a gente criou um carinho muito grande por ele e ele por nós. A gente cria vínculos de amizade. É bem mais fácil a gente se comunicar de lá pra cá

do que daqui pra lá. A situação financeira de lá pra cá é bem mais fácil, porque uma ligação daqui para os Estados Unidos sai muito caro. A gente não vai poder estar ligando toda hora. De lá pra cá eu ligava todos os dias. Eu comprava um cartão de cinco dólares e falava duas horas por telefone. Então eu ligava todos os dias para a minha mãe, um dia falava com um amigo, outro dia com outro, mas nunca deixei de ter contactos com meus amigos e familiares daqui. Até eles dizem que a gente se comunicava mais quando estava lá do que hoje que estou aqui no Brasil.

A questão do plano de saúde para a família do migrante, é difícil ter essa assistência?

Quando a gente chega lá vai ao Hospital e preenche um formulário de um programa de saúde de graça, para renda baixa. Tem que levar um comprovante de residência, comprovante de renda. Se eles detectarem que tens uma renda baixa, vais ter direito a cem por cento dos exames e até da medicação. O meu filho passou por um tratamento que tinha que tomar uma medicação de cem dólares a caixa, no Brasil era trezentos reais, e ele ganhou tudo através do plano.

No caso de uma cirurgia é difícil para vocês?

Não, eu tinha minhas colegas que precisavam fazer cirurgias de varizes e fizeram tudo pelo plano de saúde grátis. A gravidez; a partir do momento que a pessoa está grávida não importa ser imigrante ou não, entra no programa e começa a ganhar de quinze em quinze dias um cheque para comprar leite, cereais, verduras e frutas e até os cinco anos a criança vai ser assistida com o mesmo valor de dinheiro. A mãe para de ganhar e passa para a criança que vai ganhar durante os cinco anos essa assistência de alimentação básica para a criança. Isso tudo com visitas em casa para ver se estar sendo desenvolvido o programa. Os programas que eu vi nos Estados Unidos, tanto da educação como da saúde, são bem desenvolvidos, bem exercidos na prática, não fica o papel. Tinha uma amiga minha paulista, que a gente se conheceu no trabalho; o menino dela era muito miudinho, magro e o programa ajudou. A assistente social ia em casa para ver se estava se ela estava alimentando ele bem e se estava com problema de pouco peso por falta de cuidado. A criança lá não pode ficar até os doze anos sozinha em casa, tem que ter sempre uma pessoa adulta que a assiste. A criança tem que estar na escola; o horário da escola é único, das oito às duas, por exemplo, e se a criança for vista na rua nesse horário, está sujeita a ser indagada porque não está na escola. Por ser

um horário único fica mais fácil deles controlarem; se está brincando na rua porque não está na escola.

O filho do migrante tem direito à mesma escola que o americano? Tem discriminação ou não?

Nessa parte de discriminação eu não vou saber te responder ao certo. Comigo, quando a gente chegou lá tinha um departamento que tu fazes uma inscrição. Eles vão analisar o teu endereço e vão colocar teu filho na escola mais próxima da tua casa. Além de estar tão perto tu ainda vais ter direito ao ano escolar gratuito. Nessa escola, a criança vai e tem direito ao café da manhã, depois ganha o lanche, ganha o almoço que é à base de lanche, porque o americano vive muito à base de lanche e volta pra casa às duas e meia da tarde com todas as refeições ganha pelo governo dentro da escola. Não gasta nada com filho na parte de escolaridade, nem caderno, nem material, nada, nada. Uma das coisas só que eu não gostei na parte da educação pública, nessa escola onde meu filho estava na tinha uniforme escolar. E eu achava que era importante ter uniforme escolar. Depois eu estive conversando com outras migrantes que estavam lá há mais tempo e disseram que foi por decisão dos pais, que aboliram o uso do uniforme escolar.

Pelo que eu vejo foi para ti um a experiência muito positiva na América do Norte. Você gostaria de ter ficado lá? Faz quanto tempo que tu voltaste?

Eu não queria vir embora, só voltei porque meu marido quis. Eu por mim ficaria mais tempo lá. Faz dois anos e meio que eu voltei. Foi mais difícil eu me readaptar no meu país de origem do que foi difícil ficar lá. Porque como eu já tinha te falado, ganhar faz bem E a parte, ganhando bem e estando economicamente segura te dá segurança pro resto das coisas do mundo. Sabes que se tu precisar de alguma coisa para o teu filho, tu vais ter dinheiro; tu sabes que se precisar alguma coisa para a tua família, tu vais poder assistir, então tenho um pouco de saudade de poder ajudar do que está ali presente e não poder ajudar com nada. Então, para mim foi uma experiência muito positiva, eu na queria ter voltado; até hoje sofro por ter voltado, porque, Como te falei antes, eu gostei. Desde o momento que cheguei lá, eu me senti bem, fui bem tratada. Trabalha-se muito, trabalha-se, mas no Brasil trabalha-se sessenta horas, nada menos que o trabalho de lá. Há, mas é numa sala de aula. Quem foi que disse que numa sala de aula não é cansativo? É muito mais

cansativo, muitas vezes que varrer o chão. Lá eu tinha o cansaço físico, aqui eu tenho o cansaço mental, que é muito pior. Então para mim foi uma experiência bem positiva; meu filho já estava bem na escola, estava falando bem o inglês, e foi quando ele começou a escrever bem, aí a gente teve que voltar. Ele voltou seis meses antes de mim. Ele e o pai dele voltaram em junho e eu não queria voltar no meio do ano porque tinha que voltar para a escola, na metade do ano escolar. Como eu sou funcionária pública e estava de licença sem vencimento, aí deixei para vir em dezembro. Fiquei seis meses lá, sozinha, e foi bem difícil, porque fiquei sem a família, que é o teu ponto de apoio e para superar isso eu trabalhava muito. Tinha semana que fazia cento e quatro horas semanais. Eu dormia da meia noite às três e vinte da manhã, porque quem abria a loja onde eu trabalhava era eu e, muitas vezes também fechava a loja. Por isso adquiri confiança, e a partir de que a gente adquire confiança, eles começam a chamar também para trabalhar em outras lojas. Como a gente já estava com uma amizade maior com os donos da rede *Dank* (nome da empresa), eles me chamavam direto para ir trabalhar. As vezes eu estava cansada, não queria ir porque aí já estava cansada e já não tinha carro porque meu marido já tinha ido embora e não precisava porque morava perto. Eles pagavam um táxi para eu poder ir trabalhar. Queriam que eu fosse lá fechar a loja porque estava sem funcionário. A esse ponto de confiança, eu fazia cofre, fazia o caixa, fechava a loja, tinha o alarme da loja, eu tinha a chave da loja. Como imigrante sempre foi muito bom alguém confiar em ti sendo uma pessoa imigrante. Isso foi muito importante para mim.

O que mais te cativou este país?

Quando fui anunciar que eu vinha embora, fiz um cartão de despedida com agradecimentos e coloquei no mural da loja que eu trabalhava. Os clientes que, durante quatro anos e meio, todos os dias comprando café com a gente, queriam saber porque eu queria voltar para o Brasil. Eu disse que tinha que voltar porque tinha um trabalho endente aqui, tinha que cumprir meu trabalho, que minha mãe já era uma pessoa de idade e que estava sozinha, que só eu de filha e que tinha que voltar. No outro dia o prefeito ligou pra lá perguntando se eu podia dar uma entrevista pra ele e, porque eu estava deixando o país. E quando eu fui realizar essa entrevista, ele me deu um certificado de congratulação por ter trabalhado pela cidade. Isso foi muito gratificante para mim, porque eu como imigrante consegui

conquistar um espaço perante ele e fechar meu trabalho com chave de ouro. Foi muito bacana, isso até hoje eu guardo isso no meu coração, coisa que eu nunca tive no meu país, esse reconhecimento do meu trabalho. Porque aqui tu podes fazer um trabalho bom mas eles não te mostram, é um em mil, e tu como imigrante, sem falar o inglês, porque eu mal falava inglês. Não consegui aprender a falar inglês porque o meu objetivo era trabalhar. Até entrei num curso gratuito, porque lá tem vários programas que te dão oportunidade de fazer tudo de graça, sem precisar gastar, mas eu chegava muito cansada e não conseguia captar porque estava sempre com sono. O nosso objetivo era ficar um determinado tempo e voltar. Se tem uma coisa que me arrependo de não ter feito, foi não ter feito o curso de inglês. Disso eu me arrependo. Se eu tivesse uma oportunidade de estar lá hoje seria uma coisa que eu faria, porque na hora de eu vir embora a me comunicar com os americanos, agradecer e não ficar dependendo dos outros para ter um diálogo maior. Essa parte, de carinho foi muito bom; eu ganhei festas de despedidas de americanos, que levaram bolo, presentes, cartão e isso foi muito bom para mim, gratificante como ser humano.

Você Disse que Boston tem uma grande presença de brasileiros. É uma das comunidades com mais brasileiros nos Estados Unidos?

Eu acredito que sim. Na época que eu fui, li na revista Veja, que tinha mais de cinquenta mil brasileiros na região de Boston. A gente lá tem toda comunicação em português, a Rede Globo, a Record, A voz dos brasileiros, mercados brasileiros, restaurantes brasileiros e muita gente brasileira lá. Tu te sentes em casa, sais na rua e, como a gente conhece, identifica o brasileiro. Consegue identificar também pela parte física quando é um brasileiro, quando é um imigrante, as diferenças do americano. A comunicação fica fácil e por isso o inglês não fica tão necessário porque tem muito brasileiro.

E as festa brasileiras, São João, aquelas coisas que a gente comemora aqui no Brasil. Também fazem alguma coisa lá?

Eu nunca fui, só na Igreja. Fui na cidade de Everest, na Assembléia de Deus, toda em português, é regida pelos brasileiros. Na igreja Quadrangular que também a gente ia, toda comunidade brasileira; e eu tinha uma colega que participava na igreja católica, com a comunidade brasileira também. Tudo que se faz aqui, festas, essa parte de religiosidade, ela fazia na comunidade de brasileiros. Aniversário,

natal a gente se reunia e fazia na casa de um e de outro, Páscoa; sempre tinha aquela comilança brasileira.

A 3 Ademar Smitz

Como é seu nome?

Ademar Smitz

De onde você é Ademar?

Eu sou de um Município chamado São Martinho, que fica mais ou menos a 50 Km daqui.

Aqui que região é do Brasil?

Aqui é o sul do Brasil, Tubarão – Santa Catarina.

Qual é a tua idade Ademar?

Tenho 28 anos

E a tua escolaridade?

Hoje eu tenho o mestrado em ciências da computação

O que te levou a deixar teu país para ir para os Estados Unidos?

Eu fui para os Estados Unidos através de um convênio com a UNISUL, onde eu estava estudando na época e onde eu trabalho hoje. A UNISUL tem um convênio com *De Paul University*, que fica em Chicago e, através desse convênio eles ofereceram algumas bolsas de mestrado para serem feitos na universidade lá. Aí eu fui um dos contemplados com essas bolsas para fazer o meu mestrado nos Estados Unidos, em Chicago.

Acho que entraste legalmente com o visto de estudante não é?

Sim, correto. Eu jamais iria pra lá não sendo legal. Para mim foi tudo bem tranquilo, porque tive apoio da universidade, tanto da UNISUL quanto da universidade lá; eles me deram todo apoio que eu precisava. Então eu fui com visto certinho, tudo sem problema algum.

Foi difícil pra ti te adaptar lá? O que foi mais difícil?

Boa pergunta; acho que difícil é pra todo mundo. Não tem quem vá, mesmo se vai com sonhos que queira fazer o que vai fazer, mas que dificuldade você encontra. Eu fui pra lá sem dominar a língua inglesa e talvez a língua tenha sido um impercílio, embora desde o começo eu tenha feito um curso de imersão, um curso muito bom na Academia inglesa de letras. Então eu aprendi o inglês bastante rápido, mas a língua foi um dos maiores problemas. A questão da comida; se adaptar à comida de lá, porque aqui a gente tem a nossa maneira de preparar, a gente sabe como preparar as coisas e você acaba estranhando um pouco e a própria cultura das pessoas né. Eu sempre digo assim: no local onde você nasceu, você cresceu, você faz parte de um grupo social. Você faz parte de um grupo de pessoas, você faz os lugares que você frequenta, independente de você ser pobre, de você ser da classe média ou da classe alta, mas você sabe qual é a sua classe social, quais são as pessoas com quem te relacionas, os lugares onde tu frequentas e tudo mais. Quando tu chegas lá tu não sabes, tu perdeste completamente aquele vínculo com uma classe social ou com um grupo de indivíduos. Por exemplo, tá lá e de repente sou classe média, ou lá sou pobre e aqui o que é que eu sou? Essa dificuldade de você se inserir socialmente, essa, com certeza foi um dos maiores problemas. Talvez eu poderia citar também um pouco da cultura das pessoas. Primeiro falei da língua, a questão da alimentação, a questão da classe social, o círculo social onde você se enquadra e a própria cultura das pessoas. Querendo ou não eles são muito diferentes de nós, do ponto de vista de ter uma amizade, de permitir que você se aproxime, que você comece a conversar ou se você precisa de alguma coisa; eles são muito diferentes de nós.

Te sentiste sozinho, isolado nos primeiros momentos?

Bastante. Uma das coisas que me favoreceu foi o fato de que chegando lá fui morar numa república. Essa república pertence à universidade de Chicago, uma das mais antigas dos Estados Unidos, uma das melhores do mundo hoje. Eles têm uma república que é própria para alunos forasteiros. Na verdade é um prédio que comporta mais ou menos quinhentos alunos. É uma construção de mais de cem anos e lá se cria todo um programa para fazer a recepção e adequação dos alunos. Então, uma das coisas boas foi que, morando lá na república, os outros alunos, tinham as mesmas necessidades que eu tinha. Porque na grande maioria, noventa

por cento deles eram de países de fora, eram estrangeiros. Então, como eles tinham as mesmas necessidades que eu, definitivamente a gente acaba se juntando e um supre as necessidades do outro. Só que existem momentos assim, ou existiram momentos que eu me sentia sozinho no meio de centenas de pessoas. Eu acho que os primeiros momentos que chegamos lá, tudo é alegria, festa, estou aqui para estudar. Quando você começa a ficar lá, depois do segundo mês, até o primeiro ano, foi uma fase que eu me sentia muito sozinho. Embora estivesse rodeado de pessoas eu me sentia sozinho.

Quanto tempo você ficou lá?

Quase três anos. O programa de mestrado deles dura três anos e foi esse período que eu fiquei.

São muitos os migrantes que vão estudar nos Estados Unidos?

Vão, nessa universidade, em particular, onde eu estudei tive mais contato com alunos da escola de ciências da computação, sistema de informação e telecomunicações. Eu não sei o número exato, mas é bem provável que setenta por cento dos alunos sejam migrantes, eles não são americanos. Em particular dessa escola; eu não saberia dizer de outras escolas, se é o mesmo caso. A escola de ciências da comunicação tem essa característica; ela recebe alunos alemães, italianos, franceses, africanos, argentinos, venezuelanos e assim por diante. Tem de todos os lugares do mundo.

E do Brasil tem muita gente que vai?

Tem, mas não são muitos. Nós que estávamos lá éramos em seis ou sete alunos brasileiros. Foram na verdade depois de mim, porque eu fui um dos primeiros brasileiros a estudar lá. Então depois de mim vieram mais alguns e nós éramos seis, sete. Agora eu tinha muito contato com alunos da Universidade de Chicago, da escola de administração, economia e tudo mais; tem muito aluno brasileiro, mas principalmente do Rio e de São Paulo.

Não trabalhaste nos Estados Unidos?

Eu trabalhei, mas dentro das condições que o meu visto permitia. O visto de estudante permite que você trabalhe vinte horas semanais no campus da universidade. Então, eu realmente respeitei isso. Uma porque eu estava com bolsa

de estudo que pagava a mensalidade e tudo mais e a própria universidade me deu uma bolsa de trabalho. Eu trabalhava vinte horas na universidade e ainda por cima tinha o suficiente para me manter com transporte, alimentação, moradia; essas coisas. Estava numa forma legal.

Tu achas que o trabalho do migrante, principalmente o ilegal, contribui na economia dos Estados Unidos?

Eu acho que independente dele ser legal ou ilegal, ele vai ser uma mão-de-obra mais barata, principalmente o ilegal. O legal não tanto, porque, até que ele pode se impor um pouquinho. Eu conheci, por exemplo, um engenheiro civil daqui do Brasil que está trabalhando lá como engenheiro civil. Se for dessa forma, esse cara provavelmente está ganhando bem, ou talvez ganhando o mesmo tanto que ganha um americano. Agora, eu ainda acho que representa um pouco de mão-de-obra barata. Porque em termos de: precisamos porque não temos profissionais aqui; eu acho que essa seria uma afirmação um pouco falsa dos Estados Unidos.

Quando estavas lá te comunicavas muito com a tua terra, com a tua família? Como era esse vínculo?

Eu me comuniquéi bastante, principalmente no começo, pois deixei namorada aqui no Brasil. Havia aí uma comunicação de pelo menos duas vezes por semana. Uma comunicação telefônica, o principal instrumento foi o email. Troca de alguns emails com alguns amigos e com meu pai também, uma vez por mês me ligava. Os meus irmãos também ligavam esporadicamente. Comunicação eu sempre tive, só que foi no começo com maior frequência e acabou no meio tendo um intervalo maior. Eu já estava adaptado, já tinha meus amigos lá.

A questão da convivência com outros migrantes brasileiros, tu te encontravas com eles para as festas ou para as comemorações que geralmente a gente faz aqui no Brasil, ou não?

Com certeza, parece que os brasileiros tinham um imã. Eu acho que eu tive tantos contatos com brasileiros como com americanos lá. Se eu considerar o meu ciclo de amizade, por exemplo, mesmo lá eu tinha mais amigos brasileiros que americanos mesmo. É mais fácil você sentar numa mesa e conversar com brasileiros. É mais fácil a gente se reunir e fazer uma comida brasileira, porque a gente sabe fazer. E de certa forma, você tem que achar um balanceamento o quanto vai se relacionar

com brasileiros e o quanto vai se relacionar com americanos ou com pessoas de outros países. Porque, se você se relacionar só com brasileiros você acaba vivendo somente aquele mundo do Brasil e você acaba não aprendendo a cultura dos outros, americanos, alemães, chineses, japoneses, ou quer seja. Você acaba ficando muito vinculado ao Brasil e de repente você morou nos Estados Unidos mas não viveu os Estados Unidos. Então você tem que verificar que você não pode fazer isso. Agora, por outro lado, enquanto você se reúne, você fala das coisas do Brasil, escuta uma música brasileira, faz uma comida brasileira, fala em português e isso, de certa forma te ajuda também a se adaptar e a não sentir tanta saudade do Brasil. Porque na medida que você vai lembrando, você vai matando a saudade de alguma forma. Então encontrar esse nivelamento entre não deixar a tua cultura de lado, mas também estar aberto a outras.

Tu achas que neste período tu aprendeste alguma coisa da cultura americana?

Aprendi. No ambiente acadêmico, eu acho que existem coisas que eles estão muito na nossa frente. Não estou dizendo no conhecimento técnico, mas na questão organizacional, na questão administrativa, ou mesmo na filosofia da educação. Mesmo a questão da organização da sociedade, a forma como eles vêem a coisa e tudo mais. Eu vim pra cá assim, com essa cultura marcada. Agora se nós pensarmos não somente em cultura acadêmica, mas de repente um pouco de música, comida, porque a cultura é muito abrangente. Na medida do possível comecei a ir à lugares diferentes. Os americanos parecem não ter nenhuma comida típica, a não ser o cachorro quente e o McDonald's Procurei sempre freqüentar lugares que eram interessantes; visitar algumas cidades. E tudo mais, acho que trás um proveito cultural.

Vivendo tanto tempo lá, o que dirias da experiência do ilegal?

Eu faria uma avaliação sobre dois pontos de vista. Eu conheci bastantes migrantes ilegais, na minha roda de amigos, eu cheguei a freqüentar a casa de migrantes ilegais; só que tem algumas coisas que a gente tem que considerar: eles passam muito mais trabalho do que o que eu passei; pra mim foi tranqüilo. Suporte da UNISUL e suporte da universidade lá, então não teve problema algum. Eu me considero felizardo nesse sentido. Os migrantes ilegais lá não. Eu acho que eles

acabam sempre tendo aquele peso na consciência: puxa, eu estou aqui, mas estou ilegal. Agora sim, em questão de oportunidade, os Estados Unidos ainda oferece ainda mais oportunidade que de repente o Brasil oferece. Agora uma coisa é certa, muitos deles em questão de profissão aqui têm uma certa formação e vão lá para fazer uma coisa, de um nível, por exemplo, mais baixo. Nada contra, eu acho que todo serviço tem que ser respeitado, independente de ser um gari, uma faxineira, um professor, numa empresa, todos têm que ser respeitados. Por exemplo: um engenheiro civil sai daqui e vai pra lá varrer rua, vai lavar pratos, essas coisas. Ganha mais dinheiro do que no Brasil, com certeza, mas trabalham muito. Esse que vai pra lá e aproveita as oportunidades, trabalha bastante, mas tem uma coisa: ela não pode entrar no ritmo de vida dos americanos. Se ele ganhar como imigrante ilegal e quiser ter o padrão de vida do americano, vai desbalancear o orçamento dele, então, não vai dar certo. Ele precisa pegar todas as oportunidades que aparece e juntar grana. Aí, nesse caso, com certeza ele vai adquirir coisas que provavelmente no Brasil ele não conseguiria. Coisas que ele aqui não faça em dez anos, o que lá em um ano, dois anos ele faz. Isso realmente acontece, mas tem um certo custo, que nem todos estão preparados a arcar com esse custo. Aqui no Brasil também; você trabalhar na manhã, na tarde e à noite; e trabalhar só no período normal; aí tá, a minha vida não está fácil. E vai pra lá trabalhar de manhã, à tarde e à noite, e junta grana; eles conseguem, têm oportunidade, mas estão trabalhando muito mais. Se aqui no Brasil eles trabalhassem mais, com certeza teriam mais oportunidades.

A questão das remessas, que a gente sabe que o migrante manda para os países do centro e também sul da América. A gente sabe também que muitos desses países são muito sustentados por essa economia da América do norte. O que tu dizes a respeito?

Felizes as famílias que ficam aqui e que têm alguém que possa mandar esse dinheiro. A gente sabe que tem muitas famílias, aqui na região sul de Santa Catarina, se nós considerarmos Criciúma, por exemplo, que é próximo daqui. A gente sabe que existem inúmeras famílias. O mercado imobiliário, que de alguma forma movimentou Criciúma e cresceu gigantescamente e se você for ver, os proprietários normalmente são, daqui de Criciúma, aqui próximo, que vão para os Estados Unidos, que têm dinheiro e que mandam de volta pra cá. Então existe sim,

eu acho, muitas famílias aqui no Brasil que sobrevivem à base dos dólares americanos enviados pra cá por esses migrantes. Então, é bom para o Brasil, só que, novamente, quando o imigrante é ilegal... A preocupação que eu sempre tenho é com a ilegalidade. Eu não iria pra lá ilegal, por mais bem que eu pudesse ganhar, eu acho que não faz sentido. Eu não iria, agora também, não condeno àqueles que de repente por algum motivo não têm uma perspectiva de futuro aqui no Brasil, às vezes não têm uma chance e lá eles têm.

Para concluir, que impressão te deu o governo americano em relação a essa migração que o governo Bush quer frear? Dessa invasão de migrante?

Eu acho que governo americano é um governo muito manipulador. Ele até pode dizer: nós não queremos migrantes aqui, mas ele precisa de imigrante, porque isso gera mão-de-obra barata e de repente estabiliza a economia de alguma forma. O governo americano não dá ponto sem nó, é incrível. Algumas coisas, por exemplo aqui, a manipulação das pessoas pela televisão, que eu sempre condenei no Brasil e que, sempre atribuí isso a uma lacuna na educação das pessoas. Pessoas com falta de educação no sentido de educação de universidade, educação superior e tudo mais, elas vão ser sempre mais fáceis de serem manipuladas que alguém instruída. Isso falando do Brasil que tem dois por cento de pessoas com nível superior, dois por cento de pessoas que freqüentaram a universidade. Os Estados Unidos tem uns vinte e cinco, vinte e sete por cento e essa manipulação acontece, porque o governo tem uma mídia muito forte nesse sentido. Isso fica característico nas épocas de guerra, as jogadas de marketing do governo para manipular as pessoas a acreditarem que a guerra é válida e tudo mais. Ela fica evidente, só não vê quem não quer. E aí, a mesma coisa em relação ao imigrante, embora ele diga que não, nós não queremos. Talvez eles fazem, condenam, mas eles precisam do imigrante. Com certeza, se nós tirarmos todos os migrantes ilegais dos Estados Unidos, vai dar um rombo na economia deles.

Eu acho que é um casamento perfeito os países da América central e sul com o norte da América. Existe uma interdependência. É verdade?

Existe. Eu concordo com você. Ao mesmo tempo em que para nós é interessante irmos pra lá e ganhar muito dinheiro e mandarmos de volta para o nosso país; eles

precisam que se vá lá e se sujeitem a fazer serviços que eles não querem fazer e, assim usar esta mão-de-obra que nós disponibilizamos pra eles.

A 4 Jorge

Eu sou Jorge, com idade de quarenta anos. Tenho o segundo grau completo.

O que te levou a deixar o Brasil para ir para os Estados Unidos?

Money, dinheiro.

Estava precisando mesmo?

Precisando, todo mundo tá precisando de dinheiro. Mas na verdade a gente vai pra lá para buscar um objetivo de vida melhor. Buscar alguma coisa que o nosso país não está oferecendo. O que acontece com muita gente, com muitos brasileiros, que por falta de trabalho, deixa a família como eu deixei, a mulher, duas filhas, um pai; toda a minha família. Deixei tudo aqui, os amigos, e fui pra lá, pra um país onde não conhecia ninguém, não sabia falar aquela língua.

Foi difícil pra você chegar lá e encontrar um trabalho sem conhecer a língua?

Não. O trabalho não foi difícil porque já tinha amigos lá. Eu já tinha muitos amigos e isso para mim se tornou fácil. Agora o aprendizado com a língua, para falar o inglês, eu passei muito trabalho. Tinha dia que dava vontade de chorar de tanto trabalho que a gente passava. Mas com bastante esforço fui indo, fui indo e aprendi. Quer dizer, não falo o inglês fluentemente, mas me virava bem. Me comunicava, entendia bem, sabia falar alguma coisa.

Você entrou de forma legal ou ilegal no país?

Eu entrei de forma legal, tenho meu visto que é válido até hoje ainda. Vence agora em 2008. Eu já fui três vezes para os Estados Unidos.

Você entra de forma legal, mas depois fica lá de forma ilegal?

Há sim, eu tinha o visto para turismo, não um visto para trabalho. A partir do momento que estava trabalhando, estava ilegal, porque aquilo é incorreto.

Fiquei um ano lá e vim em casa; fiquei três meses em casa e voltei. Quando voltei a segunda vez, já estava tudo encaminhado. O meu próprio chefe ligou pra mim perguntando se eu não queria voltar. Então voltei e trabalhei mais um ano e pouco, voltei em casa novamente e fiquei aqui mais ou menos um ano e depois retornei de novo. E hoje estou aqui.

E que tipo de trabalho você fazia lá?

Fiz de tudo. Trabalhei em padaria, trabalhei com pintura de casa, com pintura de automóvel, trabalhei como servente de pedreiro, trabalhei até de locutor de rádio, trabalhei com limpeza de restaurantes, escola. Tudo a gente fazia sempre em função para achar dólares.

E qual era a cidade que você ficou lá?

Eu estive em Everest, estado de Massachuseter, em Bevere e depois morei na Carolina do Sul.

Como te sentiste como imigrante. Te sentiste isolado ou sentiste que os outros imigrantes te acompanhavam?

A principio eu me senti bastante isolado mesmo. Eu tinha até medo de sair na rua. A gente sai daqui muito assustado, o pessoal falava: ao chegar lá muito cuidado com o pessoal da imigração que vão pegar; até a própria polícia pegam os imigrantes. Então eu tinha até medo de sair de casa, era só do trabalho pra casa. Depois fui me soltando e me acostumando, fazendo amizade com o pessoal e eles foram falando: não, não é assim, você pode ficar a vontade; eles para te pegarem aqui dentro só eu tiver algum motivo, faça alguma coisa errada, deixe algum furo com eles ou coisa assim. Caso contrário, não. Depois me sentia tranquilo, me sentia em casa. Eu tinha uns amigos lá de muita confiança, então já estava me sentindo em casa mesmo. Em casa mesmo não, porque minha casa é aqui.

O ritmo de trabalho lá é bem diferente daqui?

O ritmo de trabalho é muito acelerado. Levanta de manhã e pega o trabalho às sete da manhã e vai até umas quatro, cinco da tarde e da li já sai para o outro trabalho; trabalha até dez da noite, volta pra casa, dorme e no outro dia a mesma coisa. Isso quando não se trabalha à noite. Teve uma época que eu trabalhei. Trabalhava das

onze da noite às cinco da manhã. Saía do trabalho e ia para o centro de Boston, fazer limpeza de três restaurantes; chegava em casa quase meio dia tomava um banho, comia e dormia. Levantava e trabalho de novo. Passei um ano direto assim fazendo este trabalho.

Com o dinheiro que ganhaste, conseguiste construir alguma coisa aqui no Brasil?

Graças a Deus não posso reclamar. Consegui alguma coisa que eu não tinha, som, um carrinho bom, uma mobília boa na minha casa que dá um conforto a minha família. Disso não posso reclamar, consegui mesmo, com muito trabalho.

Tu achas que a presença do imigrante nos Estados é uma grande contribuição para a economia ou não?

Eu acho que sim, porque o imigrante ele trabalha de uma forma ilegal e ele trabalha mais barato. O patrão paga menos para o imigrante que para o próprio americano. Então o patrão não precisa recolher o imposto, que os americanos têm que pagar; o imigrante não paga nada disso. Se eles vão pagar a um americano vinte dólares a hora, a um brasileiro, a um imigrante, ou qualquer outro país; estão pagando uma média de quinze dólares, por aí. Tem uma diferença muito grande e para a economia do país eu acredito que ajuda muito. Se eles inventarem de tirar todos os imigrantes que têm hoje lá, os Estados Unidos quebra.

Tu tens algum vínculo de amizade forte lá?

Tenho, eu converso quase todos os dias pela internet. Tenho muitos parentes, muitos primos que já casaram e estão lá; formaram família e só vêm no Brasil agora à passeio.

É verdade que muitos dos imigrantes que vão para os Estados Unidos, vão porque têm um ponto lá de contato, que depois abrem as portas pra eles e depois eles vão sozinho. É verdade isso?

Isso tem mesmo. Muitos vão com esse ponto, mas têm outros que vão com a coragem, sem conhecer nada. Encontrei gente lá perdida. Uns coitados lá chegaram e não sabiam o que iam fazer, não sabiam aonde parar. Teve uma época que a gente tinha uma média de dez cabras lá , arrumando trabalho pra um, casa

pra outro, e assim, ajudando o pessoal. A maioria do pessoal que vai, noventa por cento, já sabe aonde vai parar e o que vai fazer.

É verdade que na comunidade de imigrantes existe uma grande solidariedade?

Isso é verdade, existe mesmo. Mesmo sem se conhecer as pessoas, não importa de que estado, de que cidade, cor; as pessoas se ajudam mesmo. Se ajudam muito uns aos outros. Lá é uma solidariedade muito grande.

Qual foi a sua experiência mais forte, positiva ou negativa, dos Estados Unidos?

Positivo pra mim foi ter ido pra lá e a coisa ter dado certo pra mim. Ter ganhado meu dinheirinho e ter adquirido uma experiência de vida muito grande. Que isso, a gente adquire. Aquilo pra mim foi uma escola. Foi como se eu tivesse entrado numa faculdade. Foi muito bom mesmo.

Tu dizes isso em relação à seriedade do trabalho?

Sim, tudo isso conta. É o trabalho, a amizade, conhecer pessoas de todos os países, eu conheci. Pessoas do mundo inteiro, eu conheci. Trabalhei com mexicanos, trabalhei com gregos, trabalhei até com japonês eu trabalhei. Então a gente adquire esta experiência com todo esse pessoal. Então isso foi bom demais.

Se tivesses outra oportunidade, voltarias outra vez?

Só se as coisas aqui ficassem muito difíceis, mas não tenho vontade nenhuma.

A 5 Lúcio

Qual é a tua escolaridade?

Eu tenho o superior incompleto

E qual é teu Estado aqui no Brasil?

Santa Catarina-cidade de Sangão

O que te levou a deixar tua terra e ir para os EUA?

Fui a procura de melhora. Na época que eu fui, acho que a nove anos atrás, fui com a intenção, principalmente de ganhar dinheiro, que acho que é maioria das intenções de todos que vão para lá. Queria conseguir algum dinheirinho. Era uma época muito difícil aqui no Brasil. E por coincidência, na época que estava fazendo a universidade consegui o visto e isso facilitou mais para mim. Assim que eu fui e fiquei um período lá com a intenção de ganhar um dinheirinho.

Como entraste lá? De forma legal ou ilegal?

Entrei de forma legal. Entrei com visto. É claro que cada vez que a gente entra nos Estados Unidos, não sei de continua assim. Agente tem um período de seis meses que a gente fica legal lá dentro e depois pode renovar por mais seis meses. Isso na época que eu ia como turista. Não sei como é que está hoje. Assim que, durante seis meses eu estava legal, mas sempre eu ultrapassei. Estive dez meses, um ano e dois meses. Assim que ates seis meses mais eu estava legal no país.

Quando você foi ficar lá, onde ficou? Em Boston?

Não. Quando fui morar lá não conhecia ninguém. A minha mãe tinha um parente na família, um primo terceiro, ou coisa assim que morava lá. Ela ligou pra ele e eu conversei com ele também, por telefone e pedi que ele me ajudasse e me ajudou. Tinha dezenove anos. Fui morar no estado de Massachusetts.

Foi difícil adaptar-se quando chegaste lá às diferenças, à cultura, à comida?

Mais é claro. Principalmente porque quando cheguei lá não tinha amigo nenhum né. Apesar desse rapaz que me ajudou, mas também a gente não se conhecia. Então, de início foi difícil. Não conhecia ninguém, sem amigos. Eu também era

muito jovem, com dezenove anos e pouca experiência de vida. Mas, eu acho que levei um período de seis meses para me adaptar lá nos Estados Unidos. Não falar a língua, porque isso leva muito mais tempo, mas me adaptar, aprender o mínimo possível para se defender né. Aí depois de seis meses que eu estava lá consegui amizades. Referente à cultura, eu gostei muito da cultura. É um país que a sobrevivência é fácil. Simplesmente com teu esforço, com a tua mão-de-obra, consegues ganhar grana suficiente para se manter legal e sobrar dinheiro. Então pra tu sobreviver é um país muito bom. Bom mesmo.

Quando chegaste lá os primeiros contatos que tiveste foram com outros brasileiros?

Claro, claro. Os brasileiros que chegam lá, a gente é super contratado, digamos assim. São empresas americanas que preferem os brasileiros, que estão lá a mais tempo. E a gente que chega, de novo então, pede emprego a eles que conseguem contato com os americanos. E assim a história vai.

E que tipo de trabalho tu fizeste lá?

O meu primeiro trabalho foi com limpeza. Trabalhava da meia noite às sete da manhã fazendo limpeza em Supermercados, aqueles de vinte e quatro horas. Big mercado, sei lá, o tamanho que tem aquilo. E também na limpeza, porque arranjei dois trabalhos, em um asilo de velhinhos. Também trabalhava na limpeza. Limpando o piso, banheiro, tudo de limpeza.

A diferença do salário é muito grande, dos EUA para a da daqui do Brasil?

A é. É o seguinte. A relação é porque você ganha dinheiro lá convertendo aqui para o Brasil. Digamos assim. Eu iniciei lá com sete dólares a hora, mais ou menos, de início. Claro que no fim dos quatro anos, eu ganhava o triplo disso. Mas quando chegava, eram sete dólares a hora. Na época que eu fui o dólar e a moeda do Brasil era (incompreensível), mas a média que sobra para um brasileiro é mil e quinhentos dólares por mês, tirando tuas despesas. Aí convertendo essa moeda para cá, para o Brasil, essa moeda valoriza. O dinheiro dobra. No caso, hoje mil e quinhentos dólares, que qualquer brasileiro que for trabalhar comum, com pouca experiência vai ganhar. Vai juntar mil e quinhentos dólares, vai dar três mil. Três mil e alguma coisinha aqui. Livre, vai mandar para casa três mil e quinhentos reais.

Tem as remessas, em que todos esses países hispânicos e latino-América, recebem as remessas dos imigrantes. Tu também ajudavas a tua família quando estavas lá?

Bastante. A prioridade é quando chegar lá é botar a casa em ordem. Pagar a passagem, comprar roupa nova. Primeiramente a gente tem que pagar a todo mundo que ajudou. Depois claro, ajuda a família. A gente ajuda a família e depois começa a juntar uma grana.

Tu achas que valeu a pena essa experiência?

Para mim valeu. Valeu bastante.

Quantas vezes foste lá?

Quatro vezes. E tenho vontade de voltar novamente. Não é o momento agora, mas eu penso de ficar com dois ou três amigos que eu fiz lá. Mas eu penso em voltar lá novamente.

Alguma vez sentiste que o imigrante é discriminado?

Não. Há caso sim. Há vários casos. O problema é o seguinte. Há muitos imigrantes daqui que vão para lá e aprontam muito. Por isso eles acham que há discriminação. Quero dizer que todos os imigrantes, não só o brasileiro, entendeu? De todas as raças, de todos os países do mundo vão para lá. E geralmente os robôs, os acidentes, o tráfico de drogas é feito pelos imigrantes. Por isso, hoje nos Estados Unidos o imigrante é discriminado, pelas atitudes que eles mesmo tomam.

A presença do imigrante é importante para os Estados Unidos? Para a economia de lá?

É importante para a mão-de-obra. Eles têm falta de mão-de-obra. Dizem que os americanos não trabalham na limpeza, mas eu vi que trabalham. É um país muito trabalhador. O americano é muito mais trabalhador que o brasileiro. Mas é que eles não têm a mão-de-obra suficiente para mover o país deles. Porque tudo lá gira em torno da mão-de-obra. Tudo, tudo. Eu acho que o imigrante ajuda bastante, só que tem que ter um controle.

A questão de saúde, o imigrante tem problemas se ele adoecer?

Não, a questão é o seguinte, o imigrante tem medo de tudo. A gente tem medo. Passa um carro da polícia e o cara se esconde. Tá ilegal no país. Mas em questão de saúde, eu, por exemplo, estive no Hospital várias vezes, quebrei um braço; fiquei doente em várias ocasiões e jamais me deixaram de atender. Te atendem da melhor forma possível. Só que é caro, as coisas são caras. Uma vez dei um cortinho na palma da mão e fui dar três pontinhos na palma da minha mão, foi seiscentos dólares. Tem o Hospital público, mas de qualquer forma vem a conta para a sua casa. Tudo é pago. Nada grátis. Eu trabalhava com seis colegas e já fazia um ano e meio que estava lá nos Estados Unidos. Trabalhava com pintura, era pintor de carro. O meu colega caiu do prédio e se quebrou todo, se machucou todo. Ficou internado no hospital três meses e depois mais três meses numa clínica de recuperação. Tudo isso foi pago pelos hospitais, pelo governo, mas depois, quando ele voltou a trabalhar tinha que descontar no salário dele. Assim que o resto da vida dele ele ia ficar pagando ao hospital. Se ele tivesse outro problema, o hospital atendia e depois eles cobram. Não tem nada de graça.

Sentiste muita falta da tua terra quando estava lá?

Bastante. A cultura como tu falou, a cultura é diferente, os costumes, a energia. O apego que nós temos aqui de ir um na casa do outro. Um churrasquinho no final de semana na casa de um. Sai, se diverte, bagunça diversão. Amor pessoal, acho que a gente tem mais que o deles. Eles são mais assim, frios.

E vocês tinham um pouco de tempo para o lazer, fazer um passeio?

Eu aproveitei bastante também. Fiz viagens pelos Estados Unidos. Eu conheço muito mais os Estados Unidos que o Brasil, com as viagens que eu fiz lá. Eu, no meu caso. Nem todos fazem isso. Eu tirei alguns meses, coisa assim, para conhecer também, além de só trabalhar.

Tu achas que essa troca de cultura, é uma contribuição? Também nós brasileiros, aprendemos muitas coisas?

Claro. Eu fui pra lá com dezenove anos e voltei com vinte e cinco, vinte e seis anos. Eu adquiri uma experiência incrível. A tua mente abre. Em várias relações, aqui é

muito primitiva ainda. O sistema de convívio, de tecnologia, de humildade, de simplicidade. Tudo o cara aprende.

O ritmo de trabalho é diferente?

É diferente. O deles é mais forte que o nosso. A gente aqui está toda hora olhando para o calendário, pensando num feriado. Aqui o empregado faz de tudo para prejudicar o patrão, e lá é o contrário. O funcionário faz de tudo para que se dê bem com o patrão, e assim ele recebe o retorno. Aqui por exemplo: se o encarregado virar as costas, o cara para de trabalhar, tenta prejudicar. E lá não, é o contrário. A gente tenta se esforçar o máximo porque o nosso superior se dê bem e ele possa valorizar o funcionário. Lá é assim. Aqui, o pensamento a respeito do trabalho é totalmente diferente.

Tu achas que isso modificou a tua mentalidade, voltando para o Brasil? Trabalhas de maneira diferente?

Claro. Tenho uma visão totalmente diferente. Eu aprendi muita coisa. Tenho uma visão diferente de muitos que, estão aqui e nunca foram para lá. Até, pelas dificuldades que a gente passou também, ta entendendo? E aprendeu.

Gostarias de dizer mais alguma coisa?

Muitos que vão para lá, depois falam mal. Como eu acho que, a maioria fala mal, que é muito ruim, e não sei o que mais lá. Eu achei muito bom. Bom de mais mesmo. Pena que quando eu fui pra lá, fui com um pensamento de ganhar dinheiro. Não investi em mim; não fui a uma aula, não estudei inglês, nem nada. E hoje poderia estar bem melhor. Se eu, durante os quatro anos, tivesse ido para o colégio, porque vários convites eu tive. Claro, tudo é pago, mas pagava pouquinho. Poderia trabalhar duas horas a menos e ir para um colégio e aprender o inglês fluentemente. O espanhol perfeitamente. Quem sabe da próxima vez que eu for. Eu penso em voltar.

ANEXO B: TEXTOS DE MIGRANTES LEVANTADOS PELA MÍDIA

B1 *La influencia de los latinos, futuro de la Iglesia en los Estados Unidos*

Entrevista con el arzobispo de San Antonio Texas, José Gómez sobre el tema de los migrantes y lo que representan para la Iglesia Norteamericana.



El arzobispo de San Antonio, José H. Gómez, expresó a El Observador y Zenit su convicción de que el catolicismo hispano está fecundando a la cultura de los Estados Unidos. Mexicano de nacimiento (Monterrey, 1951), el arzobispo Gómez fue, anteriormente, obispo auxiliar de

Fig 16
José H. Gómez

Denver. Recién comienza su ministerio en una de las arquidiócesis con mayor concentración de católicos en Estados Unidos; un sitio privilegiado, dice, pues desde ahí se puede extender la convivencia y el respeto a la fe hacia el resto del país.

Trabajador incansable por la fraternidad de los sacerdotes hispanos en la Unión Americana (unos dos mil 300), también ha sido impulsor del seminario de formación de los sacerdotes hispanos en la ciudad de México y, ahora, encabeza el Comité "ad hoc" para la traducción de la Biblia a las comunidades hispanas de Estados Unidos que, en conjunto, son ya la primera minoría del país (con 45 millones de personas).

¿Está influyendo la inmigración hispana a la cultura y al catolicismo en Estados Unidos?

Monseñor José H. Gómez: Creo que sí. La presencia de los hispanos en Estados Unidos es un hecho de gran valor para la cultura. De alguna manera, los valores que traen -que traemos- los inmigrantes, están haciendo que la cultura norteamericana vuelva a sus raíces cristianas.

¿Piensa usted que los valores de los inmigrantes hispanos sean valores que puedan fecundar a la cultura estadounidense?

Monseñor José H. Gómez: Aquí se ha perdido mucho por el secularismo. Los valores de los inmigrantes son muy básicos, de un catolicismo profundo donde la fe, la familia, las manifestaciones de piedad, todo eso, es parte de nuestra vida diaria.

¿Podría citar un ejemplo de su arquidiócesis?

Monseñor José H. Gómez: Todos los Viernes Santos tenemos un viacrucis viviente, como los que hay en México. Y eso es algo inusitado para la cultura de los Estados Unidos, pues asisten más de veinte mil personas por las calles del centro de la ciudad de San Antonio. Es algo impresionante: toda la ciudad está pendiente de lo que pasa ese día... Esa es una manera como a través de prácticas de piedad popular, los inmigrantes ya están influyendo en la cultura de Estados Unidos.

¿Está la Iglesia católica de Estados Unidos intentando mostrarle a la sociedad que la inmigración es una oportunidad y no un obstáculo para el desarrollo de este país?

Monseñor José H. Gómez: Absolutamente. Los obispos de Estados Unidos, desde hace muchos años, han dicho que la presencia de los inmigrantes es una gran bendición para la Iglesia. Yo creo que es una realidad. Quizá antes los latinos estaban más localizados en zonas específicas como California, Texas, Florida... Pero ahora ya no; hoy en día se encuentran en todo el país. Y la influencia que ellos tienen en la cultura es profunda, aunque toma tiempo para que esas manifestaciones se hagan realidad. Por lo demás, yo creo que la influencia de los latinos es el futuro de la Iglesia católica de los Estados Unidos.

¿Qué papel ha de desempeñar la Iglesia en la acogida de los inmigrantes, pues no debemos olvidar que los estados tienen los medios legales para defender sus fronteras y controlar la seguridad interna?

Monseñor José H. Gómez: La Iglesia católica siempre estará abierta a recibir a los inmigrantes, porque ve en ellos a una persona humana. Ciertamente que los gobiernos de los estados tienen el derecho de establecer controles de la migración; sin embargo, para la mayoría de los norteamericanos, es evidente que hace falta una verdadera

reforma migratoria en la que colabore tanto el gobierno de Estados Unidos como los gobiernos de América Latina.

Entonces, ¿la Iglesia seguirá actuando como hasta ahora?

Monseñor José H. Gómez: Sí, y además hay que tener en cuenta que los inmigrantes, normalmente, el primer lugar al que van es la Iglesia. Culturalmente, tienen confianza en la Iglesia y no la tienen en las instituciones gubernamentales o, incluso, en las instituciones sociales. Para nosotros recibirlos, ayudarlos, tratarlos como personas, es básico y eso es lo que creo que todos los obispos de Estados Unidos estamos diciendo.

Está en curso --y usted encabeza el proyecto-- la traducción de una Biblia para las comunidades hispanas de Estados Unidos: ¿es necesaria? ¿Por qué?

Monseñor José H. Gómez: Es un proyecto largo --va a tardar como diez años--, muy interesante, que surgió de una iniciativa de monseñor Gabino Zavala (obispo auxiliar de Los Ángeles), y que se está haciendo en conjunto con el CELAM. También, estamos tratando de invitar a los obispos de Canadá. Un poco en el espíritu de «Ecclesia in America» de Juan Pablo II. Queremos que sirva para facilitar la Palabra de Dios a todas las personas de habla hispana en Estados Unidos. Hay que tener en cuenta que en la cultura norteamericana, por su raíz protestante, el uso de la Biblia es prioritario. Es, pues, necesario que les demos la oportunidad a los latinos de conocer la Biblia desde el punto de vista católico y puedan profundizar sus valores de fe y los apliquen a la vida diaria. Desde luego, de lo que se trata es de ayudar a la comunidad hispana en tres aspectos: la catequesis, la oración personal y la liturgia.

¿Puede ser ésta una forma de ayudar de la Iglesia de América Latina a la Iglesia de Estados Unidos?

Monseñor José H. Gómez: Absolutamente de acuerdo. En la traducción de la Biblia la mayoría de los traductores son de América Latina. Aunque tenemos que asegurarnos que el lenguaje sea apropiado para los hispanos de Estados Unidos, la aportación de la Iglesia latinoamericana nos dará a nosotros la oportunidad de tener una distribución grande de la Biblia en un lenguaje que puedan entender la comunidad hispana en este país.

¿Entre Denver y San Antonio hay diferencias o los problemas que presenta el catolicismo hispano son, básicamente, los mismos?

Monseñor José H. Gómez: Hay muchas diferencias. En Denver hay mucha presencia latina, pero de inmigrantes nuevos; en cambio, en San Antonio existe la tradición católica y hay una mezcla de culturas mucho más profunda. En San Antonio la mayoría de los latinos son perfectamente bilingües. La arquidiócesis de San Antonio es una arquidiócesis muy católica: cerca de 60 por ciento de la población lo es; muy por encima del 20 por ciento que es el promedio de las demás ciudades. En marzo de 2006 vamos a celebrar el 275 aniversario de la catedral de San Fernando, lo que da una idea de las raíces profundas del catolicismo en San Antonio.

¿Puede ser San Antonio una plataforma para la expansión del catolicismo en la Unión Americana?

Monseñor José H. Gómez: Sin duda alguna. En San Antonio, la relación entre las culturas, entre la cultura mexicana y la anglosajona, así como con las demás culturas que forman el mosaico de Estados Unidos, la alemana, la polaca, la italiana, ahora la oriental, es impresionante. A través de los años ha habido una colaboración intensa y una aceptación de todos por todo en la arquidiócesis de San Antonio, que no se ve en otras partes del país. Por eso creo que es como un modelo de lo que va a ser la sociedad americana en el futuro.

Fonte: Zenit.org- El Observador | Fuente: Zenit.org- El Observador
<http://es.catholic.net/empresarioscatolicos/484/1382/articulo.php?id=23898>
Acesso 15/08/2007

B 2 Historia de indocumentado que contribuyó a formar un presidente (El Salvador-C. A.)



Fig 17
Presidente Tony Saca

Cuando Elías Antonio "Tony" Saca, presidente de El Salvador, tenía 10 años, sus útiles escolares se los compraban con el dinero que Ricardo, su hermano mayor, ganaba como inmigrante indocumentado en Los Angeles.

Ricardo Saca, el mayor de siete hermanos, tenía 19 años cuando emigró a Estados Unidos en 1976.

Elías Antonio Saca, presidente de El Salvador.

"Vine acá por necesidades económicas", indicó Saca. "Pasé ilegalmente la frontera de Tijuana, con 7 guatemaltecos, que nos veníamos ayudando los unos a los otros", relató. "Cuando llegué a los Angeles conseguí trabajo, gracias a Dios, y después sabía que para progresar y poder avanzar en este país tenía que aprender el inglés", dijo.

La semana pasada, Saca fue designado como Gran Mariscal de uno de los festejos de la comunidad centroamericana en el Mes de la Herencia hispana.

"El doctor Saca es un inmigrante, como todos nosotros, que ha trabajado hasta de camionero", comentó Xochitl Morales, una de las organizadoras, al presentarlo a la multitud.

El hermano del presidente de El Salvador a menudo hace una broma y dice que "cuando yo vine a los Estados Unidos comencé trabajando en el Departamento de Policía de la ciudad de Los Angeles". "Pero lavando platos", aclara.

El inmigrante, cuyos primeros empleos fueron en cafeterías y mercados de pulgas, cuenta que "eran los trabajos que muchas veces la gente no los quiere hacer; pero siempre manteniendo la idea de ir a la escuela, porque yo siempre entendí que para salir adelante hay que educarse".

Ricardo Saca prosiguió sus estudios, a finales de los setenta, en el colegio comunitario de Long Beach. Posteriormente completó su licenciatura en psicología en la Universidad de California en Irvine, y luego ingresó, en la misma Alma Mater, a la escuela de Medicina de donde se graduó en 1987.

Su periodo como médico residente, hasta graduarse en 1990 como doctor en medicina interna, lo realizó en la Universidad de California en Los Angeles, UCLA.

Saca es ahora ciudadano estadounidense, quien vive y trabaja con su familia en la ciudad de Chino, en el sur de California.

"Mi esposa se llama Nidia. A ella la conocí en la escuela de medicina, ella es médico también... fue un amor a primera vista. Y ya somos padres de tres hijos", relata.

Y de la manera en que él contribuyó para que "Tony" estudiara explicó: "Cuando yo llegué acá, yo tuve siempre la obligación moral de mandar remesas a mis padres en El Salvador, ya que ellos estaban en una situación no muy buena".

"Mi hermano 'Tony' en ese entonces tenía 10 años de edad", subraya. "Y obviamente esos 200 dólares que enviaba les servían a mis padres para pagar vivienda, comida, y para que mi hermano tuviera para sus uniformes, para asistir a la escuela", dice.

Saca con mucha humildad expone: "sabía yo que lo que les mandaba no era mucho; pero ayudaba bastante a la situación en nuestra casa, lo hice como cualquiera de ustedes lo pudo haber hecho... con que gusto ayudarle a su familia".

Al finalizar la educación media, a principios de la década de 1980, 'Tony' Saca comenzó a trabajar en la televisión salvadoreña como narrador de deportes.

Ese trabajo, en un país cuyos entretenimientos principales son el fútbol y la política, le granjearon el reconocimiento de todo el país. Y esa fue la base para poner su propio negocio como gestor de publicidad en los medios.

Cuando el doctor Saca supo que su hermano menor era candidato a la presidencia de El Salvador, propuesto por un sector de la coalición de derecha Alianza Republicana Nacionalista (ARENA), indicó que no le sorprendió la noticia, porque él sabía de sus cualidades.

Terra/EFE

Fonte: <Portada <http://www.terra.com/inmigracion/articulo/html/inm2758.htm>>
Acceso 19/07/2007.

Diseño: Adriano Haubenthal. Contenido y Producción: Maria I. Swann. Edición: Sandra Costa

B3 INMIGRANTES FORTALECEN EL BILINGÜISMO ESPAÑOL SE ABRE PASO EN ESTADOS UNIDOS

EFE

6 de Julio de 2007

MIAMI, Florida - Los inmigrantes hispanos que llegan a Estados Unidos revitalizan el uso del español entre sus compatriotas bilingües, que gracias al dominio de los dos idiomas aumentan sus oportunidades profesionales, según indican recientes estadísticas y expertos.

Cada día más frecuente

El escritor Eduardo Lago, nuevo director del Instituto Cervantes de Nueva York, que hace un año relevó en su cargo al también escritor Antonio Muñoz Molina, asegura que el bilingüismo es un hecho cada vez más frecuente entre la comunidad hispana de Estados Unidos.

"Hay una presencia muy potente de un idioma nuevo, el español, que convive con el inglés y en cada persona se observan diversos grados de dominio de un idioma u otro", dijo en una entrevista telefónica Lago, ganador del premio Nadal 2006 por su novela "Llámame Brooklyn".

El escritor, que también es catedrático de literaturas Hispánicas en Nueva York y doctor en Literatura Española, considera que la inmigración contribuye a fortalecer el bilingüismo en las comunidades latinas como Nueva York, Miami o Los Ángeles, que alternan a diario el inglés y el español.

Lo pierden menos

"Hay un predominio del inglés, lo que lo cambia son las nuevas oleadas de inmigrantes que no dominan el inglés y renuevan y fortalecen el español", apuntó Lagos, que explicó que con este "efecto retroactivo" las generaciones anteriores de hispanos, que tienden a olvidar el español, lo recuperan o lo pierden menos.

Añadió que la nueva concepción de español como idioma de "prestigio" en los medios de comunicación y entre los intelectuales es otra motivación para mantener esta lengua viva y actualmente incluso los propios profesionales estadounidenses necesitan aprender español para aproximarse a los hispanos.

"Hay un cambio de modelo, hasta ahora el inglés era la lengua de prestigio y la educación y el español la lengua de la familia y el barrio, ahora cada vez se borran más estas dos fronteras", afirmó el director por su experiencia tras llevar 20 años viviendo en Nueva York, convencido de que en el futuro habrá cada vez más espacio para el español de calidad.

Inmigrantes fortalecen el bilingüismo español se abre paso en Estados

Unidos. EFE. Jul. 2007. Disponible en:

<<http://www.univision.com/content/content.jhtml?cid=1225983>> Acceso 19 jul.2007.

ANEXO C TEXTOS SOBRE OS MIGRANTES DE PERSONALIDADES VÁRIAS

C 1 Discurso del presidente a la nación sobre la reforma inmigratoria

Oficina del Secretario de Prensa
15 de mayo de 2006

Buenas noches. He solicitado unos minutos de su tiempo para tratar un asunto de importancia nacional: la reforma del sistema de inmigración de Estados Unidos.

El tema de la inmigración suscita emociones intensas, y en semanas recientes, los estadounidenses han presenciado el despliegue de esas emociones. En las calles de las ciudades principales, las muchedumbres se han manifestado a favor de aquéllos que están en nuestro país

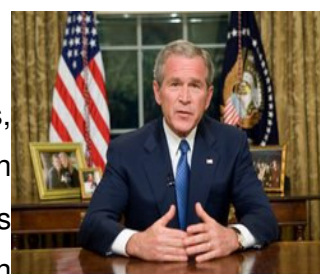


Fig 18
Presidente Bush

ilegalmente. En nuestra frontera del sur, otros se han organizado para evitar que los inmigrantes ilegales ingresen. En todo el país, los estadounidenses están tratando de conciliar estas imágenes contrastantes. Y en Washington, ha llegado al momento de una decisión en el debate acerca de la reforma inmigratoria. Esta noche, expresaré claramente cuál es mi posición y a dónde deseo llevar a nuestro país con respecto a este asunto vital.

Debemos comenzar por reconocer los problemas de nuestro sistema de inmigración. Durante varias décadas, Estados Unidos no ha tenido control total de sus fronteras. Como resultado, muchos de los que quieren trabajar en nuestra economía han podido cruzar nuestra frontera clandestinamente, y millones se han quedado aquí.

Una vez aquí, los inmigrantes ilegales viven a la sombra de nuestra sociedad. Muchos utilizaron documentos falsificados para obtener empleo, y eso dificulta que los empleadores verifiquen si los trabajadores que contratan son legales. La inmigración ilegal ejerce presión en las escuelas públicas y hospitales... en los presupuestos estatales y locales... y trae crimen a nuestras comunidades. Éstos son problemas reales. Pero debemos recordar que la gran mayoría de los inmigrantes ilegales son personas decentes que trabajan arduamente, mantienen a

sus familias, practican su religión y llevan vidas responsables. Son parte de la vida estadounidense, pero están fuera del alcance y de la protección de las leyes estadounidenses.

Somos un estado de derecho, y debemos hacer que se cumplan nuestras leyes. También somos una nación de inmigrantes y debemos respetar esa tradición, que ha fortalecido a nuestro país de tantas maneras. Éstos no son objetivos contradictorios; Estados Unidos puede ser a la vez una sociedad que cumple con la ley y una sociedad acogedora. Solucionaremos los problemas creados por la inmigración ilegal y crearemos un sistema que sea seguro, ordenado y equitativo. Por lo que respaldo la reforma inmigratoria integral que logre cinco objetivos claros.

En primer lugar, Estados Unidos debe proteger sus fronteras. Ésta es una responsabilidad básica de una nación soberana. También es un requisito urgente de nuestra seguridad nacional. Nuestro objetivo es simple: La frontera debe estar abierta al comercio y la inmigración legal, y cerrada a los inmigrantes ilegales, como también los criminales, narcotraficantes y terroristas.

Fui el gobernador de un estado que tiene una frontera de 1,200 millas con México. Por eso, sé cuán difícil es hacer que se respete la frontera y cuán importante es. Desde que pasé a ser Presidente, hemos aumentado en 66 por ciento los fondos para la seguridad fronteriza y ampliado la Patrulla Fronteriza de aproximadamente 9,000 agentes a 12,000. Ellos capturaron y enviaron a sus países a aproximadamente seis millones de personas que ingresaron a Estados Unidos ilegalmente.

A pesar de estos logros, aún no tenemos pleno control de la frontera, y estoy decidido a cambiar eso. Esta noche insto al Congreso a proporcionar fondos para mejoras considerables en personal y tecnología en la frontera. Para fines de 2008, aumentaremos el número de oficiales de la Patrulla Fronteriza en 6,000 adicionales. Cuando estos agentes nuevos sean asignados, habremos aumentado en más del doble las dimensiones de la Patrulla Fronteriza durante mi presidencia.

A la vez, estamos lanzando el programa de seguridad fronteriza más avanzado tecnológicamente en la historia de los Estados Unidos. Construiremos muros altamente tecnológicos en las vías urbanas y construiremos nuevas carreteras para el patrullaje y barreras en las zonas rurales. Emplearemos detectores de movimiento. cámaras infrarrojas. y aeronaves no tripuladas para evitar los cruces ilegales. Estados Unidos tiene la mejor tecnología del mundo, y

nos aseguraremos de que la Patrulla Fronteriza tenga la tecnología que necesita para cumplir con su labor y proteger nuestra frontera.

Tomará tiempo capacitar a miles de agentes nuevos de la Patrulla Fronteriza y llevar la tecnología más avanzada a la frontera. Sin embargo, la necesidad de proteger nuestra frontera es urgente. Por ello, estoy anunciando varios pasos inmediatos para fortalecer la aplicación de la frontera durante este periodo de transición:

Una manera de ayudar durante esta transición es utilizar la Guardia Nacional. Entonces, en coordinación con los gobernadores, se asignará hasta 6,000 miembros de la Guardia en nuestra frontera del sur. La Patrulla Fronteriza permanecerá a la delantera. La Guardia asistirá a la Patrulla Fronteriza operando sistemas de vigilancia . analizando datos de inteligencia. instalando muros y barreras para vehículos. construyendo caminos de patrullaje. y proporcionando entrenamiento. Las unidades de la Guardia no participarán en actividades directas de cumplimiento de la ley; ese deber será realizado por la Patrulla Fronteriza. Este compromiso inicial de miembros de la Guardia duraría un año. Después de eso, el número de fuerzas de la Guardia se reducirá a medida que se incorporen agentes de la Patrulla Fronteriza y nueva tecnología. Es importante que los estadounidenses sepan que tenemos suficientes fuerzas de la Guardia para ganar la guerra contra el terrorismo, responder a las catástrofes naturales y ayudar a proteger nuestra frontera.

Estados Unidos no militarizará la frontera sur. México es nuestro vecino y amigo. Continuaremos colaborando para mejorar la seguridad en ambos lados de la frontera... para hacerles frente a los problemas comunes como el narcotráfico y el crimen... y para reducir la inmigración ilegal.

Otra manera de ayudar durante este periodo de transición es por medio de las agencias de la ley, tanto estatales como locales, en nuestras comunidades fronterizas. Por lo que hemos aumentado los fondos federales para las autoridades estatales y locales que ayudan a la Patrulla Fronteriza en misiones policiales especializadas. Y les daremos a las autoridades estatales y locales la capacitación especializada que necesitan para ayudar a los oficiales federales a capturar y detener a los inmigrantes ilegales. Los oficiales de la ley, tanto estatales como locales, son un aspecto importante de nuestra protección fronteriza y deben ser parte de nuestra estrategia para proteger nuestras fronteras.

Las medidas que he descrito mejorarán nuestra capacidad de capturar a personas que entren a nuestro país ilegalmente. A la vez, debemos garantizar que se deporta a su país a cada inmigrante ilegal que capturemos cruzando nuestra frontera sur. Más de 85 por ciento de los inmigrantes ilegales que capturamos cruzando la frontera sur son mexicanos, y la mayoría es enviada de regreso dentro de 24 horas a más tardar. Pero cuando capturamos a inmigrantes ilegales de otro país (sic), no es tan fácil enviarlos de regreso. Durante muchos años, el gobierno no tenía suficiente espacio en nuestras instalaciones de detención para detenerlos durante el proceso. Por lo tanto, la mayoría era liberada a la sociedad y se le pedía que regresara a comparecer ante un tribunal. Cuando llegaba la fecha, la gran mayoría de ellos no se presentaban. Esta práctica, denominada "capturar y liberar", es inaceptable, y le daremos fin.

Estamos tomando varias medidas importantes para cumplir con este objetivo. Hemos aumentado el número de camas en nuestras instalaciones de detención y continuaremos agregando más. Hemos acelerado el proceso legal para recortar el tiempo promedio para la deportación. Y estamos dejando en claro con los gobiernos extranjeros que deben aceptar el retorno de aquéllos de sus ciudadanos que violan nuestras leyes de inmigración. Como resultado de estas medidas, hemos dejado de "capturar y liberar" a los inmigrantes ilegales de ciertos países. Y le pediré fondos adicionales y poder legal al Congreso para que podamos dejar de "capturar y liberar" en la frontera sur de una vez por todas. Cuando las personas saben que serán capturadas y enviadas de regreso si entran a nuestro país ilegalmente estarán menos inclinadas a tratar de ingresar a hurtadillas.

En segundo lugar, para resguardar nuestra frontera, debemos crear un programa de trabajadores temporales. El hecho es que hay muchas personas del otro lado de nuestra frontera dispuestas a hacer lo que sea para venir a Estados Unidos a trabajar y superarse. Cruzan el desierto a pie con el calor del verano o se esconden en las partes traseras de los camiones para llegar a nuestro país. Esto crea una presión enorme en nuestra frontera con la que los muros y las patrullas, por sí solos, no podrán acabar. Para resguardar la frontera eficazmente debemos reducir el número de personas que están tratando de cruzar clandestinamente.

Por lo tanto, respaldo un programa de trabajadores temporales que crearía una vía legal para que los trabajadores extranjeros ingresen a nuestro país de manera ordenada por un periodo limitado de tiempo. Este programa pondría a trabajadores

extranjeros dispuestos (a trabajar) en contacto con empleadores estadounidenses dispuestos (a emplearlos) para los trabajos que los estadounidenses no están realizando. Se requeriría que cualquier trabajador que se presente al programa no tenga antecedentes penales. Y los trabajadores temporales deben regresar a su país de origen cuando concluya su estadía.

Un programa de trabajadores temporales atendería las necesidades de nuestra economía y daría a los inmigrantes honrados una manera de mantener a sus familias mientras respetan la ley. Un programa de trabajadores temporales reduciría el atractivo de los contrabandistas de personas y haría que sea menos probable que la gente arriesgue su vida para cruzar la frontera. Aliviaría la carga económica para los gobiernos estatales y municipales al reemplazar a los trabajadores ilegales con contribuyentes que cumplen con la ley. Y por encima de todo, un programa de trabajadores temporales contribuiría a nuestra seguridad al garantizar que sepamos quiénes están en nuestro país y por qué están aquí.

En tercer lugar, necesitamos hacer que los empleadores rindan cuentas por los trabajadores que contratan. Es ilegal contratar a alguien que está en el país ilegalmente. Sin embargo, a menudo, las empresas no pueden verificar la situación legal de sus empleados debido a un problema extenso de falsificación de documentos. Por lo tanto, la reforma migratoria integral debe incluir un sistema mejor para verificar los documentos y el cumplimiento de los requisitos para trabajar. Un aspecto clave de ese sistema sería una nueva tarjeta de identidad para cada trabajador extranjero legal. Esta tarjeta debe utilizar la tecnología biométrica, como las huellas digitales electrónicas, para evitar que se pueda modificar. Una tarjeta no modificable nos ayudaría a velar por el cumplimiento de la ley, y dejaría a los empleadores sin excusa alguna para violarla. Y para comenzar, al hacer que sea más difícil que los inmigrantes ilegales encuentren trabajo en nuestro país, disuadiría a la gente de cruzar la frontera ilegalmente.

En cuarto lugar, debemos enfrentar la realidad de que millones de inmigrantes ilegales ya están aquí. No se les debe otorgar una vía automática a la ciudadanía. Esto es una amnistía, y me opongo a ella. La amnistía sería injusta para aquéllos que están aquí ilegalmente y fomentaría olas adicionales de inmigración ilegal.

Hay quienes argumentan en este país que la solución es deportar a cada inmigrante ilegal, y que cualquier propuesta que no logre esto representa una

amnistía. No estoy de acuerdo. No es sensato ni realista detener a millones de personas, muchas con raíces profundas en Estados Unidos, y enviarlas al otro lado de la frontera. Hay un punto intermedio sensato entre otorgar una vía automática a la ciudadanía a cada inmigrante ilegal, y un programa de deportación masiva. El punto intermedio reconoce que existen diferencias entre un inmigrante ilegal que cruzó la frontera recientemente y alguien que ha trabajado aquí muchos años y tiene casa, familia y un pasado de otro modo limpio. Considero que los inmigrantes ilegales que tienen raíces en nuestro país y quieren permanecer aquí deberían pagar una multa significativa por violar la ley, deben pagar impuestos, aprender inglés y trabajar en un puesto varios años. Las personas que cumplen con estas condiciones deben tener la posibilidad de solicitar la ciudadanía, pero la aprobación no sería automática, y tendrían que esperar en fila detrás de aquéllos que cumplieron con las reglas y con la ley. Lo que acabo de describir no es una amnistía; es una manera de que aquéllos que han violado la ley paguen su deuda a la sociedad y demuestren el temple que hace a un buen ciudadano.

En quinto lugar, debemos honrar la gran tradición estadounidense del crisol de culturas, que hizo de nosotros una nación de muchos pueblos. El éxito de nuestro país depende de que ayudemos a los recién llegados a asimilarse a nuestra sociedad y adoptar nuestra identidad común como estadounidenses. Los estadounidenses estamos unidos por los ideales que compartimos, un aprecio por nuestra historia, respeto por nuestra bandera y la habilidad para hablar y escribir el idioma inglés. El inglés es la clave para aprovechar las oportunidades en Estados Unidos. El inglés les permite a los recién llegados pasar de trabajar en la cosecha a abrir una tienda... de limpiar oficinas a administrar oficinas. de una vida con bajos ingresos a un diploma, una carrera y una casa propia. Cuando los inmigrantes se asimilan y avanzan en nuestra sociedad, hacen realidad sus sueños. Ellos renuevan nuestro espíritu y contribuyen a la unidad de Estados Unidos.

Hoy, deseo hablarles directamente a los miembros de la Cámara de Representantes y el Senado: un proyecto de reforma de la inmigración necesita ser integral, porque se debe tomar en cuenta todos los elementos de este problema, o ninguno de ellos se resolverá del todo. La Cámara ha aprobado un proyecto de ley de inmigración. El Senado debe actuar para fines de este mes, de modo que podemos solucionar las diferencias entre los dos proyectos de ley, y el Congreso pueda aprobar un proyecto de ley integral que yo pueda firmar y promulgar.

Estados Unidos necesita llevar este debate de inmigración en un tono razonable y respetuoso. Los sentimientos calan hondo en este asunto, y mientras logramos una solución, todos debemos tener en mente ciertas cosas. No podemos construir un país unido incitando la cólera de la gente o jugando con los temores de nadie o explotando el tema de la inmigración para sacar ventajas políticas. Siempre debemos recordar que nuestros debates y decisiones afectarán vidas reales, y que todo ser humano tiene dignidad y valor sin importar lo que digan sus documentos de ciudadanía.

Sé que muchos de ustedes que me escuchan hoy tienen un padre o abuelo que vino de otro país con sueños de una vida mejor. Ustedes saben lo que la libertad significaba para ellos y saben que Estados Unidos es un país mejor gracias a su trabajo y sacrificio. Como Presidente, he tenido la oportunidad de conocer gente de diferentes orígenes, y escucho lo que Estados Unidos significa para ellos. En una visita al Hospital Naval de Bethesda, Laura y yo conocimos a un infante de Marina herido llamado Guadalupe Denogean. El sargento artillero maestro Denogean vino a Estados Unidos de México cuando era niño. Pasaba los veranos trabajando en la cosecha con su familia, y luego, tan pronto como pudo, se ofreció como voluntario para la Infantería de Marina de Estados Unidos. Durante la liberación de Iraq, el sargento artillero maestro Denogean fue herido de gravedad. Cuando le preguntaron si quería solicitar algo, pidió dos cosas: un ascenso para el cabo que ayudó a rescatarlo . y la oportunidad de hacerse ciudadano estadounidense. Y cuando este valiente infante de Marina levantó su mano derecha para hacer el juramento que lo convertía en ciudadano de un país que había defendido por más de 26 años, fue un honor estar a su lado.

Siempre estaremos orgullosos de darles la bienvenida como compatriotas a personas como Guadalupe Denogean. Nuestros nuevos inmigrantes son lo que siempre han sido: gente dispuesta a arriesgar todo por el sueño de la libertad. Y Estados Unidos es lo que siempre ha sido: la gran esperanza en el horizonte, una puerta abierta al futuro. una tierra prometida, llena de bendiciones. Honramos el patrimonio de todos los que vienen aquí, cualquiera sea su origen, porque confiamos en que el genio de nuestro país nos hará a todos estadounidenses: una nación bajo Dios. Gracias y buenas noches

.<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2006/05/20060515-8.es.html>
visitado 08/07/06

C 2 Discurso do Presidente Fox a um grupo de imigrantes mexicanos

Discurso do presidente da república do México a um grupo de migrantes mexicanos que vivem nos Estados Unidos. (Fox Contigo).

FOX, Vicente. Discurso do presidente Fox a um grupo de migrantes mexicanos.



Fig 19
Presidente Fox (Mèxico)

Fox Contigo del 10 de agosto de 2002.
Sábado, 10 de Agosto de 2002

Presidente Vicente Fox : Bien, se estima que los 22 millones de mexicanos y mexicanas, que están en los Estados Unidos, generan un Producto Interno Bruto, equivalente al Producto Interno Bruto que generamos en México los 100 millones de mexicanos y mexicanas que estamos acá.

Entonces, aquí está un potencial estratégico que debemos de trabajar juntos, que debemos de explorar juntos. Y yo verdaderamente pienso que esta capacidad de trabajo, esta productividad que tienen nuestros paisanos allá en los Estados Unidos, que no sólo contribuye a engrandecer la economía americana, de lo cual nos sentimos también orgullosos, sino principalmente el potencial que puede haber en unirnos para generar más riqueza, para generar más oportunidades en nuestras comunidades acá en México. Y el día de mañana evitar la migración forzada.

Esto es: que pudiéramos llegar al punto donde los jóvenes que están en México y que por ambición, por ganas de superación, pero de manera libre y voluntaria, quieran aspirar a salir fuera del país a hacer su carrera, pues, bienvenido y que así lo hagan. Pero que no se vean obligados por hambre o por falta de oportunidades a tener que salir del país. [...]

Fonte: Programa radiofônico Fox Contigo. Texas 10 de agosto de 2002
<<http://fox.presidencia.gob.mx/foxcontigo/?contenido=3477&pagina=16>>
Acesso 17/05/2007

C 3 Aumentan hispanos em puestos de gobierno em EUA

ESTADOS UNIDOS

Editor: gabriel.lerner@laopinion.com

Texas es el estado con la mayor cifra de funcionarios hispanos, dice Arturo Vargas, director ejecutivo de NALEO

AUMENTAN HISPANOS EN PUESTOS DE GOBIERNO

Maribel Hastings
Corresponsal de La Opinión
23 de junio de 2006

Un reporte de NALEO da a conocer que la participación política de la comunidad se refleja en los puestos públicos en EU

WASHINGTON, D.C. — El alza de 37% en la pasada década en la cifra de funcionarios latinos electos en el país denota la integración de la comunidad hispana al sistema político de EU, dijo ayer a La Opinión Arturo Vargas, director ejecutivo de la Asociación Nacional de Funcionarios Latinos Electos y Designados (NALEO), grupo que dio a conocer el reporte.

A principios de 2006 en el país había 5,132 funcionarios hispanos a todos los niveles de gobierno comparado con 3,743 en 1996. En California hubo un cambio de 62.5% en la cifra de funcionarios latinos de 693 en 1996 a 1,126 en 2006. Más importante aún, explicó Vargas, es el hecho de que esos hispanos sirvan en 43 de los 50 estados de EU, no sólo en los estados con altas concentraciones de población hispana, sino en otros. "Es de suma importancia porque la presencia latina no se limita a los estados fronterizos o con altas concentraciones de hispanos... Esto implica que esos funcionarios electos no sólo proveen liderazgo para los latinos sino para todos", agregó Vargas en entrevista telefónica.

Dos terceras partes (67%) de los 5,132 funcionarios hispanos nacionales sirven a nivel municipal o en juntas escolares. Pero su presencia se disemina a todos los niveles. En el Senado federal, por ejemplo, en 1996 no había senadores latinos y ahora hay tres: los demócratas Ken Salazar y Robert Menéndez, de Colorado y Nueva Jersey, respectivamente; y el republicano de Florida, Mel

Martínez. Pero sólo hay un gobernador hispano, Bill Richardson, en Nuevo México, y un vicegobernador en California, Cruz Bustamante.

Texas es el estado con la mayor cifra de funcionarios hispanos: 2,169, seguido de California con 1,126; Nuevo México con 675; y Arizona con 369. En Nueva York hay 66. "Lo interesante es que aún en estados donde hay población hispana pero no son la mayoría, como Florida o Nueva Jersey, hay una significativa cifra de funcionarios latinos", agregó Vargas. En Florida hay 125 y en Nueva Jersey 110. Pero incluso hubo ganancias en estados donde en 1996 no había funcionarios latinos. Ese es el caso de Alaska, Georgia, Kentucky y New Hampshire, Missouri, North Dakota, South Carolina o Virginia. Diez años después hay cuando menos un funcionario latino en Alaska, Kentucky, Missouri, North Dakota, Oklahoma, South Carolina y Virginia; Georgia tiene siete, y New Hampshire tres.

De los 5,132 funcionarios hispanos en Estados Unidos, 1,405 son demócratas; 129 son republicanos y 3,598 no están afiliados a ningún partido. Del total, 3,565 son hombres (69.4%) y 1,567 son mujeres (30.5%).

Pese a los avances logrados, Vargas indicó que hay muchos escollos que superar porque las ganancias obtenidas deberían ser más tomando en cuenta la alta cifra de hispanos que hay en el país. Por eso, agregó, es tan preocupante que la Cámara de Representantes haya retrasado la renovación de ciertas cláusulas de la Ley de Derecho al Voto que vencen el año entrante.

Existe una relación directa entre ampliar la oportunidad de los latinos de ir a las urnas y el alza en la cifra de funcionarios hispanos, dijo Vargas. No se debe necesariamente a que sólo los latinos voten por hispanos, pero al hecho de que la ley alivia problemas de discriminación en las urnas que afectan no sólo a votantes sino a potenciales latinos que busquen puestos públicos.

"Por una parte sabemos que en ciertos estados del Sur hay una historia de discriminación en contra de los afroamericanos y es de anticiparse que se discrimine en contra del nuevo grupo minoritario", dijo. La participación electoral de los latinos es vital en la formación de futuros líderes y funcionarios, explicó. Por ejemplo, con el debate migratorio se han desarrollado una serie de potenciales líderes a nivel local. "Muchos funcionarios antes fueron activistas", indicó Vargas. "Celebremos el progreso obtenido, pero sabemos que queda mucho por realizar y por eso es importante que el Congreso provea las herramientas necesarias para

garantizar ese avance no sólo a nivel de funcionarios sino en las urnas", sostuvo Vargas.

El Fondo México americano para la Defensa Legal y la Educación (MALDEF) y la bancada latina del Congreso fueron algunos de los grupos que criticaron la decisión del liderazgo republicano de la Cámara Baja de posponer el debate sobre la renovación de ciertas cláusulas.

La congresista demócrata de California, Linda Sánchez, quien encabeza el grupo especial sobre derechos civiles de la bancada latina del Congreso, expresó decepción porque el Acta, dijo, "representa el compromiso de demócratas y republicanos de garantizar que a nadie se le niegue el derecho al voto".

El Acta es vista como el arma que ha garantizado poder político a los hispanos a todos los niveles de gobierno. Las cláusulas que tienen que renovarse tienen que ver, entre otras, con la asistencia idiomática a quienes no hablen inglés, como papeletas bilingües, por ejemplo.

Entretanto, el reporte de NALEO concluye que pese a las ganancias obtenidas en la última década, queda mucho camino por recorrer y uno de los aspectos vitales es promover la naturalización de los 5 millones de residentes legales elegibles para hacerse ciudadanos, así como un vigoroso plan de registro de votantes. "El éxito de estos esfuerzos es crítico para la nación...El poder político hispano no solo implica que más latinos tengan la oportunidad de compartir sus talentos y destrezas sirviendo en puestos públicos, sino que la democracia de nuestra nación siga siendo realmente representativa y vital", concluye el reporte.

La opinión es el periódico en español líder del país, con una circulación de 125,624 que se vende en los cinco condados del Sur de California y llega a más de 495,000 lectores todos los días. *La Opinión* fue fundada en Los Ángeles en 1926 para brindar noticias e información a diario a la población hispana que se ha convertido en la más grande de la nación. Este año celebramos con orgullo nuestro 80 aniversario.

Desde 2004, *La Opinión* también forma parte de *ImpreMedia*, la editorial de periódicos en español número 1 en EE.UU., que incluye El Diario La Prensa en Nueva York, La Raza en Chicago, El Mensajero en la zona de la Bahía de San Francisco y La Prensa en la Zona Central de Florida.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)